



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**DA "SAGRADA FINALIDADE" AOS OMBROS ESMAGADOS DE UMA CLASSE:
REPRESENTAÇÕES IMPRESSAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE A PARTIR
DA CAPITAL CEARENSE NOS ANOS 1940.**

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

JOÃO PESSOA – PB
2022

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

**DA "SAGRADA FINALIDADE" AOS OMBROS ESMAGADOS DE UMA CLASSE:
REPRESENTAÇÕES IMPRESSAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE A PARTIR DA
CAPITAL CEARENSE NOS ANOS 1940.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE – UFPB), em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientador(a): Prof. Dr. Charliton José Machado dos Santos.

**JOÃO PESSOA – PB
2022**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Manuelle Araújo da.

Da "sagrada finalidade" aos ombros esmagados de uma classe : representações impressas sobre a profissão docente a partir da capital cearense nos anos 1940. / Manuelle Araújo da Silva. - João Pessoa, 2022.

317 f. : il.

Orientação: Charliton José dos Santos Machado.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Docente - História da profissão. 2. Gazeta de Notícias. 3. Professor Coelho Sampaio. 4. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. I. Machado, Charliton José dos Santos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37-051(043)

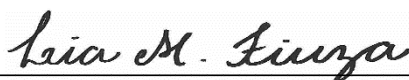
**DA "SAGRADA FINALIDADE" AOS OMBROS ESMAGADOS DE UMA CLASSE:
REPRESENTAÇÕES IMPRESSAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE A PARTIR DA
CAPITAL CEARENSE NOS ANOS 1940.**

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

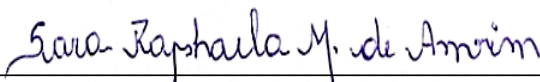
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Orientador - PPGE/UFPB



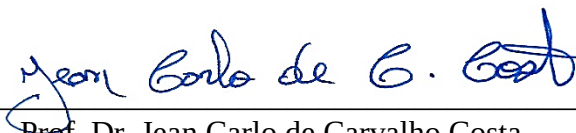
Prof.ª Dr.ª Lia Machado Fiuza Fialho
Examinadora Titular Externa – PPGE/UECE



Prof.ª Dr.ª Sara Raphaela Machado de Amorim
Examinadora Titular Externa – DE/UERN



Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia da Silva Nunes
Examinadora Titular Interna – PPGE/UFPB



Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa
Examinador Titular Interno – PPGE/UFPB



Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva
Examinador Titular Interno – PPGE/UFPB

Prof.ª Dr.ª Fabiana Sena da Silva
Examinadora Suplente Interna – PPGE/UFPB

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Examinador Suplente Externo – PPGE/UFC

À minha família.

Às(aos) docentes que guiaram meus itinerários formativos, do Maternal ao Doutorado.

Aos que já foram e aos que ainda serão educandos em meu ofício docente.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Charliton Machado, que gentilmente acreditou e confiou na pesquisa e na pesquisadora, por volta da segunda metade do curso de Doutorado. Agradeço pelos múltiplos aprendizados em orientação e pela maneira humanizada com que conduziu e compreendeu os percalços enfrentados nesta investigação, sobretudo em contexto pandêmico.

À Prof^a. Dra. Lúcia Nunes, que confiou em mim e no meu trabalho, mesmo sem nenhuma recomendação prévia, assim que cheguei na UFPB. Agradeço pelas primeiras orientações desta investigação, bem como por me auxiliar em todo o trâmite dos outros requisitos exigidos na obtenção do título de doutora. Agradeço imensamente pelo zelo, compreensão, paciência e dedicação nesses gestos.

À Prof^a Dr^a Lia Machado, à Prof^a Dr^a Sara Raphaela, ao Prof. Dr. Jean Carlo e à Prof^a Lúcia Nunes, por terem sido verdadeiras bússolas na Banca de Qualificação e por aceitarem participar do momento de defesa da Tese.

Ao Prof. Dr. Severino Bezerra, por ter aceitado se somar à Banca de Defesa desta tese, junto aos demais professores que participaram da Banca de Qualificação.

À Prof^a Vilma de Lurdes Melo e à Prof^a Joana Belarmino por tão gentilmente me acolherem nas atividades de Estágio Docência I e II, respectivamente. Agradeço pelas incontáveis aprendizagens no processo de construção do meu fazer docente.

A quem me dirijo quando faço preces.

Aos meus avós, Francisco, Raimunda e Valdenor (*In memoriam*). À Mãe Rosa, minha avó materna octogenária, que, como matriarca da família, é expressão máxima da potência que é ser mulher. Esta nova conquista também honra a sua história de luta, força, coragem e resistência. Sua neta que "gosta muito de estudar", agora será doutora. Meu avô materno e minha avó paterna não foram alfabetizados. Meu avô paterno e avó materna, tiveram parco ensino de primeiras letras, de modo informal, longe dos bancos escolares. Todos os meus avós

nasceram nos anos de 1930 e, na década de 1940, período em escrutínio nesta tese, estavam em idade escolar correspondente ao Ensino Primário. A esses sujeitos, contudo, a escolarização foi negada, em face dos incontáveis percalços de classe e gênero. O trabalho infantil em busca de sustento ou os impeditivos de gênero fizeram-se imperativos desde a mais tenra infância dos mesmos. Cada linha desta tese teve em vista os sujeitos como os meus avós.

Aos meus pais, Francisca Araújo e Mauro Ferreira, agradeço imensamente pela clareza com que sempre elegeram a Educação como prioridade na trajetória de seus filhos. Sem vocês, eu não teria condições de conquistar esse grau de estudos tão relevante, que é o processo de doutoramento. Meu pai concluiu o supletivo correspondente ao Ensino Médio e minha mãe concluiu a graduação em Pedagogia quando ambos tinham quase 50 anos de idade. Esse também foi um grande ensinamento de que os sonhos não têm idade.

À minha Tia-Madrinha, Tonha Alves, *in memoriam*, porque sei do quanto se orgulhava de minhas conquistas. Sua partida precoce e repentina não lhe permitiu presenciar meu doutoramento. Contudo, nutro a certeza de que os afetos não arrefecem e nos acompanham eternidade a fora. Por tudo e por tanto, agradeço.

Ao meu irmão Mauro Júnior, que muito me ensinou sobre a força da determinação, das mudanças e dos recomeços, por intermédio da sua própria história de vida. Agradeço por nunca medir esforços para me auxiliar e colaborar em minha trajetória.

À minha irmã Mirelle Araújo, primeira a alcançar o diploma em nível superior na nossa família, entre pais, irmãos, primos, tios e avós, tornando-se pedagoga (UECE) e mestra em Educação (UFC). Ainda hoje soma-se aos poucos familiares que tiveram acesso às universidades. Mirelle foi meu principal suporte no início da trajetória acadêmica e continua sendo. Múltiplas são as trocas pedagógicas ao longo dos anos.

À minha irmã Micaelle Araújo, agradeço por seu afetuoso suporte, que foram incondicionais nesta trajetória acadêmica. Companheira das noites insones, tornou o processo de escrita menos solitário e mais leve. Entre a polifonia de galos que, cantando, anunciavam a vinda de um novo dia, seu apoio foi fundamental.

Agradeço também aos meus cunhados e sogros, por se felicitarem genuinamente em cada conquista acadêmica que obtive.

Ao meu sobrinho Mauro Neto, que nasceu em meados do meu primeiro ano de Licenciatura em História da UFC, em 2011. Menino estudioso, encantado pela leitura e que sempre se surpreende quando eu o lembro que poderia ser sua professora.

Aos meus sobrinhos e afilhados Vinícius e Rafael, gêmeos que nasceram em meados de 2021, portanto, no efervescente último ano de escrita desta tese. Por vezes, redigir o produto final desta investigação foi atividade realizada no seio dos cuidados dedicados a esses seres tão desejados e esperados.

Ao meu grande amor, Sebastião Soares, por todo o seu apoio incondicional, em todas as áreas da minha vida. Seja qual for o novo desafio ao qual me proponho a enfrentar, lá está você, a me apoiar. Todos os agradecimentos ainda seriam ínfimos, diante de tudo que vivenciamos e de toda uma vida que experienciaremos juntos. Obrigada por ser meu porto seguro nos momentos de toda ordem.

Ao "Fransquim" ou simplesmente "Aú", antigo vizinho que, desde os meus primeiros anos de existência, profetizava: "A Manu vai ser doutora. Não sei em que área, mas vai ser". Não é possível saber o real significado dessa expressão, afinal, o mesmo poderia estar se referindo aos médicos ou advogados, que corriqueiramente são chamados de doutores. De toda forma, perguntava-me, nos agradecimentos da dissertação, se algum dia essa projeção se concretizaria. No aqui e no agora, tantos anos depois, tenho a honra de dizer: você estava certo.

Às psicólogas que proporcionaram suporte terapêutico em minha trajetória. Em especial, Thayane Guimarães, que atualmente me acompanha em intensas e diversas fases de minha ansiosa existência.

Aos amigos da época em que eu frequentava o espaço escolar como estudante, no colégio de freiras Patronato Padre Luiz Barbosa Moreira. São amizades antigas, mas, sobretudo, do tempo presente. Agradeço pelo cultivo mútuo desses laços tão belos e longevos.

Aos amigos advindos das vivências ambientadas na Licenciatura e no Mestrado em História (UFC), por trilharem comigo os anos de experiências acadêmicas nessas fases, bem como para muito além deles. No tempo presente, as trocas e ajudas mútuas ainda são latentes. Agradeço, em especial, pelas amizades que extrapolaram os limítrofes dos muros da Universidade até os dias de hoje.

Aos amigos de turma da Licenciatura em Pedagogia (UECE), pelos incontáveis ensinamentos compartilhados principalmente pelas suas histórias de vida. Nessa turma aprendi que nunca é tarde para se batalhar por sonhos e objetivos verdadeiramente desejados.

Aos amigos de turma do Doutorado em Educação (UEPB), especialmente às que também integram a Linha de História da Educação ou à "Linha das 7 mulheres", como costumamos risonhamente nos referir.

A Wagner Marreira, Lígia Isídio e Uliana Gomes, por partilharem acolhimento e morada em João Pessoa, de Valentina aos Bancários.

À todas(os) as(os) meus professores, sobretudo às(os) que integraram dos primeiros aos últimos passos minha escolarização básica, bem como da História (UFC), do PET-História (UFC), da licenciatura em Pedagogia (UECE), do Mestrado em História (UFC) e do Doutorado em Educação (UEPB).

A João Ernani F. Filho, que me acolheu em orientação desde os primeiros semestres da minha primeira graduação, em História, na UFC, culminando com a orientação de Mestrado e na amizade que permanece.

À família do Prof. Coelho Sampaio, que, desde a graduação, quando as ideias desta pesquisa ainda eram muito embrionárias, foi muito gentil nos contatos estabelecidos.

Aos funcionários do PPGE (UEPB) e de todas as instituições de pesquisa pelas quais passei, sobretudo aos que se empenhavam em ajudar e facilitar o acesso às fontes históricas procuradas.

À CAPES/FAPESQ, pelo financiamento da pesquisa, excetuando-se os dez primeiros meses de estudo, bem como o último mês, dentre os 4 anos previstos como prazo regular para a conclusão do Doutorado.

"A uma civilização que elimina as diferenças, a história deve restituir o sentido perdido das particularidades"

Philippe Ariès

DA "SAGRADA FINALIDADE" AOS OMBROS ESMAGADOS DE UMA CLASSE: REPRESENTAÇÕES IMPRESSAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE A PARTIR DA CAPITAL CEARENSE NOS ANOS 1940.

RESUMO

Esta investigação tem como objeto de estudo as representações sobre a profissão docente, em suas tensões e sinuosidades, a partir do contexto da capital cearense, Fortaleza, nos anos 1940, veiculadas principalmente em quatro tipologias documentais: 1) Impressos periódicos, sobretudo a coluna assinada pelo professor Coelho Sampaio, intitulada Ensino e Educação, seção do matutino diário Gazeta de Notícias, assim como outros jornais da capital cearense em momento coetâneo, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) e o Almanaque do Ceará; 2) Autobiográfica, que consiste na diminuta autobiografia do professor Coelho Sampaio; 3) Oficiais, no exame de reformas e legislações educacionais; 4) Literatura didática, mais especificamente cartilhas e livros de leitura que circularam à época. O recorte temporal da pesquisa pauta-se pelo período de circulação da coluna Ensino e Educação, veiculada entre os anos de 1944 e 1950, somando um montante de aproximadamente 87 textos jornalísticos. Trata-se de uma pesquisa documental, qualitativa, norteadada pelos meandros da Nova História Cultural. Em relação aos aspectos metodológicos, destaca-se a premissa norteadora propalada por Jaques Revel e seu conceito de Jogos de Escala. A referida postura metodológica permite operacionalizar os múltiplos ângulos de análise abordados pela investigação, que vão de uma coluna jornalística da capital cearense à conjuntura brasileira, bem como empreende movimento inverso, do macro ao micro. Essa alternância de escalas possibilita investigar a tensão estabelecida entre dois tipos de conceitos direcionados à profissão docente nos anos 1940: uns, mais ligados às ideias de profissão, método, preparo formativo e reivindicações de classe, na contramão de outros mais atrelados à tônica de missão, abnegação, vocação e ao imaginário apostolar como um todo. Este estudo oportuniza a compreensão de que, no contexto espaço-temporal em análise, dentre as múltiplas formas de se representar a docência, os conceitos advindos do ideal missionário/religioso e os conceitos atrelados à profissão/método, apesar de sugerirem interpretações paradoxais, muitas vezes co-existiram em discursos pedagógicos. Ademais, conclui-se que a coluna Ensino e Educação se configurou como espaço destacado de fala e de mediação cultural, em face à acentuada circularidade do jornal Gazeta de Notícias, da abrangência de seu público-leitor que transcendia aqueles que exerciam a profissão docente, do extenso período de publicação do referido espaço colunar, da fundação/adesão à Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP), que partiu da iniciativa de Coelho Sampaio em sua coluna e das réplicas dos pares de profissão aos seus posicionamentos educacionais impressos.

Palavras-chave: História da Profissão Docente. Gazeta de Notícias. Coluna Ensino e Educação. Professor Coelho Sampaio. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

FROM THE "SACRED PURPOSE" TO THE CRUSHED SHOULDERS OF A CLASS: PRINTED REPRESENTATIONS OF THE TEACHING CAREER FROM FORTALEZA'S PERSPECTIVE IN THE 1940s.

ABSTRACT

This research has as its object of study the representations of the teaching career, with its tensions and sinuosities, from the perspective of the capital of Ceará, Fortaleza, in the 1940s, mainly in four documentary typologies: 1) Periodicals: especially the column entitled Teaching and Education written by Professor Coelho Sampaio, which is a section of the daily morning *Gazeta de Notícias*, as well as other newspapers in the capital of Ceará at the same time, the *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) and the *Almanaque do Ceará*; 2) Autobiographical: which consists of Professor Coelho Sampaio's short autobiography; 3) Official: used in the examination of educational reforms and legislation; 4) Didactic literature: more specifically booklets and reading books that circulated at the time. The time frame of the research is guided by the period of circulation of the Teaching and Education column, published between the years 1944 and 1950, totaling up approximately 87 journalistic texts. It is a documentary qualitative research, guided by the intricacies of the New Cultural History. Regarding the methodological aspects, we focused on the guiding premise proposed by Jaques Revel and his concept of Scale Games (*Jogos de Escala*). That methodological approach allows the use of multiple angles of analysis present in this investigation. Those angles of analysis range from a journalistic column in the capital of Ceará to the overall Brazilian conjuncture, which also allow the analysis to be done in the opposite way, from macro to micro. This alternation of scales makes it possible to investigate the tension established between two types of concepts related to the teaching career in the 1940s: one of them is more linked to the ideas of career, method, training preparation and union rights; different from the other type which is more connected with the focus of mission, selflessness, vocation, and with the apostolic imagination as a whole. This study provides an opportunity to understand that, in the space-time context analyzed in this paper, among the multiple ways of representing teaching, the concepts arising from the missionary/religious ideal and the concepts linked to the career/method, despite suggesting paradoxical interpretations, often times co-existed in pedagogical discourses. Furthermore, it is concluded that the Teaching and Education column was established as a prominent space for speech and cultural mediation, for 4 reasons: the marked circulation of the newspaper *Gazeta de Notícias*; the scope of its readership that transcended those who practiced the teaching profession; the long period of publication of that column; the foundation/adherence to the Cearense Association of Pedagogical Studies (ACEP), which started from the initiative of Coelho Sampaio in his column and from the replicas of professional peers to their printed educational positions.

Keywords: History of the Teaching Career. *Gazeta de Notícias*. Teaching and Education column. Professor Coelho Sampaio. Brazilian Journal of Pedagogical Studies.

DE LA “FINALITÉ SACRÉ” AUX ÉPAULES ÉCRASÉES D'UNE CLASSE : REPRÉSENTATIONS IMPRIMÉES SUR LA PROFESSION D'ENSEIGNANT DANS LA CAPITALE DE L'ÉTAT DU CEARÁ DANS LES ANNÉES 1940.

RÉSUMÉ

L'objet de cette recherche est d'étudier les représentations sur la profession d'enseignant, dans ses tensions et sinuosités, à partir du contexte de la capitale de l'État du Ceará, Fortaleza, dans les années 1940, principalement véhiculées dans quatre typologies documentaires : 1) Périodiques, notamment la rubrique signée par le professeur Coelho Sampaio, intitulée Ensino e Educação (Enseignement et éducation), section du quotidien Gazeta de Notícias, ainsi que d'autres journaux de la capitale cearense à la même époque, la Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) et l'Almanaque do Ceará ; 2) Autobiographique, constituée de la brève autobiographie du professeur Coelho Sampaio ; 3) Officielle, dans l'analyse des réformes et législations éducatives ; 4) Littérature didactique, plus précisément les abécédaires et les livres de lecture qui circulaient à l'époque. Le cadre temporel de la recherche est guidé par la période de circulation de la rubrique Ensino e Educação, publiée entre les années 1944 et 1950, soit un total d'environ 87 textes journalistiques. Il s'agit d'une recherche documentaire, qualitative, guidée par les méandres de la Nouvelle Histoire Culturelle. En ce qui concerne les aspects méthodologiques, le document met en évidence la prémisse directrice proposée par Jacques Revel et son concept de jeux d'échelles. La posture méthodologique susmentionnée permet d'opérationnaliser les multiples angles d'analyse abordés par l'enquête, qui vont d'une rubrique d'un journal de la capitale cearense à la conjoncture brésilienne, ainsi que d'entreprendre le mouvement inverse, du macro au micro. Cette alternance d'échelles permet d'étudier la tension établie entre deux types de concepts orientés vers la profession d'enseignant dans les années 1940 : les uns, plus liés aux idées de profession, de méthode, de préparation formative et de revendications de classe, d'autres, en revanche, plus liés à la teneur de la mission, de l'abnégation, de la vocation et à l'imaginaire apostolique dans son ensemble. Cette étude permet de comprendre que, dans le cadre spatio-temporel analysé, parmi les multiples manières de représenter l'enseignement, les concepts issus de l'idéal missionnaire/religieux et les concepts liés à la profession/méthode, bien que suggérant des interprétations paradoxales, ont souvent coexisté dans les discours pédagogiques. En outre, on peut conclure que la rubrique Ensino e Educação (Enseignement et éducation) s'est configurée comme un espace exceptionnel de parole et de médiation culturelle, compte tenu de la circularité accentuée du journal Gazeta de Notícias, de la portée de son lectorat qui dépassait les personnes exerçant la profession d'enseignant, de la longue période de publication de la rubrique, de la fondation/adhésion à l'Association d'Études Pédagogiques du Ceará (ACEP), qui est née de l'initiative de Coelho Sampaio dans sa rubrique et des réactions de ses pairs à ses positions éducatives dans la presse.

Mots-clés : Histoire de la profession d'enseignant. Gazeta de Notícias. Rubrique Enseignement et Éducation. Professeur Coelho Sampaio. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página 3 da edição de 19 jan. 1944 do jornal Gazeta de Notícias.	52
Figura 2 – Capa e folha de rosto do livro A Criança do Brasil - 1950.....	72
Figura 3 – Páginas 37, 42 e 94 do livro A Criança do Brasil - 1950.....	73
Figura 4 – Capas da revista O Guri - set./dez. - 1948	75
Figura 5 – Capa e contracapa da autobiografia de Coelho Sampaio - 2004.....	77
Figura 6 – Fotografia de Coelho Sampaio em sua máquina de datilografia - 1984.....	78
Figura 7 – Fotografia de Coelho Sampaio discursando ao microfone no IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará - 1946.....	87
Figura 8 – Fachada do estabelecimento de Ensino Primário fundado e dirigido por Coelho Sampaio - Instituto São Raimundo - 1947.....	92
Figura 9 – Dedicatória da autobiografia de Coelho Sampaio contendo foto de sua 1ª esposa, normalista Edla Sampaio, e registro de depósito do livro na Biblioteca Nacional, feito à mão pelo autor - 2004.....	96
Figura 10 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1946	96
Figura 11 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1944	96
Figura 12 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1950	97
Figura 13 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1947	97
Figura 14 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1946	97
Figura 15 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1950	97
Figura 16 – Parte da página 4 do jornal Diário do Ceará, contendo editorial assinado por Coelho Sampaio e uma fotografia de seu rosto ao meio do artigo - 1950	100
Figura 17 – Parte da página 1 do jornal Gazeta de Notícias, enfocando imagens de Coelho Sampaio discursando ao microfone e da população presente no local - 1950	101
Figura 18 – Homenagem da Gazeta de Notícias a Coelho Sampaio por ocasião de seu aniversário, contendo fotografia do autor em vestes acadêmicas - 1948	102

Figura 19 – Fotografia das festividades do Dia do Professor, com destaque para Coelho Sampaio em pé e discursando - 1948	103
Figura 20 – Publicidade do remédio Atebrina relacionando saúde e trabalho - 1940.....	122
Figura 21 – Parte da página 6 do jornal Gazeta de Notícias, contendo um artigo de Fernanda Brito e incluindo foto da autora - 1946.....	135
Figura 22 – Capa do livro Noções de Puericultura - 1927	152
Figura 23 – Folha de rosto da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954	214
Figura 24 – Capa da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954.....	214
Figura 25 – Dedicatória da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954.....	214
Figura 26 – Página de direitos autorais da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio- 1954	214
Figura 27 – Capa da Cartilha do Povo, de Lourenço Filho - 1950.....	219
Figura 28 – Capa da Cartilha do Povo, de Lourenço Filho - 1944.....	219
Figura 29 – Página 14 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954	221
Figura 30 – Página 25 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954	222
Figura 31 – Páginas 35 e 36 da coluna Ensino e Educação, de Coelho Sampaio - 1954....	223
Figura 32 – Página 50 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954	224
Figura 33 – Capa e folha de rosto do manual didático Meus Deveres - 1962.....	230
Figura 34 – Ilustração contida na página 25 do manual didático Infância Rural - 1945.....	240
Figura 35 – Ilustração contida na página 107 do livro de leitura A Criança do Brasil	249
Figura 36 – Páginas 26 e 27 do livro de leitura A Criança do Brasil	250
Figura 37 – Páginas 28 e 29 do livro de leitura A Criança do Brasil	250
Figura 38 – Página 30 do livro de leitura A Criança do Brasil	251
Figura 39 – Capa do livro de leitura A Infancia Rural - 1945.....	254
Figura 40 – Ilustração da página 75 do livro de leitura A Infancia Rural - 1945.....	255

Figura 41 – Ilustração da página 67 do livro A Criança do Brasil - 1950.....	257
Figura 42 – Capa da cartilha Caderno de Alfabetização - 1941.....	257
Figura 43 – Capa e página 114 do livro O Tesouro da Criança - 1953.....	259
Figura 44 – Ilustração da página 17 do livro de leitura Brasil Unido - 1956.....	260
Figura 45 – Fotografia de um quadro emoldurado contendo a Oração do Professor.....	263

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação nominal dos educadores cearenses que aderiram à ACEP até o final de 1946	55
Quadro 2 – Razões para a escolha da profissão docente segundo alunos da Escola do Magistério Primário em Portugal	190
Quadro 3 – Listagem dos Predicados Docentes	192
Quadro 4 – As Qualidades Psíquicas e Físicas do Docente	194
Quadro 5 – Listagem de causas consideradas como fatores de fracasso para os docentes ...	208
Quadro 6 – A função docente na seção Para a Criança Copiar do livro de leitura A Criança do Brasil.....	241

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ABT	Academia Brasileira de Trova
ACE	Associação Cearense de Imprensa
ACEP	Associação Cearense de Estudos Pedagógicos
ACL	Academia Cearense de Letras
AEL	Academia Espírito-Santense de Letras
ANL	Academia Nilopolitana de Letras
APEC	Arquivo Público do Estado do Ceará
BECE	Biblioteca Pública Estadual do Ceará
BN	Biblioteca Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCJP	Centro Cultural José do Patrocínio
CEECE	Congresso Estadual de Estudantes do Ceará
CH	Centro de Humanidades
CJG	Casa Juvenal Galeno
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
FAPESQ	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
IHGACE	Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
INL	Instituto Nacional do Livro
ISR	Instituto São Raimundo
LEMAD	Laboratório de Ensino e Material Didático da Universidade de São Paulo

MES	Ministério da Educação e Saúde
MESP	Ministério da Educação e Saúde Pública
NUDOC	Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará.
PET	Programa de Educação Tutorial
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
RBEP	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEE	União Estadual dos Estudantes
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	22
Cartografias de uma investigação	22
2. A COLUNA ENSINO E EDUCAÇÃO COMO LUGAR DE REALCE E AS (AUTO)PERPETUAÇÕES DE UM SUJEITO.	46
2.1 "Daqui desta coluna...": a seção jornalística Ensino e Educação como lugar de fala e ação.	46
2.2 Perpetuar a si mesmo: sinuosidades (auto)biográficas na trajetória intelectual de Coelho Sampaio.....	76
3. ENTRE MISSÃO E PROFISSÃO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DOCENTE NA COLUNA ENSINO E EDUCAÇÃO	107
3.1 "Aprenda a disciplinar-se!": a função docente na coluna Ensino e Educação.	107
3.2. "Sagrada finalidade": visões sobre a docência em jornais da capital cearense nos anos 1940.....	129
4. "COMO SE É UM BOM MESTRE": A DOCÊNCIA EM PAUTA NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS	156
4.1 "Órgão oficial dos estudos e pesquisas do Ministério da Educação": a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e suas estruturas.....	156
4.2 "Por que fracassam os professores?" a função docente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	174
4.2.1. "Editorial": palavras de abertura e autorrepresentações.....	176
4.2.2. "Ideias e Debates": discussões intelectuais sobre a docência.....	186
4.2.3. "Através de Revistas e Jornais": múltiplas representações em disputa	201
5. "NOTAS AO PROFESSOR": CONJECTURAS SOBRE A FUNÇÃO DOCENTE NOS RASTROS DA LITERATURA DIDÁTICA.....	211
5.1. "Nossas Lições": a função docente nas páginas da cartilha Nossas Lições.....	211
5.2. "Tudo ali é Brasil": vestígios da literatura didática.....	227
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263
Um lugar no qual as permanências afrontam as rupturas: história da profissão docente.	263
REFERÊNCIAS.....	270
APÊNDICES	285
APÊNDICE A - Mapeamento da coluna Ensino e Educação (1944-1950).	286

APÊNDICE B - Mapeamento da Seção "Editorial" da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1950).....	291
APÊNDICE C - Mapeamento sobre a temática da função docente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1950).	294
APÊNDICE D - Mapeamento do Livro de Leitura A Criança do Brasil (Terceiro Livro)	299

1. INTRODUÇÃO

Cartografias de uma investigação

"Para 'escovar a história ao contrário' (die Geschichtegegenden Strichzubürsten), como Walter Benjamin exortava a fazer, é preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irreduzível a elas". (GINZBURG, 2002, p. 43).

Esta pesquisa investiga o seguinte problema: quais os meandros conceituais atrelados à figura docente no Ceará e no Brasil dos anos 1940? Essa problemática de contornos graúdos abrolhou de algo diminuto e circunscrito: a descoberta de uma coluna semanal específica para abordar assuntos educacionais em um dos maiores jornais cearenses do período. Trata-se da coluna intitulada Ensino e Educação, assinada pelo professor Antônio Coelho Sampaio, que circulou no jornal Gazeta de Notícias entre os anos de 1944 a 1950, somando um montante de 87 textos, aproximadamente.

De forma direta ou indireta, isto é, constituindo-se o centro dos números dessa seção jornalística ou apenas perpassando outras temáticas, as postulações sobre a função professoral faziam-se presentes de modo contundente na coluna Ensino e Educação. Partindo dessa constatação documental, iniciou-se uma constelação de questões: de acordo com o autor, de que forma deveria ser o desempenho exemplar da função docente? Quais características e quais condutas sociais o mesmo considerava adequadas ou inadequadas para se tornar professor? A partir de quais motes o mesmo abordou as condições de trabalho do(a) professor(a) à época? Seu discurso educacional servia a quais intenções sociais?

Uma coluna (Ensino e Educação), em um jornal (Gazeta de Notícias), escrita por um indivíduo (Coelho Sampaio), em uma capital (Fortaleza), de um Estado da federação (Ceará). O uso excessivo do pronome indefinido é proposital. Essa é a parte "micro" da pesquisa, na qual os recortes são mais acentuados, haja vista que esta investigação objetiva seguir a proposta metodológica dos jogos de escala, propugnado por Revel (1998). Esse conceito explicita as potencialidades advindas do entendimento de que é profícuo, a nível de pesquisa histórica, realizar alternâncias nas perspectivas da investigação e nos ângulos de análise.

Contextualizando a premissa teórico-metodológica em questão, no âmbito desta pesquisa, tem-se que: o componente mais enquadrado na parte micro é a concernente sobretudo às questões emergentes da coluna Ensino e Educação e os elementos macro dizem respeito a outras tipologias documentais mais abrangentes a nível de circularidade e espacialidade nacional, como a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), que iniciou suas publicações em 1944 – e ainda circula nos dias atuais – bem como a literatura didática que será explorada. Em relação às perspectivas geográficas, a presente postura metodológica frente a esse balanço entre o contexto cearense e a conjuntura nacional, coaduna com a explicitação abaixo:

[...] não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. (REVEL, 1998, p. 28).

Ademais, não há, nesta tese, o objetivo de se desenvolver uma micro-história, e sim pautar-se por uma abordagem que varie os ângulos de observação por intermédio desse jogo analítico. Significa direcionar as atenções para o modo como se relacionam a experiência dos atores sociais e seus contextos que lhe dão sentido e forma. Em suma, trata-se de refletir “de que maneira este detalhe individual, aqueles retalhos de experiências dão acesso a lógicas sociais e simbólicas que são as lógicas do grupo, ou mesmo de conjuntos muito maiores.” (REVEL, 1998, p. 13).

Incontáveis são as tipologias de fontes históricas que conduziriam à construção de interpretações significativas sobre a compreensão da profissão docente nos anos 1940. Todavia, dentre os múltiplos fios e indícios históricos produzidos sobre o assunto no referido período, a presente investigação lida, sobretudo com documentos escritos: jornais, revista, almanaque, cartilhas, livros de leitura, autobiografia, legislações e reformas educacionais compõem o *corpus* documental ao qual a pesquisa se debruça.

O trato documental com fontes escritas perpassa a clareza de que tão importante quanto a análise dos textos é se investigar o que está para além dele. Afinal, "o que está fora do texto, está também dentro dele, abriga-se entre as suas dobras: é preciso descobri-lo e fazê-lo falar." (GINZBURG, 2002, p. 42). Para articular esta citação com a epígrafe desta introdução, ratifica-se a postura metodológica basilar de não apenas se assimilar discursos nos seus mais diversos suportes, e sim interrogá-lo de modo a descortinar sobretudo suas intenções em sociedade, observando a quais setores sociais aquela trama de discursos convém. Cada tipologia documental abriga em si, por intermédio de instâncias recônditas, desígnios e intentos historicamente situados.

Há uma relação dialógica e intercâmbios constantes entre linguagem escrita e contexto sociocultural. Entretanto, Revel (1998), alerta sobre os perigos de se adotar uma noção cômoda de contexto e/ou de articulações mecânicas entre texto e contexto. É preciso:

Recusar [...] um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores determinariam suas escolhas. Essa recusa pode ser entendida de duas maneiras complementares: como uma lembrança da multiplicidade das experiências e das representações sociais, em parte contraditórias, em todo caso ambíguas, por meio das quais os homens constroem o mundo e suas ações [...]; mas também, na análise, como um convite para inverter o procedimento mais habitual para o historiador, aquele que consiste em partir de um contexto global para situar e interpretar seu texto. O que é proposto, ao contrário, é constituir a pluralidade dos contextos que são necessários à compreensão dos comportamentos observados. (REVEL, 1998, p. 27).

Um dos maiores desafios de se partir de um elemento documental mais circunscrito, diz respeito à necessidade de se intercambiar acertadamente aspectos de seu contexto. Não se trata de utilizar a instância contextual para justificar os aspectos textuais e vice-versa. O que o autor parece atinar é que nem sempre o âmbito global explica as multiplicidades das experiências singulares. Para realizar uma metáfora atualizada, o que se vê através das imagens de um *drone*, pode não elucidar a imagética do microscópio.

A presente introdução objetiva desempenhar um mapeamento dos percursos da pesquisa, abordando os seguintes elementos: explicitação dos objetos perscrutados, surgimento do interesse inicial pela temática de investigação, opções teórico-metodológicas, justificativas, delimitações temporais, recortes referentes às fontes históricas utilizadas, bem como às particularidades de seus respectivos acervo, as problemáticas enfocadas, os objetivos da pesquisa – principal e secundários – além da explicitação atinente às delimitações e escopos de cada capítulo.

Segundo Minayo: "Nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. Toda investigação se inicia por uma questão, um problema, por uma pergunta, por uma dúvida." (MINAYO, 2001, p. 17). No meu contexto específico, o mote ao qual a autora se refere emergiu ao observar, com ares de indignação, desde os meus primeiros pensamentos de opção por uma licenciatura, uma disparidade entre discurso e prática. Tratam-se, nomeadamente, dos abismos existentes entre o entendimento já popularizado de que o professor desempenha uma das funções mais importantes para uma sociedade, ao mesmo tempo em que a carreira docente foi e é marcada sob o signo da desvalorização em suas múltiplas facetas.

Apesar de ainda bastante presente no cotidiano docente atual, esse discurso não é recente. Compreender as nuances dessa zona de litígio através dos tempos é deveras instigante e pode auxiliar o tempo presente na compreensão de matizes discursivos que se pretendem cristalizados. Professores necessitam de muito mais do que discursos portadores de valorações fugidias. Condições dignas de trabalho, reconhecimento genuíno e remuneração condizente aos objetivos de seu labor transpassam a barreira discursiva que muitas das vezes eleva, mas não sustenta.

Toda pesquisa tem uma história. A relação estabelecida entre o pesquisador e a temática de estudo não é mecânica. Ao inverso, é movida por inquietações, interesses, descobertas, hipóteses e desafios. No tocante à história desta pesquisa, em suas trajetórias e interesses, é relevante destacar que se trata de um percurso, de certa forma, longo, pois dedico-me à compreensão de parte dos meandros desta investigação há pouco mais de 10 anos. Na contramão do tempo, a multiplicidade dos olhares direcionados às documentações, subsidiados pelas (re)leituras, oportuniza o novo com recorrência.

Desde o meu segundo semestre do Curso de História na Universidade Federal do Ceará, desenvolvi interesse pela pesquisa educacional em perspectiva histórica. Em meados de 2011 despertei minhas percepções para as potencialidades do uso de jornais na condição de fontes históricas relevantes para se colocar sob a ótica do problema as tendências educacionais de uma época. Posteriormente, por meio da vivência no Programa de Educação Tutorial – PET, construí um arcabouço teórico-metodológico significativo para o desenvolvimento das minhas intenções investigativas. Ademais, as vivências advindas da pesquisa documental em arquivos e hemerotecas, incentivadas nas disciplinas de iniciação do curso, introdutórias aos estudos históricos, me despertaram para o sabor do arquivo, para fazer menção à Farge (2009), em especial à lida com jornais antigos¹.

Nesse momento, havia, então, duas grandes vertentes de interesse, que eu supunha implicar uma opção, uma escolha: história da educação e imprensa. Na contramão de certo litígio por parte das comunidades acadêmicas que a presente pesquisa envolve – História e Educação –, ingressei e concluí o Mestrado em História Social na Universidade Federal do Ceará, desempenhando um levantamento das principais problemáticas que emergiam da coluna Ensino e Educação, de Coelho Sampaio. O centro do trabalho dissertativo consistia na intenção de abordar panoramicamente as 87 colunas veiculadas no jornal Gazeta de Notícias.

¹ A avaliação da disciplina, um trabalho em grupo sobre a repercussão jornalística da AIDS, não me despertou para o campo da História das Ciências ou para a História da Saúde e da Doença; mas deixara uma marca permanente: o gosto por jornais como fontes históricas.

O grande ponto de virada que transformou essas duas zonas de interesse – educação e imprensa – em algo que não fosse dicotômico, foi a compreensão de que tais áreas não são, necessariamente, excludentes. A partir dessa constatação, tive acesso a uma série de pesquisas que se utilizavam da interseção entre as temáticas imprensa e educação². O desejo por trabalhar com objetos que entrecruzassem educação e imprensa acentuou-se.

A partir de então, iniciei um árduo – e solitário – trabalho de pesquisa documental na hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE), que fechou para reforma no início do ano de 2014 e foi reinaugurada em meados de 2021, além das visitas frequentes à hemeroteca do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHGACE), também conhecido como Instituto do Ceará, uma instituição privada. Esse primeiro mo(vi)mento se constituía em tatear a configuração dos jornais cearenses da primeira metade do século XX, em busca de algo que me despertasse curiosidade histórica, ou o desejo de compreender melhor aquelas discussões no tempo e de problematizar discursos.

Após meses de visitas periódicas, com pesquisa nos principais jornais salvaguardados nas instituições citadas, deparei-me com um dos primeiros números de uma coluna intitulada Ensino e Educação, no jornal Gazeta de Notícias, que foi um dos maiores jornais cearenses à época. Esse primeiro "achado" da seção não era assinado, mas era numerado como sendo a IV coluna. A partir de então, borbulharam uma série de questionamentos iniciais naquele momento: Se é o IV número da coluna, trata-se, então, de uma seção fixa? Se sim, perdurou por quanto tempo? Qual sua periodicidade? Se não era fixa, o que levou seu autor a numerá-la? Se não era assinada, como vou traçar diálogos entre o que era escrito e o autor? Simplesmente devo tratá-la como autoria do corpo editorial do jornal?

Tratava-se de enfrentar o estado sofrível de conservação das fontes, fato que dificultou uma percepção mais serializada da coluna, e tentar descortinar a trama da investigação. O jornal foi consultado em dois arquivos diferentes, a Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE) e o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHGACE) – ambos localizados na cidade de Fortaleza – pois as lacunas presentes na documentação de um dos arquivos, não eram as mesmas do outro local de pesquisa. Fato esse que possibilitou

² Dentre elas, a leitura mais marcante foi a obra intitulada *A Farpa na Lira*, na qual Lamego (1996) tem como fonte e objeto uma seção fixa do jornal carioca *Diário de Notícias*, no período compreendido entre os anos de 1930 a 1933, escrita e assinada por Cecília Meireles. Além de dissertar sobre uma faceta pouco conhecida da Cecília Meireles, o grande diferencial que essa leitura gerou em minha formação foi a compreensão da escrita em jornais como uma atuação social, uma ação. No caso de Cecília, uma atuação política, uma postura combativa, que almejava interferência nos problemas sócio-educacionais do efervescente período.

entrecruzar brechas de conservação e apreender uma quantidade maior de material historicamente situado.

Com o prosseguimento da pesquisa, descobri que tanto aquela coluna, como aquele autor dos textos colunares não foram investigados por outros pesquisadores. Por conta disso, todas as pequenas descobertas – desde o nome do autor, passando pela sua formação, sua imagem e a quantidade de textos – foram motivos de entusiasmo, pois essas informações não podiam ser consultadas facilmente em obras outras. Desse modo, uma das principais dificuldades enfrentadas diz respeito ao fato de que coluna Ensino e Educação é uma fonte histórica que resguarda muitas questões ainda inexploradas, visto que o único trabalho acadêmico que o abordou como fonte e objeto foi a minha dissertação de mestrado e, presentemente, minha tese de doutoramento.

Com vistas às explicitações dos elos de continuidades e rupturas entre o trabalho dissertativo e a tese de doutorado, ressalta-se que, nessa primeira experiência, o objetivo principal consistia em mapear os temas abordados de modo mais pungente e com maior recorrência na coluna Ensino e Educação, movido pelo seguinte problema: quais as relações existentes entre os conceitos de uma pretensa educação social e a instrução escolar? O problema outrora analisado, no Mestrado em História (UFC), surgiu da percepção de que, na coluna, havia uma maior preocupação com as questões referentes a um processo educacional mais amplo, que ocorria no lar, na família, na rua, nas igrejas, ou seja, no âmbito privado e nos mais diversos lugares sociais, que extrapolavam o espaço físico do ambiente escolar e da sala de aula. Essa dita educação social resguardava para si maiores holofotes no âmbito dos discursos de Sampaio.

Em outros termos, tratava-se de uma utilização do verbo moralizar como sinônimo do verbo educar. Para Coelho Sampaio, a tarefa de moralização dos costumes se configurava como uma tarefa educativa de primeira estirpe. Nesse sentido, identifiquei que, para o autor, estava sob a mira da moralidade não somente esse aspecto cultural, como costumes e regras para o comportamento dos indivíduos no ambiente público, mas também uma preocupação latente com as leituras consideradas higienizadas/sadias, bem como as consideradas doentias, sujas e imorais, além de se vigiar ainda os meios de comunicação, sobretudo imprensa e rádio.

Outra questão pungente analisada na dissertação foi o ideal de se educar para produzir. Naquele momento historicamente situado, identifiquei que, para o autor, a educação precisava servir a interesses econômicos. Nesse sentido, a problemática de como ajustar o ato de educar à finalidade de adequar cidadãos aos tempos de demarcada industrialização foram latentes. Discussões sobre educação rural, o conceito de analfabetismo sendo compreendido

como chaga social, em alinhamento com um estímulo demarcado a projetos de educação massiva de adultos, estavam sendo consideradas como antídotos para esse problema social analisado sob a ótica de uma doença. Uma das conclusões do trabalho dissertativo foi que esse objetivo, de se voltar para um desejo de disciplinar costumes, era diretamente relacionado às classes populares, buscando moralizá-las.

Desse modo, uma das questões que abordei na dissertação discorria sobre as representações que se construíram em torno da docência no referido recorte espacial e temporal citado. Entretanto, a presente proposta de tese consiste em afunilar essa questão que foi abordada apenas tangencialmente em minha pesquisa de mestrado. Isto é, o movimento consiste em diminuir o objeto e multiplicar as fontes para investigá-lo.

O desejo de continuidade analítica do *corpus* documental da coluna Ensino e Educação e também das investigações sobre a trajetória intelectual de Coelho Sampaio, surgiu da observância de que a problemática da construção de conceitos em torno da docência demandava uma investigação ao mesmo tempo mais pormenorizada e ao mesmo tempo mais ampla. Ou seja: era necessário examinar detalhadamente a trama discursiva que envolve a concepção de professor(a) empreendida por Coelho Sampaio em seu lugar destacado de circularidade de ideias na imprensa cearense, ao mesmo tempo em que se tornou necessário examinar fontes de circularidade nacional. Isso oportuniza a compreensão de quais aspectos daqueles ideais de Sampaio estabeleciam diálogos com discursos educacionais mais abrangentes e quais aspectos das ideias propostas por Sampaio eram específicas de sua experiência.

Desse modo, esta tese se configura como uma continuidade dos estudos desenvolvidos na pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH - UFC), ante os abrolhamentos de novas problemáticas e à necessidade de aprofundamento em questões inicialmente analisadas na dissertação, na perspectiva da História Social. O extenso levantamento de fontes históricas realizado nesse nível de estudos, em face dos processos de seleção e limites do trabalho dissertativo, demandou, na pesquisa de doutoramento, avanços em direção a um novo movimento de intensa pesquisa documental arquivística e consequente arrolamento de maior repertório teórico de análise, presentemente estudado a partir da perspectiva da Nova História Cultural.

Tem-se por intento principal, nesta tese, investigar como se erigiram as múltiplas representações sobre a docência, tendo como ponto de partida o contexto local da capital do Ceará – Fortaleza – no período dos anos 1940, ainda que se tenha ciência de que também são necessários alguns recuos e avanços no recorte temporal para exame mais burilado das

problemáticas construídas. Para alcançar esse objetivo, a investigação lidará com diversas escalas pesquisa que vão do micro ao macro e do macro ao micro, por intermédio do recurso metodológico dos jogos de escala, tendo em vista que "É o princípio da variação que conta, não a escolha de uma escala em particular." (REVEL, 1996, p. 20).

Acerca da historicidade da profissão docente, destaca-se: "Durante um largo período de tempo, o conceito de profissão docente não esteve associado à sua prática social, mas à representação que deveria ser cumprida por quem ocupava seu papel." (PASSOS, 2011, p. 93). Desse modo, em observância dessas práticas discursivas impressas imbuídas em relações de poder, sobressaem-se as seguintes inquietações e questionamentos norteadores: de que forma foram erigidas representações sobre o professor nos anos 1940? Quais as bases de construção para o imaginário docente no período? Quais finalidades eram consideradas legítimas para a prática docente? Essas construções discursivas aproximavam o labor professoral mais a termos como profissão/ofício ou missão/penitência? Quais as sinuosidades de gênero envoltas nessas discussões?

Destarte, investiga-se, a partir de quais prismas o conceito de professor foi ponderado nas narrativas de Coelho Sampaio, ao passo em que se busca identificar articulações e distanciamentos desse pensamento com outros intelectuais que publicavam nos principais jornais cearenses no período em análise, a partir do recurso metodológico dos jogos de escala. Para o alcance desse escopo, há a necessidade de fontes históricas de escala nacional, como a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e os materiais didáticos (cartilhas e livros de leitura) selecionados, para oportunizar esse jogo analítico-metodológico.

A perspectiva micro deste trabalho está vinculada ao estudo dos discursos educacionais do professor Antônio Coelho Sampaio, que publicou um total aproximado de 87 textos em sua coluna semanal denominada Ensino e Educação, seção fixa do jornal Gazeta de Notícias, produzido na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, entre os anos de 1944 a 1950. Para a concretização da coluna, Coelho Sampaio enviava seus textos à Redação por meio de cartas. Apesar de não serem missivas com pilares de intimidade, ainda podiam ser consideradas cartas públicas. As próprias estruturas textuais de seus escritos assemelhavam-se ao formato epistolar, por terem desde uma construção de comunicação direta com o leitor³ até a presença de dia, mês e ano seguida da cidade do remetente ao final de cada escrito, além de assinalar seu nome, como

³ Eram frequentes termos como os destacados nesta citação: "Conforme dissemos, no artigo anterior, daríamos ao conhecimento, dos **caros leitores desta seção**, as palavras do Dr. Uriel de Carvalho [...]". (SAMPAIO, 1948i, p. 5).

uma assinatura. Esses elementos sinalizam uma estratégia discursiva que se constituiria, possivelmente, um artifício de aproximação com seus leitores.

Por se tratar de publicações seriadas de um mesmo autor, compreender esses escritos educacionais significa também atentar às relações existentes entre a trajetória educacional desse indivíduo e seu modo de refletir sobre Educação. Para além de momentos mais pontuais em sua coluna, Coelho Sampaio também empreendeu um exercício mais específico de escrita de si, para mencionar o conceito empreendido por Gomes (2004), ainda que em contornos diminutos: uma autobiografia em formato de livreto, com as proporções físicas aproximadas ao de um gibi, somando 33 páginas, intitulada *Nos Caminhos do Destino*.

A presente pesquisa não objetiva desempenhar uma biografia de Coelho Sampaio, da mesma forma com que a escrita autobiográfica do autor não se constitui foco da pesquisa. Entretanto, trata-se de uma temática relevante e transversal, necessária à compreensão de seus escritos, buscando investigar a própria leitura que Sampaio constrói de si mesmo nas relações com outros sujeitos em distintas conjunturas de ordem social, educacional e política. A utilização do livro *Nos Caminhos do Destino*, nesta tese, permite ter acesso a outros aspectos de trajetória do professor Coelho Sampaio, que contribuem para a formulação de novas hipóteses, além de buscar investigar rastros que versem sobre a relação do autor com o magistério.

Sobre o uso de registros memorialísticos na pesquisa histórica e a problemática do fito de autopropetuação dos indivíduos, a autora afirma:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especificamente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso. (GOMES, 2004, p. 13).

A abordagem dos aspectos de sua trajetória é algo caro para Coelho Sampaio. Para além do seu intento autobiográfico recente, em meados da primeira década deste milênio, trata-se também de algo presente em sua coluna jornalística nos anos 1940 o uso de elementos autobiográficos para legitimar argumentações. Assim, o caso da relação estreita entre Coelho Sampaio e a escrita sobre si mesmo parece adequar-se às proposições citadas acima, na

condição de indivíduo que experienciou uma sociedade que dedica avaliações positivas para um retorno a si mesmo. A escrita autobiográfica de Sampaio, presente em diferentes formatos e temporalidades, sugere um desejo latente de registrar e eternizar sua própria existência.

A presente pesquisa optou por demarcar o recorte temporal em função das fontes históricas analisadas, ainda que se considerasse a importância das características históricas, políticas e educacionais do período em questão. A temporalidade que se objetiva investigar resguarda particularidades importantes. A década de 1940, no contexto mundial, foi marcada pela emergência e fim da Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1939 a 1945. Os indivíduos e grupos sociais ao redor do globo tiveram suas vidas impactadas por uma experiência que cingiu o tempo: os anos de guerra e do pós-guerra. A Segunda Grande Guerra foi fulcral para a construção identitária dessa década e concorreu para alterações do cotidiano brasileiro. (DEUS; BERCITO, 1999).

No contexto dos jornais cearenses, os assuntos relativos à Segunda Guerra figuravam, no mais das vezes, as capas e as páginas iniciais dos jornais, por, além desse suporte ser um veículo central de informação no período, havia um forte interesse do público leitor pelo assunto à época. Esse evento trágico colaborou, inclusive, "para que os diários fortalezenses conseguissem maior tiragem, dado o interesse pelo noticiário relativo à conflagração, da qual o Brasil participou." (NOBRE, 2006, p. 149). Nas páginas desses registros jornalísticos, ponderava-se sobre a essência do próprio ser humano, em seus atos que poderiam ser ainda mais cruéis e devastadores do que se supunha.

Concomitantemente à Segunda Guerra, em escala mundial, o contexto brasileiro era pautado pelo autoritarismo. Entre os anos 1937 a 1945, Getúlio Vargas, que estava no poder desde o ano de 1930, instaurou a ditadura do Estado Novo, objetivando a construção do que se pretendia como o novo-homem, que deveria ser, sobretudo, um cidadão-trabalhador brasileiro produtivo para a Nação. (DEUS; BERCITO, 1999). Guerra de um lado, governo autoritário do outro: os anos 1940 proporcionaram experiências suficientemente nefastas para que os indivíduos repensassem suas condições éticas.

O findar dos longos anos de guerra, que se estenderam até a metade da década em questão, trouxe consigo uma atmosfera com requintes de esperança. No Brasil, período de término da guerra coincidiu com o fim da ditadura do Estado Novo. A chamada redemocratização suscitou postulações sobre um apreço à harmonia social, à paz e à democracia.

Desse modo, esta pesquisa tem por objetivo principal investigar como se representava a docência no período em estudo, a partir de quatro tipologias de fontes principais:

1) Periódicas, sobretudo a coluna jornalística Ensino e Educação, assinada por Coelho Sampaio no jornal Gazeta de Notícias, outros jornais cearenses coetâneos, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e o Almanaque do Estado Ceará; 2) a autobiografia de Coelho Sampaio; 3) a literatura didática circulante à época e 4) fontes oficiais. Observe-se a listagem abaixo:

A) Periódicos - Jornais do período em escrutínio, com enfoque na Gazeta de Notícias, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) e o Almanaque do Estado do Ceará;

B) Literatura Didática - Cartilhas, destacando a cartilha intitulada Nossas Lições, elaborada por Coelho Sampaio e livros de leitura, enfocando a obra A Criança do Brasil, indicada aos leitores da coluna Ensino e Educação como produção didática positiva e patriótica;

C) Autobiográfica - autobiografia do Prof. Coelho Sampaio, denominada de Nos Caminhos do Destino;

D) Oficiais - legislações educacionais do período, com relevo para a Reforma Capanema.

No que concerne à descrição das tipologias documentais que serão abordadas nesta tese, ao passo em que se almeja arrolar as fontes, tem-se por intento também apontar suas possibilidades em relação à problemática em escrutínio. Ao fim de cada tipologia, serão abordadas referências metodológicas importantes para o trato de cada tipo de fonte. Para tanto, uma premissa fundamental é a seguinte: ao se mudar a tipologia documental utilizada, deve-se também mudar o tipo de abordagem, levando em consideração as especificidades do indício. Trata-se de uma relação de interdependência entre as ponderações metodológicas e a sistematização de bibliografias que subsidiam a interpretação das fontes. Há também uma intencionalidade de se direcionar um olhar atento para as condições e especificidades históricas nas quais cada documento foi produzido.

Serão utilizados na pesquisa os jornais produzidos em Fortaleza no período da década de 1940 e que estavam ou estão disponíveis na Biblioteca Pública do Estado do Ceará (BECE) e no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHGACE). São eles: Gazeta de Notícias, O Estado, O Nordeste, Unitário e Diário do Povo. Entretanto, há de se destacar que a coluna Ensino e Educação é dotada de centralidade no âmbito do *corpus*

documental da pesquisa. Localizada no jornal Gazeta de Notícias, soma em torno⁴ de 87 números, entre os anos 1944 e 1950. Ou seja, a coleta desse material exigiu um direcionamento maior de consulta ao referido periódico.

Conforme Nobre (2006), em edição fac-similar do livro Introdução à História do Jornalismo Cearense, editado originalmente nos anos 1970, a Gazeta de Notícias foi um matutino diário popular na capital, fundado em 1927. Seu formato possuía proporções inferiores aos outros jornais coetâneos, embora se configurasse como um dos principais jornais da cidade. Seu *slogan* era de ser O Matutino Independente do Ceará durante toda a delimitação temporal desta pesquisa. Essa autorrepresentação podia ser uma referência ao fato de que esse jornal não pertencia ao conglomerado jornalístico nacional dos Diários Associados, cujo fundador foi Assis Chateaubriand, como muitos jornais cearenses à época. E também podia se ancorar na problemática história do jornal, por enfrentar eventos que iam desde o seu empastelamento no primeiro mês de circulação até mesmo ao assassinato de seu fundador no ambiente da Redação da Gazeta, conforme será melhor abordado posteriormente.

Desse modo, o conjunto de artigos escritos pelo professor Coelho Sampaio, seção integrante da Gazeta de Notícias, ao longo de seis anos, consiste em fonte relevante para esta pesquisa, na medida em que o autor reflete, sistematicamente, sobre a temática da Educação e da profissão docente, demandando estudo acurado das principais problemáticas que podem ser investigadas a partir desse corpus documental. Os outros editoriais sobre educação, publicados no mesmo jornal e em jornais contemporâneos, possibilitam um cotejamento do pensamento educacional do professor Coelho Sampaio com os discursos de seus pares na imprensa, rastreando compreensões acerca da circularidade de ideias pedagógicas nesse suporte.

Metodologicamente, tem-se que os jornais aglutinam um conjunto de tensões que envolvem o tripé proposto por Chartier (1989), referentes aos conceitos de produção, circulação e consumo. A par desse entendimento, destaca-se que os artigos jornalísticos devem ser investigados não de modo isolado, e sim considerando-se a existência de múltiplos sujeitos ativos nos processos de triagens, seleções e revisões dos conteúdos veiculados em determinado periódico. A presente pesquisa não compreende os jornais como fontes suspeitas (concepções

⁴Quando foi iniciado o processo de coleta da coluna, surgiu a percepção de que a pesquisa não poderia se processar em apenas em um acervo, pois a coleta ficaria demasiado incompleta, em virtude do sofrível estado de conservação do jornal na Biblioteca Pública Estadual do Ceará. Assim, percebi que fazendo a mesma consulta em dois acervos distintos – BECE e Instituto do Ceará – consegui chegar mais próximo da totalidade das colunas. Me refiro a "chegar mais próximo", pois as erosões no estado de conservação - páginas faltando, corroídas em partes estratégicas, em pedaços ou mesmo recortadas -, infelizmente, não me permitem afirmar com precisão que fiz a coleta de todas as colunas.

mais tradicionais), nem como repositórios de verdade (concepções simplistas), para citar a trajetória do uso de jornais como fonte na disciplina histórica realizada por Capelato (1988). Coaduna-se, então com a interpretação de que "os artigos publicados são práticas discursivas, pois expressam interesses, demandas; moldam maneiras de constituir a profissão docente e de compreendê-la". (PASSOS, 2011, p. 96).

Ainda que oportunizem a construção de múltiplas possibilidades de pesquisa e interpretação, os jornais não são fontes privilegiadas por supostamente (e simplesmente) darem aos historiadores um registro imparcial dos fatos sociais. A ideia de que para fazer História bastava-se reproduzir as notícias veiculadas em jornais, subsidiou, inclusive, a tese argumentada por Kravetz (1986), de que Os Jornalistas Fazem a História, com direito a grifo do autor no verbo contido nesse título portador de síntese.

Entretanto, o uso do jornal na pesquisa histórica experienciou, nas últimas décadas, o advento de novas reflexões e problemáticas, sobretudo no tocante à forma com que os historiadores o passaram a enxergar metodologicamente. Luca (2005), advogou três possibilidades relativas ao uso dos jornais para o historiador, ao apresentar de que forma pode-se desempenhar uma História **dos, nos e por meio** dos periódicos. São elas: 1) Há a possibilidade de se fazer uma História da Imprensa, na condição de fonte e objeto de pesquisa; 2) É possível utilizá-los como fontes históricas para se escrutinar múltiplas temáticas enfocadas e 3) Pode-se investigar de que forma a própria História é representada nos periódicos. Em resumo, "a imprensa registra, comenta e participa da história.". (CAPELATO, 1988, p. 13).

A presente pesquisa insere-se na segunda possibilidade expressa acima, compreendendo a imprensa, e em particular os jornais, como um lugar de fala relevante em sociedade, na condição de um poder que se faz representar como hegemônico. Não por acaso governos autoritários, como foi o caso do Estado Novo, estabelecem estratégias de controle e práticas de censura, ao visualizarem os potenciais da palavra impressa em relação à formação da opinião pública.

Nesta tese, o uso da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), como fonte histórica, é crucial para se rastrear os debates pedagógicos mais latentes a nível nacional e o modo com que são tecidas representações sobre a função docente nesse suporte. Surgida, coincidentemente, no mesmo ano de circulação da coluna Ensino e Educação, em 1944, é possível desempenhar um cotejamento das ideias pedagógicas veiculadas em ambos os suportes. A RBEP é, inclusive, citada na coluna, mais ao fim da década de 1940, ocasião na qual Coelho Sampaio agradece o recebimento de remessas da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos direcionadas à Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP), instituição

que o mesmo criou e divulgou campanha para a sua fundação por intermédio da coluna. A partir desse dado, é passível de hipótese que Coelho Sampaio era um leitor da RBEP, tendo acesso aos debates pedagógicos ali veiculados.

Obras de Luca (1996, 2011) agregam metodologicamente à pesquisa, sobretudo por coadunar com a forma de abordagem ali empregada às revistas e suas especificidades na condição de fonte histórica. Afora isso, multiplicam-se as contribuições à medida em que parte significativa do recorte temporal utilizado pela autora coincide com a da presente proposta de tese. Martins (2001), por manter em seu texto especial cuidado de explicitação dos seus percursos metodológicos, também se constitui como uma leitura importante para explorar as possibilidades advindas do uso de revistas como fonte. É necessário destacar que as obras mencionadas lidam com revistas que possuem características centrais bastante diferentes da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, por estas serem, inclusive, lúdicas e ilustradas. Entretanto, são referências importantes para compreender as especificidades do suporte revista, não homogeneizando a categoria periódico.

Gomes (1996) é uma leitura com contribuições metodológicas relevantes para o trato com esse tipo de fonte, pois a autora analisa uma revista de caráter oficioso, a Cultura Política, que era destinada a propagandear os ideais do Estado Novo. Nesse aspecto, suas reflexões contribuem de forma mais incisiva à presente investigação, ao passo em que a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos também se constituía como um órgão oficioso vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, a partir de 1944.

Contudo, torna-se necessário destacar que a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos não se encaixa apenas na categoria de revista periódica. De modo mais específico, a RBEP insere-se nos moldes de um periódico educacional, no qual o impresso é utilizado como estratégia para uma circulação nacional de saberes pedagógicos. Catani (2015), ao elencar estudos e possibilidades centrais à seara da história da profissão docente, destaca essa tipologia de fonte histórica em suas múltiplas potencialidades:

Quanto ao estudo dos saberes associados à profissão, as revistas de ensino permitem um acesso privilegiado aos mesmos, de vez que divulgam um conjunto de recomendações e discursos que traduzem as orientações oficiais em sua configuração mais próxima dos professores sob a forma de 'orientação pedagógica', ou expressam, quando são porta-vozes das entidades representativas dos professores, as representações acerca da profissão, da qualidade do ensino, das condições ideais do exercício da atividade e a crítica dos enfrentamentos vividos pelo grupo docente no que tange à remuneração e ao controle do seu próprio trabalho. As revistas permitem, assim, o acesso às várias formas de saber científico que se considera, em diferentes momentos,

fundamental para informar, moldar ou orientar a ação pedagógica". (CATANI, 2015, p. 596).

Contudo, no que se refere à Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, há a necessidade de um exame atento ao seu caráter oficioso, sobretudo em função das suas condições de produção, com núcleos editoriais fortemente imbricadas ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e ao Ministério da Educação e Saúde (MES) nos anos 1940. Observa-se que, a expressa maioria dos autores que publicavam nesse suporte exerciam a função docente, em diferentes níveis de ensino. Entretanto, essas recomendações e discursos acerca da profissão docente não representavam um grupo específico de professores ou tampouco eram produzidos por uma instituição escolar. Tratava-se de divulgar amplamente, em perspectiva nacional e oficiosa, os conhecimentos pedagógicos que fossem considerados úteis à classe docente e pulverizar os saberes científicos atrelados ao ensino como forma de atualização dos saberes educacionais pelos professores.

O Almanaque do Estado do Ceará – Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário, foi uma publicação impressa que mesclava textos e imagens, possuindo periodicidade anual. Trata-se de uma fonte histórica importante para a pesquisa por alguns aspectos. Inicialmente, porque no período em análise, suas páginas também trazem artigos sobre Educação, ainda que em baixa frequência. Além disso, por abordar diversos aspectos da vida cultural, econômica, comercial, industrial e administrativa do Ceará, por meio de sua consulta é possível ter acesso a informações que possibilitem realizar um entrecruzamento com as fontes principais abordadas na tese. Trata-se de uma fonte de fácil acesso, pois através de uma iniciativa do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHGACE), foi possível adquirir um DVD contendo os volumes digitalizados referentes ao período em estudo.

Acerca do trato metodológico com a literatura didática, Bittencourt (1991, 2008) contribui significativamente por abordar, em suas páginas, reflexões sobre como o historiador interroga os manuais escolares na condição de fontes históricas e produtos culturais complexos. Além de compreendê-los como instrumento de constituição identitária nacional, a autora examina em parte de sua obra as representações sobre o professor emergidas em obras didáticas como livros de leitura, no recorte temporal que vai dos anos 1810 a 1910, portanto, período anterior ao desta pesquisa. Entretanto, ao dedicar-se à análise de um livro de leitura circulante no final do século XIX, a autora afirma: "O professor, nesta e em outras obras, era mostrado como uma pessoa devotada a uma causa maior – a instrução – e que deveria ter uma vida pobre, sem preocupações com recompensas materiais". (BITTENCOURT, 2008, p. 187). Como é

possível perceber, ainda que o recorte temporal seja anterior aos anos 1940, muitas semelhanças em relação à problemática da função docente permaneceram no contexto em análise.

Choppin (2015) também acrescenta à compreensão do manual didático como fonte histórica calcada no simbolismo cultural: “O manual está, efetivamente, inscrito na realidade material, participa do universo cultural e sobressai-se, da mesma forma que a bandeira ou a moeda, na esfera do simbólico” (CHOPPIN, 2002, p. 14). Na presente pesquisa, o foco de análise em materiais como cartilhas e livros de leitura são as páginas introdutórias e/ou prefácios dos mesmos, que no mais das vezes constam instruções pedagógicas ou princípios orientadores que podem descortinar elementos como as representações ali tecidas sobre a figura do professor, os objetivos do livro e as concepções pedagógico-educacionais que o subsidiam. Algumas das obras didáticas analisadas nesta tese, contudo, também traziam em seus capítulos e subseções, orientações didáticas e/ou representações sobre a docência. Estas, exigiram exame mais acurado, transcendente às suas páginas iniciais.

Em relação às fontes (auto)biográficas de Coelho Sampaio, sobretudo a autobiografia intitulada *Nos Caminhos do Destino*, sua utilização é significativa para a pesquisa por conter informações referentes à trajetória desse educador no período em estudo e para além dele. Em algumas páginas de seu diminuto exercício de escrita de si, Sampaio rememora especificamente os aspectos de sua experiência pessoal nos anos 1940. Entretanto, observa-se maior destaque para outros momentos de sua vida, como a infância e o período em que o mesmo emigrou para o Estado do Espírito Santo, já nos anos 1950.

Corrobora-se com Artières (1998), quando alerta que a constituição de uma autobiografia é “a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.” (ARTIÈRES, 1998, p. 3). Na autobiografia de Coelho Sampaio, como em qualquer outro escrito do gênero, constam seleções, sombras e realces. Nela há questões relevantes como, por exemplo, de que forma ocorreram os seus primeiros contatos com o universo tipográfico, até tornar-se colaborador de jornais, elementos do tipo “bastidores” sobre o processo de criação do seu pequeno Instituto Escolar na Fortaleza dos anos 1940 e início dos anos 1950, bem como menções ao seu envolvimento com o movimento estudantil universitário em meados nos anos 1940. Entretanto, apesar de o autor mencionar a sua colaboração nos principais jornais da cidade, o mesmo não rememorou a coluna Ensino e Educação de modo específico em sua autobiografia. O entrecruzamento entre as fontes jornalísticas e memorialísticas permite enxergar representações diferentes sobre os mesmos motes.

O interesse pela escrita de si ou, ainda, pelo arquivamento de si mesmo, para Coelho Sampaio, não se deu somente na autobiografia. O mesmo utilizou esse recurso discursivo, de utilizar aspectos da sua própria trajetória de vida, também nas colunas Ensino e Educação de forma tangencial. Desse modo, as problemáticas atinentes à escrita de si, sobretudo a partir de Gomes (2004), fazem-se presentes nesta pesquisa no tocante ao trato metodológico com essa narrativa que os indivíduos empreendem de si. Autores como Bourdieu (1996), Levi (1996), Dosse (2009) e Loriga (2011), em seus debates, também distanciam esta pesquisa dos usos mais tradicionais do elemento biográfico, que pressupunham que a tarefa de tornar uma vida um enredo inteligível, poderia se processar retilinearmente⁵.

Em relação à tipologia dos documentos oficiais da Educação, destaca-se a Reforma Gustavo Capanema, que durou entre os anos de 1942 e 1946. Também denominada de Leis Orgânicas do Ensino, suas determinações se instauraram por meio da expedição dos seguintes decretos-lei que priorizaram a organização do ensino industrial, criação do SENAI, organização do Ensino Secundário, reformulação do ensino comercial, organização do ensino primário em âmbito nacional, organização do ensino normal, criação do SENAC e organização do ensino agrícola, respectivamente.

Nesse período de centralização política, à União competiria a elaboração e a promulgação das novas políticas educacionais, através das Reformas referentes ao Ensino, e aos inspetores federais a incumbência seria a de vigiar o cumprimento ou descumprimento das propugnações educacionais do Governo nas escolas, viabilizando o controle nacional da Educação pretendido pelo Estado Novo.

Esta pesquisa documental e qualitativa identifica-se com as articulações teóricas entre a Nova História Cultural e a História da Educação, ao coadunar com a ideia de que "As próprias representações do mundo social são os componentes da realidade social". (CHARTIER *apud* HUNT, 1992, p. 9). O termo História Cultural foi utilizado desde a década de 1980 por Roger Chartier, que buscava se diferenciar da História das Ideias, da História Intelectual e do entendimento corrente, até então, do termo História Cultural, cunhado por E. H. Gombricht para o campo da História da Arte. Havia um debate entre os enfoques de uma História Social da Cultura – preponderância das questões sociais na determinação dos usos, costumes e visões de mundo – e uma História Cultural do Social, no qual o mundo social era criado por ideias, discursos, juízos de valor, imagens e imaginários.

⁵Na disciplina optativa intitulada Tópicos em História da Educação - Biografia e Memória, ministrada pelo Prof. Dr. Charliton Machado e pela Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Nunes, obtive acesso a diversas leituras e debates, a partir dos autores aqui citados, que embasam teórico-metodologicamente esse seguimento temático da pesquisa.

Nesse sentido, especificamente o conceito de representação, a partir de Chartier (1989), se configura como uma consideração teórica fundamental à pesquisa, presente desde o título desta proposição. A centralidade dos apontamentos do referido autor, nesta investigação, não diz respeito ao desejo (e possibilidade) de desempenhar uma história das apropriações, ou seja, dos usos, mas se dá pela atenção aos rastros dos usos socioculturais das palavras e suas intenções, bem como por concordar que:

[...] cada série de discursos deve ser compreendida em sua especificidade, isto é, inscrita em seus lugares (e meios) de produção, e em suas condições de possibilidade, relacionada aos princípios de regulação que a ordenam e a controlam, e interrogada em seus modos de abonação e de veracidade. (CHARTIER, 1989, p. 77).

Haja vista que a presente perspectiva consiste em analisar as representações sobre a docência em um dado recorte temporal histórico, coaduna-se com a premissa metodológica de se interrogar os (con)textos em suas intenções – expressas ou recônditas – e por atentar ao lugar de produção das fontes. É fulcral a compreensão de que “escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas.” (GINZBURG, 2007, p. 11). Para tanto, a postura indiciarista frente às fontes históricas exige do pesquisador um rastreamento acurado do lugar que o documento ocupa em sociedade, suas condições históricas de escrita e as legitimações que o envolve. (CERTEAU, 2013, p. 45).

Em relação à estrutura dos capítulos e tópicos desta tese, há a adoção de uma proposta pautada pelas fontes. Desse modo, será realizado o exame de um mesmo problema, qual seja o de que forma foram tecidas representações sobre a docência nos anos 1940, partindo da coluna Ensino e Educação e expandindo o rol das tipologias documentais. Assim, o primeiro e o segundo capítulo da tese são pautados a partir dos jornais e da autobiografia de Sampaio, o terceiro capítulo a partir da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e o quarto capítulo debruça-se sobre as a literatura didática do período.

De acordo com a premissa de partir da perspectiva micro de análise para além desta introdução, o capítulo de abertura da presente pesquisa centra-se na coluna Ensino e Educação, enfocando as representações tecidas nessa seção jornalística sobre a função do professor. No 1º capítulo, o objetivo do tópico inicial é apresentar ao leitor as principais características da coluna de Coelho Sampaio, destacando os momentos nos quais a mesma se configurou como um lugar de fala, ação e visibilidade social. Isto é: tratava-se de um espaço para se ponderar sobre como deveria se processar o ensino, mas também havia o empreendimento de algumas ações e

conclames, sobretudo referentes a tentativas e criações de agremiações e sindicatos, campanhas, doações para projetos caritativos, pedido de votos para candidatos políticos etc.

O segundo tópico debruça-se sobre aspectos da trajetória de Coelho Sampaio e sua escrita de si, bem como suas relações com o magistério. Explora-se sua pequena autobiografia, um livreto editado autonomamente, com pouco mais de 30 páginas, lançado por ocasião do seu aniversário de 80 anos, que foi pesquisado presencialmente na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, bem como obras literárias do autor produzidas em período histórico posterior ao analisado nesta tese que, entretanto, trazem indícios sobre a relação de Sampaio com a profissão docente em prefácios e páginas introdutórias. Escrutinam-se também alguns momentos nos quais o mesmo utilizou o artifício da escrita sobre si mesmo na própria coluna Ensino e Educação, para legitimar sua escrita e seus argumentos.

No 2º capítulo, também pautado pela análise das fontes jornalísticas, o seu primeiro tópico aborda a forma com que a função docente foi representada na coluna Ensino e Educação, explorando a produção de significados acerca do magistério nesse suporte. Ponderações sobre a figura do mestre são um assunto fulcral nessa seção jornalística dedicada a motes educacionais. Há destaque para o conflito existente entre essas representações, que muitas vezes se pautavam no ideal de missão (sacrifício, abnegação e desprendimento) e outras tantas que se alicerçavam na ideia de profissão (método, técnica, reivindicações).

O segundo tópico do 2º capítulo tem por foco o exame das representações sobre a docência a partir de outros editoriais sobre Educação da Gazeta de Notícias, jornal no qual a coluna era veiculada, além de outros jornais da cidade, como O Estado, O Nordeste, Unitário e Diário do Povo, a fim de se evitar perspectivas que isolem o indivíduo em questão. Esses jornais citados estão salvaguardados em acervos situados na cidade de Fortaleza e somente estão disponíveis em consultas presenciais.

O 3º capítulo tem por foco investigar de que forma a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)⁶ representou a função docente, na condição de revista oficial do Ministério da Educação e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Foi criada por Gustavo Capanema em 1944, no final de sua gestão como Ministro de Educação do Estado Novo. Com uma proposta de circulação nacional e de condensar os principais debates pedagógicos no Brasil daquele período, durante os anos 1940, a Revista variou sua quantidade

⁶A publicação do índice da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, surgido por ocasião do 40º aniversário da Revista, colabora significativamente para esta pesquisa, pois há a realização de um inventário dos assuntos abordados nesse suporte, os autores que nela colaboraram, entre outros quesitos, no período compreendido entre 1944 a 1984.

de páginas, que iam de 150 a 650 laudas, aproximadamente. A sua periodicidade também foi item cambiante: em alguns períodos saindo de modo trimestral, bimestral ou, ainda, mensal. No período em análise, dentre as suas múltiplas seções integrantes, interessam mais à pesquisa as seguintes: Apresentação, Editorial, Ideias e Debates, bem como Através das Revistas e Jornais.

Desse modo, o escopo do 3º capítulo consiste nas discussões expressas na RBEP sobre como deveria ser o professor, no tocante às suas funções, desempenhos, comportamentos e condutas. Destaca-se que, sobretudo nas seções de Editorial e Ideias e Debates, a Revista advogava um enfoque maior nos conceitos mais ligados à profissão, para representar o ofício professoral, centrando seus argumentos nas noções de técnica, aperfeiçoamento e formação. Entretanto, coexistia também a ideia vocacional relacionada ao exercício da profissão.

O capítulo em questão divide-se em dois tópicos, sendo o segundo dividido em três subseções. O objetivo do primeiro consiste em apresentar as características mais gerais da Revista, suas vinculações, estruturas e principais premissas. O segundo tópico objetiva investigar as representações sobre a docência que dali emergem, nos artigos saídos em diferentes seções da RBEP que geram maior interesse à pesquisa, sendo seus três subtópicos dedicados a elas, enfocando-as, respectivamente, da seguinte forma: Editorial, Ideias e Debates e Através das Revistas e Jornais. Esse formato possibilita esmiuçar as discussões de maneira mais específica, em cada seção mencionada.

Concluindo a premissa de proceder a divisão dos capítulos a partir das principais tipologias documentais exploradas, o 4º capítulo será destinado a investigar na literatura didática, em especial nas seções de prefácio, introdução, "notas ao professor" e nas seções em que suas linhas e imagens versem sobre a questão docente de modo mais incisivo. Trata-se de investigar de quais formas são tecidas representações sobre o ofício e a função docente na linguagem da literatura didática, sobretudo cartilhas e livros de leitura. Busca-se perceber as especificidades dessa tipologia de fonte e buscar compreender distâncias e aproximações com as outras fontes históricas utilizadas na investigação, entrecruzando-as.

O primeiro tópico deste capítulo busca enfocar a cartilha intitulada Nossas Lições, escrita por Coelho Sampaio. Essa cartilha é composta por pontos de estudo para o 1º ano forte e 2º ano primário, contém 51 páginas e foi editada pela segunda vez pela Tipografia Minerva em 1954⁷. As páginas introdutórias desse impresso despertam maior interesse à pesquisa, pois estas possibilitam observar de modo mais direto o conceito de professor que o subsidia. Ao final de cada assunto abordado pela cartilha, por meio de conceituações e exemplos, há a

⁷Não se teve acesso à primeira edição. A presente cartilha foi pesquisada presencialmente na Biblioteca Nacional.

presença de "notas para o professor", nas quais Sampaio expressa orientações didáticas para o mestre após cada temática examinada. Compreende-se que os manuais didáticos são produtos culturais nos quais, por mais técnicos que possam parecer os assuntos, estão presentes concepções de Educação e de docência⁸.

O segundo tópico deste capítulo destaca em suas análises o livro de leitura denominado *A Criança do Brasil*, citado e elogiado por Sampaio na coluna *Ensino e Educação*. Neste tópico, são analisados, ainda, outros livros escolares pesquisados em acervos como o *Laboratório de Ensino de História da USP*, na cidade de São Paulo e no *Plebeu Gabinete de Leitura*, na cidade de Fortaleza. As referidas produções didáticas são: *Meus Deveres*, cujo o autor é Filgueiras Sampaio; *Caderno de Alfabetização*, da professora Saturnina de Almeida Fagundes, *O Tesouro da Criança*, de Antonio D'Ávila e *Brasil Unido*, de Maria Luiza Britto de Carvalho. Os critérios de seleção justificam-se pelo cotejamento da problemática do livro *A Criança do Brasil*, indicado por Sampaio.

No tocante ao argumento de tese, ressaltam-se as seguintes proposições: a coluna *Ensino e Educação* configurou-se como um espaço destacado de fala e de mediação cultural nas cidades em que a *Gazeta de Notícias* circulou, principalmente por dois motivos. O primeiro, é ligado ao fato de que o jornal em questão era de grande circulação e que Coelho Sampaio citava e comentava, em sua argumentação, obras extensas e complexas, publicadas por intelectuais de diversas áreas, mas todas úteis à preparação da profissão docente. Desse modo, tem-se consciência de que seu público-leitor extrapolava o limite de expectadores professores.

Backheuser (1945), um dos autores publicados na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, na seção *Ideias e Debates*, avaliou a área educacional como mote pertencente a amplos interesses: "A educação não é, afinal de contas, assunto de simples técnica: é fenômeno social que atinge e interessa a toda a sociedade". (Backheuser, 1945, p. 185). Isto é, apesar de terem sido enviadas cartas à redação da *Gazeta de Notícias*, endereçadas ao autor da coluna *Ensino e Educação*, redigidas por esses pares de profissão, há de se destacar que não se tratava de uma publicação especializada em educação e, portanto, um jornal que lida sobre diversos temas e tem proporções de circularidade maiores, abrange leitores diversos e de diferentes profissões.

⁸Aqui a análise não consiste em livros didáticos regionais, pois nesse período havia muito intercâmbio de literatura didática, sobretudo advinda do Sudeste brasileiro.

A definição de Coelho Sampaio como um intelectual mediador dá-se a partir da premissa destacada por Sirinelli (2003), debruçando-se sobre o caráter polissêmico do conceito de intelectual, dotado de contornos variáveis, mas assenhorados em duas acepções centrais:

Uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou 'mediadores' em potencial, e ainda outras categorias de 'receptores' da cultura. (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Interpreta-se que Coelho Sampaio, por intermédio da coluna Ensino e Educação, desempenhou práticas de mediação cultural, podendo ser lido como um intelectual mediador, como um sujeito histórico agitador de mediações culturais, na perspectiva ampla e sociocultural da categoria de intelectual. Destaca-se, ainda, a partir de Gomes e Hansen (2016), que os intelectuais mediadores não devem ser compreendidos como meros transmissores, simplificadores ou "didatizadores" de informações. Comumente são entendidos "como a de alguém que conduz uma mensagem ou produto cultural de um lugar a outro, de um tempo para outro, de um código cultural para outro, sem nada acrescentar ou transformar criativamente. [...] como alguém que não agrega valor ao produto cultural em questão." (HANSEN; GOMES, 2016, p. 16).

Ao tecerem representações sobre algum mote, no caso de Coelho Sampaio acerca da temática educacional, os sujeitos históricos comunicam muito de si e de seu tempo. A dita popularização dos conhecimentos pedagógicos em páginas jornalísticas não é realizada de modo neutro, impessoal ou mesmo técnico. Essa ação é, ao inverso, dotada de subjetividade. De acordo com as autoras citadas, a categoria específica de intelectual mediador é tão ampla quanto complexa:

Consideramos, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público não especializado, composto por amplas parcelas da sociedade. Dessa forma, podem ser os que se dedicam a um público de corte determinado como o escolar, o feminino, os sócios ou membros de uma organização ou comunidade étnica, profissional, por exemplo; ou a um público abrangente e heterogêneo, como o de um periódico de grande circulação." (GOMES; HANSEN, 2016, p. 21).

Seja como professor ou, principalmente, como autor da coluna Ensino e Educação entre os anos de 1944 a 1950, Coelho Sampaio se constituiu como uma figura histórica

concernente a de um mediador cultural ou, ainda, intelectual mediador, haja vista a fluidez desses termos. A análise de sua trajetória intelectual, notadamente mais concentrada no capítulo de abertura desta tese, também permite essa compreensão, à medida com que "os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espço." (GOMES; HANSN, 2016, p. 24).

Ademais, esta tese possibilitou a compreensão de que, entre as diferentes formas de se pensar a função docente no período em análise, as representações guiadas por noções advindas do imaginário religioso (sofrimento, missão, abnegação, devotamento e sacralidade) recorrentes vezes coexistiam junto às noções próprias da tônica profissional (técnica, eficiência, metodologia, preparo e estudo pedagógico). Apesar dessas vertentes de pensamento educacional parecerem contrastantes e mesmo antagônicas, observa-se que, nos anos 1940, as mesmas figuravam de forma conjunta em discursos educacionais.

Para finalizar esta introdução, é necessário tecer breves comentários atinentes ao contexto pandêmico que o tempo presente enfrenta. Além de ceifar a vida de muitos e boicotar a saúde mental de tantos outros, a pandemia e seu relevante isolamento social também colaborou para o fechamento provisório de arquivos e bibliotecas. A suspensão temporária de acesso dos pesquisadores a locais de pesquisa (documental e/ou bibliográfica) prejudicou a construção desta tese, sobretudo em relação às dificuldades de acesso a documentos históricos disponibilizados apenas no formato físico. No caso desta pesquisa, a maioria das fontes históricas utilizadas não estão disponíveis no formato digital.

Expressivas partes desta tese foram escritas sob intensa tensão, com ansiedades que dificultavam planos e projetos em detrimento de uma luta outra: a da sobrevivência. As linhas destas teses foram redigidas regadas a notícias de falecimento de parentes e pessoas próximas por COVID-19, além da situação geral do Brasil e do mundo, tornando a escrita acadêmica um desafio ainda maior. Apesar de me sentir fortemente instigada pelos temas, fontes e problemáticas aqui investigadas, é de fato impossível proceder com rotinas imutáveis e alheias a um contexto que aglutina uma pandemia e o descaso do (des)governo atual frente a esse e tantos outros aspectos. Na contramão de todos esses elementos, no limite, esta tese foi gerada em meio ao caos e a contextos atípicos.

Nesta tese, as notas de rodapé são de caráter explicativo. As demais citações bibliográficas valem-se do sistema autor-data. Na seção Referências Bibliográficas, há uma

divisão entre as referências atinentes às fontes históricas utilizadas na pesquisa e as referências bibliográficas provenientes da literatura sobre o tema. Essa escolha pauta-se em premissas metodológicas e contribui para facilitar o acesso de outros pesquisadores aos documentos históricos que utilizo.

2. A COLUNA ENSINO E EDUCAÇÃO COMO LUGAR DE REALCE E AS (AUTO)PERPETUAÇÕES DE UM SUJEITO.

2.1 "Daqui desta coluna...": a seção jornalística Ensino e Educação como lugar de fala e ação.

"Não faz muito, escrevi uma série de artigos mostrando a necessidade de ser amparado o professor particular, nesta coluna da 'GAZETA DE NOTÍCIAS', em que fazia um estudo sobre as reais necessidades dos que se dedicam a tão ingrata profissão. [...] É assim a vida do professor, na sua mocidade, voltada toda para a pesquisa, para a meditação. E em troca de quê?, dizia eu. A situação atual do professor particular compensará tal sacrifício? Eis um problema que pretendo analisar, ainda, em outros artigos." (SAMPAIO, 1950c, p. 3).

A coluna Ensino e Educação pode ser definida como uma seção jornalística cujo propósito primordial se constituía em escrutinar temáticas educacionais. Com a intenção de seguir uma periodicidade semanal, sua circulação ocorreu entre os anos de 1944 e 1950, somando um conjunto de 87 textos colunares, aproximadamente⁹. Para além dos números da coluna que se tornaram fugidios pela erosão do tempo sobre as páginas do jornal Gazeta de Notícias, destaca-se que a periodicidade semanal, apesar do intento, não era um elemento seguido à risca. Durante parte desses anos de circulação, de fato, havia a publicação de uma coluna por semana no jornal. Entretanto, a maioria dos escritos desta seção tiveram por característica a periodicidade irregular. Trata-se de uma coluna escrita por um só autor, o Professor Coelho Sampaio, ainda que, em esparsas vezes, ele ceda o espaço de fala às cartas enviadas como rélicas a determinados assuntos abordados na coluna.

⁹ O uso do termo aproximadamente se dá porque o único trabalho que utilizou a coluna Ensino e Educação como fonte histórica, até a presente data, foi minha dissertação de Mestrado e esta atual proposta de tese. Isso implica uma dificuldade considerável de afirmar com exatidão quantos números da referida coluna foram publicados, inclusive pelo fator estado de conservação inadequado das fontes. A pesquisa documental dessa mesma seção jornalística foi feita em dois arquivos distintos da cidade de Fortaleza, na intenção de coletar o máximo da serialização da coluna em questão. Os arquivos foram a Biblioteca Pública Estadual do Ceará - BECE - e o Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará - IHGACE - (instituição privada). Na prática de pesquisa, funcionava da seguinte maneira: caso fosse observado a falta de um dos números da coluna na BPMP, local onde iniciei as pesquisas, fazia-se necessário um deslocamento ao IC, para conferir se aquele número realmente não existiu, ferindo seu propósito de periodicidade semanal, ou se o caso era proveniente de uma falha de conservação do periódico. A segunda opção foi recorrente, haja vista que as muitas folhas do periódico estavam rasgadas; com partes faltosas, por mau manuseio dos pesquisadores e/ou por erosão do tempo e até mesmo apresentando trechos recortados.

A epígrafe deste tópico pertence ao último número da coluna Ensino e Educação, por volta da 87ª publicação. Nela, a profissão professor é representada como ingrata. Essa forma de compreender a carreira docente permaneceu, pelo menos, até os anos 1980, quando nos dados biobibliográficos de uma das suas obras de ficção, intitulada *Missão Cumprida*, o autor afirma que "no 'Colégio Dom Bosco' da rua Barão do Rio Branco iniciou sua carreira como Professor Primário, terminando por abandonar as lides gráficas para se dedicar inteiramente à ingrata profissão." (SAMPAIO, 1981, p. 1). Esse modo de balizar e conceituar a profissão docente, para Coelho Sampaio, atravessou décadas. O sentido do termo ingrato parece associar-se à ideia de que a docência não geraria retornos adequados aos profissionais que a ela dedicam muito de si. Sejam ganhos de ordem salarial ou de teor relacionado a reconhecimento, Sampaio enfatizou essa forma de compreender a profissão docente em diferentes momentos de sua trajetória.

A opção pela epígrafe supracitada ser o derradeiro rastro da coluna em questão não foi aleatória. Esse número da seção de Coelho Sampaio incide sobre a abordagem de uma questão que tem vínculos com a sua própria trajetória profissional¹⁰: as condições sofríveis dos professores particulares do período. Mas não foi por esse assunto, em específico, que o trecho se tornou epígrafe, portanto, mote de um texto.

A escolha de se começar pelo fim, ou seja, iniciar a tese com o trecho do último número da coluna, se deu porque nele Sampaio relata sobre o seu próprio fazer colunista. Isto é: o mesmo retoma seu próprio processo de serialização em torno de questões educacionais através do matutino diário *Gazeta de Notícias* e, surpreendentemente, expressa de modo claro o seu interesse por continuar na lida de suas cartas públicas. Um fim que sugere continuidade é um dos enigmas que perpassam a coluna Ensino e Educação.

Com base na análise dos outros números da coluna, podia-se conjecturar a existência de um editorial de encerramento em tom solene, reconstituindo-se os seus momentos mais acentuados. Na contramão das expectativas de pesquisa, a coluna encerra suas atividades sem maiores explicações. Nem mesmo em sua publicação autobiográfica, redigida no início do segundo milênio, portanto mais ao fim de sua trajetória de vida; o autor explica o término dessas suas colaborações jornalísticas. Nem mesmo a cita, em específico. Há apenas uma menção à sua colaboração na imprensa cearense nos anos 1940, de modo indefinido.¹¹

¹⁰ Questões sobre a trajetória de vida de Coelho Sampaio serão melhor abordadas no tópico seguinte do Capítulo 1.

¹¹ A obra intitula-se *Nos Caminhos do Destino*, com data de publicação em 2004, e será analisada no tópico seguinte da tese.

A utilização da ideia de missivas públicas, neste trabalho, se dá em função de alguns elementos que induzem à interpretação de que a coluna Ensino e Educação era composta por, na verdade, cartas. Apesar de não se adequarem em características comumente ligadas às missivas, que no mais das vezes são tidas como registros de intimidade, comunicações do particular e rastros da vida privada, alguns elementos coincidem com a estrutura textual das cartas. O fato de constar ao final do escrito, a cidade em que residia (Fortaleza); seguida de uma data sempre precedente à data de publicação; notas corriqueiras constando erros de digitação/transcrição, além do seu convite às réplicas de seus leitores ter sido feito no formato de cartas enviadas à redação da Gazeta; sugerem que o trâmite entre escrita e publicação se processava do manuscrito ao datilografado.

Desse modo, o presente tópico tem por objetivos situar as principais características da coluna Ensino e Educação, destacando sobretudo os momentos em que esse espaço jornalístico se tornou veículo para tentar e conseguir viabilizar projetos como associações, criar e incentivar campanhas, pedir votos para candidatos políticos; realizar entrevistas com personalidades ilustres da Educação, dentre outros.

Observe-se o trecho abaixo:

Daqui, desta coluna, meus caros colegas, quero agradecer-vos, agora que temos o objetivo conseguido, aquelas palavras amigas, pois, com o vosso decidido apoio, dezenas de outros surgiram concretizando um ideal que hoje é nosso: a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. (SAMPALIO, 1947e, p. 3).

O trecho acima refere-se a um momento deveras significativo dentre as diversas questões abordadas na coluna Ensino e Educação: a finalização de uma campanha com vistas à criação de uma Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. Entretanto, para além do mote original do texto, destaca-se por hora o uso da expressão "daqui desta coluna", que faz parte do título deste tópico; o agradecimento ao apoio na concretização de um projeto por meio da coluna Ensino e Educação; bem como o próprio conclave de pessoas em torno de uma causa: todos esses elementos são indicativos de que a coluna se configurava como um lugar privilegiado de fala e ação para Coelho Sampaio, além de evidenciar uma escrita calcada em estratégias de aproximação com seus leitores.

Na epígrafe deste tópico, seu modo de realçar o nome do jornal, com os equipamentos de imprensa à época, utilizando-se de letras maiúsculas com adição de aspas; não parece ser por acaso. Eram recorrentes a existência de comentários elogiosos à Gazeta, por exemplo, como "um forte baluarte na defesa dos interesses coletivos." (SAMPALIO, 1947e, p.

3). A Gazeta de Notícias se auto representava, nos termos de seu *slogan* como um Matutino Independente do Ceará. Havia situações em que o periódico fazia valer o seu lema ao publicar artigos de opiniões antagônicas sobre um mesmo mote na mesma edição¹². Sua não adesão à rede nacional denominada Diários Associados é significativa, haja vista que a maioria dos grandes jornais cearenses, nos anos 1940, faziam parte desse conglomerado jornalístico fundado por Assis Chateaubriand em 1924.

Nobre (2006)¹³, é um autor cujas obras indicam um projeto de registrar uma História da imprensa cearense. Curiosamente Geraldo Nobre era um articulista da Gazeta de Notícias em momento coetâneo ao de Coelho Sampaio. Não se pode precisar que ambos eram colegas de Redação porque a hipótese mais verossímil é que Sampaio enviava seus escritos para o jornal, o que, nesse caso, não lhe daria uma vivência no ambiente da Redação.

Arrolando as principais publicações periódicas surgidas no decênio 1920-1929, o autor afirma: "A Gazeta de Notícias, aparecida a 10 de julho de 1927, para ser empastelada logo ao atingir o primeiro mês de circulação." (NOBRE, 2006, p. 140). O termo empastelado refere-se aos meandros trágicos que permeiam os primeiros passos da história desse jornal. O primeiro deles foi enfrentar um empastelamento, ato que consiste em uma maneira truculenta de se silenciar um jornal, destruindo-se equipamentos e inviabilizando a lida jornalística diária.

Na sequência, algo ainda mais aterrorizante: seu fundador, Antonio Luís Drummond Miranda, recifense radicado em Fortaleza e atuante nas áreas do jornalismo, política e advocacia, foi assassinado aos 48 anos, na Redação do jornal que fundara – a Gazeta de Notícias – em 11 de junho de 1930, pouco antes do periódico completar 3 anos de circulação. O assassino foi o juiz municipal Virgílio Gomes de Oliveira. A partir de então, todos os números comemorativos referentes a cada ano de circulação da Gazeta de Notícias faziam alusão à trajetória do matutino, do seu fundador e de seus trágicos acontecimentos. Antônio Drummond figurou na memória do jornalismo cearense como mártir defensor da liberdade de imprensa, tornando-se figura mítica¹⁴.

¹² Esse exemplo surgiu de uma observação da pesquisa documental, em ocasião na qual o jornal Gazeta de Notícias publicou dois editoriais que versavam sobre a figura de Getúlio Vargas, na edição do dia 08 de março de 1945, portanto nos encaminhamentos finais do Estado Novo. Um dos artigos, em uma das páginas desse número, advogava uma representação positiva do então presidente e o outro editorial, em outra página da mesma edição, argumentava severamente contra Getúlio Vargas, afirmando, como em seu título, que A Culpa é do Presidente.

¹³ A edição de 2006, saída pelo Núcleo de Documentação Cultural da UFC, é um fac-símile do livro original, publicado em 1975.

¹⁴ Posteriormente, o nome de Antônio Drummond se transformou em nome de medalha, concedida em solenidades jornalísticas. "O vereador explicou a escolha do nome lembrando a trajetória do jornalista Antônio Drummond, fundador dos jornais Gazeta de Notícias e Diário do Ceará. De acordo com ele, "um jornalista visionário e defensor da liberdade de imprensa". Drummond foi assassinado, em 11 de junho de 1930, aos 48 anos, em sua própria mesa de trabalho. (DONA..., 2010, p. 1).

Nos anos 1940, portanto já após o assassinato de seu fundador, Antonio Drummond, a chefia do corpo editorial que integrava a Gazeta de Notícias era composta pelo seu diretor, Ruy Costa Sousa, seu diretor comercial, Camerino Teixeira, seu gerente, Antonio Drummond Filho e a proprietária do jornal, viúva de Drummond, que não teve seu nome explicitado na seção de informações editoriais da Gazeta. O diretor geral e o diretor comercial citados ocupavam os mesmos cargos desde o número de estreia da Gazeta, em 1927.

Nesse mesmo período, a redação, a administração e as oficinas da Gazeta de Notícias situavam-se na Rua Senador Pompeu, nº 789, localizando-se, portanto, no centro da cidade de Fortaleza. Em cruzeiros, as suas assinaturas custavam 100Cr\$ (anual), 50Cr\$ (semestral), 0,40Cr\$ (número avulso) e 1,00Cr\$ (número atrasado). Esse periódico possuía, ainda, um jornalista correspondente na cidade do Rio de Janeiro, indicado como H. Herrera & Cia Ltda.

O objetivo fulcral da coluna Ensino e Educação se constituía em abordar debates educacionais, como seu próprio título preconiza. Entretanto, afirmar que o tema principal da coluna era a Educação, é algo deveras generalizante, já que, como se pode supor, essa temática se ramifica em diversos outros motes transversais ao que se propõe. No caso da coluna em questão, destaca-se uma divisão em dois seguimentos: educação social e educação escolar. Isto é, nela existiam assuntos mais ligados ao ambiente escolar, mais próximos do conceito de instrução; mas também existiam motes preponderantes sobre o que se denominava de Educação Social.

Em relação ao primeiro eixo, educação escolar, os principais assuntos na coluna foram relativos à função do professor(a) e do aluno, alusões às teorias escolanovistas, a alfabetização infantil, ensino rural, instrução profissional, psicologia educacional, o ensino de História, o ensino de Língua Portuguesa, o ensino de Religião, dentre outros.

Já em relação ao segundo eixo, observe-se uma multiplicação de sub-temáticas: ponderações sobre os costumes da sociedade na época, sobretudo os costumes do trabalhador; reflexões que entrecruzavam a Educação e a 2ª Guerra Mundial; pretensões de uma dita higienização das leituras correntes à época, sob viés moralizante; ponderações sobre a infância e juventude; considerações sobre o porvir; assuntos econômicos, sobretudo de agronomia e cooperativismo; civismo; temáticas sobre a efervescência política do período; movimento estudantil universitário; uso da trajetória de vida do autor para legitimar argumentos; opiniões sobre os meios de comunicação, dentre outros.

Até mesmo pela quantidade de temáticas transversais ao assunto educacional, é possível perceber que essa dita educação social era uma tônica relevante para Sampaio, tanto quanto, senão mais do que a de educação escolar.

Feita essa primeira abordagem das principais características da coluna Ensino e Educação, as páginas que se seguem, no âmbito do presente tópico, versam sobre os principais momentos nos quais a coluna Ensino e Educação foi utilizada como meio de visibilidade social para Coelho Sampaio, servindo para viabilização de projetos empreendidos por seu autor.

Em geral, a coluna Ensino e Educação dispunha de aproximadamente 1/3 do espaço da diagramação da página do jornal *Gazeta de Notícias*. O objetivo do uso da figura 1, tendo-se ciência da impossibilidade de desempenhar-se uma leitura dos textos em seus pormenores; é chamar a atenção para os aspectos da diagramação das páginas do referido jornal no período. Trata-se de uma fotografia da folha em que foi publicado o primeiro número da coluna Ensino e Educação. Conforme é possível observar, comumente essa seção dividia espaço com outros textos e/ou anúncios¹⁵.

Em relação às publicidades, no caso específico da coluna que consta na referida imagem, é importante notar a chamada à direita, pouco abaixo do centro da página, intitulada *Matrícula no Curso Primário*. Nele, há o comunicado da abertura das matrículas e a data para o início das aulas no Instituto São Raimundo, pequeno colégio que Coelho Sampaio fundara e dirigira em Fortaleza durante os anos 1940. Esse assunto é pertencente à trajetória profissional de Coelho Sampaio e será melhor abordado no próximo tópico desta tese. Entretanto, é fundamental a percepção de que, na mesma página do jornal em que constava o número de estreia da coluna Ensino e Educação, havia uma publicidade de sua escola¹⁶.

Essa constatação pode fundamentar a hipótese de que sua atuação como fundador e diretor de um Instituto Escolar possa ser um dos elementos legitimadores do seu *status* de colaborador fixo sobre assuntos educacionais em um jornal de grande circulação na Fortaleza dos anos 1940. Ter-se acesso a um espaço fixo de grande projeção, como o de uma coluna em um dos maiores jornais da cidade nesse período, é algo bastante significativo, sobretudo tendo-se ciência de que os jornais se configuravam como o principal veículo de comunicação à época. Para além de colocar em circulação temáticas educativas e assuntos transversais ao ensino,

¹⁵ Há casos mais escassos em que o texto da coluna Ensino e Educação ocupou uma página inteira do periódico, sendo essa situação, em geral, no suplemento da *Gazeta de Notícias*. Entretanto, o mais comum é que os textos fossem um pouco menores do que o espaço de 1/3 da página.

¹⁶ Nesse caso, em específico, o nome de Coelho Sampaio não aparece na publicidade que consta na imagem. No decorrer dos anos, o mais comum é que nos anúncios de matrículas do Colégio São Raimundo houvesse o nome de Coelho Sampaio relacionado ao cargo de diretor.

Coelho Sampaio utilizou o espaço da coluna Ensino e Educação para viabilizar diversos projetos.

Figura 1 – Página 3 da edição de 19 jan. 1944 do jornal Gazeta de Notícias.



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

Dois desses projetos, relacionados a Associações, foram os primeiros esforços do autor direcionados a conclamar leitores em torno de causas. A primeira publicação desse tipo na coluna Ensino e Educação, foi o convite do Prof. Coelho Sampaio aos seus leitores no sentido de criar uma agremiação que ele pretendia fundar através de sua seção jornalística: a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP)¹⁷. Nesse caso específico, além do uso da coluna, o autor utilizou-se também de carta-circular endereçada a diretores de estabelecimentos de ensino do período, convidando-os a participar do movimento. (REUNE-SE..., 1947, p. 3).

No que tange à relação entre a coluna Ensino e Educação e a criação da ACEP, o autor traçou essa articulação através de cinco números de sua seção jornalística. Na primeira delas, publicada em setembro de 1946, Sampaio dá início ao que ele chama de campanha em

¹⁷ No período concomitante, tem-se o registro de outro movimento de professores nesse sentido: A Associação dos Professores Primários do Ceará, que em 1948 chegou à frequência de 181 professores no Auditório do Instituto de Educação. A administração dessa Associação era composto, em sua maioria, por mulheres, fato que coaduna com o processo de feminização do magistério. (ASSOCIAÇÃO..., 1948, p. 3).

prol de uma associação com profissionais docentes que se objetivassem se debruçar sobre os problemas educacionais:

E como poderiam os pedagogos fazer progresso nas suas observações, se cada um tem um sistema próprio de ver uma teoria individual a desenvolver, um ponto a definir, uma solução a solver? Era necessário, que também, os educadores e mesmo os professores se reunissem para discutir seus sistemas, suas observações, a fim de que elas podessem chegar a um plano mais ou menos equidistante entre a teoria e pratica pedagógica, de vez que, como sabemos, a prática é, às vezes, muito diferente em seus pontos fundamentais da teoria. É o Centro de estudos pedagógicos. [...] Nós, aqui do Ceará, temos assim a urgente necessidade de organizar uma associação deste genero. E' o que desejo: fundar uma associação de estudos pedagógicos. Fica hoje iniciada a campanha e, neste sentido, lanço um apelo a todos os colegas e interessados, ficando muito satisfeito pelas adesões que receber para esta iniciativa. Nota: - os interessados podem dirigir-se' por carta, para Prof. Coelho Sampaio, nesta Redação. (SAMPAIO, 1946e, p. 3).

No trecho acima, a par da argumentação de que a maioria dos países desenvolvidos tinham associações similares ao que o autor da coluna propunha; há uma presença acentuada de elementos que indicam a utilização do espaço colunar como ferramenta de obtenção de um projeto. Explicitação de objetivo, demarcação de um início da campanha, emprego do termo apelo e estímulo à escrita e recebimento de cartas de apoio endereçadas à redação do jornal são constatações que sugerem a noção de amplo alcance que o professor Coelho Sampaio poderia obter por intermédio de sua seção jornalística. Nesse excerto, a propositura da ACEP centra-se no caráter teórico, intelectual, pedagógico e formativo e seus efeitos na vida prática escolar; não havendo, ainda, construção identitária para a Associação pautada questões trabalhistas ou direitos de classe.

Em seguida, Sampaio redige um outro número da coluna no qual retoma o objetivo da ACEP, que se constituía em congregar todos os professores interessados em questões pedagógicas de forma a balizar teoria e prática, afastando-se de premissas burocráticas comuns a instituições associativas. Nesse sentido, o autor destaca: "Penso que a nossa associação [...] deve ser uma agremiação diferente das outras." (SAMPAIO, 1946g, p. 2). A alusão a uma pretensa diferenciação da ACEP às demais associações parece soar como um argumento para instigar o público-alvo e angariar mais adesões. Os apelos por apoios não se confinaram somente no primeiro número da coluna dedicado à causa: "E' portanto, com o mais acentuado entusiasmo que lanço desta coluna o meu apelo para aquelas que ainda não aderiram ao vitorioso movimento no sentido de ser fundada essa associação." (SAMPAIO, 1946g, p. 2).

Como finalização desse número da coluna, Sampaio publicou sua primeira réplica de adesão, enviada no suporte do tipo carta para a Redação do jornal, conforme sugeriu inicialmente aos seus leitores. A missiva em questão é composta por um tom eminentemente laudatório, com elogios empreendidos ao projeto de criação da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos e também ao indivíduo que iniciou o movimento, Coelho Sampaio:

Demonstrando a mais alta compreensão e revelando-se como sempre foi conhecido em nossos círculos socios intelectuais, um verdadeiro amante das letras e da ciencia o inclito Prof. Euclides Cesar - de quem tive a honra de ser aluno - dirigiu-me a seguinte missiva: 'Meu ilustre colega Coelho Sampaio: 'Li com grande entusiasmo, o seu nobre apelo publicado na 'Gazeta de Notícias', relativo á fundação de um 'Centro de Estudos Pedagógicos'. Sua lembrança é digna de sinceros aplausos e merece especial atenção dos educadores de nossa terra. [...] Penso que a 'Associação de Estudos Pedagogicos' virá estabelecer o mais perfeito intercambio de ideias entre professores na solução de problemas educacionais oriundos das observações pessoais. Você poderá ser pioneiro dessa nova cruzada no terreno prático liderando um movimento que muito honra a nossa cultura. Você possui todas as qualidades necessarias para vencer quaisquer obstaculos, levando para a frente tão bela e oportuna iniciativa. Aqui, ficam minhas palavras de agradecimento ao Prof. Euclides Cesar, por esse valioso estímulo. (SAMPAIO, 1946g, p. 2).

O trecho acima trata-se do primeiro endosso público ao projeto de criação da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos encabeçado por Coelho Sampaio. Além de ter sido professor do autor das colunas Ensino e Educação, o remetente da missiva pública acima, Prof. Euclides Cesar, era um renomado intelectual à época. Segundo Silva (2016), Cesar era uma figura de fato muito conhecida, atuava como professor de línguas (sobretudo inglês e francês), era ativo no círculo literário e jornalístico¹⁸ nas primeiras décadas do século XX, no Ceará. O intelectual em questão também apresentava vivência expressiva em agremiações e academias intelectuais na cidade de Fortaleza¹⁹. Segundo o autor: "Euclides César era um agitador cultural com claras intenções cívicas, morais, espiritualistas, nacionalistas, liberais e democráticas." (SILVA, 2016, p. 60).

¹⁸ Segundo o autor citado, "Na imprensa de Fortaleza, Euclides César foi redator do jornal O Ceará, colunista e colaborador assíduo do A Razão; marcou presença nos jornais A Esquerda, O Povo e Gazeta de Notícias, dentre outros, com inúmeros artigos sobre temas de interesse nacional, local e quotidiano; assuntos que iam da reforma ortográfica às traquinagens de crianças nas calçadas da cidade." (SILVA, 2016, p. 60).

¹⁹ Ainda segundo Silva (2016), Euclides esteve à frente, juntamente com Eurico Pinto e Moacir Caminha, do Grêmio Literário Cearense, (1917 a 1919) e também na Academia dos Novos (1920). Entretanto, seu momento de maior destaque atine à fundação da Academia Polimática, que encerrou seu funcionamento em 1924.

Quadro 1 – Relação nominal dos educadores cearenses que aderiram à ACEP até o final de 1946

Prof. Oscar Costa Sousa
Prof. Jospe (pouco legível) de Sousa Costa
Prof. Geraudo Sepulveda Cavalcanti
Prof. Olga Ribeiro
Prof. Euclides Cesar
Prof. Olde S. Brito
Prof. Nestou de Almeida e Silva
Prof. José Gonçalves de Alencar Sobreira
Prof. José C. Araripe
Prof. Manuel A. Cavalcanti
Prof. Clodomir Girão
Prof. Matilde G. Peixoto
Prof. Manuel Barata
Prof. Milton Monteiro Gondim
Prof. Adalgisa Paiva

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta tese a partir de Sampaio (1946h, p. 3).

Torna-se relevante destacar as ponderações do estudo de Vaz (1999), acerca do que a autora intitula como Encenação da Educação nas Cartas de Leitores, no dual sentido de trazer à cena/evidenciar e na acepção de interpretar/representar. Os jornais, como corpo editorial, articulistas e colaboradores, ao elaborarem notícias, editoriais, reportagens e trazerem à baila carta de leitores, publicam o "resultado de uma série de filtros que envolvem a seleção do que é ou não publicável." (VAZ, 1999, p. 1). Há de se conjecturar o cuidadoso processo de seleção de Coelho Sampaio, em relação às cartas de adesão que optou por publicar, como forma de legitimar seus esforços em prol da ACEP.

A carta de adesão do intelectual Euclides Cesar não foi a única missiva desse cunho veiculada na coluna Ensino e Educação²⁰. Em novembro de 1946, Coelho Sampaio anunciou em sua coluna que havia recebido inúmeras cartas e adesões pessoais à ACEP. Conforme é

²⁰No número da coluna Ensino e Educação, veiculada no dia 02 de novembro de 1946, Coelho Sampaio afirma que irá publicar na coluna seguinte uma carta de adesão do Prof. Clodomir Girão. Porém, não se teve acesso a esse artigo colunar, por questões de conservação das fontes históricas.

observável na tabela abaixo, citou nominalmente 15 educadores cearenses que aderiram a essa associação cujo escopo principal, em certa medida ambicioso, podia até mesmo ultrapassar as barreiras da regionalidade: "discutir as bases para o alevantamento do nível educacional do Brasil." (SAMPAIO, 1946h, p. 3).

Na coluna seguinte, Coelho Sampaio divulgou uma segunda missiva de adesão à ACEP. Por ser uma réplica, condição escassa no âmbito da coluna Ensino e Educação, a transcrição abaixo excluirá apenas alguns parágrafos:

A propósito de suas colaborações sob o título acima neste jornal, o Prof. Antonio Coelho Sampaio recebeu a seguinte carta: Exmo Snr. Professor Coelho Sampaio. Saudações. Venho acompanhando com interesse e entusiasmo através da 'GAZETA DE NOTÍCIAS', o vosso pensamento altruístico e pedagógico em face da educação dos nossos irmãos brasileiros nesta terra de Iracema²¹. [...] Urge, pois pelo exposto de V. Excia, nos jornais que, cada cidadão digno de sua Pátria, não só apoie vossa iniciativa tão em bôa hora, encetada, mas a propague e auxilie como o algo fosse do proprio eu. [...] A vossa ideia é grandiosa e mais sublime do que ela é o vosso espirito e mais nobre ainda do vosso ideal é o amor que tendes ao Brasil e aos brasileiros. Continuai, caro Professor espargindo as luzes do saber e da educação através das petalas perfumadas de uma sã doutrina e, entre espinhos que por ventura surgirem em meio da vossa jornada de educador e bom patriota. Continuai... entre o sacrificio de uns e má vontade de outros, até que á 'Associação de Estudos Pedagógicos' se torne uma realidade para a grandeza e prosperidade do nosso Ceará e quiçá do Brasil. [...] Não obstante a insignificancia do meu ser apressome em tributar á V. Excia a mais irrestrita solidariedade, congratulando-me ao mesmo tempo com a GAZETA DE NOTÍCIAS excelente paladino das causas justas. Terminando essa missiva, concito ao ilustre professor a cancelar entre os dois a ausencia de conhecimento pessoal. Atenciosamente, agradece FRANCISCO SARAIVA DE OLIVEIRA. Maranguape, 3-11-1946. N.B. - Francisco Saraiva de Oliveira, professor registrado na D.E.S. sob o nº 25.554 e presentemente leciona no Curso Tecnico do Ginasio Santa Rita desta cidade. (SAMPAIO, 1946i, p. 5).

Cabe notar que, entre a data de escrita da carta acima e a sua publicação no periódico, há um intervalo que ultrapassa 15 dias. A missiva do Prof. Francisco Saraiva é relevante por múltiplos aspectos. Mais observável à primeira vista, é significativo que o mesmo tenha explicitado suas credenciais de trabalho, com número de matrícula, local de labor e cidade em que atuava, pois isso aglutina confiabilidade à fonte histórica em questão. Quando nas primeiras linhas da citação o autor destaca que vem acompanhando pensamentos e propostas de Coelho Sampaio na Fortaleza dos anos 1940, isso permite constatar que, conforme se podia supor, os professores liam a coluna e, não somente, professores situados fora da cidade de

²¹ Referência ao romance homônimo do escritor cearense José de Alencar.

Fortaleza, capital do Estado do Ceará, também eram leitores dessa seção jornalística, haja vista que a cidade de Maranguape não é a cidade de produção do jornal Gazeta de Notícias, ainda que se situe geograficamente próximo da capital.

Após as múltiplas argumentações do Prof. Coelho Sampaio em sua coluna no tocante à Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, as cartas de adesão publicadas na Gazeta de Notícias e o envio de carta-circular aos Diretores de estabelecimentos de ensino da época, a fundação da ACEP foi concretizada em uma data que resguarda claros simbolismos: o Dia do Professor. Dois dias após o 15 de outubro, Coelho Sampaio fez circular, também no formato de carta, uma nota de fundação. Esta, publicada fora da seção Ensino e Educação, mas ainda no jornal Gazeta de Notícias:

A proposito da fundação, em nosso Estado, da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, nova entidade cultural de que participação todos os professores e que será um núcleo da A. B. E., no Ceará, recebemos a seguinte carta: <<Fortaleza, 16 de Outubro de 1947. I [ilegível]mo Sr. Redator-chefe da GAZETA DE NOTÍCIAS. Prezado amigo e sr. Tenho a grata satisfação de comunicar a V. S. que ontem, Dia do-Professor, foi considerado o dia da fundação da <<Associação Cearense de Estudos Pedagógicos>>, fato este comunicado por mim, como idealizador da fundação neste Estado; desta agremiação, ao Presidente do Sindicato dos Professores, Prof. Mozart Solon e aos digníssimos professores presentes ao almoço comemorativo da referida data, realizado no Restaurante <<Estoril>>. [...] Assim sendo, cumpre-me agradecer, através desta folha, a atitude elegante e patriótica dos nobres colegas que me deram todo o seu apoio para a consecução dessa iniciativa que, sem vínculo político, trabalhará pelo engrandecimento educacional do país. Grato pela publicação, subscrevo-me. PROF. A. COELHO SAMPAIO. (FUNDADA..., 1947, p. 6).

Em seguida, noticiou-se na Gazeta de Notícias, uma chamada²² para a primeira reunião do professorado que compunha a ACEP. Às 16h de um sábado, na faculdade de Direito, o Prof. Sampaio realizou um discurso inaugural versando sobre os objetivos da Associação, seguida de uma votação para eleição de diretoria provisória. Por ocasião do aniversário de fundação, Coelho Sampaio publicou em sua coluna uma retrospectiva do caminho percorrido entre a conclamação de professores, por meio da coluna Ensino e Educação e trechos que o mesmo considerou mais relevantes. Os fragmentos abaixo são referentes a excertos de cartas de adesão que a presente pesquisa não teve acesso, por questões de conservação dos documentos:

Quando a 7 de setembro do ano passado, iniciei, pelas colunas desta tradicional folha (que tem sido um baluarte na defesa dos interesses coletivos),

²² A notícia foi veiculada na quinta-feira e a reunião seria no sábado. (REUNE-SE..., 1947, p. 6).

a campanha em prol da fundação da ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, estava certo de que, no coração do cearense, não podia deixar de haver um lugar para uma iniciativa patriótica. E assim foi. Com a ideia lançada, aos quatro ventos, as adesões surgiram. [...] Depois, chegaram-me as sinceras palavras do Prof. Clodomir Girão: 'Hei lido, sempre com prazer, os artigos todos que você vem publicando na 'Gazeta de Notícias', a respeito de 'Ensino e Educação'... '...Aqui estou não apenas para bater-lhe calorosas palmas, pela sua feliz iniciativa, mas, também, e principalmente, para afirmar que estou a envidar as minhas forças todas no sentido de colaborar de maneira integral na fundação e manutenção da nossa Associação Cearense de Estudos Pedagógicos...' Daqui desta coluna, meus caros colegas, quero agradecer-vos, agora que temos o objetivo conseguido, aquelas palavras amigas, pois, com o vosso decidido apoio, dezenas de outros surgiram concretizando um ideal que hoje é nosso: a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. (SAMPAIO, 1947e, p. 3).

Além da escolha estratégica da data de início da campanha de fundação da ACEP suscitar argumentos cívicos, é importante observar que, na citação acima, torna-se acentuado que a coluna Ensino e Educação, em específico, e a Gazeta de Notícias, como veículo de difusão de informação, foram essenciais na viabilização desse projeto. Após exatos 2 anos da data de fundação da ACEP, noticiou-se na Gazeta uma chamada para reunião ordinária da referida agremiação, no Instituto Rui Barbosa, agora tida como "notável entidade cultural que congrega o professorado do Ceará." (NA ASSOCIAÇÃO..., 1948, p. 3). Esses apontamentos sugerem a hipótese de que a Associação perdurou por, no mínimo 2 anos e se configurou como um espaço de discussão dos assuntos pedagógicos que estavam na ordem do dia.

Posteriormente, Coelho Sampaio tentou criar uma outra associação: o Instituto de Pesquisas Econômicas. Diferentemente da ACEP, esse projeto não ultrapassou o primeiro passo: o convite à sociedade cearense para a criação de um local específico para se discutir problemas econômicos não obteve receptividade por parte de seu público leitor. Foram dois os artigos sobre essa temática na coluna Ensino e Educação. O primeiro deles se configura como um manifesto pela desconhecida ciência econômica à época²³, estimulando um esclarecimento da população acerca da profissão economista²⁴. No segundo desses artigos, Coelho Sampaio ao observar a criação de um Instituto de Pesquisas Econômicas pela Federação do Comércio do

²³Um dos indícios desse desconhecimento e de sua tentativa de projeção em outros espaços, é o que diz Sampaio: "Entretanto, como observador de fora, vejo, nos alicerces, da nova instituição, um grande defeito, felizmente facilmente sanável. E' que o Instituto de Pesquisas Economicas, pela sua finalidade intimamente ligada á Economia, não conta com um unico Economista na sua orientação. Sendo, o Economista; o profissional da Economia o mais dedicado aos estudos e pesquisas economicas, ninguém melhor do que ele poderia ser indicado naturalmente, para compor a direção de um instituto que se destina a tais estudos e pesquisas." (SAMPAIO, 1948j, p. 3).

²⁴No âmbito do início da coluna Ensino e Educação, no dia 11 de novembro de 1945, Sampaio publicou um texto intitulado Pesquisas Econômicas, no qual há um esforço do autor no sentido de tornar mais conhecida a área de estudos que se debruça sobre a Economia. (SAMPAIO, 1945a, p. 7).

Ceará, rememora: "veiu-me á mente a campanha que fiz, no ano passado; nesta secção, no sentido a que agora se propõe a realizar a importante associação [...]" (SAMPAIO, 1948j, p. 3).

O ano de 1945 foi um marco no contexto de efervescência política que o Brasil da década de 1940 experienciou, em função do término da ditadura do Estado Novo e dos novos ares de esperança trazidos pela redemocratização. Frente a isso, em dezembro de 1945, Coelho Sampaio utilizou uma vez mais a coluna Ensino e Educação como espaço de projeção para viabilizar projetos. Nesse caso específico, o espaço colunar em questão serviu para se pedir votos a um candidato a presidência após a saída de Vargas:

Faço, hoje, um parentesis nos meus artigos sobre 'Ensino e Educação', para falar no momento político nacional. [...] Precisamos eleger um candidato que venha assegurar a permanencia do Brasil no regime democratico. [...] Naturalmente que eu, simples universitario e dedicado aos problemas educacionais, como professor primário, não posso indicar ao povo cearense um candidato certo da vitoria - mesmo porque nunca fui politico. O meu candidato é o Major-Brigadeiro Eduardo Gomes. Admiro o Major Brigadeiro Eduardo Gomes, como um grande defensor dos direitos do povo contra a ditadura Vargas, quando este cassou os direitos de representação do povo e a liberdade de imprensa, implantando, no pais, um regime totalitario. Admirei também o General Eurico Gaspar Dutra, como o organizador da Força Expedicionaria Brasileira, que foi combater as hostes nazi-fascistas nos campos de batalha da Europa e como administrador de incontestavel capacidade organizativa. Mas que, infelizmente, deixando-se apoiar pelos integralistas, perdeu o voto dos brasileiros anti-fascistas. Mas, saindo das cogitações eletivas dos candidatos, desejo falar a respeito de um dos partidos, cujo programa me empolgou pela sua magnitude, com suas finalidades eminentemente a favor da classe mais desprotegida do pais, que é a agricola. Trata-se do Partido Agrario Nacional. [...] Eis porque recomendo aqueles que desejam a proteção aos desprotegidos agricultores brasileiros - classe que mais contribue para o progresso industrial da Nação - a leitura do programa do P.A.N. e o voto para os seus candidatos a deputação federal como unico meio para amparar os nossos camponeses e desenvolver a agricultura. Em 28/11/45. (SAMPAIO, 1945b, p. 7).

Antes mesmo da queda da ditadura do Estado Novo, em outubro de 1945, os debates que figuravam os jornais cearenses em meados dos anos 1940 versavam acentuadamente sobre os opostos vieses democráticos e imposições ditatoriais. Depois da queda de Getúlio Vargas, naquele momento, as discussões sobre a redemocratização e as incertezas do futuro pátrio tornaram-se pungentes. A efervescência política do período deixou rastros também na coluna Ensino e Educação. Para além dessas questões específicas do contexto histórico, sobressalta-se a estratégia de que citar nominalmente o seu candidato à presidência da República e indicar um partido político recém-criado, significava pedir voto dos seus leitores para esse candidato, Eduardo Gomes e essa organização política. Isto é, assim como nos projetos educacionais,

Coelho Sampaio utilizou seu espaço colunar também para empreender uma formação de opinião relacionada à política.

No ano seguinte, Coelho Sampaio utilizou a coluna Ensino e Educação para a exposição de outro projeto²⁵. Dessa vez, relacionado à área educacional:

Tendo falado em dois artigos anteriores a respeito de escolas rurais, deixando, porem, o assunto incompleto, desejo, hoje, bater na mesma tecla a-fim-de poder esplanar, melhor, o meu plano sobre a sua instalação da maneira mais prática. [...] Entretanto, inicialmente, como a vida campestre afigura-se-nosum problema complexo em relação á instalação de escolas com finalidade educativa, temos uma dualidade de planos de estudos a executar. (SAMPAIO, 1946b, p. 4).

O plano ao qual Coelho Sampaio se refere, é um projeto educacional destinado à realidade rural brasileira. Tratava-se de uma idealização do Ensino Rural, que, segundo a sua visão, fosse capaz de gerar assuntos e materiais didáticos próprios para os sertanejos²⁶ – trabalhadores rurais e filhos desses indivíduos – instigando os camponeses a terem apreço pelo seu local de nascença, freando o fluxo migratório para as cidades e incrementando o campo.

A dualidade de planos à qual se refere Coelho Sampaio na citação acima, é referente à proposição da separação de estabelecimentos de ensino direcionados para o filho do camponês e para o agricultor. A primeira, seria semelhante à capital, diferenciando-se sobretudo nos livros didáticos, que gerassem nas crianças amor à vida campesina, ao trabalho rural modernizado e ao progresso de sua localidade natal. A segunda, com conteúdos próprios da agricultura, visando sua modernização técnica. No limite, frente a um contexto de industrialização crescente no Brasil, a atenção do autor para o ensino se dá porque "faltam braços para a lavoura." (SAMPAIO, 1946b, p. 4). Isto é, antes de ser uma preocupação educacional, tem-se uma preocupação econômica de produção²⁷.

O trecho acima é também relevante por trazer à baila a noção de serialização que Coelho Sampaio buscava manter em suas colunas e pelo modo pelo qual o mesmo expõe seu plano educacional. O esquadrinhamento anunciado de um projeto de Educação, veiculado em um jornal de grande circulação, como a Gazeta de Notícias, é uma situação de poder.

Em junho de 1946 dois artigos sobre o Serviço de Previdência e Assistência Social (SAPS) figuraram na coluna Ensino e Educação e seu autor uma vez mais fez uma pausa nos

²⁵A página na qual está situada esse número da coluna Ensino e Educação apresenta-se rasgada, fato que impossibilita a leitura de aproximadamente metade do artigo.

²⁶ No artigo há a defesa da criação de livros didáticos próprios para o campo, para que a criança sertaneja não tivesse acesso às vantagens da cidade nesses materiais, o que poderia despertar seu interesse pelo ambiente citadino, estimulando emigrações.

²⁷ Assunto esmiuçado em meu trabalho dissertativo.

assuntos educacionais na sua seção jornalística²⁸: "Faço com satisfação, hoje um breve parentese nos artigos sobre O ensino da ortografia para falar a-respeito-de um vasto plano de assistencia social que tive oportunidade de conhecer de perto." (SAMPAIO, 1946c, p. 2). O SAPS foi criado por Getúlio Vargas em 1942 e se tratava de um programa nacional voltado para trabalhadores brasileiros, que também tinha sede na capital do Ceará. Ofertava refeições robustas ao valor de Cr\$2,00, fazia palestras orientando os proletários em relação às questões relacionadas à nutrição e também dispunha de uma biblioteca com livros, revistas e jornais variados. As refeições por baixo custo e a educação alimentar voltada para o preparo dos alimentos visavam a obtenção de um corpo sadio para o trabalho e o incentivo ao acesso aos livros como forma de prazer, objetivava estabelecer um mecanismo de controle sobre as horas livres do trabalhador, buscando afastá-los de vícios como o álcool e jogos, fatores esses que prejudicariam a qualidade do trabalho do proletariado. É interessante observar que dividindo a mesma página dessa coluna Ensino e Educação, havia uma publicidade de um bar da capital cearense.

A argumentação de Coelho Sampaio centrava-se no intento de "incentivar a cooperação entre patrão e empregado, necessaria ao progresso nacional." (SAMPAIO, 1946d, p. 2). Em suma, esse programa objetivava combater a improdutividade ou má produtividade do operário do campo e das cidades²⁹. Havia a concepção de que os trabalhadores estavam imersos em ignorância, sendo portadores de hábitos obsoletos e doentios. Quase como um antídoto, a assistência social e alimentar buscava instruí-los sobre qualidade alimentar, a fim de se obter um corpo sadio e disposto para o trabalho. Essas medidas eram compreendidas por Coelho Sampaio como expoentes de uma pretensa educação social, em sentido amplo, ou seja, como educação/moralização dos costumes.

Na capital do Ceará, esses projetos governamentais a nível nacional resultaram na criação de uma Escola de Nutrição Agnes June Leith³⁰. Desse modo, a coluna Ensino e

²⁸ Em relação às temáticas que não faziam parte diretamente do assunto educacional, assim como o mote político na coluna citada, nesse mesmo ano, Coelho Sampaio também utilizou sua seção jornalística para expressar opiniões e formulações econômicas, com estratégias que objetivavam frear a inflação presente no mundo após-guerra.

²⁹ "São os dirigentes operários em quem repousa toda a esperança da Nação para uma mais perfeita harmonia entre o capital e o trabalho". (SAMPAIO, 1946d, p. 2)

³⁰ A Escola de Nutrição Agnes June Leith foi dirigida em Fortaleza por Maria Odete André Gomes e foi fundada em 1944. Oferecia um Curso de Visitadoras de Alimentação, auxiliando o trabalho de assistencialismo do SAPS. "O Curso compreende 4 periodos trimestrais. No 1º periodo, as alunas aprendem noções de avicultura, fruticultura, horticultura, industrias rurais; no 2º periodo: instrução dietética, economia domestica, arte culinaria, arte de servir, etc; no 3º periodo: puericultura, cuidado com as crianças, etc; e no 4º periodo: assistencia social, serviço de visitação alimentar, etc. As nutricionistas preparadas nessa Escola vão, depois de designadas pelo Governo para determinada zona do pais, por meio de constantes visitas nas casas dos trabalhadores, camponeses e mesmo pessoas da classe media propagar seus conhecimentos sobre como melhorar o regime alimentar, dentro de um principioeconomico, e enquadrado nas possibilidades do assalariado; ensinando-lhes os meios mais praticos de se

Educação também teve esse papel de dar visibilidade às impressões de Coelho Sampaio acerca de projetos idealizados e realizados por outros indivíduos, em áreas que transcendiam a educação escolar.

Sobretudo nos últimos anos da década de 1940, Coelho Sampaio continuou a versar sobre a educação do trabalhador, por meio de outro uso da coluna Ensino e Educação: a realização e publicação de entrevistas sobre a questão educacional no Estado do Ceará e para além desse espaço geograficamente situado. O principal objetivo desse projeto era entrevistar indivíduos que ele considerasse como autoridades na área do ensino, tendo como ponto de culminância, no sentido de divulgação, a coluna Ensino e Educação. A primeira delas foi feita, uma vez mais, utilizando-se do recurso das missivas.

O entrevistado foi Uriel de Carvalho, adjetivado na coluna com o título de doutor, na condição de diretor vigente da Divisão de Educação Social do Serviço Social da Indústria (SESI), da cidade de São Paulo:

Em resposta, o nosso ensigne entrevistado escreveu nos, entre outras cousas, as seguintes palavras: Não há duvida alguma de que a educação das massas constitui, hoje, o problema de solução mais urgente para o Brasil. Só assim é que poderemos conseguir o levantamento físico, mental e moral do trabalhador brasileiro, de modo a torná-lo elemento de eficiencia completa na obra de aproveitamento de todas as nossas possibilidades de produção. [...] Somente assim poderemos conseguir melhor rendimento de trabalho, que, infelizmente, ainda é muito baixo em nosso pais. [...] Em seguida, acrescenta o Dr. Uriel de Carvalho, a sua opinião ainda muito autorizada sobre em que base deve estar assentada a assistencia ao trabalhador dizendo: [...] a educação constitui a pedra mestra de toda a realização pratica. Nem um só serviço é realizado sem os esclarecimentos educacionais necessarios. [...] Só uma educação ampla, realizada no sentido de dotar os individuos de maiores capacidades profissionais, dentro de sua especialização, poderá aproveitar, melhormente, o nosso homem, o nosso trabalhador. (SAMPALIO, 1948f, p. 2).

Por meio dessa coluna é possível notar uma clara aproximação entre o pensamento educacional de Coelho Sampaio e os ideais educacionais do entrevistado, representando o Serviço Social da Indústria (SESI). O autor das colunas Ensino e Educação salientou, ainda, ser um leitor assíduo das entrevistas do Diretor do SESI na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP). Nesse escrito, Sampaio explicita as suas afinidades conceituais em relação ao pensamento pedagógico do entrevistado, desvelando a informação de que ele mesmo

defenderem das doenças mais comuns que infestam todos os lares pobres, pela falta de higienização; dando-lhes as noções necessarias para o sustento da prole e devida proteção da criança desde a mais tenra infancia. Quando espirito abnegado não há nessas mocinhas que procuram levantar o nivelsocio-economico do trabalhador brasileiro!" (SAMPALIO, *loc cit*).

havia apresentado uma tese no VIII Congresso Nacional de Estudantes, na cidade do Rio de Janeiro, quando foi presidente da União Estadual dos Estudantes, movimento estudantil universitário representante da União Nacional dos Estudantes (UNE) no Ceará.

Essa tese de Coelho Sampaio versava sobre a educação do trabalhador, com a presença de acentuada crítica à falta de preparo profissional aos potenciais proletários, que deixariam de produzir por não ter acesso ao ensino de um ofício; incentivando o processo de industrialização brasileira, através do que seria, nos seus termos, um aproveitamento das massas. Sua proposta de solução para esse problema consistia na criação de escolas noturnas sustentadas ou auxiliadas pelo Estado, com foco na instrução técnico-profissional sobretudo da juventude.

É relevante observar que a coluna em questão fornece rastros substanciais para a compreensão do que seria a educação social propagada massivamente por Coelho Sampaio em sua coluna e da situação de poder envolta nessa fala autorizada a formular e apresentar uma tese educacional em âmbito nacional. Há a construção de uma relação de interdependência entre educar a sociedade e educar o trabalhador. Esse ideal de educação para o trabalho foi intensificado no pós-guerra e sustentado pela concepção do desenvolvimento industrial e da modernização do sistema capitalista. A Educação, nesse contexto, é repleta de signos que buscam domesticar o proletário, desde o controle da sua saúde (na condição de força motriz do rendimento de produção) ao domínio de seu lazer (evitando-se vícios que danificam a saúde e o vigor potencialmente empregados no labor).

Ainda em relação a esse projeto de se publicar entrevistas na coluna Ensino e Educação, houve um momento no qual Coelho Sampaio viajou para cidades do interior cearense e visitou bairros da capital, com o fito de explorar a opinião pública e averiguar realidades diversas sobre a temática educacional. Esse foi um dos momentos nos quais a seção de Coelho Sampaio abrigou farpas e elogios a personalidades da política cearense e nacional e/ou instâncias governamentais.

Coelho Sampaio não mencionou em sua coluna qualquer elemento que pudesse indicar vinculações institucionais ou de financiamento ao seu projeto de entrevistas, fazendo sugerir que o mesmo não fosse um intelectual comissionado para tal tarefa. De todo modo, desde o início do século XX, os professores utilizavam-se do recurso das viagens pedagógicas e partiam em busca de aprofundamento dos seus conhecimentos atrelados à Educação e, sobretudo, as compreendendo como forma de legitimação intelectual, de modo a agregar às suas falas maior autorização pelos seus pares e pela sociedade. Discursar sobre educação, meramente, difere-se da tônica de presenciá-la, testemunhá-la de perto em diferentes contextos

espaciais. Conforme afirma Amorim (2017), no campo pedagógico, a viagem também pode se constituir como uma missão, assim como também oportuniza a "aquisição de experiência e autoconstrução, [...] ela se revela como uma aventura intelectual, num movimento que se destina sempre a ultrapassar as fronteiras estabelecidas." (AMORIM, 2017, p. 188).

No trecho abaixo, o tom ácido que se sobressai em sua colaboração à Gazeta de Notícias faz-se presente já em seu título, denominado A Incapacidade da Secretaria de Educação Municipal:

Quero referir-me, desta vez, ao caso da instrução em Mucuripe. Aqui, há centenas de crianças que não frequentam a escola, por falta de uma organização escolar suficiente. [...] E não será com a publicação da frequência média das escolas, que se demonstrará progresso em educação! [...] O que acontece em Mucuripe (e talvez em outros bairros) é apenas uma demonstração da incapacidade do Técnico que dirige a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (considerando-se que não há exiguidade de verbas na municipalidade), cuja finalidade o D. D. Prefeito –Dr. Acrísio Moreira da Rocha – gostaria de ver completa em toda a sua plenitude, pois outra não foi a sua esclarecida intenção ao reorganizar a Prefeitura em Secretarias para com a distribuição do trabalho, conseguir consequentemente, maior rendimento. O D.D. Prefeito estava muito certo quando disse que 'as escolas devem procurar as alunas no bairro pobre, distante e esquecido', mas, está enganado quanto ao atual sucesso da sua Secretaria de Educação, demonstrando, apenas, pelo aumento das unidades escolares. (SAMPAIO, 1949a, p. 3).

O Mucuripe integra o rol dos bairros do município de Fortaleza, capital cearense, sendo composto por conjuntos habitacionais periféricos. Por ter o mar nos seus contornos, há presença acentuada de comunidades pesqueiras do tipo vilas. Ao pesquisarem a trajetória educacional de Aída Balaio, educadora negra atuante nesta localidade em momento coetâneo à viagem pedagógica de Coelho Sampaio para realizar entrevistas sobre a situação do ensino na referida localidade, os autores Fialho, Lima e Queiroz (2019) permitem entrever que o Mucuripe era habitado pelas famílias dos pescadores, descendentes indígenas da tribo Mocós, além de mulheres prostitutas, que optavam por residir no bairro em função do acesso mais facilitado a marinheiros e turistas, advindos do Porto de Fortaleza. Conforme o referido estudo, a partir da experiência educacional de Aída Balaio, pode-se concluir que o público estudantil da região era variado, à medida com que essa educadora lecionou para os filhos dos pescadores e prostitutas, assim como para alunos que objetivavam seguir a carreira militar e para os adultos que desejavam se preparar para concursos. Em geral, o bairro Mucuripe era habitado por estudantes pobres, à margem da sociedade, dotados de poucos recursos financeiros e que enfrentavam árduas precariedades de diversas ordens, inclusive educacionais.

Esse projeto de Coelho Sampaio, então, buscava imergir no periférico. Essa preocupação com crianças que não ocupavam bancos escolares, filhos da classe proletária, podia dizer respeito a um receio de que essas mesmas crianças pobres desaguassem na delinquência infantil e, posteriormente, juvenil, assim consideradas por não terem sido educadas sob a égide do trabalho. Em suma, essas crianças sem acesso à escolarização naquele momento, não contribuiriam para o progresso pátrio no futuro³¹. Torna-se relevante destacar, ainda, que o conceito de delinquência também é histórico. No período em foco, ser considerado delinquente não estava atrelado apenas à prática de crimes. Pessoas pobres, desvalidas, que ocupavam as ruas, não escolarizadas, não empregadas, entre outros fatores moralizantes, eram sumariamente encaixadas nesta categoria.

Fosse em nível municipal ou estadual, o autor das colunas parecia buscar rastros de insatisfações possíveis relacionadas à Secretaria de Educação em regiões periféricas para publicar na coluna Ensino e Educação e obter maior legitimação da sua argumentação pessoal. Sua crítica incide, mais especificamente, ao secretário responsável pela pasta educacional na Prefeitura, Hugo Catunda³², haja vista que suas críticas e adjetivos mais mordazes não incidiam sobre o prefeito. A este, os elogios são laudatórios.

Ao secretário, há na fala de Coelho Sampaio uma atribuição de culpa pelos seguintes elementos: má distribuição de verba destinada à educação entre os bairros da cidade, o que sugere uma concentração monetária em áreas nobres; falta de fiscalização no tocante à coordenação dos estabelecimentos de ensino; inadequação do seguimento das premissas de higiene escolar; desconsideração dos norteamientos vigentes de arquitetura escolar, desde a proporcionalidade irregular do espaço disponível para o "chão da escola", presença de iluminação parca, ruídos e poeira excessiva; exposição das trabalhadoras da educação a condições insalubres.

³¹Nascimento, Almeida e Machado (2020), discutem, no artigo intitulado "O ensino útil para os Menores Transviados: O caso de Pindobal na Paraíba do século XX", que essa realidade é tratada como uma necessidade de conter a vadiagem infantil nas ruas e aprimorar a educação das crianças pobres ao trabalho necessário ao desenvolvimento, com ideais calcados no civismo e no labor.

³² Não houve citação nominal a Hugo Catunda, mas foi possível obter a informação através do seguinte trecho de matéria elogiosa publicada na mesma página da coluna de Coelho Sampaio que criticava esse mesmo mote: "A todo esse trabalho de real significação e de indiscutível proveito para a alfabetização da nossa população infantil, antes tão abandonada pelo indiferentismo dos poderes públicos municipais, precedeu - como era lógico - a reforma completa dos serviços de administração escolar, levada a efeito sob a esclarecida supervisão técnica do atual titular da pasta da Educação, dr. Hugo Catunda que, de longa data, vem prestando sua cooperação valiosa á causa da instrução publica do Estado, de cujos problemas tem perfeito conhecimento. [...] Assumindo a Secretaria que lhe foi confiada, e que é hoje uma das mais bem organizadas da administração municipal, o dr. Hugo Catunda, por recomendação do Governador da Cidade, reorganizou totalmente a Secção de Educação subordinada á sua pasta. [...]".(O ENSINO..., 1949, p. 5).

Em suma, o autor das colunas Ensino e Educação evidencia que números (sejam eles referentes à média da frequência escolar ou a quantidade de prédios escolares na cidade) não são diretamente proporcionais a um bom rendimento escolar e a um índice de aprendizagem satisfatória. Na visão de Coelho Sampaio, o prefeito Acrísio Moreira da Rocha é representado com ares de inocência. Na coluna seguinte, reiterando a sua proposta de serializar os assuntos e projetos ali veiculados, Sampaio acentua a culpabilidade do Secretário de Educação, descortinando aspectos do cotidiano escolar Cearense:

Entretanto, a falta de organização de uma das suas secretarias – a de Educação Municipal – vem demonstrar que o seu plano ainda não foi cumprido. A escola do bairro Mucuripe rendera outro artigo na coluna, publicado posteriormente ao trecho supracitado. [...] Entretanto, o aproveitamento é que não existe, segundo me informaram varios pais ali residentes. E a culpa não é das professoras, porque o que poderá fazer uma professora com uma classe de mais de 40 crianças, de adiantamentos diversos, variando desde o da fase da alfabetização até o elementar do 3º grau? É o caso de se fazer esta pergunta: Por que o Tecnico que dirige a Secretaria de Educação Municipal, sabendo que ali há 3 professoras municipais, não seleciona os alunos em 3 classes, entregando-os, em horarios diferentes, sob a direção de cada uma? [...] Tudo parece estar em desacordo com os desejos do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, que entende ser necessario a escola vá ao encontro das populações 'pobres, distantes e esquecidas...', dos suburbios, quando se sabe que em Mucuripe há outros predios em melhor situação, quer quanto á localização, quer quanto á capacidade, e que, de outro modo, facil seria, á municipalidade, construir um edificio apropriado, atendendo-se para a fabulosa arrecadação que fez no corrente ano. (SAMPAIO, 1949b, p. 3).

A conclusão desse artigo é aguerrida: "Será que os pobres filhos dos pescadores nada merecem? Ou será que o atual Secretario de Educação de Prefeitura nunca visitou a Escola?" (SAMPAIO, 1949b, p. 3). As provocações e argumentações audazes de Coelho Sampaio conduzem ao tino de que a posição de crítica, em si, denota uma posição de superioridade. Em geral, críticas buscam comunicar que o autor da análise tem maior competência para aquela tarefa do que o alvo da apreciação negativa, visto que o primeiro passo do melhoramento é a identificação dos equívocos. Observe-se abaixo a forma com que Sampaio apresenta uma solução para o problema identificado:

A conclusao disto é muito facil pelo que expús, em artigo anterior, a-respeito-da escola municipal de Mucuripe. [...] O exemplo de Mucuripe é suficiente para por abaixo todas as afirmações de progresso, realizado pelo atual Secretario de Educação Municipal e muito menos para obscurecer as realizações do Dr. Valmique Sampaio de Albuquerque. Senão vejamos: se a Secretaria de Educação Municipal tinha intenção de levar avante o programa do Sr. Prefeito, instalando escolas nos suburbios, por que não aproveitou o

prédio que foi construído em Mucuripe, pela Cooperativa da Comissão Executiva de Pesca, o qual dispunha de ótimas salas, terreno para recreação, etc., etc., indo situar a mesma num cubículo causticante á margem da estrada? (SAMPAIO, 1949d, p. 3).

Apresentar essa solução como algo infalível e de simples aplicação é um elemento que colabora para a hipótese de que a coluna Ensino e Educação também funcionou para Coelho Sampaio como espaço para tentar projeções políticas indiretamente, pois suas críticas ao secretário em detrimento aos elogios direcionados ao prefeito parecem sugerir que o mesmo almejasse substituir o indivíduo em vigência no cargo. Essa aparente disputa em torno dos espaços de poder, como os ligados à gestão, também podia se configurar como uma forma de afirmação de ideias e projetos que almejavam ser implementados, favorecendo a permanência de rastros das suas realizações.

Na sua argumentação crítica a partir da explicitação das noções de higiene escolar, Coelho Sampaio utilizou diversas medidas arquitetônicas, para destacar que o correto seria a disponibilidade de 5m³ para cada aluno; denotando a busca de se evidenciar a qualificação de sua opinião. No trecho abaixo, acentuam-se as farpas:

De acordo com o que se lê na ultima pagina do 'DIARIO DO POVO', de 9 do corrente, em materia paga (naturalmente pelo Tecnico que dirige a Secretaria de Educação Municipal): 'Enquanto o Estado retirava escolas dos bairros a Prefeitura ia a eles, e criava estabelecimentos de ensino nos centros residenciais das classes desfavorecidas como mandava a boa lógica administrativa ou o simples bom senso, que não encontrou guarida na Secretaria de Educação e Saúde'. [...] Como jornalista, que me dedico a observar o problema ensino e educação, há mais de 5 anos, nesta secção, de Fortaleza, desminto que tal haja acontecido. (SAMPAIO, 1949c, p. 5).

O trecho acima é deveras elucidativo por, sobretudo, dois aspectos. Inicialmente, por permitir entrever que a coluna Ensino e Educação serviu como um espaço de farpas direcionadas a ocupantes de cargos significativos, como o de Secretário de Educação e Saúde do município. E segundo porque Sampaio buscou legitimar sua acusação de falseamento de informações, através da utilização dos termos matéria paga, utilizando como argumento de autoridade a atuação jornalística contínua na imprensa, em seção especializada em assuntos educacionais, por vários anos. A situação acima clarifica a hipótese de que, para Coelho Sampaio, sua seção jornalística poderia significar, para além de um lugar de projeção social, também a constituição de uma fala autorizada. Nesse caso, houve a utilização do fator de periodicidade prolongada da coluna como um fator de reforço na empreitada de legitimação das suas acusações e opiniões.

As querelas entre Coelho Sampaio e a Secretaria de Educação, sobretudo na pessoa do secretário responsável pela pasta desembocaram em uma luta simbólica pelo *status* de verdade:

Uma das cousas que, sempre, determinaram a administração do povo, desse povo que sabe julgar os seus administradores, é a expressão da verdade. Nada de subterfugios. Nada de palavras ocas, sem fundamento. E, por essa razão, quero, no presente artigo, demonstrar o que, de real, tem feito, no Ceará, a Secretaria da Educação e Saude, conforme afirmei em artigo anterior, demonstrando, fatos irrefutáveis, o que escrevi. A verdade é que a S. E. S. não retirou as escolas dos subúrbios, como procuram fazer crer os inimigos gratuitos do Dr. Valmiquie Sampaio de Albuquerque. (SAMPAIO, 1949e, p. 3).

As disputas discursivas pelo elemento da veracidade são notáveis no trecho acima, ao passo em que Coelho Sampaio afirma que dará/ofertará/demonstrará, simplesmente, a verdade aos seus leitores. Trata-se da tentativa de se erigir uma verdade irrefutável e legitimada na opinião pública através da imprensa. A sua argumentação, nesse momento, foi a favor da Secretaria de Educação, na pessoa de Valmiquie Albuquerque, salientando que a mesma apenas reuniu as escolas, e não as retirou das zonas periféricas. Advoga, ainda, a utilização honesta da verba educacional por esse órgão: "Como é, então que se pode afirmar quê a S. E. S. 'está gastando rios de dinheiro'?" (SAMPAIO, 1949e, p. 3).

A questão do seu direcionamento de críticas ferrenhas à pessoa do Secretário de Educação e Saúde, e não ao Prefeito de Fortaleza à época; pode também ser nuançada a partir do seguinte indício:

[...] não só deu todo o seu apoio, como terminou subvencionando a própria entidade (U.E.E.) com cr\$7000,00 anuais, o que muito ajudou a associação, até então sem qualquer renda. Sou testemunha também de inúmeros atos do seu Governo, aquela época, concedendo subvenções a escolas de vários subúrbios de Fortaleza, inclusive á de Porangabussú, onde residia, a cuja festa inaugural compareceu pessoalmente, dando um exemplo digno de ser imitado. (SAMPAIO, 1949d, p. 3).

Desse modo, a figura do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha não era abstrata para Coelho Sampaio. Ambos vivenciaram conexões atinentes ao período no qual Coelho Sampaio foi presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), liderando a representação estudantil universitária cearense. Houve uma espécie de patrocínio anual a essa entidade. Além disso, o prefeito também realizou bem feitorias no bairro periférico em que Sampaio residia e tinha um pequeno instituto escolar: o Porangabussú. Aqui ressalta-se a construção discursiva em moldes

de testemunho para a opinião pública através da Gazeta de Notícias, fato que pressupõe uma fala credibilizada, crível em suas declarações.

Assim, a coluna Ensino e Educação serviu como um espaço para abrigar farpas e elogios:

Quando o desembargador Faustino de Albuquerque fazia a sua memorável campanha política pelo interior do Estado punha, sempre, em primeiro plano a educação, a instrução. As suas palavras ecoaram como uma aspiração coletiva de todos os rincões do Estado, já então a braços com o grave problema da falta de instrução. [...] Com os primeiros atos do novo governo todos voltados no sentido de beneficiar o povo no terreno da saúde e da instrução, desfizeram-se as dúvidas e o povo viu e acreditou na veracidade do que afirmara aquele homem público quando fazia sua plataforma. (SAMPAIO, 1948a, p. 2).

Conforme foi possível observar, apesar de Coelho Sampaio não ter exercido nenhum cargo político no período ao qual esta proposta de tese se debruça; muitas foram as suas articulações com o universo político de modo geral, desempenhando pronunciamentos sobre motes políticos, fossem eles elogiosos ou insultuosos. Na maioria dessas situações, seus julgamentos sobre diversas gestões centravam-se no elemento educacional. O elogio a uma determinada forma governar, no mais das vezes, dava-se em função da crença de que esse governo concedia prioridade às questões educacionais. Em outras ocasiões, suas declarações foram mais amplas, relativas às ações políticas em todos os setores sociais, econômicos e culturais da cidade.

Outro nicho de assuntos através do qual é possível rastrear elementos da construção da legitimidade e da "sociabilidade de microcosmos intelectuais [...]" (SIRINELLI, 2003, p. 249), do Prof. Coelho Sampaio, é a questão legislativa. Ainda que em menor frequência, o autor também se utilizou da coluna Ensino e Educação para fazer circular suas opiniões sobre algumas legislações do período e/ou seu desejo de mudanças nessa área:

O projeto apresentado no Senado, pelo inclito Senador OLAVO DE OLIVEIRA, dando isenção de taxas escolares, na matrícula e nos exames, para os filhos de famílias muito numerosas, é uma exceção a esta regra geral. Será aprovado? Ninguém sabe. A nomeação dos 'afilhados', ou a demissão dos da 'oposição' é, sempre, muito mais importante do que a instrução. E, embora gastem verbas vultuosas para a instituição de novos cargos, os auxílios às instituições que trabalham pela educação são esquecidos e arquivados. O citado Projeto assume mais importância porque, não apenas dispensa essas taxas nos colégios da União, mas também 'nos fiscalizados pela mesma'. Além disso, estende os benefícios do decreto às pessoas 'vivendo em companhia e às expensas dos pais ou de quem as tenha sob sua guarda, criando-as e educando-as à sua custa', desde que seja uma família que tenha responsabilidade da educação de oito pessoas solteiras, de qualquer idade. E não ficam aí os benefícios do Projeto que deve merecer a atenção de todos os

chefes de família. Diz ainda que deve ser dever do Governo fornecer 'não só livros escolares senão também transporte aos estudantes... que morarem em lugar diverso da sede do estabelecimento que tiveram de cursar'. O ilustre Senador cearense demonstra conhecer, tão de perto, os problemas reais da família brasileira, que ainda acrescentou um dispositivo, no referido Projeto isentando de selos a petição e os documentos necessários aos pais que deverão se dirigir aos diretores dos estabelecimentos de ensino, requerendo os favores do decreto. Penso que a aprovação, pelo Senado, de um Projeto de tal significação, deve ser a preocupação de todos os pais de famílias e estudantes, que ora enfrentam o problema da continuação do estudo como uma coisa irrealizável. Seria, portanto, uma medida de elevada compreensão e solidariedade que todos - os pais, professores e estudantes - enviassem mensagens de apelo aos componentes do Senado, ressaltando-lhes a urgente necessidade da decretação dessa medida em defesa da educação da juventude - condição indispensável para a preparação dos alicerces básicos de nossa independência econômica. (SAMPAIO, 1949f, p. 2).

A partir de uma perspectiva elogiosa e enaltecedora, Coelho Sampaio utilizou o seu espaço colunar na imprensa para dar visibilidade a um projeto de lei que visava estabelecer medidas democráticas ao Ensino, no tocante à isenção de suas taxas para famílias de baixa renda, fornecimento de material didático e transporte escolar pelo Governo, também a essas pessoas com vulnerabilidade financeira. Além de descortinar as agruras da vida estudantil no Ceará dos anos 1940, pois, desempenhando a leitura pela negativa, pode-se visualizar os múltiplos fatores que podiam impedir um indivíduo em idade escolar de acessar o ensino, o trecho acima é significativo em função do nítido desejo de seu autor por incitar a fiscalização popular à aprovação desse projeto de lei no Senado. Há, inclusive um conclave direcionado diretamente a pais, professores e estudantes para que estes pressionassem, em certa medida, a aprovação dessa proposição legislativa, através do envio de mensagens no formato de apelo. A tônica desses apelos seria o argumento de que agir em prol da educação da juventude significava colaborar diretamente para o progresso econômico do Estado.

Outra ocasião na qual Coelho Sampaio utilizou a coluna Ensino e Educação para versar sobre algum elemento do universo legislativo foi acerca de um ato judicial:

Centros de perversão moral, tal como bares, bilhares, mesas de jogo, deviam desaparecer das sociedades ou, dentro de certa impossibilidade, serem totalmente proibidas para menores de 18 anos. O recente ato do Juiz de Menores de Fortaleza, determinando proibição nessas casas de diversão, á entrada de menores, foi um ato que realçou a supervisão do magistrado nesses assuntos. Embora não tenha o prazer de privar de sua amizade, e nem mesmo de o conhecer em pessoa, daqui desta coluna semanal lanço, ao integro magistrado do Juizado de Menores de Fortaleza, os meus sinceros aplausos por essa medida que vem salvaguardar o futuro da mocidade alencarina, evitando em tempo a perda de muitos cidadãos úteis á Pátria, porque não

foram suficientemente orientados quando jovens, para o caminho do Bem e do Dever. (SAMPAIO, 1949i, p. 3).

No trecho acima Sampaio clarifica aspectos da sua noção de imoralidade: locais nos quais se oportunizava o acesso ao álcool, ao jogo e, possivelmente, à prostituição. Postos, surpreendentemente, como casas de diversão, todos esses elementos estavam ligados à incitação ao vício, que prejudicaria o rendimento laboral dos frequentadores desses espaços. Nesse período, o valor do indivíduo residia no seu potencial produtivo ao progresso do país, questão bastante incitada pelo Governo Varguista.

Há a possibilidade de que a expressão casas de diversão fosse utilizada popularmente nesse período para se referir a bares e ambientes de jogo. Nesse caso, o uso dos termos "centros de perversão" poderia, ainda, ser um trocadilho de Coelho Sampaio. Desse modo, elogiar um ato judicial e sugerir a construção de laços afetivos a partir daquele suporte impresso, é mais um indicativo da importância da coluna Ensino e Educação como estratégia para a construção de uma visibilidade social para o autor.

A coluna Ensino e Educação também foi utilizada por Coelho Sampaio para impulsionar campanhas já existentes que envolviam a questão da leitura. A acentuação desses propósitos restritivos à juventude, sendo entendidos como um projeto de educação social, deu-se também a partir da delineação do que seriam as boas e más leituras em sua visão. Dentro de pretensas moralizações dos costumes, sobretudo os populares, o mote da leitura foi debatido nessa seção jornalística de forma mais acentuada principalmente no final da década de 1940:

De todas essas influencias; leitura, imitação, meio ambiente – pode a educação utilizar-se no sentido de orientar o menino para um fim utilitário, ineficiente ou perigoso. Daí a importancia na escolha da leitura, do cuidado nos hábitos e sistema de nosso 'modus-vivendi', ao convívio com as crianças. Está mesmo suficientemente provado que muitos dos delinquentes infantis, tiveram a sua inclinação despertada na má leitura. É, portanto, muito acentuada a orientação que pode ser dada á infancia, por meio da leitura. (SAMPAIO, 1950a, p. 3).

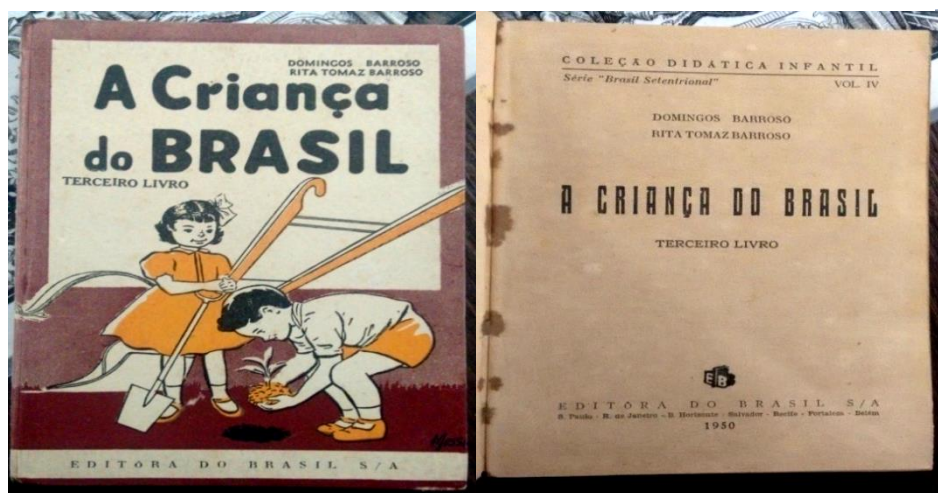
Para Coelho Sampaio, a leitura se constituía como uma das principais formas de se influenciar um indivíduo, fosse essa influência considerada positiva ou negativa, a partir de um prisma moralizante. A seleção dos conteúdos a serem lidos se dava de maneira mais criteriosa em relação às crianças, porque partindo-se das premissas da psicologia infantil tinha-se a característica da imitação como condição norteadora dessa etapa do desenvolvimento humano. Entretanto, também se demonstrava uma preocupação com os jovens, acreditando que suas bases psíquicas ainda estariam em formação. Ou seja, o foco era direcionado à infância e à juventude, pois nessas fases ainda eram visualizadas possibilidades de metamorfose.

Acreditava-se que a bipartição das leituras a partir de um espectro maniqueísta, conduziria as novas gerações para o bem ou para o mal. O bem significava uma conduta moral patriótica e cívica; ao passo que o mal, no limite, denotava uma imergência na criminalidade e no desamor à Pátria. A questão da leitura transitava entre os conceitos de educação social e instrução escolar, pois segundo o autor, era função da escola selecionar conteúdos de leitura que seguissem a valorações moralizantes, ainda que também fosse considerado papel dos pais e/ou responsáveis o ato de vigiar e cercear as opções literárias dos filhos, delimitando aquilo que deveria e não deveria ser lido.

Acerca das publicações consideradas edificantes por Coelho Sampaio, é possível notar o culto à Pátria como ponto basilar de sua classificação. Uma das obras por ele indicada em sua coluna, foi uma coleção de livros de leitura para o Curso Primário, saídos pela Editora do Brasil S/A, cuja autoria é dos professores Domingos Barroso e Rita Tomaz Barroso. Tanto quanto fosse considerado acentuado o poder de despertar o patriotismo nas crianças do ensino primário através daquela obra, tanto quanto seriam positivas as avaliações desses livros. O próprio nome da editora se configura como um rastro relevante para tal constatação.

Observe-se a Figura 2³³:

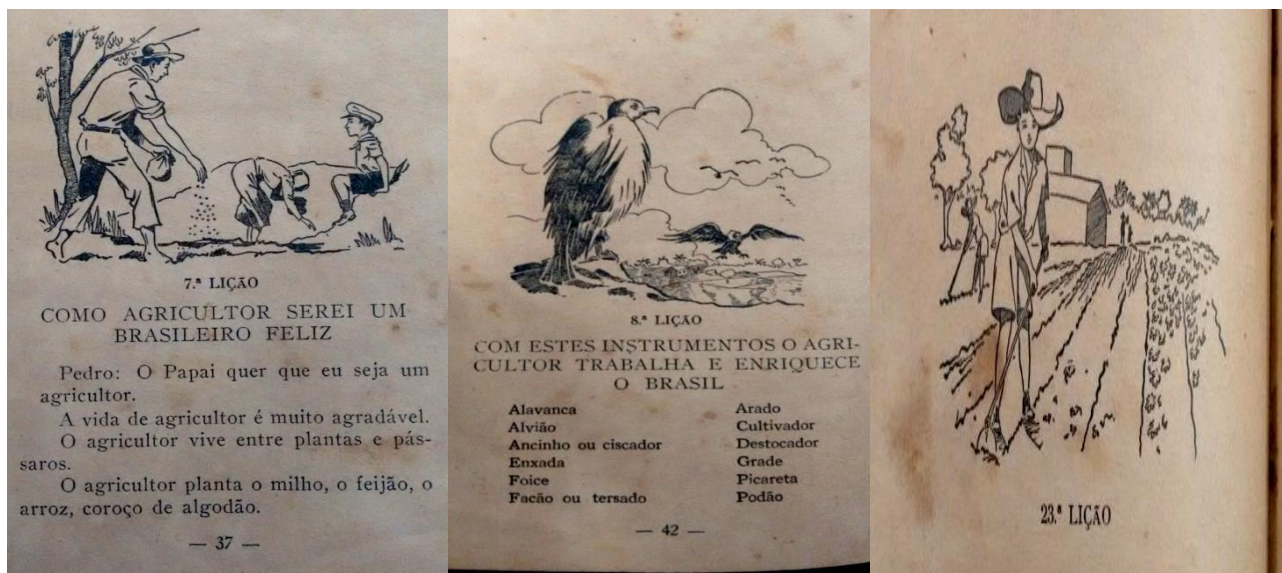
Figura 2 – Capa e folha de rosto do livro *A Criança do Brasil* - 1950



Fonte: fotografias produzidas pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura

³³ Esse livro, em específico, foi consultado no acervo Plebeu Gabinete de Leitura, criado e coordenado pela Pro.^a Adelaide Gonçalves, localizado no centro comercial de Fortaleza, no mesmo prédio que sedia a Associação Cearense de Imprensa.

Figura 3 – Páginas 37, 42 e 94 do livro A Criança do Brasil - 1950



Fonte: fotografias produzidas pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura

Na capa do livro de leitura *A Criança do Brasil*, indicado por Coelho Sampaio em sua coluna, notam-se duas crianças³⁴ com aspectos físicos condutores da inferência de que as mesmas estão idade escolar compatível com o Curso Primário. Do texto às ilustrações, é notável a intenção da obra de fazer figurar elementos da agricultura com centralidade. O livro é composto por 63 lições, de aproximadamente quatro páginas cada, nas quais é acentuada a abordagem de assuntos provenientes do campo e do plantio. Seus principais temas são: os principais produtos da economia brasileira, a professora e o aluno rural, instrumentos para o plantio, medidas de tempo e pesagem, obediência a posturas tidas como exemplo, animais não domésticos, religião, escola noturna, o agricultor, botânica, exaltação a elementos do campo, como animais e leite natural, etc.

Na figura 3, composta pelas páginas iniciais de três lições diferentes, observe-se os dois títulos: "Como agricultor serei um brasileiro feliz", "Com estes instrumentos o agricultor trabalha e enriquece o Brasil" e veja-se também a ilustração isolada ao fim da imagem. Os títulos destacados e a gravura em questão são elucidativos para se compreender os objetivos da coleção e também a aprovação seguida de indicação do Coelho Sampaio: despertar na criança

³⁴ Em relação aos gêneros das crianças presentes na capa do livro, destaca-se que a ação de protagonismo (plantar a muda no solo) é executada pelo menino. À menina, restou um papel de auxílio, apenas.

do campo o amor pelo seu local de nascimento, estimular o freio do êxodo rural e incitar o incremento técnico da agricultura campestre, avaliando como correlato a isso, o progresso da Pátria brasileira.

Esses ideais não são exclusividade de Sampaio. Ao inverso, essa linha de raciocínio conflui com o que afirma Pinheiro (2006): nesse contexto da primeira metade do século XX, debatia-se acerca de uma vocação rural do país, tema defendido pelas elites que influíram na Primeira República e, sobretudo, no mo(vi)mento pós-golpe de 1930. Os principais argumentos dessa vertente de pensamentos giravam em torno da fixação do camponês no ambiente rural, no combate ao analfabetismo e na construção de uma noção de nacionalidade que não construísse abismos entre campo e cidade. Desse modo, o desenvolvimento nacional mantinha relações intrínsecas com o fortalecimento da escolarização rural. Ainda sobre às suas opiniões sobre o livro *A Criança no Brasil*, Sampaio afirma:

Nada ali se estampa de maneira a encher o espírito infantil de crendices abstratas, nem de ambientes ricos de fantasias. Tão pouco se procura mostrar aos leitores mundos distantes e desconhecidos. Tudo ali é Brasil. Ali a criança sente, mais de perto, a realidade de sua vida, da vida de seus pais, conhecendo também os reais problemas que assoberbam a família, o sertão, o estado e a própria nacionalidade. (SAMPAIO, 1950a, p. 3).

Afora essa indicação atinente aos livros de leitura da Editora do Brasil S/A e também alguns livros de datilografia, havia um posicionamento muito mais massivo, por parte de Coelho Sampaio, em relação às publicações consideradas perniciosas. Estas, em sua opinião, deveriam ser diligentemente combatidas:

Aconselhando aos estudantes a leitura e o estudo de bons livros, fazemos também uma campanha contra a leitura perniciosa de revistas e livrescos, que pululam nas livrarias, por preços ao alcance de todos, mas que só teem contribuído para desajustar as personalidades sadias, pela perversão dos bons costumes; determinando o desvio da mocidade e até mesmo da infância, com a consequente fascinação pela prática de atos imorais e contrários à nossa tradição. (SAMPAIO, 1948h, p. 3).

Os livretos populares que circulavam com preço acessível, aos quais Coelho Sampaio se referia, eram os gibis. O ato de se incomodar com os conteúdos e a circularidade desse tipo de publicação, no meio pedagógico, não foi uma exclusividade do autor das colunas *Ensino e Educação*. Em meados da década de 1940 o Instituto de Pesquisas Pedagógicas (INEP) empreendeu densas investigações para se ponderar o valor educativo do que eles denominaram jornais e revistas infantis e juvenis, que eram sobretudo importações estrangeiras.

São inúmeras as publicações na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos que escrutinam a temática, que é posta pela Revista como pertencente ao interesse geral. Tratava-se de um assunto da ordem do dia. Um dos pontos de crítica de Coelho Sampaio, conforme pode-se observar no final do trecho acima, seria a presença de elementos advindos da tradição de outra Pátria que não a brasileira.

O autor citou inclusive nominalmente algumas dessas publicações que circulavam em bibliotecas (e provavelmente livrarias) cearenses à época, incitando a opinião pública na direção de medidas proibitivas em instância legislativa:

Trata-se da influencia da má leitura. E' uma medida e carater urgente que os legisladores devem prever, a-fim-de se salvaguardar a juventude da corrupção em que está mergulhando, lentamente pelos exemplos bebidos na leitura perniciosa e amoral de certas revistas, e até mesmo de jornais, que dão á publicidade cenas evidentemente indecorosas que atentam contra os nossos costumes. Que poderemos esperar de crianças influenciadas pelas cenas de banditismo estampadas em revistas como o 'Guri' e o 'Gibi', hoje em permanente exposição na Biblioteca Publica? (SAMPAIO, 1948b, p. 3).

Figura 4: Capas da revista O Guri - set./dez. - 1948



Fonte: Site Guia dos Quadrinhos.

Em artigo portador de título sintomático, qual seja Cruzada da Moralidade, Coelho Sampaio utilizou sua coluna para endossar outra campanha imbricada com a questão da leitura. Desta vez, tratava-se de um movimento do catolicismo:

Há dias passados, comentei nesta secção, a campanha, iniciada pela Igreja Catolica, contra a licenciosidade comum nos magazines atuais, cinemas livros e outros veiculos, que, cada dia, chegam ás mãos da infancia sem, contudo, receberem qualquer repressão, por parte dos pais. Hoje, peço permissão aos meus caros leitores, para transcrever um artigo do colega Geraldo Moreira, sob o titulo 'A CRUZADA DA MORALIDADE E OS FILHOS DE MARIA', publicado no jornal 'A CRUZ', que se edita no Rio e que é o seguinte. (SAMPAIO, 1949h, p. 5).

Para além do artigo de outrem, transcrito por Coelho Sampaio, chama atenção no excerto o parâmetro de serialização e de continuidade de assuntos abordados pelo autor em relação à sua seção jornalística, da mesma forma que se faz presente uma comunicação afetiva com seus leitores. O artigo transcrito por Sampaio trata, dentre outras coisas, do que Geraldo Moreira considerava uma literatura malsã a ser censurada e reprimida. A questão da leitura é posta por ele como uma problemática da alçada educacional.

2.2 Perpetuar a si mesmo: sinuosidades (auto)biográficas na trajetória intelectual de Coelho Sampaio

"O homem não se lembra do passado, ele o reconstrói sempre..." (FEBVRE, 1953 *apud* DOSSE, 2012, p. 6).

Nos escritos de Coelho Sampaio, a perspectiva autobiográfica fez-se presente de maneira contundente. Nas colunas Ensino e Educação, recorrentes vezes o autor utilizou sua própria trajetória de vida para legitimar opiniões e validar argumentos. Para além dos escritos datados na década de 1940, é possível ter acesso a rastros biográficos do autor através de outras publicações literárias de Sampaio, em pequenas seções de elementos biográficos contidos em prefácios e páginas introdutórias e também no livro intitulado *Nos Caminhos do Destino*, a autobiografia do autor.

Desse modo, o presente tópico tem por objetivo analisar aspectos (auto)biográficos de Coelho Sampaio, na condição de autor das colunas Ensino e Educação, situando elementos de sua trajetória e a forma com que o mesmo a utilizou em seus escritos. A principal fonte para se alcançar esse fito é a autobiografia de Coelho Sampaio; seguidas das vezes nas quais o autor

utilizou-se da escrita de si na seção jornalística em questão; as chamadas "páginas do autor" de alguns livros de literatura que Coelho Sampaio lançou em décadas subsequentes à de 1940, contendo breves informações biográficas sobre o mesmo.

Apesar da sua rotina volumosa de escrita desde os anos 1940, continuada com seus livros de literatura³⁵, a autobiografia de Coelho Sampaio é composta por pouco mais de 30 páginas e se assemelha ao formato de um livreto. Conforme pode ser observado na figura, na página seguinte; o livro possui capa neutra, com imagem apenas sugestiva de uma iluminação celeste e traz na sua contracapa uma foto do autor já idoso, aparentemente recente em relação à data de publicação do livro. Feita no seu ambiente de estudos e escrita, essa fotografia descortina, ainda, o gosto do autor pela escrita manuscrita. Nas publicações das décadas seguintes à década de 1940, era comum que o autor escolhesse ser fotografado em ação de escrita, conforme observa-se na figura 5.

Na edição pesquisada, na folha de rosto consta a seguinte dedicatória: "Para o acervo da Biblioteca Nacional. Vitória, 23/MAR/04. O autor: Coelho Sampaio". (SAMPAIO, 2004), seguida do carimbo da Fundação Biblioteca Nacional e seus números de referência para localização do acervo. Teve-se acesso à informação da existência dessa autobiografia através do site dessa instituição, com posterior consulta presencial do acervo localizado na cidade do Rio de Janeiro, assim como outros exemplares do mesmo autor.

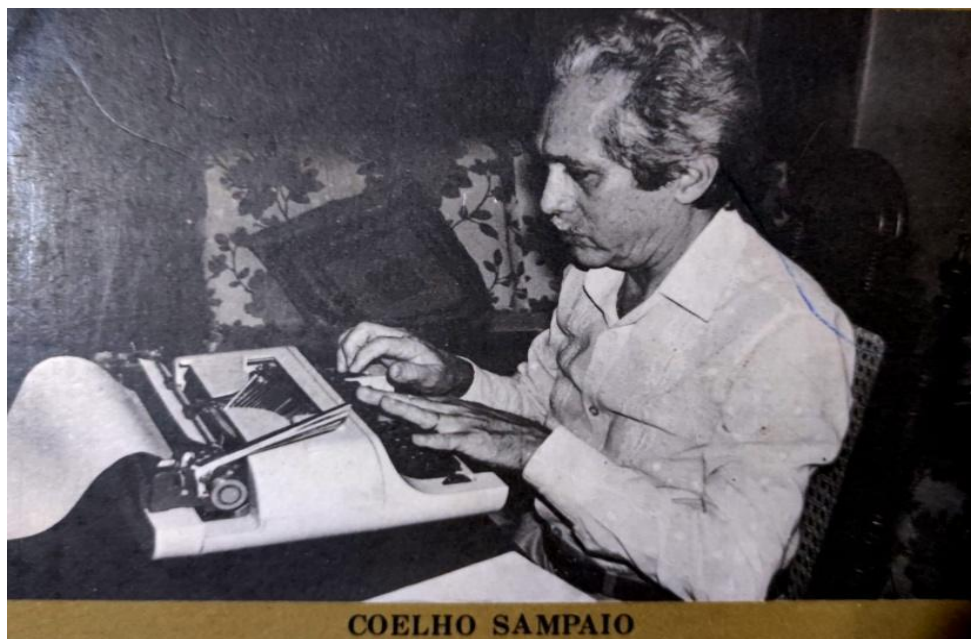
Figura 5 – Capa e contracapa da autobiografia de Coelho Sampaio - 2004



Fonte: fotografia produzida pela autora na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro

³⁵ Os livros de literatura da autoria de Coelho Sampaio possuem uma média de 200 a 400 páginas.

Figura 6 – Fotografia de Coelho Sampaio em sua máquina de datilografia - 1984



Fonte: fotografia de Gildo Loyola na contracapa de Adeus, Meu Cricaré - Sampaio (1984).

É relevante salientar o fato de que o livro *Nos Caminhos do Destino* está depositado no acervo da Biblioteca Nacional, ainda que se trate uma edição simples³⁶ e diminuta, pois denota um possível desejo de fazer circular seus escritos e de documentar materiais atrelados à sua vida e suas produções. Outro indicativo desse intento é o seguinte trecho na ficha técnica: "Direitos Autorais conforme a legislação vigente, na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - Brasil - Para Consulta de Obras Completas do Autor: site da B. N. www.bn.com.br." (SAMPAIO, 2004, grifo do autor). Sobretudo o uso do recurso de sublinhar esse informativo também indica certa preocupação com os interessados em sua obra.

Na página dedicada à ficha catalográfica, é possível ter acesso a algumas informações de produção e circulação da autobiografia: "Nota: o presente livrinho será distribuído, gratuitamente, em comemoração ao natalício do Autor que completa 84 anos de idade com 25 obras editadas" (SAMPAIO, 2004). A materialização do livreto com a resumida

³⁶ Algumas correções manuais à caneta e com tinta corretiva branca são observáveis no exemplar pesquisado, demonstrando os erros de edição de *Nos Caminhos do Destino*, que não contou com editoração profissional, à medida com que foi uma iniciativa própria do autor, de documentar sua própria vida para a posteridade. A dedicatória de *Nos Caminhos do Destino*, contudo, permite sugerir que o autor se auto-avaliasse como uma pessoa simples: "A presente obra é dedicada aos filhos e netos, como legado de uma pessoa simples, que levou a vida sempre preocupado com os próprios atos e o pensamento em DEUS, consciente de que 'ELE tem um plano para cada um de nós'." (SAMPAIO, 2004, p. 3).

autobiografia de Coelho Sampaio não foi publicado por editora. Sua distribuição própria aglutina-se à hipótese de que fazia parte das intenções do autor a circulação de seus escritos.

Apesar desses indicativos, alguns trechos do livro sugerem que, possivelmente, Coelho Sampaio se auto julgava uma figura desconhecida em sociedade, tendo a escrita como um *hobby* despretensioso:

É interessante destacar, para quem se interessa pela vida de um escritor desconhecido que essa atitude prazerosa passou a fazer parte da nossa vida, de tal modo que, em qualquer lugar, (nos lançamentos de livros) até mesmo em hotéis, 'country clubs', ou residências de amigos, escrevia... (SAMPAIO, 2004, p. 32).

Em seus escritos sobre si mesmo, na contramão do cuidado em documentar, arquivar e catalogar suas obras no cadastro abrangente da Fundação Biblioteca Nacional, o autor também desvela uma auto suposição de parca circularidade de seus escritos. Após circunstanciar a forma com que conheceu sua primeira esposa, a educadora Edla Sampaio, irmã de seu secretário escolar à época, no baile dançante em razão de um dos aniversários do Instituto São Raimundo, Sampaio afirma em sua autobiografia: "No decorrer do que há de se escrever, os que tiverem paciência de ler os meus rabiscos, conhecerão que influência de uma grande mulher pode ter na vida de um homem." (SAMPAIO, 2004, p. 19). Prestes a discorrer sobre a trajetória do casal, em âmbito familiar e profissional, clarificou os prognósticos de um diminuto público-leitor da sua autobiografia.

Outros pontos que se destacam no texto dizem respeito ao manejo dificultoso e extasiado das tecnologias em ascensão nos anos 2000 e a experiência de uma velhice solitária:

Estou escrevendo estas linhas, no ano de 2003, deslumbrado pelas inovações tecnológicas para quem nasceu em 1920... [...] Com estilo, reservado às personalidades carismáticas, acrescentaria com aqueles fatos da minha infância não esquecidos pelo tempo, mas, que me trazem os poucos momentos de inocente alegria, despertando-me, na rotina desta vida solitária, para a realidade, na difícil tarefa de adaptação de quem, em uma 'máquina do tempo', acorda 80 anos depois... (SAMPAIO, 2004, p. 4).

Como marcada característica da escrita de Coelho Sampaio, da folha de rosto à última página da autobiografia, constam trechos bíblicos e parábolas, que parecem ser utilizados para legitimar a ideia de destino já traçado previamente por um ser superior (já presente no título) e, ao mesmo tempo, parece ser uma tentativa de evangelização do leitor. No relato memorialístico de uma vida longa, "as lembranças aparecem como produtos de um testemunho ocular da história de seu tempo". (LACERDA, 2000, p. 84). Observe-se: "Um dos

meus professores dissera, certa vez: '-Façam da biblia um livro de cabeceira, para ler cada manhã.' Guardei este conselho, na intimidade de um menino pobre, como se fosse uma 'tábua de salvação'". (SAMPAIO, 2004, p. 14). O excerto lança luz sobre algo relevante: à época da idade escolar de Coelho Sampaio, as imbricações entre ensino e religiosidade eram estreitas.

Coelho Sampaio nasceu no dia 02 de março de 1920, na cidade de Sobral, interior do Ceará, cidade distante em aproximadamente 230km da capital, filho de Herculano Sampaio de Paula e Vitoriana Coelho Sampaio³⁷. O autor opta por principiar sua escrita de si de modo linear, a partir da narrativa de sua primeira recordação. Na introdução de *Nos Caminhos do Destino*, destaca-se um relato de experiência de uma criança inserida em um cotidiano modesto, mas feliz. Na infância, ressaltava-se o ambiente campestre, com plantações, canaviais, árvores com frutos, engenhos, travessias de rio no lombo do cavalo, casas de farinha. Como produtos finais, cita-se a famosa iguaria cearense (rapadura) e outros doces artesanais; a farinha e o cigarro de palha.

São memórias situadas por volta do fim dos anos de 1920, que parecem descortinar quase que um ambiente fabril, por suas múltiplas fabricações, entretanto sem luz elétrica e sem automações. Essa vivência campesina na infância parece ter subsidiado maior legitimidade às suas teses e ponderações sobre o Ensino Rural nos Ceará dos anos 1940.

Nas reminiscências referentes ao início dos anos 1930, constam as primeiras menções da trajetória escolar do Coelho Sampaio. Aos 11 anos, o término do Curso Primário em um renomado estabelecimento de ensino privado já na cidade de Fortaleza, o Colégio do Sagrado Coração de Jesus, trouxera também uma abrupta ruptura em seus estudos: "Certo dia, chamado por um dos irmãos maristas, [...] deixava a sala de aula para comparecer ao Gabinete do Diretor, onde tomaria conhecimento de que não poderia continuar estudando por 'falta de pagamento'..." (SAMPAIO, 2004, p. 8).

O trecho acima causa espanto por, naquela época, ser considerado razoável dar o comunicado de expulsão do estudante por inadimplência das mensalidades, ao próprio aluno, e não aos responsáveis. Esse, possivelmente, é um elemento que possibilita entrever a própria noção de infância em voga na época, sugerindo um processo de estímulo a um amadurecimento precoce. Esse desejo duplo de arquivar/documentar a própria vida e fazer essas narrativas sobre a sua trajetória circularem, possivelmente mantém relação com esse passado de intensas

³⁷ A cidade de nascimento do autor e o nome de seus pais, curiosamente, não constam em sua autobiografia, mas a informação está presente no livro *Missão Cumprida*, obra de ficção de Coelho Sampaio.

dificuldades financeiras que geraram lampejos de humilhação, como no episódio escolar mencionado.

A ausência dos pagamentos escolares rendeu a Coelho Sampaio três anos longe dos bancos escolares, entre o fim do Curso Primário e o Ensino Secundário. Esse segundo nível de estudos foi cursado, pelo autor, no Liceu do Ceará. O prestígio da referida instituição talvez tenha motivado a sua escrita em letras maiúsculas na seção Nota Sobre o Autor, na sua obra de ficção intitulada *Missão Cumprida*:

Fez o primário no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Irmãos Maristas) de onde, não podendo continuar, por dificuldades financeiras, saiu já na 1a. série ginasial para o LICEU DO CEARÁ. Ali concluiu o Curso Secundário, em 1941. Para custear seus estudos, ingressou, como aprendiz de linotipista, na Imprensa Oficial, e, dali, para as oficinas do 'UNITÁRIO'. No 'Colégio Dom Bosco' da rua Barão do Rio Branco iniciou sua carreira como Professor Primário, terminando por abandonar as lides gráficas para se dedicar inteiramente à ingrata profissão. Fundou, em Porangabuçu um colégio (Instituto São Raimundo) que dirigiu mais de 10 anos. Lecionou em vários Educandários de Fortaleza, entre os quais o 'Ginásio 7 de setembro' de propriedade do saudoso Prof. Edílson Brasil Soárez. Concluiu seu Curso Superior na antiga Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, em 1945, ocasião em que foi eleito pelos universitários Presidente da União Estadual dos Estudantes, com intensa atuação no campo jornalístico, principalmente nas colunas da 'Gazeta de Notícias'. Pela sua atuação na vida comunitária, foi homenageado pelo Ceará Rádio Clube, em 1948, no Programa 'Honra ao Mérito', recebendo uma Medalha de Ouro ao lado de personalidades ilustres como Eleazar de Carvalho, João Calmon e outros." (SAMPAIO, 1981, p. 1).

Diferente do modo com que expôs resumidamente sua história de vida nas páginas iniciais da sua obra de ficção *Missão Cumprida*, em *Nos Caminhos do Destino* o autor revelou mais detalhes de suas agruras em busca de sustento. Antes do seu ofício técnico nas redações dos principais jornais da capital cearense, houve percursos de outras ordens. Em sua autobiografia, Sampaio afirma que aguardou o alcance da idade permitida pela lei da época para ingressar em um primeiro emprego. Aos 14 anos de idade, iniciou sua carreira de trabalho marcada por percalços. A primeira oportunidade de trabalho foi vender gravatas em um armarinho, na principal praça da cidade de Fortaleza: a Praça do Ferreira. Atualmente essa profissão assemelha-se a de um "camelô". A desistência não tardou, ao perceber que tal labor lhe gerava constrangimento ante aos colegas de escola³⁸.

³⁸Em outra ocasião, uma oportunidade de emprego insólita, qual seja a de fabricar gelo em uma sorveteria, também conduziu Sampaio à desistência, pela possibilidade de o mesmo desempenhar substituições ao empregado que servia sorvetes no domingo, gerando problemas similares às situações do emprego anterior. "Pode imaginar o(a) caro(a) leitor(a) a minha angústia". (SAMPAIO, 2004, p. 10).

O segundo emprego de Coelho Sampaio, em uma tipografia, fornece indícios para compreender de que forma o autor teve suas primeiras aproximações com os meandros da palavra impressa:

Na época, muito simples, não existia ainda, as linotipos. As palavras eram compostas formando-se 'linhas'. E estas, juntas a outras, formavam uma composição... O meu trabalho consistia em manter aqueles tipos bem limpos, após terem sido usados, que obtinha com o uso do querosene e uma bacia... Certo dia, faltou querosene. Eu teria que sair - lata na cabeça - procurar o líquido... Mais uma vez, deixaria o emprego pelos mesmos motivos que me levaram a deixar o primeiro... (SAMPAIO, 2004, p. 10).

O relato memorialístico acima, para além das informações acerca das especificidades e condições de produção da fonte impressa³⁹, demarca o início das aproximações de Coelho Sampaio com o ambiente tipográfico. Seu ingresso no universo da palavra impressa deu-se limpando o maquinário. Em outra oportunidade⁴⁰, o autor chegou a ocupar uma vaga de aprendiz nas oficinas da Imprensa Oficial, após entrevista de emprego com o chefe da mesma. Inicialmente tratava-se de uma vaga transitória, de apenas três meses, em função da licença de saúde de outro funcionário. Ao fim do prazo, ao invés da demissão anunciada, viera uma promoção. Sua experiência na Imprensa Oficial durou 5 anos, até o último ano da década de 1940, sendo essa uma remuneração cedida em 50% para sua família, de parcas condições financeiras⁴¹.

Em função dessas primeiras experiências tipográficas e dos conhecimentos do autor em desenho e língua inglesa, Sampaio iniciou o trabalho de interpretar os catálogos das linotipos norte-americanos. Fato esse que o habilitou para desempenhar pequenos consertos, tornando-se, nas horas livres, um técnico de montagem e reparo desse maquinário, que à época era sofisticado e caro. Por conta dessas habilidades raras na cidade, Coelho Sampaio recebeu um convite para sair da Imprensa Oficial e tornar-se responsável por cinco linotipos dos Diários

³⁹ "O meu trabalho, nas oficinas da Imprensa Oficial, consistia em quase um aprendizado: a principio, limitava-se a limpar os linotipos, e ligar, diariamente, às 6:00h da manhã, um dispositivo que tornaria liquefeito o material a ser utilizado (um composto de chumbo e antimônio) na fabricação dos tipos estes já saíam no formato de "colunas", como deveriam ser para a paginação do Diário Oficial. Importante: após a impressão do Diário Oficial todo aquele material, já utilizado, era derretido, voltando ao seu estado anterior, em condições de reutilização pela composição." (SAMPAIO, 2004, p. 11).

⁴⁰ Sampaio (2004) relata que recebeu uma visita inesperada, que trazia consigo essa oportunidade de trabalho. À época, o autor residia na rua Solon Pinheiro, próximo à praça do Sagrado Coração de Jesus, um lugar deveras central na cidade. Residir nesse circuito cultural pode ter colaborado para o surgimento desse tipo de oportunidade.

⁴¹ "Meu pai, saudoso pai, mal podia manter as pessoas com o que recebia de um modesto emprego de servidor do Estado. Isto levava minha mãezinha a trabalhar noites seguidas, costurando (e usava uma daquelas máquinas movidas com os pés), não se conhecia, na época, o que temos, hoje, com a eletricidade... Fazia o que podia para ajudar no orçamento doméstico. Contando com minha colaboração: a metade do que recebíamos da Imprensa Oficial." (SAMPAIO, 2004, p. 13).

Associados, que tinham uma demanda maior, com dois jornais diários, sendo um deles matutino e outro dele vespertino. A remuneração dessa nova oferta multiplicava em 10 vezes ou mais o valor do salário anterior, dentre outras vantagens:

E, tudo começou quando, certo dia, nas oficinas da Imprensa Oficial, uma das linotipos parava de funcionar, e aquele rapazinho, vestido de um macacão azul de mescla, escondido atrás das máquinas com um livro na mão, simplesmente se levantou dizendo: 'Eu consigo colocar a máquina para funcionar. O espanto foi geral, principalmente no rosto do Gerente das Oficinas, que me chamou: 'É verdade? Vamos ver!'. E assim foi: desmontando as partes onde estava o defeito, com a remontagem, a bela máquina voltava a funcionar! ... [...] O fato é que tudo se resolveu assim: foi dispensado o mecânico, que vinha do Rio de Janeiro, especialmente para fazer a manutenção das máquinas. (SAMPAIO, 2004, p. 15, grifo do autor).

Desse modo, as primeiras participações de Coelho Sampaio na imprensa foram em seus "bastidores". Possuir a habilidade de desempenhar manutenções em máquinas como linotipos, à época, significava uma projeção significativa nesse circuito cultural, porque os chefes e gerentes das oficinas poderiam economizar verbas destinadas à mão-de-obra especializada vinda do Sudeste, que envolvia trâmites como pagamento do serviço, gastos com locomoção, hospedagem, etc. Sampaio também atribui a essas experiências um processo de perda de timidez e desenvolvimento de autoconfiança, considerando essas qualidades "a mola propulsora de todo o meu futuro." (SAMPAIO, 2004, p. 15).

Há de se destacar, ainda, o que alerta Sirinelli (2003), acerca das redes de sociabilidade que surgem em volta de ambientes intelectuais vinculados ao universo do impresso:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um 'pequeno mundo estreito', onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo 'redes' para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece. (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Apesar de não citar propriamente o exemplo das redes de sociabilidade que se erigem em volta de redações jornalísticas, é possível compreender que o referido "pequeno mundo estreito" ao qual o autor se refere, também pertence a esse contexto. Esse aspecto rastreável na autobiografia de Sampaio, acerca das suas aproximações iniciais com o ambiente de labor das redações dos principais jornais da cidade de Fortaleza à época, por intermédio das suas habilidades técnicas, talvez tenha sido o pontapé inicial para a formação desses vínculos

intelectuais. Contudo, não é possível afirmar de maneira categórica que o seu meio de acesso ao espaço da coluna Ensino e Educação tenha se processado em função desse momento técnico das linotipos.

A partir dessas reminiscências relativas aos seus primeiros empregos, há um salto temporal em *Nos Caminhos do Destino*, seguindo para uma abordagem de memórias situadas temporalmente no ano de 1945. Esse período coincide com o segundo ano de circulação da coluna Ensino e Educação. Na contramão das expectativas que o acesso a essa tipologia documental gerou, não há, entretanto, uma menção específica a essa seção jornalística redigida por Coelho Sampaio na imprensa cearense nos anos 1940. Consta, apenas, que nesse ano foram publicados artigos do autor nos principais jornais da cidade. No tocante às obras de Sampaio posteriores ao período em análise nesta tese, o comentário mais próximo acerca da coluna Ensino e Educação está localizado no resumo biográfico contido em seu livro literário *Missão Cumprida*:

Concluiu seu Curso Superior na antiga Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, em 1945, ocasião em que foi eleito pelos universitários Presidente da União Estadual dos Estudantes, com intensa atuação no campo jornalístico, principalmente nas colunas da 'Gazeta de Notícias'... (SAMPAIO, 1981, p. 1).

Esse jogo de luz e sombras é significativo na medida em que, na escrita de si, são selecionadas experiências aquilatadas pelo indivíduo como dignas de eternizar a vida. Desse modo, parece verossímil a hipótese de que esse debate educacional na imprensa do Ceará dos anos 1940 talvez tenha perdido seu *status* no conjunto de lembranças, em detrimento a outros aspectos da sua história de vida.

Na autobiografia *Nos Caminhos do Destino*, o grande objeto de destaque em relação às experiências vivenciadas em meados dos anos 1940, foi a sua conclusão no curso superior de Ciências Econômicas. No contexto da referida década, para além dessa argumentação de Sampaio sobre si mesmo, com base nas fontes jornalísticas consultadas, pode-se afirmar que o ano de 1945 foi o momento de maior destaque de Coelho Sampaio como figura pública na cidade de Fortaleza. Isso se deu principalmente por conta da sua eleição para o cargo de presidente na União Estadual dos Estudantes (UEE) do Ceará, representando o Estado na União Nacional dos Estudantes (UNE).

Em *Nos Caminhos do Destino*, ainda rememorando sobre meados dos anos 1940, Sampaio afirmou:

Foi uma fase difícil da minha vida: pela primeira vez, os Centros Universitários de todos os Institutos de Ensino Superior puderam enfrentar a tradicional Faculdade de Direito⁴², na acirrada campanha, com a retirada, até com manifestação pública, pela imprensa escrita de vários centros Acadêmicos a favor da minha candidatura, garantindo a vitória... (SAMPAIO, 2004, p. 17).

Conforme Ramalho (2002), a primeira diretoria da União Estadual dos Estudantes do Ceará foi eleita em dezembro de 1942, ou seja, nesse momento em que Sampaio tornou-se Presidente da UEE, em 1946, essa vertente do movimento estudantil cearense era recente. O dia 13 de dezembro de 1942 é considerado como data de fundação da entidade, em função da solenidade de posse da primeira diretoria eleita. Já a UNE, aparecida em 1937 e oficialmente fundada em dezembro de 1938, localizava-se nas bases da orientação do Estado Novo, contando inclusive com a presença de Gustavo Capanema, então ministro da Educação e Saúde do Brasil.

Em relação às nuances políticas da UEE - CE, o autor afirma: "E, ao contrário de sua congênere do RN, nasceu sob influxo político da esquerda." (RAMALHO, 2002, p. 79). Isto é, não havia filiações formais a partidos políticos específicos, mas suas pautas alinhavam às reivindicações populares⁴³. No início dos anos 1940, fazia parte da agenda da UEE, por exemplo, a realização de semanas universitárias antifascistas no principal teatro da cidade de Fortaleza, o Theatro José de Alencar e comícios antinazistas⁴⁴ na principal praça da cidade, a Praça do Ferreira⁴⁵. Há de se observar, entretanto, que a configuração dessa linha de mobilização antifascista, no período do Estado Novo, ainda que mais ao final de sua vigência;

⁴² Ramalho (2002), ao abordar a representação cearense no V Congresso Nacional da UNE, no Rio de Janeiro; permite entrever certo monopólio dos estudantes de Direito nesse âmbito. Na referida ocasião, somente acadêmicos do curso de Direito representaram o Ceará. Foram eles: Antônio Girão Barroso, Álvaro Lins Cavalcante, Aníbal Bonavides e Raimundo Ivan Barroso de Oliveira.

⁴³ Ainda que se tenha consciência de que "Não é possível uma caracterização da ideologia da UNE e, automaticamente, estendê-las às UEE's, por exemplo, ou ao movimento estudantil que se configurou em cada estabelecimento de ensino superior." (SANDEFELICE, 1986, p. 56 *apud* RAMALHO, 2002, p. 82). Em 1943 aconteceu a 1ª Semana Universitária Anti-Fascista no Theatro José de Alencar logo no início da fundação da UEE. Seu encerramento deu-se com um comício anti-nazista na Praça do Ferreira. Antônio Girão Barroso, acerca da UEE, afirmou: "Não tinha partido de maneira ortodoxa. Não tinha ligações com o PCB, com o PSB ou com o PTB. Mas, levava em conta os interesses do país e da população brasileira. Notadamente, no nosso caso, da população cearense, tendo em vista as reivindicações populares." (RAMALHO, 2002, p. 79).

⁴⁴ Um movimento importante nesse período, levado a cabo pela UEE cearense, foi a Campanha Pró-Petróleo. Seu principal objetivo era o incentivo à exploração do Petróleo Brasileiro. O movimento empreendeu, ainda, uma campanha para arrecadamento de doações financeiras em prol do erguimento de um busto do Monteiro Lobato, rememorando as investidas do mesmo em relação ao petróleo, em décadas anteriores. "<<Exploreemos nosso Petróleo!>> - <<Petróleo do Brasil para os brasileiros>>." (A UNIÃO..., 1947, p. 3)

⁴⁵ Também fazia parte da agenda da Entidade movimentos artísticos como o I Salão de Abril, "que se constitui numa exposição de artes plásticas [...] sendo considerado a mais relevante promoção artística do Ceará." (RAMALHO, 2002, p. 79).

pode significar que a entidade em questão tivesse um viés de esquerda, mas não necessariamente partidário.

Em relação ao 1º Congresso Estadual dos Estudantes, ocasião na qual Coelho Sampaio ocupou o cargo de presidente da UEE, o autor afirma em sua autobiografia que:

O Congresso foi realizado no tradicional 'Teatro José de Alencar', com a presença de autoridades representativas do Estado, entre outras, o Interventor do governo Estadual; o General Comandante da 10ª Região, no dia 10 de fevereiro de 1946. (SAMPAIO, 2002, p. 18).

Conforme pode-se observar no trecho acima, esses congressos estudantis contavam com a presença de autoridades políticas e militares, eram realizados em locais de grande prestígio, como o Teatro José de Alencar, além de serem pauta contínua dos principais jornais da cidade. No IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará, ocasião na qual Coelho Sampaio ocupava o cargo de presidente da entidade, a Gazeta de Notícias divulgou detalhada matéria sobre a conferência de abertura, em sua capa, citando nominalmente os oradores presentes e situando seus cargos e ocupações em sociedade:

Compareceram os exmos. srs. Interventor Federal, por seu representante, dr. Moacir Teixeira de Aguiar, General Onofre Muniz Gomes de Lima, Comandante da 10ª Região Militar, Desembargadores Daniel Augusto Lopes e Faustino de Albuquerque e Sousa, presidentes dos Tribunais de Apelação e Regional Eleitoral, respectivamente, dr. Cesar Cals de Oliveira, Prefeito Municipal, Tenente Coronel Juarez de Vasconcelos e Capitão de Corveta Vadir Ramos de Holanda, comandantes do 23º Batalhão de Caçadores e Escola de Aprendizes Marinheiros, respectivamente; além do patrono do Congresso, Dr. Acrísio Moreira da Rocha. Os Oradores: Aberta a sessão pelo representante do Chefe do Governo, falou o dr. Antonio Coelho Sampaio, presidente da União Estadual de Estudantes, seguindo-se-lhe com a palavra o acad. Aluisio Bonavides, presidente da Comissão organizadora do Congresso. (SOLENEMENTE..., 1946, p. 1).

Com base na lista descrita acima contendo quais eram as personalidades presentes no evento, que ocupavam cargos de proeminência à época, é possível afirmar que essas ocasiões eram envoltas por um prestígio social. Desse modo, ser presidente eleito dessa entidade, significou, no âmbito da trajetória de Coelho Sampaio, um acesso a uma posição de destaque para o mesmo nesse circuito cultural. A figura 7, na página seguinte, é outro indicativo para a compreensão do lugar social que ocupada Sampaio nesse período. Na referida fotografia observa-se o autor em pé, na condição de presidente da UEE, lendo seu discurso escrito para a ocasião do IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará. Destaca-se essa posição de destaque também pelo direito a ter sua voz amplificada através de microfone e alto-falantes.

Figura 7 – Fotografia de Coelho Sampaio discursando ao microfone no IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará - 1946



Fonte: fotografia do jornal produzida pela autora desta tese, a partir de (SOLENEMENTE..., 1946, p. 1).

Outro aspecto relevante, indicativo da posição de relevo ocupada por Coelho Sampaio nesse período de liderança do movimento estudantil universitário do Ceará, é que o seu discurso⁴⁶ foi proferido após o chefe de governo à época proceder com as formalidades de abertura do evento. A publicação integral desse discurso na Gazeta de Notícias foi veiculada juntamente com a Figura 7 e corrobora com essa interpretação de destaque social:

Estamos, hoje, aqui, para, pela primeira vez, no Ceará, discutirmos democraticamente, os nossos problemas - aqueles que, mais de perto, nos interessam pela necessidade de uma solução imediata - e procurarmos um meio de resolvê-los. Estamos, hoje, aqui, reunidos, para confraternizarmos as duas classes mais poderosas e representativas do meio estudantil cearenses: os universitarios e os ginasianos - colunas mestras dos movimentos estudantis de nossa terra; baluartes fortes e destemerosos das lutas pelos direitos do estudante; batalhadores incansaveis da Democracia! Estamos hoje, aqui, reunidos, para, irmanados, elevarmos uma prece ao Todo Poderoso prece sincera de gratidão pelo que Ele nos há concedido depois desses duros anos de uma II Grande Guerra paz para as nossas familias; segurança e tranquilidade para a nossa amada Patria; satisfação pelo feliz regresso dos nossos valentes e aguerridos Expedicionarios; e a volta da Democracia ás plagas dessa Pindorama tão querida dos seus filhos. E, caros colegas, com a volta á Democracia, temos aquilo que mais almejávamos: a Liberdade!

⁴⁶Na publicação Adeus meu Cricaré, produção literária do professor Antônio Coelho Sampaio, o discurso de posse na Presidência da UEE do Ceará é listado como uma de suas obras, seção Obras do Autor. Sampaio (1984).

Roguemos, pois, a Deus, dizendo como Rui Barbosa: '... não permitais que as maquinações de egoísmo de alguns prevaleçam ao bem de um povo inteiro, que a barbaria senhoreie de novo a nossa Pátria, que os semeadores de violências e desunião vejam prosperar outra vez a sua funesta sementeira nas regiões benditas, sobre cujos ceus ascendestes a constelação da vossa cruz. (CONGRESSO..., 1946, p. 3)

Redigido para ser lido em voz alta, o discurso do Prof. Coelho Sampaio traz consigo marcas dos acontecimentos mundiais e nacionais recentes à época. A menção à Democracia, repetidas vezes, é um desses rastros contextuais e remete ao período de redemocratização, após o Estado Novo, ainda que não tenha havido menção direta a Getúlio Vargas ou à autodenominação desse governo autoritário.

O outro elemento, notadamente citado no discurso, diz respeito ao fim da Segunda Guerra Mundial e suas implicações. Em pauta, também está a questão religiosa – manifesta pelo incentivo a preces cristãs – que se configurou como premissa primordial para Coelho Sampaio também nas questões educacionais.

O desenvolvimento de seu discurso acentua outros conclames, tendo por objetivo buscar agregar os estudantes em torno de demandas comuns, ligadas à luta pelos direitos dos estudantes pobres. Cobra-se a assistência do Governo e também dos colégios particulares, através da disponibilização de bolsas de estudos. Lamenta-se a situação do estudante pobre, que, por falta de condições financeiras satisfatórias muitas vezes deixavam de ser úteis à Pátria em sua visão.

A temática do estudante pobre foi contundente também na coluna Ensino e Educação. Ainda no tocante ao seu discurso no IV Congresso Estadual dos Estudantes do Ceará, a abordagem desse assunto foi feita pelo viés autobiográfico:

Tenho para exemplificar, a satisfação de incluir em meu passado de estudante pobre esta particularidade. E por que permanecer assim, inerte, toda a classe? Será que não temos direito à Instrução e à Educação? Em todas as Cartas Constitucionais das nações civilizadas - inclusive a nossa de 37 - há este direito reconhecido da criança e da juventude: o direito à gratuidade do ensino. E', pois, chegado o momento em que devemos lutar por nossos direitos, lutar por um mundo melhor, por um clima de maiores facilidades no terreno da aquisição dos conhecimentos necessários ao ingresso nas carreiras profissionais, pelo barateamento do livro didático, pela manutenção de um serviço perfeito de assistência médica e social; enfim, pelo completo amparo ao estudante. Entretanto, para pudermos conhecer, de perto, todas essas necessidades, múltiplas e complexas, no seu todo e minuciosas, em particular, nós, da U.E.E., tivemos a idéia de no ano da nossa gestão, em que conduzimos a entidade máxima da classe, realizarmos um Congresso democrático, onde, ao contrário dos anos anteriores, qualquer estudantes pudesse apresentar, através de sua tese, as suas necessidades mais imediatas. E assim, pensei, porque, como estudante pobre que fui e como professor e educador hoje,

conheço de perto, todas as vicissitudes por que passa a classe. (CONGRESSO..., 1946, p. 3).

A utilização da escrita de si para legitimar seus argumentos foi um recurso discursivo central na construção do texto acima, redigido para ser oralizado. O passado de estudante pobre, também esmiuçado em sua autobiografia, torna-o uma fala autorizada para discorrer com propriedade sobre o assunto e conclamar os ouvintes de uma maneira mais comovente. No trecho acima, sua superação das agruras do cotidiano de um estudante pobre é posta na condição de um exemplo. Na coluna Ensino e Educação, o autor também instrumentalizou sua história de vida para legitimar argumentos/posições e reforçar o elemento meritocrático:

A ninguém, por exemplo, se impede de elevar-se na escala social, desde que trabalhe e conquiste o posto que deseja por meios lícitos. Eu tenho experienciapropria. Já fui operario, tendo iniciado a minha carreira profissional como ajudante em uma tipografia e nesse ambiente proletario trabalhei 7 anos. [...] E como operario estudei, fiz o Ginasio, fiz a Faculdade, mudei de profissão de acordo com a minha vocação, o que só foi possível numa democracia. Eis, portanto, que se pode dizer: há oportunidade para todos. (SAMPAIO, 1948d, p. 5).

Pela observância da múltipla utilização de Coelho Sampaio em relação ao elemento autobiográfico em diversos espaços para além de sua autobiografia, como a própria coluna Ensino e Educação e ocasiões vinculadas ao movimento estudantil, esta tese busca aprofundar posteriormente problemáticas da alçada da escrita de si. No trecho acima, há a argumentação de que os esforços pessoais seriam capazes de reverter qualquer trajetória de cerceamento de oportunidades. O uso da sua trajetória de vida busca, nesse caso, buscar conceder legitimidade para premissas advindas da meritocracia. Há, então, uma homogeneização de experiências em função do seu caso particular.

Em sua autobiografia, após destacar que, no âmbito de sua trajetória, ter sido eleito presidente da União Estadual dos Estudantes do Ceará foi um grande marco, Sampaio disserta sobre seu processo de tornar-se professor e, em seguida, sobre a sua decisão de fundar uma instituição escolar. Acerca desses meandros, Sampaio afirma:

E explico: a essa época [1947] já não trabalhava como mecânico, nas oficinas dos 'Diários Associados'. Resolvera deixar o macacão azul de mescla e procurar uma profissão que se harmonizasse com a de um profissional liberal. E, mais uma vez, me veio a intuição: seria o magistério. E foi assim que, em 1942, aluguei uma casinha em uma vila popular, fora da zona urbana de Fortaleza (lembro-me do nome: Porangabussu) e, ali, após visitar casa por

casa procurando professoras, abri uma escolhinha para crianças do Curso Primário. Abro um parêntese: antes já havia realizado experiência, ensinando gratuitamente, na Casa do Estudante e no Colégio 'Dom Bosco' da rua Barão do Rio Branco, sendo diretor o saudoso Professor Oscar Costa Souza, que me acolheu como aprendiz. (SAMPAIO, 2004, p. 18).

Na imprensa, a tônica de legitimação de Coelho Sampaio atrelava-se à profissão docente. Por vezes essa autorização de fala advinha de sua formação acadêmica, tendo como indicativo as ocasiões nas quais era mencionado como Dr. Coelho Sampaio. É provável que a aglutinação do título de doutor ao seu nome seja advinda do fato do mesmo possuir uma formação em nível superior, ainda que fosse somente uma graduação, e não um doutoramento, sob o signo da cultura bacharelesca. Ainda assim, nos jornais fortalezenses, sobretudo na coluna Ensino e Educação, o mais comum, observado na pesquisa documental, eram menções à sua figura como um professor: Prof. Coelho Sampaio.

A escola que o autor menciona no trecho acima, é o Instituto São Raimundo. Uma discussão possível, a partir do excerto citado, é sobretudo o conflito entre as representações tecidas sobre a referida instituição escolar. No contexto dos anos 1940, recorrentes vezes o Instituto São Raimundo era propalado como uma escola gloriosa, em propagandas e editoriais que ressaltavam seus feitos e as conquistas de seus alunos, objetivando, provavelmente, incitar a realização de matrículas novas.

A comemoração do 4º aniversário do estabelecimento, por exemplo, contou com a presença de personalidades importantes à época, como o Gal. Onofre Muniz Gomes de Lima, Comte. da 10ª Região Militar; representantes da imprensa; professores influentes, como Odete André Gomes, diretora da Escola de Nutrição Agnes June Leith; professor Dorian Sampaio e uma banda de música com maestro.

Após o gesto simbólico de cortar uma fita, houve um percurso das autoridades presentes e o seu diretor, Coelho Sampaio, pelas dependências do Instituto São Raimundo. Esse gesto simbólico à primeira vista pode parecer paradoxal, pois remete à ideia de inauguração, apesar de ter sido feito na festa do 4º aniversário da escola. Entretanto, destaca-se que ele pode ser melhor circunstanciado por intermédio da autobiografia de Sampaio, "em julho de 1946, já em nova sede à Avenida João Pessoa, nº 4404 (?). Houve dança...⁴⁷ Como convidada por ser irmã do Professor Olde da Silveira Brito, meu secretário". (SAMPAIO, 2004, p. 19).

⁴⁷ Nesse baile dançante por ocasião da festa de aniversário do referido instituto escolar, Sampaio conheceu sua esposa.

Desse modo, a partir do entrecruzamento de fontes pode-se ter como hipótese um dos motivos para a própria existência da publicação que ocupou pouco mais de uma página completa do jornal Gazeta de Notícias, sobre o Instituto São Raimundo: houve uma mudança significativa localização da escola, mudando-se para uma avenida, ainda que mais afastada nos eixos centrais da cidade.

Ainda sobre a ocasião comemorativa, observe-se a forma com que a mesma foi representada na imprensa:

Em seguida foi servido o 'cock-tail', sendo erguido um brinde ao Gal. Onofre Muniz, o qual, agradecendo, depois de discorrer sobre os mais modernos processos da Educação, teceu comentários elogiosos a organização, direção e corpo docente do Instituto São Raimundo, chegando mesmo a afirmar que aquele Instituto representa já, uma glória para o Ceará e, pelo que observou, ali, pode ser considerada uma iniciativa vitoriosa. (A FESTA..., 1946, p. 3).

Para além de fornecer pistas sobre os rastros de sociabilidade de Coelho Sampaio e suas influências à época, haja vista que "os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espço" (GOMES; HANSEN, 2016, p. 24), a solenidade descrita acima atribui ao Instituto São Raimundo ajuizamentos laudatórios. Torna-se nítido que o objetivo do editorial é fazer veicular discursos à instituição de ensino fundada e dirigida por Coelho Sampaio como representação do moderno, do civilizado, do glorioso.

Um ano antes da ocasião comemorativa do 4º aniversário do Instituto São Raimundo, houve a veiculação de um editorial saído também na Gazeta de Notícias, que desperta a atenção por ocupar uma página completa, ainda que do suplemento do referido periódico. Uma vez mais, na imprensa à época, o jornal qualifica a escola, desde o título da matéria, como sendo um colégio modelo e um conceituado estabelecimento de ensino. O editorial esclarece aos leitores as modalidades de ensino ofertadas pela instituição: Curso Primário, Curso de Admissão, Curso de Corte e Costura e um Curso Noturno de Preparação Comercial.

Há também a publicação das impressões do jornalista que visitou o educandário. O relato da visita destaca um parecer positivo que se estende desde às características físicas do prédio da escola, julgando estar afinado com as prerrogativas da pedagogia moderna e às normas de higiene escolar à época; enfatiza quais são os departamentos culturais do Instituto São Raimundo, qual sejam o Grêmio Literário Coelho Neto, revista escolar intitulada Educando; a biblioteca Pe. Antônio Vieira, o batalhão escolar Gal. Sampaio e o Clube Esportivo 14 de julho.

Constam, também, alguns nomes e algumas fotografias referentes aos alunos que lograram êxito em exames de admissão à época, ordenados por nota, do maior para o menor, hierarquicamente. Além disso, há uma listagem do diminuto corpo docente da instituição, formado pela mãe de Coelho Sampaio, Prof. Vitoriana Coelho Sampaio, à frente do curso de Corte e Costura, Prof. Matilde Guimarães Peixoto, professora responsável pelo jardim de infância, além dos docentes ditos coadjuvantes: Heliomar M. Bastos, Valdemiro M. de Sousa e Olde S. Brito⁴⁸.

A referida listagem é um indicativo de que o Instituto São Raimundo, apesar de contar com um certo destaque no jornal *Gazeta de Notícias*, se tratava de um estabelecimento de ensino modesto e familiar. O curso de Corte e Costura, por exemplo, era ministrado pela mãe de Coelho Sampaio e seu secretário escolar, Olde Brito, posteriormente se tornaria seu cunhado.

Os contornos simples e circunscritos do colégio fundado e dirigido pelo autor das colunas Educação também pode ser observado através da fotografia de sua fachada, na figura 8:

Figura 8 – Fachada do estabelecimento de Ensino Primário fundado e dirigido por Coelho Sampaio - Instituto São Raimundo - 1947



Fonte: fotografia do jornal produzida pela autora desta tese. *Gazeta de Notícias* (14 jun. 1947)

⁴⁸ A abreviação dos sobrenomes é um fator que dificulta o rastreamento dessas personalidades, apesar de intuir-se seus falecimentos, em função da datação dos fatos.

A reportagem em questão também tece representações sobre Coelho Sampaio:

A direção do Instituto está confiada a orientação segura do competente e ilustre pedagogo conterrâneo Prof. Dr. A. Coelho Sampaio, conhecido pela sua dedicação aos estudos de Pedagogia, através de conferencias e dos seus artigos publicados em nossa secção 'ENSINO e EDUCAÇÃO', semanalmente e professor do Curso Tecnico da Escola de Comercio Pe. Champagnat, do Ginasio Sta. Cecilia, ex-professor de varios outros Colegios. Com uma brilhante inteligencia e dotado de uma excepcional capacidade de trabalho, conseguiu elevar-se á custa dos seus proprios esforços, tendo ocupado cargos e posições que revelam seu elevado valor pessoal. (O 4º ANIVERSÁRIO..., 1946, p. 1).

A descrição acima sobre o autor das colunas Ensino e Educação, realizada pelo editorial da Gazeta de Notícias, coaduna com a maior parte das representações construídas em torno da figura de Coelho Sampaio na imprensa cearense daquele período, as quais o identificam como uma personalidade portadora de destaque social. Nesse texto, o jornal desenvolve uma relação de causalidade entre considerá-lo um indivíduo com visibilidade social e as colunas Ensino e Educação. Esse é um elemento que suscita um reforço da hipótese de que as missivas públicas da referida coluna serviram como lugar relevante no sentido de conceder projeção para Coelho Sampaio, possivelmente auxiliando na proeminência de seu instituto escolar, viabilizando projetos e campanhas já discutidas em outras seções desta tese.

Ainda no tocante ao editorial por ocasião do 4º aniversário do Instituto São Raimundo, o mesmo também comunica a existência de um Livro de Impressões do estabelecimento de ensino do Prof. Sampaio, contendo pareceres de pais de alunos sobre o colégio. A revista escolar e o livro de impressões são fontes históricas primárias não localizadas pela pesquisa, apesar de árdua busca no Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC. Apesar da ausência da possibilidade de consulta, a reportagem impressa publicou trechos desse documento. Por essa razão, esse trecho será citado na íntegra:

Consignando aqui minhas impressões sobre o 'Instituto São Raimundo', dirigido pelo Prof. A. Coelho Sampaio, sou de opinião que o aludido colegio nada tem a dever aos melhores estabelecimentos de ensino de nossa capital. Pedro Bastos Mitouso. É inegavelmente um estabelecimento de ensino modelar, que vem contribuindo para a grandeza do Brasil, pelo seu metodo pratico adotado de acordo com a Pedagogia moderna e posto em pratica pelo seu Diretor, onde os alunos buscam aulas de civismo e moral, tão necessarias a esta nova geração que está predestinada a levar bem alto a Soberania da Patria. Dr. Jesus Gomes de Melo. Atesto com a sinceridade que a minha consciencia me impoe, em honra á propria verdade, que o Instituto São Raimundo é, na realidade, de exuberantes proveitos para os seus alunos; isso devido exclusivamente a aptidão e zelo ardente de seu nobre Diretor, Professor A. Coelho Sampaio. Joaquim de Oliveira Lima. E' com verdadeira satisfação

que atesto, baseado numa visita feita ao 'Instituto São Raimundo', o qual se acha a cargo de seu diretor professor A. Coelho Sampaio, que o mesmo muito veio a concorrer para o progresso do ensino no bairro 'Porangabussu', em nossa capital. 'O Instituto São Raimundo' é um dos maiores benefícios prestados ao povo de Porangabussu'. A sua fundação, devemos, mais do que tudo, ao abnegado prof. A. Coelho Sampaio, diretor do mesmo. O 'Instituto São Raimundo' não só instrui a criança, como também educa moralmente, formando para o futuro bons cidadãos.' Laurinda Gonçalves da Silva. Já me achava satisfeito com o grau do aproveitamento do meu filho, e hoje ainda mais, por ter observado de perto o bem estar que oferece esse educandário a todos os seus alunos, posto que, o Diretor esmera-se pela ordem e progresso de seu colegio de modo nada deixar a desejar de outros Institutos de renome, ora nesta Capital.' J. Carneiro Filho. Diante do progresso, nos estudos, obtido pelo meu filho Aloisio B. Milhome, atesto com satisfação que tenho notado progresso no mesmo, achando também que, se esse Estabelecimento continuar com o mesmo ritmo com seus alunos, será um dos primeiros Colegios de ensino Civico e Moral de nossa capital. Heládio Milhome. (O 4º ANIVERSÁRIO..., 1946, p. 1-2).

Os recortes do livro de Impressões do Instituto São Raimundo, feitos pelo jornalista da Gazeta de Notícias, são relevantes por, além de constituírem uma fonte histórica inédita sobre a breve história desse instituto escolar, que muito provavelmente se perdeu com o tempo; também serem rastros de como os pais dos alunos interpretavam aquele estabelecimento de ensino e de que forma teciam representações sobre Coelho Sampaio. É importante citar que todos os depoimentos registrados no referido livro concentram os elogios na figura do diretor, não citando propriamente os professores de seus filhos, por exemplo. Essa observação permite descortinar o conceito de escola e de gestão que se tinha à época, sendo a figura do diretor expressão máxima de autoridade.

Também é relevante destacar que esses pais de alunos, ao desenvolverem sua opinião de que aquele colégio seria modelo e concorreria com colégios mais antigos e de renome; o fazem destacando que a instituição teria uma contribuição efetiva para o engrandecimento da Pátria, do progresso e da Pedagogia Moderna, à medida em que a escola teria como pilar importante aulas de civismo e moral, como afirmou o depoimento de Laurinda Gonçalves da Silva. Heládio Milhome afirmou também que o Instituto São Raimundo seria um dos primeiros colégios fortalezenses a se tornar uma escola de ensino Cívico e Moral.

As publicidades do Instituto São Raimundo, anunciadas sobretudo no jornal Gazeta de Notícias e também em outros jornais da capital cearense, como o Diário do Ceará, são relevantes fontes para se rastrear elementos da referida instituição escolar. Por meio dessas publicidades, nas quais suas dimensões e tamanhos variavam, é possível rastrear os endereços da escola ao longo do tempo, as modalidades de ensino ofertadas, o *slogan* da instituição

(Ensino Eficiente - Disciplina Rigorosa), a equipe dirigente, alguns nomes de alunos à época, bem como suas notas em exames de admissão, caracterização do alunado como misto (por aceitar matrículas de meninos e meninas), turnos em que ocorriam as aulas (diurnas e noturnas), entre outras informações. Contudo, uma ausência observável nessas publicidades é a não menção ao seu quadro de professores.

Em relação à Diretoria do colégio em questão, na maioria das publicidades, constava apenas o nome de A. Coelho Sampaio como Diretor, sendo citado somente no ano de 1950, o nome de Edla Silveira Sampaio, esposa de Coelho Sampaio à época. Nessa mesma publicidade, observável na figura 9, consta também o nome de Pe. Luiz Gossenhoven atrelado ao cargo de Direção Religiosa. O referido vigário, lazarista holandês (CELEBRA-SE..., 1928, p. 1), foi pároco da Igreja Nossa Senhora dos Remédios entre o período de 09 de dezembro de 1946 a 10 de agosto de 1952, (PARÓQUIA..., 2011, p. 2), em localidade próxima ao bairro no qual residia Sampaio e que também localizava-se o Instituto São Raimundo.

Edla Sampaio foi a primeira esposa de Coelho Sampaio e o início desse matrimônio ocorreu nos anos 1940. A dedicatória de um dos livros do autor, lançado já nas últimas décadas de sua existência, intitulado *As Histórias Que Eu Não Conte*, permite nuançar mais aspectos dessa professora, à época, diplomada pela Escola Normal do Colégio Lourenço Filho. Observe-se o trecho abaixo:

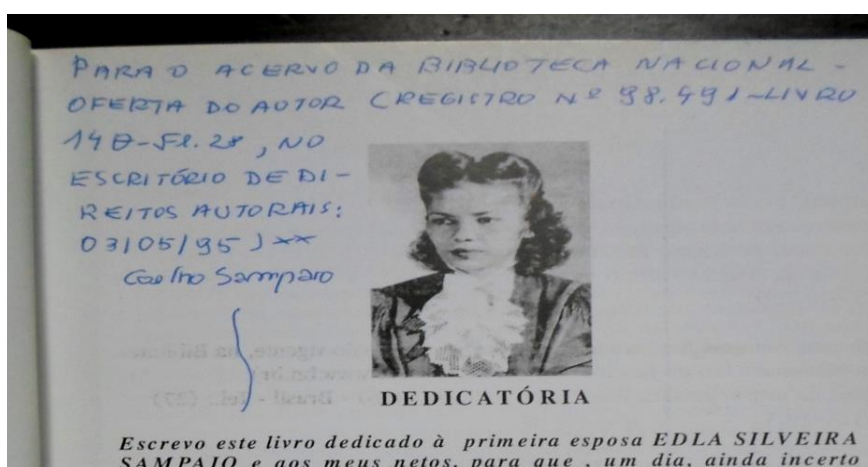
Não seria demais destacar, aqui, que a Prof^a Edla nossa primeira esposa, quando a conhecemos, já exercia o magistério, em sua própria residência, ainda solteira (morando com os pais de tradicional família cearense) dali nascendo uma afeição que nos levou ao matrimônio, logo após 3 meses de noivado. Com isso, ambos passamos a dirigir nosso colégio primário, parece que era sediado na Av.: João Pessoa, nº 4004, em Fortaleza, contando também com a colaboração do seu irmão, Prof. Olde da Silveira Brito, tendo sido, desse modo, além de esposa, companheira de trabalho e de apoio, em toda a nossa vida. [...] Como vimos, jamais deixou de trabalhar, além de sempre cuidar do lar, da educação dos filhos e, sem deixar o dever de Mãe, que sempre foi, deixando o seu exemplo para as colegas de trabalho e para o nosso aperfeiçoamento, como ser humano. (SAMPAIO, 1995, p. 4).

Edla Sampaio foi professora primária desde a juventude, antes mesmo de seu casamento com Coelho Sampaio, até o seu falecimento, em 1976. Tamanha dedicação magnetizou a homenagem de empregar seu nome para uma creche comunitária na primeira metade dos anos 1990. A educadora em questão foi elogiada por Coelho Sampaio, ao fim do excerto, também por sua capacidade de aliar a maternidade, a lida do lar e o exercício do labor docente. Edla Sampaio, portanto, representa um sem-número de mulheres que enxergavam no magistério uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, em uma sociedade que

buscava designar papéis sociais bem demarcados e patriarcais. À mulher, caberia o labor doméstico e a maternidade, ao passo em que ao homem, competiria a liberdade de escolha profissional, desde que garantisse a segurança financeira à família.

A figura 9, que consta na dedicatória elaborada por Sampaio, é uma fotografia da Profª Edla, vestindo solenes trajes por ocasião de sua formatura como normalista.

Figura 9 – Dedicatória da autobiografia de Coelho Sampaio contendo foto de sua 1ª esposa, normalista Edla Sampaio, e registro de depósito do livro na Biblioteca Nacional, feito à mão pelo autor - 2004



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese.

Observem-se nas Figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15 algumas das várias publicidades dessa instituição educacional, que, apesar de à primeira análise parecerem deveras similares, descortinam elementos diferentes acerca do Instituto São Raimundo:

Figura 11 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1944



Fonte: Gazeta de Notícias (19. jan. 1944)

Figura 10 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1946



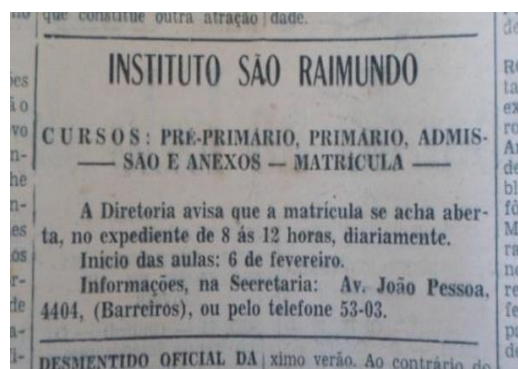
Fonte: Gazeta de Notícias (06 jan. 1946)

Figura 13 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1947



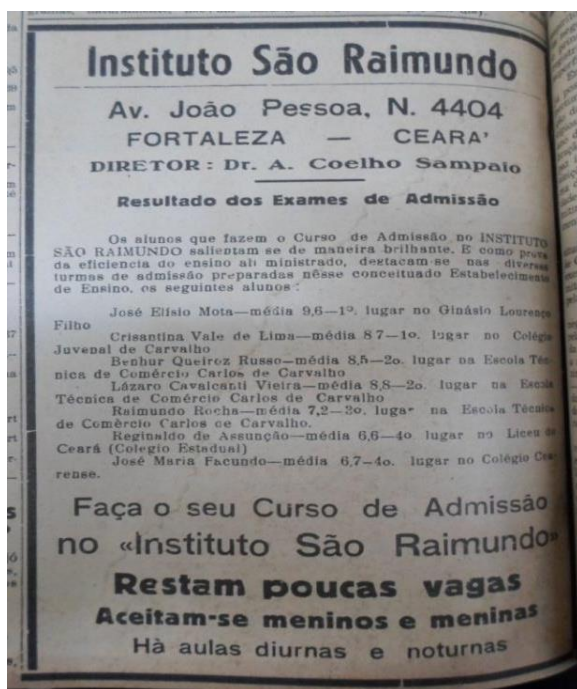
Fonte: Gazeta de Notícias (12 jan. 1947)

Figura 12 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1950



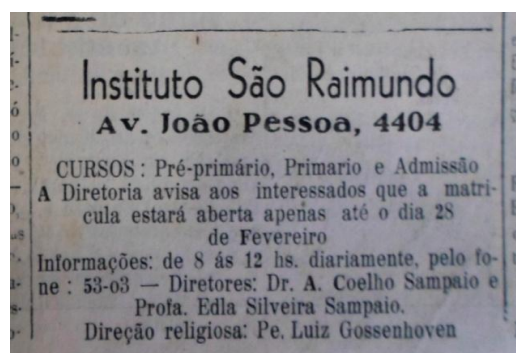
Fonte: Diário do Ceará (22 jan. 1950)

Figura 14: Publicidade do Instituto São Raimundo - 1946



Fonte: Gazeta de Notícias (13 mar. 1946)

Figura 15 – Publicidade do Instituto São Raimundo - 1950



Fonte: Gazeta de Notícias (1950)

Entrecruzando o Livro de Impressões dos pais de alunos do Instituto São Raimundo, as publicidades do colégio⁴⁹ e os artigos publicados por Sampaio nas colunas Ensino e

⁴⁹Com o passar dos anos, foram-se agregando informações nos anúncios que indicavam o crescimento do colégio: a mudança da sede para a Av. João Pessoa, no bairro Barreiros, constando também que tal estabelecimento era registrado na Secretaria da Educação e Saúde.

Educação, pode-se cogitar a hipótese que o significado dessa disciplina rigorosa resguardasse estreita aproximação com a adoção prioritária do ensino moral e cívico naquele educandário.

Em seguida, a reportagem publica também o parecer advindo da visita de um educador. Para fins de observações sobre os rastros de sociabilidade do professor Coelho Sampaio, destaca-se que esse professor, autor do relato, o professor Euclides Cesar foi um grande apoiador da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP), criada por Sampaio. No tocante à ACEP, é relevante destacar que esta foi uma lacuna na autobiografia do autor, pois não há menções à entidade nessa tipologia documental, apesar de poder-se afirmar que a fundação e a continuidade das atividades dessa associação foi um momento de relevância na trajetória do mesmo.

Na ocasião em que Euclides Cesar enviou uma carta de adesão, publicada na Gazeta de Notícias, teve-se acesso à informação de que o mesmo foi professor do Coelho Sampaio:

Visitei, há poucos dias, o 'INSTITUTO SÃO RAIMUNDO' dirigido sabiamente pelo proveto colega Coelho Sampaio, prestigioso educador conterrâneo. O Instituto acha-se situado num local bastante aprazível. O predio tem feição moderna donde se descortina uma linda paisagem verdejante. O interior é modesto, porem impressionante pela disposição do mobiliario escolar. Vê-se, ao ingressar ali, que abelhas do progresso moral e intelectual moreijam naquela casa tão afastada do bulicio infernal da 'praça do Ferreira'. Eis o lugar apropriado ao estudo, á meditação, ao trabalho e á contemplação. O ambiente é favoravel ao devaneio intelectual tal o ar [ilegível] lado do Diretor são devotados laboriosos, tudo fazendo para que possam bem servir á coletividade. Segundo me informaram a matricula no Instituto [ilegível] num crescendo surpreendente, promissor de uma vitoria que talvez não tarde muito. Um dos entraves ao desenvolvimento dos nossos bairros é a falta de transporte. Ora, daqui mais alguns anos resolvido esse problema, é natural que a cidade se estenda cada vez mais. Assim sendo, Fortaleza irá fatalmente emendar com Parangaba e o 'INSTITUTO SÃO RAIMUNDO' deixará de ficar no fim da cidade. O 'Bairro do Colegio', deixará de ser uma zona remota fugidia, para erguer-se em todo o seu esplendor nas proximidades do 'Barreiros'. O Prof. Coelho Sampaio será considerado o bandeirante audaz dessa região, ali plantando o estandarte de uma nova Cruzada redentora através do livro. Bendito seja aquele que abre uma escola, porque assim agindo vai fechar cadeias, parodiando Victor Hugo, o imortal cinzelador de 'Os Miseraveis'. Aqui ficam as minhas ligeiras impressões sobre o 'INSTITUTO SÃO RAIMUNDO' - pequena fortaleza gotica de energia espiritual - ou melhor - pequena oficina, onde se forjam caracteres que mais tarde virão engrandecer o Brasil! Prof. Euclides Cesar'. (O 4º ANIVERSÁRIO..., 1946, p. 1-2).

Todos esses pareceres direcionados aos Instituto São Raimundo, por serem publicados na imprensa, conferiam maior credibilidade ao educandário. No depoimento acima, por ser de um educador, reforça ainda mais a construção de uma imagem de colégio modelo atribuída ao instituto escolar de Sampaio. É interessante a opinião expressa por Euclides Cesar em relação à aparência física da escola, posta como portadora de feição moderna, quando comparada com a figura 8, ou seja, com a fachada do Instituto São Raimundo. A partir da imagem é possível observar que o prédio escolar em questão era, na verdade, uma casa. Situada em paisagem bucólica, é interessante notar que o fato de a escola estar em um perímetro mais periférico em relação ao centro da cidade é uma característica avaliada como vantagem e estímulo à concentração, e não como símbolo de atraso. Cesar também corrobora com as representações sobre a figura do Professor Coelho Sampaio como sendo alguém prestigiado em sociedade.

Já no ano de 1950, Coelho Sampaio foi caracterizado por um editorial de outro periódico, o jornal Diário do Ceará, como alguém dotado de visibilidade social:

O dr. Antônio Coêlho Sampaio, redator desta folha e figura muito conhecida nos meios sociais de Fortaleza, recebeu dos Guardas do Trânsito expressiva moção de apreço e solidariedade, numa carta em que expressam sua satisfação pela defesa que aquele jornalista fez dessa classe, através do 'Diário do Ceará'. [...] Tivemos o ensejo de constatar que, de fato, V. S., na qualidade de jornalista, tem sido um verdadeiro defensor dos direitos do povo, principalmente das classes mais humildes. (DOS GUARDAS..., 1950, p. 6).

Durante quase todo o período de circulação da coluna Ensino e Educação, a Gazeta de Notícias circunstanciava a participação jornalística de Coelho Sampaio apenas como um colaborador do periódico, não como um jornalista. Entretanto, conforme pode-se observar na citação acima, no período compreendido mais ao final da década de 1940 e início dos anos 1950, a identidade profissional de Sampaio começou a se aproximar mais do jornalismo, à medida em que o mesmo começou a também ser articulista de outros jornais. Todavia, no título dessa publicação, há a sua menção como professor, ainda que o texto dessa carta pública o nomeie apenas como um redator do Diário do Ceará. O trecho em questão é uma carta de aproximadamente 25 guardas de trânsito agradecendo o apoio dado por Coelho Sampaio em uma querela relativa a essa classe.

Em artigo publicado no Diário do Ceará, foi possível rastrear um aspecto de sua trajetória que se configura como uma ausência na sua autobiografia: o mesmo foi presidente do

Círculo Operário Católico de Parangabussú, bairro no qual residia e fundou seu instituto escolar⁵⁰. Observe-se a imagem abaixo:

Figura 16 – Parte da página 4 do jornal Diário do Ceará, contendo editorial assinado por Coelho Sampaio e uma fotografia de seu rosto ao meio do artigo - 1950



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese - Diário do Ceará (18 jan. 1950).

Possivelmente as rotineiras vezes nas quais constava uma fotografia de Sampaio centrada em seu rosto junto aos escritos, em ocasiões como a de seu aniversário e demais eventos comemorativos, não se dava de maneira aleatória. Ao passo em que a imprensa se configurava como o principal veículo de comunicação à época, o uso do recurso associativo entre seus textos e sua imagem pessoal parece ser um indicativo de que o professor Coelho Sampaio pudesse mesmo ser uma personalidade conhecida na cidade, conforme indicam diversos editoriais. O uso da imagem associada ao seu escrito também pode se dar por conta dos seus cargos de maior destaque em sua trajetória, na condição de presidente da União Estadual dos Estudantes em 1946, presidente e fundador da Associação Cearense de Estudos

⁵⁰ Apesar de na matéria da imagem estar grafado Parangabussú, na maioria das vezes, em publicações diversas, lê-se Porangabussú. Adotar-se-á a segunda grafia.

Pedagógicos e, através de informação obtida pelo editorial acima, presidente de um Círculo Católico Operário de seu bairro⁵¹.

A informação de que Sampaio foi presidente de um Círculo Católico Operário no bairro onde residia, permite contextualizar o fato de que, por volta do ano de 1950, o mesmo iniciou uma coluna diária intitulada Coluna Operária no jornal Gazeta de Notícias. Essa coluna tinha o objetivo de tratar dos assuntos proletários sob a ótica da moral cristã.

Figura 17 – Parte da página 1 do jornal Gazeta de Notícias, enfocando imagens de Coelho Sampaio discursando ao microfone e da população presente no local - 1950



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese - Gazeta de Notícias (12 mar. 1950).

Na figura acima constam duas imagens distintas, postas lado a lado. Na primeira delas, observa-se o professor Coelho Sampaio discursando ao microfone, similarmente à figura 6, provavelmente⁵² primeira página do jornal Gazeta de Notícias, por ocasião da solenidade de instalação da Sede do Comitê do Movimento de União em Porangabussú. A legitimidade da sua participação como orador era advinda do posto de presidente do Círculo Operário Católico daquele mesmo bairro, situado pela Gazeta como um bairro do subúrbio da capital do Estado do Ceará. A legenda que esse periódico selecionou para as imagens é significativa por, além de situar o leitor em relação à segunda figura como sendo a multidão que foi prestigiar a solenidade, circunstanciar também a primeira imagem como: "o professor Coelho Sampaio,

⁵¹O editorial observável na imagem da página anterior é, na verdade, a transcrição de um discurso de Coelho Sampaio sobre a causa trabalhista. O escrito se deu pela trágica ocasião do naufrago de um bote de jangadeiros. A argumentação exaltava a igreja católica, traçando um conflito entre a luta proletária condenável (marxista) e a luta proletária por eles estimuladas (católica e pacífica). O editorial, como sugere seu título, traça uma contraposição entre os conceitos de materialismo e espiritualismo. (SAMPAIO, 1950, p. 4)

⁵² Com o passar dos anos a diagramação do jornal foi se tornando mais confusa.

elemento de vanguarda do M. U. C. quando falava à grande assistência" (INSTALADA..., 1950, p. 1).

O discurso de Coelho Sampaio, sobre os elos entre o movimento operário e aquela solenidade de fundação, além de ter sido o primeiro deles – o que denota certa hierarquia nas falas – foi o único transcrito no jornal, apesar da menção a outros oradores⁵³. Um deles foi o operário Francisco Mota, o qual discursou sobre os objetivos daquela instituição em fundação e "Teceu, em seguida, elogios ao trabalho incansável do professor Coêlho Sampaio, no seu desígnio de arregimentação da classe operária daquele bairro, em defesa de seus legítimos interesses e em prol da felicidade e progresso do Ceará". (INSTALADA..., 1950, p. 1).

Ao longo dos anos de colaboração na coluna Ensino e Educação, o jornal Gazeta de Notícias publicava anualmente notas por ocasião do aniversário de Coelho Sampaio, conforme pode ser observado na figura abaixo. Esses textos tinham o objetivo de saudá-lo, apresentando os seguintes elementos que funcionavam como reforços de legitimação: sua menção como professor doutor; sua foto com trajes de bacharel; seu *status* de diretor do Instituto São Raimundo e professor de outros estabelecimentos de ensino; ser presidente da Associação de Estudos Pedagógicos (ACEP), também fundada por ele e apresentada no jornal como entidade de sucesso no meio docente; sua atuação como colaborador daquela folha na seção semanal Ensino e Educação; apresentação da sua personalidade como figura prestigiada e bem articulada em sociedade.

Figura 18 – Homenagem da Gazeta de Notícias a Coelho Sampaio por ocasião de seu aniversário, contendo fotografia do autor em vestes acadêmicas - 1948



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese - página da Gazeta de Notícias (02 mar. 1948).

⁵³"Em primeiro lugar usou da palavra o professor Coêlho Sampaio, presidente em exercício do Círculo Operário de Porangabussú, o qual inicialmente, disse as seguintes palavras: "Caros operários, Instala-se, hoje, com tão linda festa o Comité da União do Ceará de Porangabussú. [...] Não será, portanto, luta de classes, sempre apregoada como uma necessidade, que virá resolver a questão trabalhista. O que é necessário para evitar os conflitos das duas classes - patrão e empregado - é a humanização do Capital, como propõe a Igreja Católica". (INSTALADA..., 1950, p. 1)

Outra ocasião significativa foi a comemoração referente ao Dia dos Professores do ano de 1948, abordada em quase uma página completa do suplemento da Gazeta de Notícias⁵⁴. A imagem abaixo foi um registro fotográfico das comemorações do 15 de outubro, como sessão solene da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos - ACEP, instituição criada e presidida por Coelho Sampaio. A sessão ocorreu no auditório da Faculdade de Filosofia do Ceará. Torna-se importante analisar a Figura 19, na qual a representação imagética postula um papel de destaque para o professor Sampaio. A legenda escolhida pelo jornal foi a seguinte: "Sessão solene comemorativa do <<Dia do Professor>>, vendo-se o conhecido professor, dr. A. Coelho Sampaio, de pé, quando pronunciava o seu expressivo discurso". (ECOS..., 1948, p. 1). Uma vez mais a imprensa situa Coelho Sampaio como sendo um indivíduo portador de visibilidade social.

Figura 19 – Fotografia das festividades do Dia do Professor, com destaque para Coelho Sampaio em pé e discursando - 1948



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese - página da Gazeta de Notícias (24 out. 1948).

Quem presidiu a reunião comemorativa foi o então Secretário de Educação e Saúde, o professor Valmiquê Sampaio de Albuquerque. Ressalta-se que, apesar de Coelho Sampaio não ter sido o presidente da solenidade, o mesmo realizou o discurso de abertura, ainda que houvessem outros oradores. Todos versaram sobre a função do professor e destacaram a importância da criação de associações como a ACEP, que objetivassem o debate de diversos assuntos pedagógicos. Compareceram ainda outras figuras de reverberação social, como o

⁵⁴ Nesse caso, há também algumas publicidades da época, que não resguardam ligação com a temática docente e ocupavam espaço na página.

presidente do Sindicato dos Professores, deputados, vereadores, o diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, professores representando o dito ensino oficial e outras ramificações educacionais, bem como representantes da imprensa.

Apesar de serem muito mais volumosas as menções jornalísticas de caráter positivo e elogioso sobre o autor, rastreou-se uma réplica à coluna Ensino e Educação com teor ácido e crítico à figura de Coelho Sampaio. Trata-se de uma carta assinada pela diretoria do Comitê Popular Democrático de Porangabussu, em resposta a um artigo saído na coluna Ensino e Educação, no qual Sampaio afirmou não existir movimentos de assistência à criança pobre no bairro Porangabussu, solicitando doações aos leitores da Gazeta de Notícias que seriam direcionadas para os infantes carentes daquela adjacência. Acerca da afirmação de Coelho Sampaio que destacou a ausência de movimentos caritativos, a réplica alegou:

Não é verdade. Há tempos já existe em Porangabussú uma Escola organizada pela Liga da Defesa Nacional em cooperação com o Comitê Popular Democrático. [...] O autor do artigo a que nos referimos assistiu a instalação do Comitê Popular, e até discursou elogiando o Ditador Vargas... Fez depois um festival em benefício da Criança Pobre e, além de ao Comitê os bancos da sua escola, prometeu-lhe 20% da renda, o que, aliás não cumpriu. Além disso devolveu ao Comitê os bancos quebrados de tal forma que apesar do <<concerto>> que mandou fazer, ficaram imprestáveis. Como é, pois, que esse professor afirma que em Porangabussú não se organizou ainda uma Sociedade com essa Altruística finalidade? [...] Se o professor interessa-se realmente pela Criança Pobre, porque não coopera com o movimento já existente neste Bairro, em vez de procurar fundar entidades rivais? (ASSISTÊNCIA..., 1945, p. 8)

O artigo acima fundamentou suas críticas apresentando dados dessa escola gratuita, que teria atingido a matrícula de 164 crianças proletárias naquele ano, distribuindo merenda escolar por conta da parceria com a empresa *Nestlé* e recebendo ainda auxílio financeiro da Liga da Defesa Nacional. O tom ácido da réplica, que se aproxima dos vieses de uma denúncia, evidencia que, apesar de as representações sobre o Prof. Coelho Sampaio com caráter elogioso serem em número majoritário, elas não eram unânimes. Desse modo, essa aparente querela de bairro apresentou uma visão dissonante sobre Sampaio, permitindo problematizar essas nuances. A possibilidade de publicação desse conteúdo de contraponto na própria Gazeta de Notícias parece estar relacionada ao princípio levado a cabo por esse jornal de se acolherem opiniões diversas e até mesmo divergentes sobre um mesmo assunto.

Torna-se relevante destacar, ainda, que conforme Sirinelli (2003), os rastros relacionados às redes de sociabilidade não são apenas os laços construídos a partir de amizades:

"A atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo". (SIRINELLI, 2003, p. 250, grifo do autor). Isto é, a réplica ácida direcionada a Coelho Sampaio, publicada na Gazeta de Notícias e vinculada à Diretoria do Comitê Popular Democrático de Porangabussu, também se configura como elemento relevante para a compreensão da forma com que Sampaio foi construindo suas articulações de sociabilidade no momento em enfoque, fossem elas pautadas em vieses de amizade ou desafeto.

No tocante à autobiografia *Nos Caminhos do Destino*, após a abordagem da sua trajetória de vida nos anos 1940, portanto no período de foco da presente análise, Sampaio disserta sobre seu processo de migração para outro Estado da Federação, o Espírito Santo (ES), por conta de uma proposta profissional para dirigir institutos escolares no referido Estado. Acerca desse processo, Sampaio afirma:

Como era de se esperar, minha primeira atitude de então foi não aceitar a proposta, dando-lhe os motivos explicando a minha situação (de Vice-Diretor de grande colégio⁵⁵, além de trabalhar no maior jornal do Estado); não poderia deixar o meu patrimônio construído em 10 anos de muito trabalho... (SAMPAIO, 2004, p. 21).

Argumenta-se a favor da ideia de destino e predestinação, pois o mesmo não sabe elucidar de que forma o seu nome foi indicado para essa empreitada profissional longínqua. Apesar da hesitação, Sampaio e sua família emigraram para o interior do Espírito Santo em 1º de agosto de 1955, o que pressupõe crer que o Instituto São Raimundo perdurou, no máximo, até o ano de 1955:

Mas, como cearense, tinha que emigrar... No Estado do Espírito Santo desde 1955. Ali, dirigiu também e novamente fundou estabelecimentos de ensino. Foi Diretor Estadual da C.N.E.C.⁵⁶, continuando a escrever para os jornais. [...] Publicou, em 1979, o seu primeiro livro: 'REFLEXÕES' - Poemas - tendo, ainda, uma peça de teatro premiada pela Fundação Cultural do mesmo Estado: 'CRISTO, O AGITADOR' - 1980. (SAMPAIO, 1981, p. 1).

Neste referido ano, Sampaio assumiu a direção da única escola existente na cidade de São Mateus (ES) e iniciou o primeiro passo da trajetória de toda uma vida neste Estado, na contramão do que ele denomina de preconceito antinordestino. Coelho Sampaio foi responsável, como diretor, pela 1ª Turma de Normalistas do Norte do Espírito Santo. Em seguida, mudou-se para a capital do Estado, Vitória, ao obter a promoção do posto de Diretor

⁵⁵Pela primeira vez, o Instituto São Raimundo é representado como um colégio de grande porte por Sampaio.

⁵⁶ Por coincidência, a autora desta tese estudou da Alfabetização à 3ª série dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Colégio Arminda de Araújo, instituição integrante da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), na cidade de Fortaleza.

Executivo Estadual da CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), relatando satisfação pessoal. Com o passar dos anos, logrou êxito no processo seletivo para professor catedrático de Economia da Universidade Estadual do Espírito Santo, no ano de 1960.

A atuação caritativa de diversas instituições, guiadas com premissas advindas do espiritismo, também foi destacada em sua escrita de si. Ademais, Sampaio menciona outras atividades profissionais que julgou relevantes em sua trajetória, como a passagem por funções de assessoria política, ocupação de Cadeira na Academia Espírito-Santense de Letras e ser sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo por muitos anos. Aposentou-se como professor catedrático da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e desempenhou função de Assessor de Nível Superior da Secretaria do Planejamento do Estado (ES) nos anos 1980. Obteve o título de Cidadão Espírito-Santense, pela Assembleia Legislativa do Estado.

De acordo com informações da Academia Espírito-Santense de Letras, na qual era 2º ocupante dos Patronos Acadêmicos, faleceu na cidade de Vitória (ES), em 13 de setembro de 2010, aos 90 anos, tendo seu corpo velado na sede da referida instituição. A data de falecimento de Antônio Coelho Sampaio corresponde ao ano anterior ao início das primeiras inquietações que deram origem à culminância desta pesquisa, inviabilizando assim, possibilidades advindas do campo da História Oral.

3. ENTRE MISSÃO E PROFISSÃO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DOCENTE NA COLUNA ENSINO E EDUCAÇÃO

3.1 "Aprenda a disciplinar-se!": a função docente na coluna Ensino e Educação.

"Para que o mestre possa realizar algo, no espírito do educando, é necessário, primeiro, que êle personifique tais valores: – só podemos dar o que temos. E o mestre só logrará educar o discípulo se conseguir fazer com que êle receba a sua palavra de ordem como um conselho de pai estremo; o castigo como reparação merecedora pela falta cometida; as autoridades como uma superioridade reconhecida de mestre, digno de veneração e respeito". (SAMPAIO, 1944a, p. 5).

Uma das questões abordadas com maior contundência por Coelho Sampaio ao longo de todo o período de publicação da coluna Ensino e Educação foi a função docente. Recorrentes vezes havia o intento de se ponderar, naquele espaço destacado de visibilidade social, acerca de quais seriam as qualidades exaltáveis e quais seriam as posturas condenáveis sobretudo em um mestre-escola⁵⁷, de acordo com sua visão pedagógica.

Apesar de terem existido, em sua seção jornalística, considerações sobre o professor que ministrava aulas particulares, para um aluno ou grupo diminuto, seu enfoque incidia sobre os docentes que laboravam em instituições escolares, ou seja, que lidavam com as dificuldades de exercer sua função para classes, em geral, numerosas.

Desse modo, o presente tópico tem por objetivo fulcral investigar de quais maneiras Coelho Sampaio abordou o conceito de professor em sua coluna, sobretudo nas vezes em que o autor se debruçava sobre o que ele considerava as finalidades do labor docente.

As perguntas que norteiam este tópico, então, são: de que forma o professor Sampaio construiu representações para a função professoral? De que forma a função social do professor era representada em sua coluna? Quais os conceitos utilizados pelo autor para as suas elaborações opinativas sobre o ideário de mestre exemplar e mestre condenável? Essas construções discursivas sobre a docência a aproximava mais do ideal de profissão ou de missão?

⁵⁷ O termo não é usual na escrita de Coelho Sampaio, mas foi utilizado na primeira coluna Ensino e Educação para distinguir professores atuantes em instituições escolares e profissionais que laboravam com aulas avulsas, como professores particulares.

A epígrafe ora utilizada está situada no texto referente ao primeiro número da coluna Ensino e Educação⁵⁸. Em geral, autores que redigem textos inaugurais para seções que tem por intento explorar múltiplas discussões sobre um mesmo assunto, optam por fazê-los de modo a priorizar uma ramificação relevante daquela temática. Conforme é possível inferir, desde o primeiro texto de sua coluna, Coelho Sampaio julgou central abordar qual deveria ser, de acordo com seus posicionamentos pedagógicos, a função do professor.

Esse número da coluna Ensino e Educação, com subtítulo Ensinar e Educar, pauta-se no fito de traçar uma diferenciação entre esses conceitos, desígnio observável já no próprio título da seção jornalística. Justifica-se que: "[...] E não é raro deparar-se-nos professores que ensinam, mas não educam." (SAMPAIO, 1944a, p. 5). Isto é, desde o primeiro número da coluna Ensino e Educação, seu autor desenvolve uma argumentação sobre como deveriam ser os professores, sobretudo os que laboravam em escolas.

Uma das premissas basilares para Coelho Sampaio, no que concerne à questão em análise, está expressa na epígrafe utilizada neste tópico e no excerto abaixo, que fazem parte da argumentação do mesmo escrito:

Necessario é, sem duvida, que o professor se dedique de corpo e alma á faina da educação, perfeita e exclusivamente, procurando compreender de maneira inteligente, as tendencias do educando; amoldando-lhe o carater; tornando-o real, sem ficções evitando-lhe as más interpretações e auscultando-lhe o modo de ver, sentir e perceber as cousas. [...] Mas, ensinar não é só formar valores em materia de conhecimentos, com fins objetivos. A par do ensino das ciências, letras e artes, deve-se procurar formar o carater do aluno. E' a educação moral e espiritual; humanitarista e de solidariedade; economica e religiosa. Esta disciplinação, bem dirigida, criará no espirito do discipulo uma idéia segura da verdadeira finalidade do homem, que é praticar o bem sempre e incansavelmente, até lograr elevar a humanidade a um grau mais elevado de perfeição e torná-la mais humana e mais feliz. (SAMPAIO, 1944a, p. 5).

No trecho supracitado, há a ideia de que o indivíduo que optasse pelo magistério teria que enfrentar as agruras do educar integralmente e abnegadamente, em prol de um desígnio maior, qual seja o de moldar o caráter das novas gerações. Isto é, haja vista que existia uma maior defesa pelo conceito de educar, que transcendia a instrumentalização do ensino formal dos conteúdos previstos no currículo escolar; para que o professor pudesse desempenhar a sua função corretamente, ele mesmo teria que adotar uma postura exemplar em sociedade. A

⁵⁸ Conforme discutido de maneira mais contundente no tópico anterior, acerca das legitimações empregadas aos discursos impressos de Coelho Sampaio; é relevante destacar que ao lado do seu número de estreia na coluna Ensino e Educação, constou uma publicidade do Instituto São Raimundo, instituto escolar fundado e dirigido pelo autor. Entretanto, nesta publicidade, que pode ser observada na figura 11, não aparece a informação de que ele seria o diretor daquela instituição de ensino primário. Há apenas a localização da escola, seus *slogans* e a data de início das aulas.

própria construção da relação hierárquica entre professor e aluno, na qual o primeiro é uma representação de autoridade e superioridade máxima, como intenso objeto de admiração, sugere uma noção de educação pelo exemplo.

Tratava-se de educar-se para educar, para citar uma articulação possível com Orlando (2013) e sua análise do projeto educacional de renovação do ensino religioso levado a cabo por Monsenhor Álvaro Negromonte, através de impressos pedagógicos, entre as décadas de 1930 a 1960. Os escritos de Coelho Sampaio na coluna Ensino e Educação, nos anos 1940, fornecem rastros para compreender que essa autoeducação do mestre, que deveria ser prévia ao trabalho com alunos, significava um processo de autodisciplinamento.

Para além dessas questões mais imbricadas ao ideal de moralidade para o professor, Coelho Sampaio também ponderou sobre a possibilidade ou impossibilidade da construção de métodos e técnicas para o mestre:

Aqui é que se nos apresenta uma grande interrogação: Poder-se-ia criar uma metodologia para o mestre? Nêste ponto de vista eu desacredito em qualquer realização praticavel [...] Cada um que se dedica de corpo e alma ao ensino, deve formar o seu auto-método. Cada aluno, cada tendencia. Pois dificilmente poderá o mestre generalizar questões, e, muitas vezes, sentir-se-á decepcionado ante os resultados obtidos nos testes, se não tomar em consideração esse ponto capital. [...] É preciso que o mestre evite despertar, no educando, de qualidade ainda desconhecidas como: ódio e vingança ou desprezo e orgulho. (SAMPAIO, 1944a, p. 5).

O autor das colunas Ensino e Educação advoga a defesa de múltiplos métodos de ensino, baseados nas observações do contexto específico de atuação de cada mestre. Isto é, a construção dessas metodologias e seus respectivos diagnósticos de aplicabilidade em cada ambiente educacional seria tarefa do professor. A partir de um debate genérico sobre o fazer docente, mesmo em um contexto no qual já se debatia sobre a renovação da experiência pedagógica no cenário intelectual sobretudo a partir dos escolanovistas, Sampaio critica, ainda, a utilização de métodos obsoletos que não ponderavam sobre o grau de desenvolvimento de cada aluno. Para o autor, esses métodos seriam descartáveis por não considerarem a importância da tarefa de despertar, em cada um dos educandos o desejo pela aprendizagem, que estimularia a atenção e a dedicação dos mesmos.

O autor fundamenta a sua descrença em regras-gerais e universalmente aplicáveis, quando o assunto é a docência, com base em questões provenientes da Psicologia da Educação, questão cara ao movimento educacional escolanovista sobretudo a partir dos anos 1920 no Brasil. Nagle (2001) atina para o fato de que demonstrar domínio em relação aos conhecimentos

dessa ciência, desde esse período, apresentava-se como elemento que podia inclusive conceder certo prestígio e legitimação a esse educador. Sob a égide dessa área do conhecimento, utilização recorrente para Sampaio, o autor argumenta sobre a importância do professor conseguir perceber com nitidez a singularidade dos seus educandos, compreendendo as tendências de cada um deles, com o fito de moldar-lhes o caráter.

Coelho Sampaio acentua ainda mais essa questão de ser dever do professor formar o caráter dos alunos, à medida com que apresenta sua tese de que o professor hodierno precisaria estar atento a uma questão aquilatada como problema capital no processo formativo da criança: o fenômeno das mães que laboram. Esse dito imbróglio da vida moderna, à época, resultava em preocupação acentuada:

A vida moderna como se nos mostra, atualmente, deixa-nos ver as mães entregando os seus filhinhos, na fase mais preciosa da vida, na infância, inteiramente aos cuidados das empregadas domésticas (pessoas que, naturalmente, não podem ter a capacidade para influenciar beneficiamento às crianças, nem educá-las) justamente quando nelas tudo é resultante da imitação. E quando atingem a idade escolar, já plenas de defeitos, as mães as entregam aos colégios, como se êsses institutos 'fossem casas de correção'. (SAMPAIO, 1944b, p. 6).

Nesse ponto da argumentação de Sampaio notam-se contornos de simbiose entre questões pedagógicas e ajuizamentos sobre o gênero feminino naquele contexto em dois seguimentos: 1) mulheres mães que exerciam profissões diversas e 2) mulheres que atuavam no serviço doméstico. Olvida o autor, entretanto, que as segundas muitas vezes também eram mães. Esse posicionamento de Coelho Sampaio sobre mães trabalhadoras é um rastro importante para compreender acerca de seus posicionamentos educacionais e, sobretudo, para o fito de clarificar qual classe social seus escritos priorizavam.

A separação entre mãe e filho por um ou dois expedientes laborais é posta como fruto de uma irresponsabilidade materna, desvelando uma concepção patriarcal em relação à concepção do feminino e da maternidade, na qual o cuidado absoluto dos filhos e filhas era posto como desempenho ideal. À mulher, então, caberia a dedicação exclusiva à maternidade, ao lar e à vida privada. Sampaio parece desconsiderar, ainda, que muitas dessas mulheres mães de classe média que enfrentavam o mercado de trabalho à época eram também professoras. Para as mulheres desse período, ser professora era uma de suas possibilidades mais operacionalizáveis, em face ao processo de feminização do magistério.

Tratava-se de uma paixão pelo possível, para citar Almeida (1998). Em outro estudo, a mesma autora afirma:

Durante as primeiras décadas do século XX, o magistério representou praticamente a única carreira aberta às mulheres, apesar de algumas também procurarem pela enfermagem. O fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho no lar. (ALMEIDA, 2004, p. 81).

As representações tecidas por Sampaio sobre as mulheres que atuavam no serviço doméstico negam-las o direito à moralidade. É posta como natural a presença de influências negativas às crianças que as mesmas cuidam. Às empregadas domésticas, Sampaio não somente nega a capacidade de educar em sentido amplo, como as classifica como causa da má educação das crianças que ficavam sob seus cuidados, sobretudo ao atingirem a idade escolar. Essas crianças que ocupam o fulcro das preocupações de Coelho Sampaio, certamente não pertenciam às famílias proletárias. Desse modo, alguns questionamentos são basilares: para quais classes falava Sampaio? E os filhos das empregadas? Para estes, seu discurso escrito alternou entre instâncias de silenciamento e questões assistencialistas/caritativas. Ressalta-se, ainda, que a preocupação com a dita educação do povo é historicamente um objeto de apropriação da retórica política, concretamente circunscrita aos interesses da elite econômica.

Nesse mesmo texto em análise, no segundo número da coluna Ensino e Educação, há uma crítica ferrenha a estabelecimentos de ensino filantrópicos, que tinham como público principal crianças advindas de famílias pobres. Essa crítica clarifica acerca dos questionamentos formulados anteriormente:

[...] muitas das pessoas dirigentes de tais escolas além de não serem normalistas, e pois sem os conhecimentos pedagogicos necessarios para dirigirem uma escola, muitas vezes apenas com instrução primaria tambem não possuem qualidades morais, nem vocação para o exercicio do magisterio. Segundo Beckorf, 'para termos boas escolas, é preciso que haja bons professores. [...] Alguns alegam que tais escolas são mantidas com fins filantrópicos. Mas o que não se justifica, de modo algum, é que tais 'escolas', pelo simples fato de serem 'para crianças pobres', estejam confiadas a uma direção irresponsável e incompetente e que, em vez de elevarem e tirarem aquelas pobres criancinhas da lama da ignorancia e dos máus costumes em que nasceram, por meio do estudo, da elevação intelectual e cultivo dos principios são da moral, religião e civismo, forcem-nas ao contrario, mergulhar cada vez mais no lodo do vicio e da amoralidade. (SAMPAIO, 1944b, p. 6).

Uma vez mais, Sampaio traça uma articulação naturalizada entre populações pobres e noções de ignorância/costumes inadequados, caracterizando-os como terreno próprio dos vícios e da ausência de moralidade. Em relação às representações ali construídas sobre a função docente, para além dos requisitos morais, Sampaio aponta a questão formativa como

indispensável para o exercício do magistério: as professoras deveriam ter diploma do Curso Normal como indicativo de eficiência. A par desses elementos, o autor identifica a vocação como algo fundamental para ser um bom professor. Ser vocacionado a algo implica o sentimento de uma inclinação inexplicável racionalmente. A mística da identidade docente, Passos (2011), é questão fundamental para Sampaio, ao passo em que a necessidade da formação específica para professores também é avaliada como indispensável.

No trecho acima é observável o conceito de infância em voga na época, ancorado na Psicologia da Educação, de que a criança nasceria sem os sentimentos considerados desprezíveis, como o ódio, a vingança e o orgulho. Desse modo, essa área do conhecimento apregoava que o principal mecanismo infantil era a imitação. Na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, principal veículo oficioso dos assuntos educacionais a partir de 1944, no ano de seu lançamento, essa premissa também era validada por diversos autores. Roger Bastide, professor de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) à época da publicação de seu artigo na RBEP, intitulado Educação dos Educadores, compartilhou da mesma acepção de ser infantil que Coelho Sampaio. Ressalta-se, ainda, que esse autor francês fez parte da geração fundadora das Ciências Sociais no Brasil, no final da década de 1930, ao lado de intelectuais como Levis Strauss. Acerca da problemática de se educar o educador, advogada por Bastide, destaca-se:

Infelizmente os adultos se apresentam em grande parte como seres já cristalizados, prisioneiros de seus antigos hábitos como se o fossem da túnica de Nessus, da qual ninguém se livra; e, por conseguinte, é mais difícil transformá-los que às crianças, virtualidades puras ainda, que certa e naturalmente possuem já um tal ou qual equipamento hereditário, tendências e inclinações, mas que são matéria de muito maior maleabilidade, submetida à dupla influência das coações sociais e da imitação de exemplos dados. O Brasil de amanhã será o que forem suas crianças e dependerá em larga escala da educação que elas tenham recebido. (BASTIDE, 1948, p. 20).

Sendo o professor um adulto, que deveria ser considerado um sujeito educado para que somente então pudesse educar, ressalta-se que a sua prática pedagógica deveria ser guiada de modo a preservar a inocência infantil, haja vista que o mestre deveria ser o maior exemplo daqueles alunos. Compreendendo-se que a criança seria o adulto do amanhã, quanto maior fosse o intervalo de tempo que o professor conseguisse preservar a mentalidade infantil, considerada pura, tanto mais ele estaria contribuindo para o progresso das sociedades futuras⁵⁹. Desse modo:

⁵⁹A menção no trecho ora citado à questão das provas escolares, em tom de advertência, também parece sugerir uma centralidade desse recurso avaliativo na dinâmica escolar do período.

"A escola é um espaço para dar forma à criança e ao jovem. Deve criar hábitos e atitudes nos alunos, a partir dos (hábitos e atitudes) dos professores. As abordagens recaem no discurso ideológico que conta, modela e regula." (PASSOS, 2011, p. 96).

Para Sampaio:

Eu entendo, sem tergiversações, que o aluno, embora fazendo parte de uma coletividade e sujeito a regulamentos, deve ser considerado como indivíduo independente; recebendo-lhe as queixas; ouvindo-lhe as histórias e julgando-as de acordo com a razão e personalidade infantil; sem mostrarmos repulsa pelos seus atos; sem o considerarmos indigno da classe; apenas mostrando-lhe o erro e as vantagens advindas da prática do bem e fazendo com que ele mesmo, por si, procure corrigir-se para o bem da coletividade. Dê-se modo, terá o educador transformado-se num acepilhador de caracteres. (SAMPAIO, 1944a, p. 5).

Torna-se relevante observar que há uma certa contradição entre as ideias de que cada aluno é um ser único, com demandas específicas; e a ideia de que o objetivo principal do professor seria moldar o caráter do aluno. Há também uma incongruência observável entre o trecho acima e a epígrafe utilizada neste tópico, que são provenientes do mesmo texto, no tocante à questão dos castigos. Nos anos 1940, o castigo físico já não era mais apregoado como método de punição adequado, ainda que as distâncias entre teoria e prática resguardem abismos consideráveis. Fontes históricas como as memórias de ex-alunos em décadas bem mais recentes que a dos anos 1940, a depender de seus contextos, nos atinam para o fato de que a prática dos castigos físicos perdurou muito mais do que o previsto pelas teorias pedagógicas, sobretudo as advindas da Escola Nova. Para brevemente retomar o cruel e famoso instrumento utilizado para castigos físicos atividades pedagógicas, ressalta-se:

A exemplo das palavras, certas locuções traçam longo percurso no seio das experiências sociais. Sua duração muitas vezes surpreende, ao passo que também pode elucidar aspectos pouco evidentes da dinâmica histórica. Tal é o caso, quando se nota, em nossos dias, a vitalidade curiosa de expressões aparentemente arcaicas. Duas delas são particularmente dignas de menção: 'dar o braço a torcer', 'dar a mão à palmatória'. Ambas carregam o sentido daquele que reconhece publicamente um erro, indicando também o senso de resignação consciente ante um evento, tendência ou fenômeno tido como inquestionável, de que não cabe duvidar. [...] No ambiente da instrução escolar tradicional, a palmatória parecia sintetizar, como nenhum outro objeto, a crueldade dos métodos pedagógicos. [...] Que a assepsia da pele, a limpeza das unhas, a alvura dos uniformes, o zelo da caligrafia, a disciplina das condutas, entretanto, não nos enganem ou nos encantem! Pois só se tornaram possíveis em razão de seu laço

indissolúvel com uma zona opaca, sombria, modesta, feita de letras trêmulas, erros de ortografia, leituras sofríveis, páginas borradas, livros rotos, nós na garganta, dedos manchados de tinta, carne marcada de surra, rostos sulcados de lágrima. (SILVA FILHO, 2004, p. 91 *et seq.*)

No trecho há pouco citado, Sampaio argumenta a favor de uma autocorreção do educando, ao passo em que o mesmo identificaria seu próprio erro e o corrigiria autonomamente. Já na epígrafe deste tópico, consta a ideia do castigo – provavelmente em sua acepção moral – como forma legítima de se reparar erros nos educandos, visto que nesse contexto a legitimidade da palmatória é arduamente criticada e os castigos simbólicos ganham força de imposição corretiva.

Uma característica basilar da escrita do professor Coelho Sampaio é o uso recorrente de outros autores, em diferentes áreas do conhecimento, para legitimar suas argumentações e fundamentar suas discussões. Entretanto, raras são as vezes nas quais o autor dedica-se a explicitar a referência completa do autor ou o título do livro utilizado, com largo uso de abreviações. Observe-se o trecho abaixo:

Esclarecer um tema não se limitará apenas á sua descrição metodica e entrecortada. Daí porque admiro E. Goué, quando diz: 'O professor procurará empregar o seu tempo não mais tendo por fim esgotar um assunto, mas simplesmente exercitar as crianças a se utilizarem dos cinco sentidos'. (SAMPAIO, 1944a, p. 5).

A citação a qual Sampaio se refere com abreviação, simplesmente posta como E. Goué, remete a, na verdade, dois autores franceses de mesmo sobrenome: M.me Goué e E. Goué. Os dois ocupavam cargos inseridos no contexto do cotidiano escolar, sendo a primeira citada uma diretora de Escola Normal e o segundo um inspetor escolar de Ensino Primário. A sutil referência feita por Sampaio dificulta precisar qual seria a obra em utilização. Contudo, a menção parece atinar ao livro intitulado *Comment Faire Observer Nos Élèves*, cuja 5ª edição é datada em 1923⁶⁰. Goué e Goué (1929) obteve tradução brasileira pela editora carioca F. Briguier e Cia, em 1929, intitulando-se *Como Fazer Observar Nossos Alunos*, integrando a Coleção Pedagogia, que buscava sumariar obras de proeminência para o campo docente. A referência desempenhada por Sampaio parece ser um pouco incomum em relação aos seus pares, haja vista que Batista (2005) apontou em seu levantamento sobre manuais pedagógicos no eixo Brasil-Portugal, em um recorte temporal de 100 anos (1870 a 1970), uma única citação a esse mesmo livro.

⁶⁰ Obteve-se acesso somente à 5ª edição do livro, em francês, no formato digitalizado.

Já em relação à diligência pelo estímulo à utilização dos cinco sentidos infantis no âmbito escolar, apesar de não existir uma referência explicitada⁶¹, a argumentação evoca o ideal de educação dos sentidos, cunhado por Maria Montessori. Isto é, para muito além do enfoque único na apreensão dos conteúdos escolares previstos no currículo, essa educação sensorial da criança deveria ser uma premissa para o professor, orientando sua prática e subsidiando atividades estimuladoras dos cinco sentidos do corpo humano.

O primeiro e o segundo número da coluna Ensino e Educação estabeleceram uma relação de complementação. Tal situação não é atípica nesse contexto. Se configurava como uma estratégia de abordagem recorrente do Coelho Sampaio estender os assuntos eleitos para sua coluna por mais de um número. Segundo o autor, isso ocorria, pois, a complexidade de algumas temáticas ultrapassaria a utilização de apenas um texto, levando em consideração o espaço disponibilizado pelo jornal Gazeta de Notícias para a sua seção.

Desse modo, conforme se pode inferir, Sampaio continuou versando sobre as diferenças entre instruir/ensinar e educar, bem como discutindo qual deveria ser a função do professor sob sua ótica:

Os pedagogistas fazem até mesmo uma certa distinção entre o que instrue - o mestre - e o que educa - o educador. O mestre - procura apenas formar valores, com fins objetivos; o educador - incentiva e desenvolve, no educando, as qualidades morais; o sentimento cívico; a religiosidade; e o amor pátria. A Instrução, para ser completa deve ser sempre acompanhada da Educação; mas, que fazer? Os mestres não querem se dar a êsse trabalho - mundo⁶² é o melhor mestre, - dizem - ensina e educa. [...] A-fim-de remediar êsse grande mal, só há um meio; que os professores sejam, ao mesmo tempo, mestres e educadores, pois 'a tarefa do professor não consiste somente em instruir; o seu principal dever é educar os alunos'. (O' Schulz). (SAMPAIO, 1944b, p. 6).

Apesar da distinção exposta acima entre os conceitos de mestre e educador, as denominações utilizadas com maior frequência por Coelho Sampaio são: mestre e professor, não educador. Uma vez mais o autor é diligente em afirmar que o trabalho docente vai muito além de explorar conteúdos curriculares à exaustão. A partir de sua concepção pedagógica calcada em intentos moralizadores – que atingiriam tanto o aluno como o professor –, a exaltação cívica e a religião cristã se constituíam como elementos basilares para se alcançar esse ideal de educação propalado por Sampaio. Nesse excerto, ao passo em que a tarefa educativa é posta como sendo portadora de um nível de complexidade muito maior do que o

⁶¹ Nesse trecho, não há citação nominal a Maria Montessori. Entretanto, em outros números da coluna Ensino e Educação há menção explicitada a essa educadora italiana, ponto que reforça a inferência.

⁶² Originalmente está escrito o "mudo", como erro de digitação. Para facilitar a compreensão dos leitores, corriji.

ato de ensinar, o professor é representado como um profissional com pouco vigor para enfrentar o desafio de educar.

A abordagem dos assuntos concernentes à função docente, nas colunas Ensino e Educação, dá-se de maneira transversal a múltiplos assuntos educacionais, havendo, entretanto, números nos quais o autor a explana com centralidade. Uma dessas ocasiões remete à coluna de título condensador de síntese: Quem Deve Ser Mestre. Como é possível inferir pela intitulação, esse artigo era especificamente destinado a ponderar sobre as principais características que um indivíduo deveria ter para se tornar adequadamente um professor, o que também denota uma situação de poder. A argumentação inicia com a importância de se seguir à risca o ramo de trabalho para o qual se estivesse mais "amoldado". Caso contrário, o destino seria de via única: o fracasso. Na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos desse período, há, inclusive, uma discussão acentuada sobre a importância dos testes vocacionais e da orientação vocacional.

Para discorrer sobre a relevância da função docente, Sampaio recorreu à citação de um santo:

Como diz S. João Crisóstomo, 'A magistratura de que se acha o mestre revestido está acima das magistraturas civis como o céu está acima da terra. A magistratura civil se ocupa, antes de tudo, em punir o mal já feito; a magistratura espiritual, porém, se ocupa, antes de tudo, em evitar que o mal seja praticado'. Assim, pela elevação com que se apresenta, a carreira do magistério é a que maiores e melhores tendências exige de quem deve ser mestre. (SAMPAIO, 1946a, p. 1).

Recorrer ao uso das palavras de um integrante da alta hierarquia da Igreja Católica – arcebispo –, além de santificado; pode dizer muito sobre a concepção de professor que o autor das colunas Ensino e Educação adotava. A descrição de São João Crisóstomo sobre o mestre com uma aura divina, a partir da ideia corrente de que somente a Educação poderia mudar os rumos de uma sociedade, para que então não se precisasse punir os males já praticados. A partir desse raciocínio, a incumbência docente de uma tarefa primordial – a construção de um novo futuro – em contraste com as agruras da profissão, torna o elemento vocacional algo indispensável:

Para ser mestre é necessário, antes de tudo, a vocação. [...] E a sua dedicação às crianças deve ser completa e paternal. Do aprendiz, quando o aluno-mestre na escola normal procura penetrar o segredo da ciência de transmitir às crianças os seus conhecimentos, é que podem sair os bons mestres. Ai é que se faz mister já exista a inclinação para o exercício do magisterio. Ai surgem as primeiras preferências por este ou aquele ramo científico ou literário. Mas, o aluno-mestre precisa, antes de mais nada, ter conhecida dedicação ao estudo

da Psicologia, Pedagogia, Antropologia, Metodologia, Didática, Lógica, Ética e Religião, afora as outras ciências mais ligadas ao estudo da Natureza. (SAMPAIO, 1946a, p. 1)

A crença de que a vocação seria um elemento fundante para o indivíduo que objetivasse ser professor foi reforçada até o fim da coluna Ensino e Educação. Em 1949, inclusive, o autor republicou esse número em análise, com apenas alguns acréscimos. A republicação sugere a permanência da opinião pedagógica do autor. A forma de nomear o artigo, entretanto, mudou para O Aperfeiçoamento do Professorado Primário, (SAMPAIO, 1949g, p. 4), fazendo com que o enfoque recaísse para o processo de formação docente. Há de se observar, ainda, que nesta réplica de si mesmo, o autor refere-se a "aluna-mestra", diferentemente do texto original, que se referia ao "aluno-mestre".

A discussão sobre a centralidade ou não do elemento vocação para se exercer exemplarmente a função docente não era exclusividade dos discursos do professor Sampaio. Ao inverso, havia um debate amplo sobre o assunto com rastros mais longínquos. Em 1928, por exemplo, Lourenço Filho discursou em uma conferência patrocinada pela Sociedade de Educação na cidade de São Paulo, no Dia da Orientação Profissional, em sessão solene ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico. O texto-base dessa conferência foi publicado na revista Educação, também de São Paulo, em 1928, além de ser republicada na revista Educação do Rio de Janeiro. Conforme Lourenço Filho:

E se nos perguntassem agora: há uma vocação, no sentido de predisposições gerais de organização, para o magistério, uma bossa pedagógica, uma tendência inata para o professorado, resultante do desenvolvimento de um órgão, ou de uma parte do sistema nervoso? Diríamos, pura e simplesmente: 'Não, ao que saibamos'. [...] Haverá quem pergunte, agora, por sua vez: 'Devemos negar, então, que haja aptidões especiais para o magistério?' Por Deus! Não negamos nada quanto às aptidões. Negamos a vocação, como uma força mística, agindo sobre o indivíduo, para levá-lo a ensinar. Mas para o magistério, como para toda e qualquer função, calceteiro, vendedor de jornais, escritor, ministro de Estado, condutor de veículos, tipógrafo, telefonista, e o que mais seja, para tudo há maiores ou menores aptidões, isto é, conformidade de funcionamento de nossos órgãos e tendências com o funcionamento ótimo requerido nas funções desses misteres. Afirmamos, porém, desde logo, que a verificação das aptidões é um problema bem diverso do da vocação. Pode estar até em contradição com ela. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 15).

Desse modo, Lourenço Filho combate a noção de uma vocação mística, quase como predeterminação divina, para o exercício da profissão docente, diferentemente do que postulava Coelho Sampaio em suas colunas. Entretanto, o autor advoga a existência de atributos, características e/ou qualidades específicas para os indivíduos que objetivem ingressar na

carreira do magistério, assim como em outras profissões, ao ressaltar a importância da orientação vocacional, assunto exaustivamente debatido na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

No espaço da coluna Ensino e Educação, assim como havia publicações diversas sobre como ser um professor exemplar, não raras foram as vezes nas quais Coelho Sampaio publicou acerca de sua percepção sobre o que seria um mau trabalho docente, posto como situação corriqueira:

Acontece, porém, que muitas professoras diplomadas por escolas normais não têm capacidade para dirigir uma classe. O que terá motivado essa falta de preparo? A ineficiência do ensino normal ou a inaptidão para o ensino? Parece haver uma explicação mais aceitável na segunda hipótese, sendo aconselhável que o aspirante ao magistério SE OBSERVE A SI MESMO, que tenha consciência de si e aprenda a disciplinar-se! E' dessa auto-crítica que o aluno-mestre poderá haurir tanta experiência e tantas dotes de observação, quanto os necessários para se educar a si mesmo e adquirir as qualidades indispensáveis a quem aspira ser mestre. (SAMPALIO, 1946a, p. 1).

É relevante observar que, ao desempenhar essa crítica aos professores do período, Sampaio optou por um gênero: o feminino. Ao descrever o que seria uma incapacidade laboral no magistério, o autor direciona o julgamento às professoras primárias. Uma linha interpretativa possível é a questão do fenômeno de feminização do magistério, que à época já estava estabelecido. Isto é, em "praticamente em todo o Brasil o magistério se torna uma ocupação majoritariamente feminina entre finais do século XIX e início do século XX" (SÁ; ROSA, 2004, p. 3), apesar da ressalva feita por Chamon (2005) de que tal processo foi lento e não ocorreu de modo homogêneo, apresentando variações temporais e geográficas. Almeida (2004) acrescenta, ainda, que a feminização do magistério foi intensificada sobretudo após a República. A sociedade que erigiu a construção da imagem da mulher-mãe-professora, então, "colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes". (ALMEIDA, 2004, p. 69).

Contudo, torna-se relevante ressaltar o aspecto de historicidade atrelado à feminização do magistério, conforme alertam Vilar, Silva e Nunes (2011):

Durante décadas o magistério primário foi adotado como uma atividade predominantemente masculina, tendo em vista que as mulheres eram consideradas incapazes de exercer qualquer outro tipo de atividade que não fossem aquelas ligadas às prendas domésticas, consideradas naturais para o seu sexo. A essas, cabia apenas aprender a bordar, costurar, cuidar dos filhos e do marido. Sendo assim, desde os tempos da colonização no Brasil, as

mulheres estiveram afastadas dos colégios e escolas as quais eram administradas pelos jesuítas e destinavam-se apenas à educação dos homens. A primeira representação do magistério está associada a homens, religiosos, católicos ou protestantes que preocupados em conquistar fiéis, investem na educação infantil e na formação de professores (VILAR; SILVA; NUNES, 2011, p. 41-42).

Entretanto, no trecho da coluna de Coelho Sampaio sobre professoras diplomadas, há pouco citado, o autor não utiliza apenas o gênero feminino para representar o trabalho docente. Ao expressar sua visão de como deveria ser a postura do professor em formação, o mesmo menciona o "aluno-mestre", no masculino, ao passo em que também exalta, em outros momentos, uma postura paternal no manejo com as crianças em sala de aula. A análise depreciativa, contudo, é feita no feminino. Tal observação remete à hierarquização da profissão docente sob a ótica patriarcal naquele período, a qual, via de regra, a docência feminina era tratada como uma extensão do lar, sob a égide de metáforas maternas que exaltavam ideais de submissão, abnegação e sacrifício, construindo abismos entre o labor docente feminino e o conceito de profissão.

Passos (2011), conduz à compreensão acerca da historicidade da mística vocacional imbricada à docência. Desde o início do século XX, o magistério era definido como uma prática sacerdotal democrática:

Ao professor cabia realizar a tarefa de formação e purificação dos desejos da criança e do adolescente. Seu trabalho estava, assim, incorporado à ideia de docência como missão. O discurso sobre a nobre vocação do professor se aproximava do 'otimismo pedagógico'. A importância atribuída à educação, nesse período, como fator de integração e transformação social ampliava a importância da educação escolar. A missão salvadora, atribuída aos mestres, constituía um dever e ofício. Essa representação formava e inspirava os mestres, justificando suas ações e legitimando seu lugar social. (PASSOS, 2011, p. 95).

Sampaio apresenta, então, um problema: uma prática professoral falha, teria por culpa a formação ou a ausência de vocação? Sua argumentação consiste em inocentar o processo formativo. Nessa ocasião, a ausência da aptidão nata, da predestinação, seria capaz de arruinar quaisquer estudos apropriados para o magistério. Por isso a vocação consta como o primeiro dos passos. Para o autor, hierarquicamente, a aptidão mística, seria inclusive mais importante do que a formação, haja vista que, sem ela, a prática docente desaguaria em fracasso escolar. Torna-se relevante destacar, ainda, que Coelho Sampaio não possuía formação pedagógica em caráter formal. O mesmo criticava o que não possuía: diploma específico para

lecionar. Sua formação acadêmica, como dito no início desta tese, situava-se no campo da Economia. Criticar o processo formativo pedagógico formal e exaltar os aspectos vocacionais desaguava em uma autolegitimação.

De modo semelhante, destaca-se que a ausência de argumentações interligando o que seria uma maestria nata da mulher ao ensino, em seus escritos na coluna Ensino e Educação, também se constituía como uma forma de autolegitimação. Afinal, antes de ser fundador e diretor do Instituto São Raimundo, Coelho Sampaio iniciou sua carreira como professor primário no Colégio Dom Bosco, localizado na região central da capital cearense e "lecionou em vários Educandários de Fortaleza, entre os quais o 'Ginásio 7 de setembro' de propriedade do saudoso Prof. Edílson Brasil Soárez". (SAMPAIO, 1981, p. 1).

Desse modo, Sampaio destaca uma vez mais um ponto chave: os indivíduos interessados pela profissão docente haveriam de ter uma qualidade inegociável: ser um disciplinador de si mesmo. Observar a si próprio e ter consciência de si, significava desempenhar uma moralização de si mesmo. Tratava-se de tornar o mestre um exemplo máximo para os educandos, haja vista que, "ser mestre é ser, pois, o guia do caminho mais próximo da perfeição humana em todos os sentidos." (SAMPAIO, 1947f, p. 3). À medida em que a finalidade principal do ato de educar, mais complexo e mais abrangente do que o de ensinar, apresentava-se como um projeto de nuances moralizadoras e disciplinadoras, não poderia ter o professor uma individualidade reversa a essas premissas conceituais.

Não foram poucas as vezes em que Sampaio ponderou sobre quais seriam as qualidades necessárias para ser professor. Em 1947, na coluna Ensino e Educação, o autor elaborou o que intitulou de O ABC do Mestre. Tratava-se de um acróstico, em ordem alfabética, que contemplava as exigências fulcrais para os indivíduos que se interessassem pelo magistério. Saudando o povo norte-americano, que seriam pioneiros em testes vocacionais, o objetivo desse escrito se constituía em auxiliar os aspirantes à profissão. Precedente ao acróstico, constou uma advertência sem rodeios: "Dêse modo, aquele que não sentir uma verdadeira vocação não deve seguir o magistério." (SAMPAIO, 1947a, p. 5). Acerca do ABC do Mestre, Sampaio explana:

O professor deve TER ou SER:

Amor aos que o cercam;
Benevolencia para os atribiliarios;
Contemplação no castigo;
Dedicação ao magisterio;

Esperança no porvir;
 Firmeza nas atitudes;
 Governo de si mesmo;
 Honestidade na profissão;
 Ideal para a carreira;
 Justiça nas resoluções;
 Liberal com os subordinados;
 Minucioso nas questões;
 Natural na explanação;
 Obediente aos superiores;
 Pontual no trabalho;
 Querido dos discípulos;
 Respeito aos educandos;
 Sincero nas decisões;
 Tolerante com os indisciplinados;
 Unilateralidade na justiça;
 Vontade de vencer;
 Xerófago a alcoolatria;
 Zeloso do próprio nome.
 (SAMPAIO, 1947f, p. 3)

Para além do que simplesmente uma listagem de qualidades para o professor, o dito ABC do Mestre é também um panorama relevante para se rastrear os significados do conceito de moralidade à época. Desse modo, partindo-se da premissa de que o mestre deveria ser o exemplo-mor dentre todas as posturas exemplares, esse painel de atributos são substanciais para se compreender o que seria um sujeito disciplinado no período. Começando a análise pelo fim, tem-se que zelar pela sua reputação significava, substancialmente, possuir aversão a vícios.

No acróstico acima há um destaque para o abuso de álcool. A aversão ao alcoolismo se tratava de uma questão de época. No livro intitulado *Pela Criança - Noções de Puericultura*, cuja 2ª edição data de 1945⁶³, o autor Augusto Nascentes Tinoco cita o álcool, a sífilis, a tuberculose e os chamados tóxicos como bases do aceleração da degenerescência humana, classificando-os como os principais degradadores da espécie:

O álcool é o titã da destruição do homem fazendo-o perder toda a potencialidade do seu ser, todas as energias que o organismo não é capaz de produzir no seu comércio inteligente e constante com o mundo exterior. O homem alcoolatra abdica do supremo poder da vontade e abandona, ao domínio incoordenado de si mesmos, todos os órgãos da sua vida vegetativa que, aos poucos, vão perdendo, numa degenerescência progressiva, todo o vigor da estrutura, toda a força dinâmica de que são detentores. Se analisarmos, em certo período, detidamente, um viciado, mais se nos depara um conglomerado de órgãos em franca decomposição, uma excrescência, portanto, que propriamente o elemento homem, esse, cujo físico representa a

⁶³ A primeira edição data de 1937.

célula geradora do trabalho, base da organização social. (TINOCO, 1945, p. 11-12).

Essa aversão ao álcool e às doenças consideradas mais perniciosas à época buscava sinalizar que esses seriam os pilares de um indivíduo improdutivo, sem utilidade prática, sem vigor para o trabalho. Haja vista que o potencial-mor do sujeito residia na sua força produtiva, quaisquer elementos que pudessem minar a saúde dos cidadãos eram demonizados. Em estudo sobre as relações entre escola e higiene no Ceará, entre as décadas de 1930 e 1960, os autores Lima, Fialho e Santana (2015), destacam que o discurso eugênico embasava essa relação: "Dos anos 1930 a 1945 foi introduzida no contexto educacional uma argumentação eugênica de cunho fortemente nacionalista e centrada sobretudo na ideia do trabalho como princípio regenerador da população" (LIMA, FIALHO e SANTANA, 2015, p. 61). A relação intrínseca entre saúde e trabalho também reverberou nas publicidades jornalísticas do período, conforme pode ser observado na figura 20:

Figura 20 – Publicidade do remédio Atebrina relacionando saúde e trabalho - 1940



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese - página da Gazeta de Notícias (21 dez. 1940).

Apesar de, no acróstico de Coelho Sampaio sobre as qualidades do bom professor, constar apenas o álcool como elemento a ser demonizado e relacionado ao aspecto vicioso, em

outros momentos da coluna, há claras associações entre a prática excessiva de jogos e a má conduta, aos maus costumes. Em ambos os casos, a raiz do alvo é a mesma: o vício. Para ser professor e ter domínio de si mesmo, o indivíduo deveria ser avesso a práticas viciosas.

Algumas das qualidades citadas divergem entre si. Para seguir à carreira do magistério, o professor deveria ser amoroso, mas firme; tolerante, benevolente e liberal, mas alguém que castiga. Essa descrição coaduna com o ideal paternal em voga. Tratava-se de, sobretudo, a adoção da obediência como palavra de ordem.

Outro artigo central para se compreender as ideias e ideais de Coelho Sampaio sobre a função docente é o artigo intitulado *A Missão do Professor*, que foi publicado em sequência ao número anteriormente citado, na coluna *Ensino e Educação*:

As atividades dos professores, no mundo inteiro, em prol do desenvolvimento da Humanidade, é inavaliável, tendo-se em vista que todos trabalham, abnegadamente, pelo bem comum, instruindo e educando. Nêsse sentido êles, desde cêdo, perdem todas as esperanças de se enriquecerem materialmente, adquirindo, apenas, a riqueza cultural do convívio com os livros. (SAMPAIO, 1947b, p. 8)

Torna-se relevante observar o uso da palavra *abnegadamente*, pois sua utilização é recorrente nos discursos sobre a função docente à época, em geral, e nas ponderações do professor Sampaio, em específico. Não raras foram as vezes nas quais o mesmo caracterizou o mestre como sendo alguém que emprega esforço extremo para a causa educacional, ou, ainda, o progresso universal, de forma desinteressada em recompensas. O idealismo característico da luta pelos seus ideais seria o suficiente. O autor das colunas *Ensino e Educação* é categórico ao afirmar que essa postura altruística atribuída ao mestre exige desapego ao dinheiro, em detrimento da riqueza cultural. A caracterização do professor como um abnegado remete ao imaginário atrelado ao sacerdócio.

São tantas as agruras inerentes ao magistério, que posteriormente, Sampaio afirmou: "Muitos dos que, hoje, se dedicam ao magistério, talvez não saibam explicar como se sentiram atraídos por esta missão tão árdua, tão espinhosa quão necessária ao progresso [...]" (SAMPAIO, 1947f, p. 3). A par da certeza do empobrecimento e dos fardos do ofício, na coluna *Ensino e Educação*, Coelho Sampaio conduziu essa sua argumentação de modo concomitante a outra linha de raciocínio conflitante, qual seja a da luta por melhores condições de trabalho docente:

Sendo, realmente, a classe dos menos compensados muitos não ganham suficiente para comprar os livros de que precisam... [...] Basta que se atente para o fato de que é o professor quem mais precisa estar em contacto com o

progresso das ciências, letras e artes. E para isso deve ele adquirir sempre as primeiras novidades em materia de livros, revistas nacionais e estrangeiras, jornais, folhetos, informativos e estatísticos, etc. (SAMPAIO, 1947b, p. 8).

O artigo intitula-se *A Missão do Professor* e iniciou com a resignação frente ao entendimento corrente de que a abnegação seria até mesmo necessária para os indivíduos que optaram por seguir a carreira no magistério. Entretanto, logo nas primeiras linhas é possível notar que o tom conformado com a falta de reconhecimento salarial da categoria transmutou-se no formato de queixa, com lampejos críticos à condição social do trabalho docente. A reclamação pública de que o mestre não teria dinheiro nem mesmo para acompanhar o desenvolvimento da ciência, parece partir do princípio de que o processo formativo do professor não se encerra no último dia de aula da Escola Normal.

Os prejuízos previstos pela ausência de condições para se estar em contato com livros, postos como uma necessidade para o professor daquele período, sinalizam que, na concepção pedagógica de Coelho Sampaio a formação do professor não seria algo estático. Ao inverso, para além dos processos formativos institucionais, ela seria constante e ocorreria de forma autônoma, à medida com que os mestres buscassem suas leituras; e deveria durar enquanto houvesse prática professoral. Há de se destacar ainda, conforme Almeida (2004), que:

A Escola Normal foi a princípio uma instituição de caráter precário, com limitações orçamentárias significativas que impediam seu bom funcionamento, e abria ou fechava em função de decisões políticas nem sempre acertadas, criada para atender às necessidades de formação de professores para o ensino primário que tentava se expandir. Ministrava um tipo de ensino elementar, mais propriamente voltado para aquilo que deveria ensinar no curso primário do que num aprofundamento de estudos e numa real formação profissional. (ALMEIDA, 2004, p. 78).

O prosseguimento da argumentação de Coelho Sampaio, em seu artigo, incide sobre a opinião pública acerca da docência⁶⁴:

Além disso existe uma espécie de falha compreensão por parte de grande maioria do povo no que concerne ao papel do professor. Muita gente entende que o professor deve ensinar gratuitamente, como se ele não precisa do mesmo

⁶⁴ Sampaio também abordou aspectos positivos no tocante à opinião pública sobre a docência: "Há uma onda de simpatia que envolve o mestre em toda a parte onde se encontra. E' o agradecimento do bem que ele proporciona á coletividade. Não será pedantismo reconhecer isto, porque falo de uma enorme classe, que se espalha, em todo o orbe, a ação benéfica do seu trabalho, lançando em cada coração uma nova semente germinadora do saber. E, dizendo isso, não deixo portanto de lembrar aqueles que contribuíram para me encaminhar no estreito caminho da luta pelo aperfeiçoamento moral; pela obediência social; pelo reconhecimento do poder civil; e pela afirmação da necessidade imperiosa do sentimento religioso [...] E' a luta eterna da Virtude contra o Vício; dos sãos ensinamentos contra a deturpação; do aperfeiçoamento social contra a degenerescencia moral; das ideias conservadoras contra o modernismo exagerado." (SAMPAIO, 1947f, p. 3).

conforto do resto dos homens ou mesmo até mais, a se julgar pelas energias que despende no ensino estafante de 8 horas ou mais por dia. Outros, com uma mentalidade ainda tacanha e rasteira, colocam em ultimo lugar a instrução dos filhos. Para êstes a mensalidade cobrada pelo professorado sempre é exorbitante; o professor não devia ganhar as férias; os dias de feriados não deviam ser pagos; e alguns acham até que o professor devia dar, além da aula, os livros e os cadernos. (SAMPAIO, 1947b, p. 8)

Conforme é possível inferir mais ao final do trecho acima, e, considerando-se que Sampaio lecionava em escolas particulares e era dono de um estabelecimento de ensino privado; é bem verdade que essas queixas sobre as condições de trabalho do professor diziam mais respeito à realidade do ensino particular. Entretanto, as críticas de Coelho Sampaio não pareciam pairar somente sobre as condições de trabalho, mas à própria forma com que a sociedade enxergava a profissão docente naquele período. Isto é, a partir desse escrito, Sampaio também descortina meandros sobre como o professor era visto em sociedade: sob o signo da desvalorização.

Pela magnitude e altruísmo atrelados ao papel de educar, parcela considerável da sociedade acreditava naquela época que o trabalho do professor deveria ser gratuito e, portanto, semelhante ao de um sacerdócio. Coelho Sampaio discorda da gratuidade, mas corrobora com a perspectiva missionária e mística atrelada à docência:

E, assim fazendo, o papel dos professores é o de verdadeiros discipulos de Cristo, pois, como diz Keosschensteiner: 'Quem não saiba viver no amor de seus semelhantes, pode considerar-se fracassado, de antemão, como educador'. (SAMPAIO, 1947f, p. 3).

A continuação da argumentação de Sampaio sobre esse tema, que se estende por vários números da coluna, suscita mais algumas análises:

Por todos êsses motivos e mais ainda pela despreocupação da Humanidade pela cultura é que eu sinto mais acentuado o desejo de conclamar todos os meus colegas de classe para objetivarmos os nossos ideais numa associação de cunho inteiramente científico: A ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESTUDOS PEDAGOGICOS. Idealizada por mim e já com o apoio de dezenas de professores, conforme lista já publicada na imprensa citadina. (SAMPAIO, 1947b, p. 3).

A partir de setembro de 1946, a coluna Ensino e Educação passou por um processo significativo de mudanças, no tocante às ponderações sobre qual deveria o papel do professor em sociedade. A partir dessa baliza temporal, iniciou-se a campanha pela em prol da Associação Cearense de Estudos pedagógicos (ACEP), que, conforme discutido em tópico anterior desta

tese, foi um movimento levado a cabo por Coelho Sampaio através de sua seção jornalística, culminando com sua concretização. Em seguida ao trecho citado, Sampaio utilizou excertos das cartas de adesão para somar autoridade e legitimação ao seu movimento.

Desse modo, analisa-se, a partir da pesquisa documental, que o início dos conclames aos professores cearenses em torno do projeto da ACEP foi um marco no pensamento pedagógico de Coelho Sampaio na coluna Ensino e Educação. A partir de então, os números da referida seção jornalística começaram a ter um cunho mais crítico em relação às condições de trabalho do professor naquela época. Havia também uma tentativa de diálogo com a sociedade, através do jornal, sobre a forma com a mesma enxergava o trabalho docente. Tratava-se de trazer à tona as agruras da profissão.

Desse modo, houve a construção de conflito: ao mesmo tempo em que se mantinha o uso de características missionárias postas como necessárias ao aspirante à profissão docente, como abnegação, espírito missionário, questão vocacional preponderante; surgiam, nesse momento, escritos com tom de reivindicação, reforçando o caráter de profissão, com foco na união da classe, luta por obtenção e manutenção de direitos; explicitação dos motivos para se alcançar uma remuneração adequada aos esforços, etc. Então, a partir desse marco, artigos com títulos portadores de síntese, como “Salário Condigno para os Professores” (SAMPAIO, 1947c, p. 6) e “Remuneração Condigna para os Professores”, (SAMPAIO, 1947d, p. 2), se tornaram mais frequentes na coluna e o tom de manifesto acentuava-se.

Em relação ao primeiro artigo citado, acerca da problemática dos salários para professores, a sua consulta na Biblioteca Pública do Estado do Ceará, apresentou um fato curioso: o mesmo tinha uma parte cortada à tesoura. Entretanto, a maior parte do escrito foi preservada:

É desoladora, para não dizer miserável a condição econômica do professor no Ceará. E, entretanto, não tem havido, até o presente momento, um interesse sério no sentido de minorar esse sofrimento dos semeadores de luz. Vivendo num Estado, onde parece, acima de todos as outras dificuldades, acresce a carestia da vida em todos os seus aspectos, o professor, no Ceará, é, a-pesar-de tudo isso, o trabalhador que menos recebe⁶⁵ num dia de trabalho. Comparando-se mesmo o seu trabalho com o de qualquer outro mercenário, verifica-se que êle ganha menos do que qualquer tarefeiro vendedor ambulante, etc. Quanta miséria! (SAMPAIO, 1947c, p. 3).

A argumentação de Coelho Sampaio centra-se na contraposição estabelecida entre os múltiplos esforços empregados para a profissão e a questão da remuneração vexatória

⁶⁵ No artigo original está escrito "percebe" como erro de digitação, entretanto, para facilitar a compreensão, alterei para a palavra para o sentido empregado.

destinada ao professor. Há um destaque para elementos como: investimentos acentuados na formação docente; aquisição de livros para atualizar os conhecimentos e, na ausência do capital necessário para a compra das obras, pedir emprestado; ter que escolher entre investir na alimentação ou nos livros; submeter-se ao ensino gratuito para adquirir experiência; estudos noturnos na Biblioteca Pública; estudos extras que varavam a madrugada; dentre outros. Todos esses argumentos sofríveis desembocariam em um cenário vexatório, desolador e miserável para o professor cearense dos anos 1940, com ênfase para "a classe mais desprotegida de todos os tempos: o magistério". (SAMPAIO, 1947d, p. 2). Os reclames em torno das condições da classe professoral permitem descortinar os infortúnios enfrentados pelos professores à época:

Urge, portanto, que nós, os professores, os profissionais que mais sofrem as consequências dessa crise que assola o país, unamo-nos para reivindicar os nossos direitos. Mostremos que grande foi o nosso sacrifício e muito maior é ainda o que fazemos hoje para continuarmos na faina de educar milhares de jovens. Podemos, se for motivo de duvida, citar exemplos concretos de muitos professores de renome que passam as maiores privações, pois não recebem nenhum salario proveniente dos seus trabalhos durante dezenas de anos. E o que hão de dizer aqueles que têm a profissão na conta de 'carreira do futuro'? [...] Os pais, os mesmos pais que gastam perdulariamente o seu dinheiro em despesas extraordinarias, ou as mães que o desperdiçam nos caprichos da moda, negam-se, frequentemente, a pagar o que pede o professor pelo seu trabalho na educação dos seus filhos! E' necessario, portanto, que se reconheça, no seu devido valor, a profissão do mestre, dando-lhe todo amparo legislativo e aplicando o já existente, bem como garantindo-lhe a velhice e a invalidez. (SAMPAIO, 1947d, p. 2)

Os artigos da coluna Ensino e Educação localizados no íterim referente ao início da campanha pela criação da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos e a concretização da sua fundação são caracterizados por esse tom de conclame, com o fito da união da classe, conforme é observável no trecho acima. Tratava-se de aglutinar os professores do período em torno da causa educacional, através dos elementos comuns à maioria desses profissionais: as condições sofríveis que enfrentavam no ofício de ensinar. Desse modo, a coluna Ensino e Educação tornou-se um lugar de visibilidade social, para Coelho Sampaio, no qual podia-se conclamar profissionais de uma mesma classe, a do magistério, em torno de uma mesma causa: articular-se para alcançar melhorias nas condições de trabalho e de pagamento dos ordenados.

No caso do magistério, havia uma subdivisão entre professores oficiais, que ministravam aulas no ensino público e os professores particulares. Ao levar a cabo o projeto da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, Sampaio não delimita um recorte de público.

Contudo, ao longo de suas manifestações em moldes de denúncia referente ao universo docente, há um claro enfoque na causa do professor particular.

Algo a se ressaltar é que, mesmo com esse movimento de criação da ACEP, Sampaio continua a veicular em sua coluna premissas calcadas em noções de abnegação, postas como inerente ao ofício do professor:

O professorado é a classe que mais trabalha pelo engrandecimento da Pátria. Pioneiros do sacrifício; sentinelas do sã pensamento; abnegados da Ciência; cultores do Saber; incentivadores dos mais sagrados ideais; colunas mestras da orientação dos homens de amanhã; batalhadores incansáveis da união nacional; que, sabem, sempre despertar, no coração dos jovens, os mais sadios princípios da Moral, da Religião e do Civismo - São os professores. (SAMPAIO, 1947f, p. 3)

A partir dessas postulações, escolher a carreira do magistério significava optar abnegadamente pelo sacrifício diário, optando, no limite e conscientemente, pelo sofrimento. Entretanto, a par dessas agruras, reforçavam-se também as finalidades mais afinadas com o idealismo da função docente, "preservando o homem de retrogradar a uma nova hera de barbárie." (SAMPAIO, 1947f, p. 3). Desse modo, o magistério é representado como um sacrifício necessário, frente aos seus desígnios sociais da construção de uma nova sociedade firmada no progresso; na união pátria; na obtenção de uma moralidade ancorada na religião e no civismo. Todo esse movimento seria levado a cabo incansavelmente pelos professores.

Nas colunas Ensino e Educação, não há discursos uníssonos que versassem somente sobre os aspectos sofríveis da profissão; nem mesmo enfoques herméticos que tratassem unicamente dos aspectos positivos, idealistas ou reivindicativos de ser professor. Essa alternância de dizeres considerados atrativos ou repulsivos ao magistério se dava, possivelmente, pelo entendimento de que a tarefa educativa demandava muitos combatentes: as menções massivas aos sacrifícios poderiam repelir os possíveis interessados no magistério.

Ressalta-se que as nuances de representações sobre a função docente na coluna Ensino e Educação teve como marco o início da campanha em prol da fundação da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. Antes da ACEP havia um maior enfoque nos aspectos mais idealistas da profissão, destacando a sua centralidade para o progresso dos desígnios pátrios, bem como na veiculação da listagem de aptidões, características e qualidades que o aspirante ao magistério deveria ter. Após o movimento em torno da criação da ACEP, houve um maior destaque para falas com contornos reivindicativos, reclames, queixas e exposições das agruras do cotidiano docente. Como hipótese, tem-se que essa segunda vertente de discursos poderia

ser mais atrativa à classe, porque o sofrimento advindo da escolha profissional era um ponto de interseção a todos os profissionais, aglutinando-os de maneira mais efetiva.

3.2. "Sagrada finalidade": visões sobre a docência em jornais da capital cearense nos anos 1940

Os contornos de singularidade da coluna Ensino e Educação, em perspectiva comparada à própria Gazeta de Notícias e aos demais jornais da capital cearense na década de 1940, residem na sua proposta serial e de longa duração, apesar das rupturas na periodicidade durante o seu período de circulação entre os anos de 1944 e 1950. Isto é, o vislumbre de se dispor, em série, as temáticas educacionais na referida seção periódica, tornando-a um espaço reservado, fixo e duradouro, no à época consolidado jornal Gazeta de Notícias, se configura como um elemento que a difere de outros debates sobre Educação na imprensa da capital cearense no período em análise.

Outra proposta de se interpretar a coluna Ensino e Educação como singular, em relação a outros debates e seções acerca da tônica educacional na imprensa fortalezense, diz respeito aos meandros identitários e de trajetória intelectual de seu autor, Coelho Sampaio, que galgou espaço próprio e destacado de fala a partir do impresso na Fortaleza dos anos 1940. Essas problemáticas são complexas, haja vista que esta pesquisa considera o professor Sampaio como uma figura híbrida, de difícil encaixe em categorias herméticas, à medida com que o mesmo transita em múltiplas searas.

Contudo, apesar das singularidades explicitadas acerca da coluna Ensino e Educação, a escrita sobre a tônica educacional nas páginas da imprensa no recorte espaço-temporal investigado, não é, como até mesmo se pode conjecturar, monopólio do professor Coelho Sampaio. Desse modo, este tópico busca se debruçar sobre as vozes de outros sujeitos que, por diversos caminhos e descaminhos, conseguiram ter seus posicionamentos, perspectivas e opiniões educacionais publicados nos jornais da capital cearense na década de 1940.

Na lida da pesquisa documental nos periódicos da capital cearense que circularam nos anos 1940 – em sua expressiva maioria ainda não digitalizados e em estado sofrível de conservação – foi possível observar que os escritos mais comuns sobre Educação eram espaçados e esporádicos, na condição de artigos, matérias e editoriais não pertencentes a uma seção específica. Todavia, algumas colunas de curta duração, sobre a temática educacional,

foram localizadas no contexto espaço-temporal em exame, além da presença de artigos não serializados sobre Educação em colunas que versavam sobre outras temáticas.

Na intenção metodológica de se contextualizar quais temas eram considerados relevantes para o projeto editorial da Gazeta de Notícias, serão brevemente sintetizadas, abaixo, alguns dos escopos de suas colunas. No âmbito do mesmo jornal no qual eram publicados os números da coluna Ensino e Educação, haviam outras seções que abordavam diversos assuntos e partiam de múltiplos motes. Dentre elas, podem ser citadas a coluna intitulada Odontologia e Saúde, cuja autoria fixa era atribuída ao professor Paulo Firmeza e elegia como escopo de seus números uma instrução sanitária a partir de lições práticas com foco na temática odontológica. Contudo, a par dessas lições sobre saúde bucal, aliavam-se motes cívicos, patrióticos e reforçadores dos princípios e da moral cristã.

Outra coluna da Gazeta de Notícias no período em escrutínio era a denominada Lições de Civismo, com autoria de Pereira e Silva. Nessa seção, diferentemente da coluna Odontologia e Saúde, a temática do civismo se constituía como o cerne dos escopos almejados pelo seu autor. A partir de um título portador de síntese e clara comunicação de seus fins, na seção intitulada Lições de Civismo, havia destaque para se definir, indicar e enaltecer símbolos, emblemas e conceitos cívicos, com destaque para o estímulo à memorização de datas e principais vultos da História do Brasil. As narrativas pátrias eram abordadas sob perspectiva factual, política e, no limite, "vista de cima". A partir dessa coluna, buscava-se desempenhar uma educação cívica aos leitores da Gazeta de Notícias, esquadrinhando seus principais símbolos, incitando a construção de uma consciência cívica e amor à Pátria.

Outra seção significativa da Gazeta de Notícias intitula-se Em Torno da Crise, que tinha Heitor Cavalcanti como autor de seus números. Seu objetivo principal parecia consistir em identificar, mapear e esmiuçar a origem dos imbróglis sociais daquele período, já desde seu título, categorizados com ares de colapso. Nesse sentido, torna-se significativa a percepção de que um de seus números é exclusivamente dedicado à temática educacional, associando-se, portanto, elementos educativos ao que se considerava uma profunda crise na sociedade daquele período.

Por fim, destaca-se também a efêmera coluna intitulada Educação – o problema vital para a paz. Abaixo do título da seção, constava a informação de seu autor, Juan Gitlin, assim como a informação de que aquele conteúdo era "exclusividade da Gazeta". O cerne dos fitos da coluna parecia ser o debate educacional a partir do par paz e guerra. Assuntos como a questão educacional nos países totalitários, a relação entre conflagrações mundiais e a juventude, bem como uma inquietação com a educação do porvir, isto é, com a educação após

a Guerra, faziam-se latentes para o autor. A referida coluna buscava, enfim, a partir do fim do ano de 1944, debater em escala mundial a questão educacional diante do vislumbre do fenecimento da Segunda Guerra Mundial.

A existência dessa coluna e de tantos outros editoriais acerca desse conflito está com consonância com Nobre (2006)⁶⁶, jornalista no Ceará dos anos 1940 e também historiador fortemente interessado pela historicidade do jornalismo cearense, quando o mesmo afirma que nos decênios de 1930-1939 e de 1940-1949 aumentou-se significativamente a tiragem dos jornais, em razão da existência de um público leitor ávido por informações do estrangeiro e da Segunda Guerra Mundial, até o ano de 1945. Esse aumento na vendagem dos jornais, contudo, contrastam com os vieses cerceadores do Estado Novo e suas práticas de censura aos meios de comunicação que "impossibilitou a saída de novos órgãos jornalísticos, na capital cearense, no quinto decênio do século XX". (NOBRE, 2006, p. 149).

A partir dessas colunas, que permitem entrever matizes do projeto editorial da Gazeta de Notícias no mesmo período de publicação da coluna Ensino e Educação, torna-se possível observar quais as temáticas que estavam na crista da onda naquele contexto social, cultural, econômico e político. No interior desse prisma temático que despertava o interesse do público leitor dos jornais, constavam os motes educacionais. A Educação se configurava como um tema de interesse social nas páginas periódicas da imprensa cearense. Nesse sentido, a coluna Ensino e Educação, assinada por Coelho Sampaio, parecia ser um artifício de atração do público leitor da Gazeta de Notícias, à medida com que a mesma era um espaço reservado e fixo para se debater assuntos educacionais.

Haja vista que, conforme explicitado, haviam outros discursos sobre Educação no mesmo jornal em que circulava a coluna Ensino e Educação, assim como também em outros jornais de grande circulação da capital cearense no mesmo período, como O Povo, O Nordeste, Correio do Ceará, Unitário e Diário do Ceará, este tópico irá debruçar-se sobre as concepções de docência que emergiam nesses escritos. Trata-se de identificar aproximações e distanciamentos entre o pensamento pedagógico de Coelho Sampaio e esses outros intelectuais que publicavam escritos na imprensa fortalezense sobre a temática educacional.

Para evocar elos entre as demais colunas do jornal Gazeta de Notícias há pouco mencionadas, destaca-se o XII (décimo segundo) número da seção Em Torno da Crise, assinada

⁶⁶ A obra em questão, intitulada História do Jornalismo Cearense, foi publicada inicialmente em 1975 pela Gráfica Editorial Cearense e, em 2006, foi lançado em edição fac-similar na coleção Outras Histórias, pelo NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará.

por Heitor Cavalcanti, no qual o autor se dedicou, especificamente, a erigir ponderações sobre a docência, ou, ainda, ao que o mesmo considerava ser uma má prática professoral:

Antigamente a escola era uma continuação do lar. A criança passava das mãos do pai, quase automaticamente, para as mãos do mestre. A ideia da instrução andava ligada á da educação. O professor educava ao mesmo tempo que instruía. E assim muitas gerações foram preparadas, num ambiente de moral e de fé e entregues ao serviço da Patria, da sociedade e da familia. Mas o professor moderno, digo o mau professor, êle mesmo envenenado por doutrinas errôneas e nefastas tem desvirtuado o magisterio. Em regra, não tem o espirito apostolico e abenegado de seus antecessores e mercantiliza a profissão. A materia não é motivo de vocação sua. E' apenas o instrumento intelectual, lucrativo de que automaticamente se utiliza para ganhar a vida. A sua preocupação maior não gira em torno da disciplina, mas do mostrador do relógio, do calendario da parede e do 'guichet' da tesouraria. Consulta diariamente, a folhinha ou as notícias de ultima hora procurando com o mais falso ardor civico as datas feriadadas, com fingida reverencia e devoção aos dias santificados, com hipócrita saudade de ferias periodicas. Entra no recinto das aulas constrangido, pensando em compensação, na hora da saida. E muitas vezes, falhando em sua sagrada finalidade, o mau professor arranja pretexto, os mais reprovaveis para subtrair se ao trabalho de cinquenta minutos de ensino. Assim, ludibriando a bôa fé e a singeleza da mocidade incauta, sem nenhuma experiência, faz-se comunicativo e intimo, conversa, conta anedotas, desvia o assunto da matéria, ganha tempo. Os alunos, ou alunas, em sua natural ingenuidade própria da adolescencia, acham-no um professor ideal. Perderam uma hora preciosa, com as suas intencionais pataratas, com as suas mistificações mas não sabem avaliar o prejuizo sofrido. Gastariam os seus sapatos, o dinheiro da merenda, a passagem de ônibus e voltam para casa sem um milimetro de conhecimento a mais, porque em realidade não houve aula, porque o professor sem escrúpulos roubou aquela hora do Estado ou do colégio que lhe paga. Outras vezes, quando se decide a dar meia aula, o mau professor envenena a alma da mocidade com o seu mau exemplo, com o seu deplorável cinismo, com a sua filosofia materialista, moldada nos principios de Nistzsche, de Spengler e outros ainda que chegaram a gerar monstros morais. Mas não é assim que se forma um povo superior. Sem o espirito, que sobrepuja a matéria e a moral que mantem a resistencia na adversidade, não há força bruta que possa assegurar a estabilidade da nação. Extirpemos da escola o mau professor. (CAVALCANTI, 1947, p. 3).

O artigo acima citado na íntegra, de Heitor Cavalcanti, vinculado à coluna Em Torno da Crise, classifica a questão educacional como uma das causas do que o mesmo considerava uma profunda crise social. O autor advoga a favor de uma concepção de escola como extensão do lar, fazendo despontar, logo a partir do segundo período de seu escrito, uma concepção de docência: o aluno, em sua tenra infância, seria confiado às mãos do mestre, quase como uma extensão das mãos paternas. Apesar de tratar de forma mais contundente sobre o ensino voltado à juventude, na época denominado de Ensino Secundário, torna-se relevante destacar que, mesmo quando aborda ligeiramente o Ensino Primário, abordando a educação do

ser infantil nos meandros da linguagem, Cavalcanti parece desconsiderar o fenômeno da feminização do magistério ou mesmo que, à época, a função social de educar os filhos era conferida à mulher.

Ao discorrer sobre o professor moderno, que em seu texto é sinônimo de mau professor, o autor permite entrever o que considerava um bom mestre, isto é, aquele que, em seu ofício docente, conseguiria aliar instrução e educação. Um bom professor, para Heitor Cavalcanti, seria aquele que alicerçasse seu fazer docente nos pilares da moral, da fé, do serviço à Pátria, à sociedade e à família. Ao execrar a figura do professor hodierno ou do mau professor, o autor tece representações reforçadoras do imaginário apostolar atrelado ao magistério: ter o espírito apostólico, possuir abnegação e ser guiado pela vocação no ofício docente foi assinalado em perspectiva laudatória. Ser professor é posto como uma sagrada finalidade. A partir da perspectiva pedagógica presente no texto de Heitor Cavalcanti, compreender a docência como profissão, a partir da qual se obteriam recursos financeiros para arcar com os custos de vida, seria encará-la como mera questão de mercado.

A tônica do que seria uma mercantilização do ensino é fortemente presente no pensamento educacional de Coelho Sampaio disseminado na coluna Ensino e Educação. Nos rastros dessa forma de compreender o magistério, tudo o que não compusesse o imaginário apostolar vocacional, desaguava em demonização. Ao ser denominada de sagrada finalidade, alcinha essa que integra parte do título deste tópico, é possível rastrear os embates entre os elementos sagrados e profanos. A fiscalização atenta ao cumprimento das hora/aula, aos dias letivos, aos feriados, às férias, aos ordenados, aos elementos da tesouraria, à questão monetária e quaisquer outros aspectos vinculados à docência como profissão, eram elementos demonizados.

O autor acusa parcela do professorado cearense de diversos tipos de roubos. No decorrer da argumentação de Heitor Cavalcanti, em busca da legitimação do seu esforço em indicar essa questão educacional como um dos fatores agravadores da crise social que motivara a criação de sua coluna, o professor que ele considerava moderno e mau, simultaneamente, acaba por se tornar inimigo social, aquele que age de má fé, sonega horas/aula e dias letivos, surrupia prosperidade pátria, furta futuros afortunados da mocidade, ludibria a juventude. O fruto desse fazer docente moderno é postulado como mero gasto de sapatos, merenda e condução. A responsabilidade ou, ainda, a culpabilidade do fracasso do ensino, ao qual argumentava o autor, associando-o aos matizes de colapso social, recaía exclusivamente sob o professor, e não como responsabilidade do crivo e do controle das instituições públicas.

O que Heitor Cavalcanti tornou ausência e lançou sombras, contudo, foi colocado sob holofote pela professora Fernanda Brito, em ano antecedente ao XII (décimo segundo) número da coluna Em Torno da Crise, nas páginas do mesmo jornal, Gazeta de Notícias. A referida docente publicou o X (décimo) artigo na seção denominada Crônica da Semana, com subtítulo Professores e Alunos:

Todos os homens procuram a perfeição, uns pelas teorias filosoficas e religiosas, outros pelas diferentes formas de concepções politicas. Mas, todos procuram alcançar o mesmo fim: a perfeição e a felicidade da vida. Se há homens que deviam ser perfeitos, os professores seriam estes. Entretanto, aumenta o padrão de vida social e a remuneração dos mestres continua estacionada. Até a missa deixou de receber como esmola á sua celebração de 10,00 de antigamente. E..., os professores apesar de serem humanos e tão necessitados como as outras classes, pois possuem familias, e além do mais tem por obrigação se representarem socialmente de maneira decente, ainda não tiveram o aumento que fazem jus as suas necessidades de homens inteligentes e intelectuais. (...) E..., Os nossos mestres, alem de lutarem com a grande dificuldade de incompreensão do meio, ainda tem a resolver as suas questões monetarias. No Ceará, há quase um ano que a biblioteca publica acha-se fechada. Por que? - Não sabemos. E, os nossos professores precisam de ir ler livros didaticos atendeendo a necessidade das novas reformas por cima de reformas, que atualmente presenciamos no Brasil. Os sapateiros e leiteiros podem trajar macacão e gravata, mas os professores não podem... Ora, uma gravata custa de 40,00 até 200,00, uma roupa nem se fala. Outra cousa interessante na vida dos mestres de colegios particulares é não poderem ficar doentes. Todas as outras classes podem adoecer três dias, mas a dos mestres não... Se os mesmos faltarem um dia é descontado na ficha de remuneração mensal. Fala-se num aumento para os professores, mas que aumento... (...) Dizem os srs diretores de Colegios se as mensalidades dos professores forem aumentadas, forçosamente serão também as dos alunos, que tal, "é de amargar"... O que se verifica é que todo diretor de Colegio em Fortaleza, são abastados e logo ficam ricos, que dantes foram pauperrimos... Isso significa que os Colegios dão um lucro extraordinario e ainda querem sugar o dinheiro do pobre pai de familia. Se hoje a instrução é privilegio de uma classe, isto é para o rico que pode custear as despesas de livros, fardas, mensalidades, etc. Alertem alunos de 1947! Para o ano, talvez as aulas dos cursos aqui citados passarão a ser cobradas 150,00 e 100,00, respectivamente, talvez, quem sabe, quem dirá mais tarde é a exploração, 300,00... Arranjem emprego e mais emprego... (BRITO, 1946, p. 6).

O escrito jornalístico de Fernanda Brito foi publicado conjuntamente com uma fotografia da autora, bem como é explicitada a sua vinculação intelectual à época, o Centro Cultural José do Patrocínio (CCJP), conforme pode ser observado na Figura 21. Trata-se de um escrito contundente em termos de realidade social da docência, da educação e, sobretudo da exploração do trabalhador dedicado ao magistério:

Figura 21 – Parte da página 6 do jornal Gazeta de Notícias, contendo um artigo de Fernanda Brito e incluindo foto da autora - 1946



Fonte: Fotografia produzida pela autora da tese - página da Gazeta de Notícias (31 out. 1946).

Partindo da observância do contexto espaço-temporal da capital cearense na década de 1940 e da tipologia de fontes em maior relevo nesta Tese, a imprensa, é possível verificar que, em relação aos assuntos educacionais que foram abordados publicamente em escritos jornalísticos, há uma discrepância de gênero acentuada. Apesar do contexto da feminização do magistério, as vozes autorizadas a tecer representações sobre a questão educacional e seus múltiplos meandros são, em expressiva maioria, de homens. Essa reflexão espraia-se para a produção de Coelho Sampaio, sobretudo na coluna Ensino e Educação. Mesmo sem formação específica para o magistério, bastou-lhe os estudos econômicos em instituição de ensino superior, a fundação e a direção de uma escola primária, para que Sampaio obtivesse os contornos de legitimação e autorização dos seus discursos impressos em um jornal de grande circulação como era a Gazeta de Notícias.

Além de professora, na obra intitulada 1001 Cearenses Notáveis, Nobre (1996), indica Fernanda Brito Araújo como trovadora, poetisa, colaboradora de múltiplos periódicos cearenses e fluminenses, haja vista que nasceu em Fortaleza, em 12 de janeiro de 1927, mas radicou-se na cidade de Nilópolis, no Estado do Rio de Janeiro, ao casar-se com o escritor Raimundo Araújo. Antes de migrar em direção ao Sudeste, toda a sua vida escolar foi vivenciada em Fortaleza. A autora frequentou renomadas instituições de ensino, como o

Colégio Sete de Setembro, o Colégio Santa Cecília, a Escola Normal Justiniano Serpa e o Colégio São João. Além de vincular-se ao CCJP, conforme constou na Gazeta de Notícias junto ao seu artigo sobre a temática educacional, a autora também integrava a Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno (CJG), da Academia Brasileira de Trova (ABT), Academia Nilopolitana de Letras (ANL). Na referida cidade, sua atuação espraiou-se à área da política, em espaços como a Câmara Municipal de Nilópolis e o Conselho Municipal de Cultura da mesma localidade. O uso da fotografia de Fernanda Brito ao lado de seu escrito no jornal Gazeta de Notícias poderia manter relações com sua vida cultural ativa e suas múltiplas vinculações em espaços intelectuais.

Em seu escrito publicado na coluna Em Torno da Crise, seção da Gazeta de Notícias, Fernanda Brito refere-se ao magistério sem se utilizar dos vieses de idealização apostolar, fortemente atribuídos ao imaginário docente nesse período, por diversos intelectuais atuantes na imprensa da capital cearense, inclusive por Coelho Sampaio. Mesmo quando, em meados do período de publicação da coluna Ensino e Educação, seu autor começa a atinar para a docência como profissão e aos professores como classe, o mesmo ainda ocupava o posto de dono e diretor do Instituto São Raimundo, estabelecimento de ensino primário. Fernanda Brito, na condição de professora distante dos cargos de gestão, fez circular uma crítica mais ferrenha e direcionada aos altos cargos atrelados ao magistério.

A tônica do escrito jornalístico de Fernanda Brito incide sobre os abismos existentes entre direitos e deveres docentes, entre o que se exige e o que se oferece por direito à classe professoral. A autora não questiona o grau de perfeição social exigido aos professores daquele período. Contudo, seu texto atinge vieses de protesto no que se refere às agruras que integravam o cotidiano docente. As representações sobre a docência, erigidas pela professora Fernanda Brito, são calcadas em uma realidade sofrível. Em toda a sua construção discursiva, os elementos advindos do imaginário religioso, como a abnegação, a vocação, sacralidade, devoção e desapego às questões materiais não são mencionados como relevantes ao exercício do ofício docente. A autora aborda questões práticas: como proceder com exigências sociais e um padrão de vida ascendente, em face a uma remuneração estacionada?

O(a) professor(a) é representado(a) por Fernanda Brito, sobretudo, como um profissional, como classe. Sustento familiar, vestuário condizente a um convívio social considerado decente, atualização de conhecimentos pedagógicos e até mesmo compromissos religiosos, como a esmola, são exemplos de obrigações sociais, familiares e intelectuais a serem cumpridas pelo profissional da docência. Dentre esses elementos, um dos que a professora Fernanda Brito concede maior destaque é aquele referente ao acesso à literatura pedagógica.

Fosse para aprofundar conhecimentos escolares ou para tornar-se um profissional atualizado frente às acentuadas exigências dos múltiplos decretos-lei saídos entre 1942 e 1946, que compunham a Reforma Gustavo Capanema, também denominada de Lei Orgânica do Ensino, a autora considera esse constante contato bibliográfico como algo essencial ao fazer docente. Em tom de contestação social, direcionado ao fechamento da biblioteca pública da cidade de Fortaleza, a professora em questão lança um questionamento ao público leitor da Gazeta de Notícias, a partir de sua argumentação discursiva: por quais vias o docente iria acessar os conhecimentos pedagógicos a ele exigidos, haja vista que a remuneração à época era insuficiente para suprir os gastos elementares da vida cotidiana? Um de seus argumentos é recorrer às informações atreladas aos profissionais do magistério em perspectiva mundial. China, Argentina, Espanha, Chile e Estados Unidos da América são contextos evocados pela autora para conferir legitimidade à sua argumentação:

Vejamos ainda Huana de La Plais: "sou professora de hespanhol e ganho por aula "apenas" 90 cruzeiros na tua moeda". "Quase todas as editoras de Buenos Aires me enviam mensalmente todos os livros publicados". No Chile, os professores ganham o duplo do Brasil. Na América, há que possuem nada menos de 3.000.000 volumes nas suas bibliotecas, sem, entretanto, terem comprado um só volume. (BRITO, 1946, p. 6).

Esse elemento argumentativo, de se contextualizar a partir de quais formas o docente era tratado e divulgar ao público leitor da imprensa cearense os direitos e deveres da classe docente em diversos países do Globo, na mesma época em que a autora publicara seu artigo, possuía o objetivo de ratificar o cotidiano sofrível do mestre brasileiro, afastando-se de representações idealizadas sobre a docência.

Fernanda Brito, em sua visão sobre a docência, aproxima-se e distancia-se das representações de Coelho Sampaio sobre ser professor em relação a dois aspectos. A partir do escrito da autora em questão, que circulou na Gazeta de Notícias em momento coetâneo à coluna Ensino e Educação, é possível compreender que a mesma, por não pertencer a nenhum cargo de gestão ou não ter fundado qualquer estabelecimento de ensino, representava a docência a partir da sua atuação na função de efetivo exercício docente ou, mais especificamente, como professora vinculada à rede privada na época. No quesito vinculação aos estabelecimentos privados de ensino, a autora aproximava-se das ideias impressas do professor Sampaio, à medida com que sua experiência pessoal e profissional, de fundar e dirigir o Instituto São Raimundo, bem como sua larga atuação docente em estabelecimentos privados de ensino, pautavam seus discursos sobre o magistério na coluna Ensino e Educação.

Ao fazer circular periodicamente suas ponderações sobre a questão educacional na imprensa, sobretudo quando as mesmas enviesavam por pautas, reclames e lutas de uma classe, era recorrente o direcionamento que Coelho Sampaio realizava à causa dos professores particulares, aos indivíduos que prestavam serviços docentes aos estabelecimentos do ensino privado da capital cearense. Ainda que, à época, o professor do ensino público fosse dotado de maior prestígio social, as problemáticas relativas a esse âmbito de ensino foram presentes em raros momentos da coluna Ensino e Educação. Nesse sentido, as ponderações de Coelho Sampaio e Fernanda Brito, sobre a questão educacional, entrelaçam-se.

Contudo, os distanciamentos e as fissuras entre as argumentações dos dois autores em questão são muito mais acentuados do que as semelhanças. Ainda que sem citar de modo nominal, Fernanda Brito direcionou suas críticas diretamente aqueles que ocupavam o cargo de diretores escolares, questionou supostos enriquecimentos céleres e vertiginosos, interpelou a veracidade da dita proporcionalidade entre aumento da remuneração docente e aumento da taxa de mensalidade escolar paga pelas famílias que possuíam condições financeiras para matricular e arcarem com os múltiplos gastos escolares de seus filhos, duvidou da honestidade relacionada à divisão dos lucros escolares. Escancarou, nas páginas da Gazeta de Notícias, a instrução como privilégio de poucos, ou, em suas palavras já transcritas, "privilegio de uma classe". Seu escrito, no limite, semeou, através da imprensa à época, questionamentos e desconfiças em relação aos estabelecimentos privados de ensino, às gestões dessas escolas, sobretudo seus diretores, aos aumentos progressivos das mensalidades escolares.

Coelho Sampaio, em artigo denominado como Defesa da Classe, publicado mais ao fim da década de 1940, portanto, em um momento de sua escrita no qual o mesmo passou a atinar mais às questões laborais sofríveis da classe dos professores, ainda assim demarcou suas verdadeiras inquietações:

Mas, o que vemos? Nós, os professores, vez por outra, recebemos um aluno para 'preparar'. E, tempos depois, em vez de recebermos um agradecimento humano e justo pelo nosso esforço; em vez de termos conquistado, no pai daquele por quem nos dedicamos, um amigo; - recebemos, em troca, uma verdadeira chantagem dos nossos direitos; temos, como prêmio das nossas horas de trabalho das aulas dadas (além das que não são assim consideradas pelo aluno) um débito e um inimigo declarado... (...) No meu modo de ver, só há uma maneira prática de combate aos caloteadores: que os diretores dos pequenos colegios se organizem, dentro de um sindicato, a-fim-de poderem exigir, dos alunos que ingressarem, um atestado de plena quitação do colegio de origem, bem como a devida transferencia da classe, ano ou periodo escolar que concluíram. (SAMPAIO, 1948c, p. 3).

A pesquisa documental não possibilitou saber, ao certo, se Coelho Sampaio também lecionava no Instituto São Raimundo, além de ser proprietário e diretor do mesmo. Contudo, apesar de se identificar nesse escrito jornalístico como professor, é possível observar que o lugar de fala que se sobressalta é o de dono de escola e o de diretor escolar. Ainda que Sampaio tenha mencionado dificuldades próprias do cotidiano docente, tais como a desvalorização do tempo destinado ao planejamento das aulas e que somente as horas em sala de aula fossem consideradas legítimas e dignas de pagamento, a exposição da sua proposta de resolução ao problema apresentado, qual seja o de evitar faltas de pagamento das mensalidades escolares, desvela seu posicionamento mais preocupado com questões relacionadas à gestão.

Ao propor, na imprensa, a criação de um sindicato voltado especificamente para diretores escolares e a exigência de um comprovante de total quitação dos débitos da escola anterior, torna-se possível perceber seu lugar de fala diante das questões educacionais. Tratava-se de uma fala de chefia, como indivíduo preocupado com a expansão do ensino privado no Brasil da época, ainda que marcado sob forte signo do desprestígio. Há de se destacar, ainda, que Coelho Sampaio não fez menção específica, em sua coluna, aos professores do Instituto São Raimundo, pequeno colégio privado que fundou e dirigiu entre meados dos anos 1940 a meados da década de 1950. Tal ação acaba por invisibilizar esses docentes, aglutinando para si a associação de sua imagem ao estabelecimento escolar.

O professor Rebouças Macambira, em artigo intitulado A Defesa dos Professores, publicado na Gazeta de Notícias, também se distancia do lugar de fala de Coelho Sampaio, à medida com que, assim como Fernanda Brito, Macambira se identificava apenas como professor:

Os que somos professores não podemos cumprir os nossos deveres, porquanto, se nos apontam quais são, nos obrigam entretanto a ministrar a média de mais ou menos dez aulas diárias, do que advêm as mais graves consequências: não temos o tempo de preparar as aulas, não temos o tempo do estudo, e vive-nos o espirito insatisfeito e cansado. Não só o espirito, também o corpo. Mas – dirão alguns – se não podem ministrar tantas aulas, por que não ministram menos? Segundo o sistema ideal é quatro, o máximo de aulas que se podem ministrar por dia. Vamos admitir que sejam pagas a base de vinte e cinco cruzeiros, preço atingido apenas excepcionalmente nalguns estabelecimentos, e seria de três mil cruzeiros a nossa remuneração mensal, inclusos os domingos e os feriados ou dias santos. Com tão irrisória quantia, como possuir biblioteca e formar cultura, se para tanto seriam indispensáveis pelo menos quinhentos cruzeiros mensais? Como nos apresentar em aula condignamente certo que o exige a posição que ocupamos? Mas – dirão outros – não é preciso aprender tanta coisa, basta ensinar as cousas mais simples. Como se só podemos dar o simples se o soubermos distinguir do complexo? Como, se não podemos estar em contacto com as grandiosas conquistas da pedagogia? O

menor dos males é exaurir-nos, exacerbar-nos, porque pelo menos satisfaremos as necessidades primárias do homem, a custo embora da extensão dos nossos dias. E compraremos alguns livros que nos roubarão as horas vagas, e nos encherão as proletárias férias. (MACAMBIRA, 1952, p. 3).

A perspectiva levada a cabo por José Rebouças Macambira – que atualmente foi homenageado com a nomeação de uma escola pública municipal e uma unidade básica de saúde na capital cearense – desde o seu título, bem como desde a sua primeira linha, anuncia seu lugar de fala, colocando-se na posição de professor. Também afastado de óticas que privilegiassem as preocupações correlatas aos indivíduos que integravam gestões escolares ou fossem proprietários de instituições privadas de ensino, o professor Rebouças Macambira recorre às agruras da profissão para representá-la.

Como quem conhece, à luz da experiência cotidiana, as condições sofríveis às quais os docentes do período em escrutínio vivenciavam, José Rebouças Macambira foi outro intelectual que amplificou seus posicionamentos sobre o magistério por intermédio da imprensa. Intencionando defender os professores de uma suposta inferioridade do ensino em perspectiva comparada a um passado recente à época, o professor em questão expôs socialmente a carga-horária docente pautada em forçosos excessos diários, ausência de períodos reservados e legitimados ao planejamento das aulas, a existência da esmagadora maioria de professores extenuados fisicamente e mentalmente devido à sobrecarga laboral diária, entre outros aspectos.

Rebouças Macambira, assim como a professora Fernanda Brito, mencionam abertamente valores e quantias referentes aos ordenados dos professores, buscando comprovar a injusta conta entre os proventos e as demandas pessoais, bem como familiares. Os cruzeiros advindos do labor docente eram veementemente insatisfatórios para corresponder dignamente às exigências de formação continuada da profissão e também para prover a si mesmos e às suas famílias. Ambos se constituíam como vozes em defesa do educador/trabalhador da educação por intermédio da imprensa. Ao calcular a média salarial de um professor bem remunerado à época, de acordo com a sua perspectiva, Macambira conta também com feriados, domingos e dias santos. É relevante destacar que, mesmo nesse hipotético cenário de excelente remuneração, seu autor ainda a classifica como irrisória, estimulando o leitor da Gazeta de Notícias a um exercício imaginativo referente aos piores panoramas da classe. Inclusão essa que se configurava como elemento sinalizador da precarização da profissão docente à época e que, não raras vezes, se perpetuam no cotidiano professoral até os dias atuais.

O fio que costura a argumentação de Antônio Coelho Sampaio, Fernanda Brito e José Rebouças Macambira, isto é, um ponto de convergência que perpassa os três professores

colaboradores da imprensa citadina citados, é a questão relacionada à extrema dificuldade dos docentes do período atualizarem e aprofundarem seus conhecimentos por intermédio da aquisição de obras necessárias ao satisfatório exercício da profissão. Em sua argumentação, Macambira permite entrever rastros de como a sociedade no contexto espaço-temporal em análise aquilatava a profissão docente: a premissa da formação continuada, na qual não bastavam os conhecimentos adquiridos no Curso Normal ou de maneira leiga, talvez fosse incompreendida socialmente.

A interpelação social de se sugerir não buscar o conhecimento de tantos elementos, exposta no escrito de Macambira, seguida da sugestão de lecionar aquilo que fosse considerado o mais simples e basilar possível, sinaliza um certo movimento de se reduzir a profissão docente à mera repetição dos conteúdos originalmente já assimilados pelo profissional do magistério. É deveras significativo que o professor Rebouças Macambira lamente, especificamente, a limitação de acesso dos professores às "grandiosas conquistas da pedagogia", na medida com que se torna possível observar que o autor do texto jornalístico em questão compreendia a relevância dos conhecimentos didáticos e pedagógicos considerados modernos, à época, para além do estudo de conteúdos que atendessem às demandas curriculares do período.

Mario Pinto Serva, em extenso editorial publicado na Gazeta de Notícias, acerca dos processos de alfabetização, avaliados como intrínsecos e basilares a qualquer processo educacional, também expressou sua visão sobre a profissão docente. Os consequentes danos advindos da perpetuação do analfabetismo também foram ponderados:

Os próprios professores não fazem senão aprenderem todo dia, estudando, lendo, raciocinando, renovando seus processos, inovando em todos os assuntos, estimulando-se uns aos outros, mesmo pretende superar todos mais pelo seu aperfeiçoamento pessoal dando um passo sempre para a frente. [...] Aliás, em todas as escolas americanas, as mais altas, os professores hoje não fazem senão guiar os alunos na sua tarefa de tudo aprenderem e elaborarem por si mesmo. Nas escolas americanas o que se quer é desenvolver o coeficiente pessoal de cada aluno na tarefa de, ele mesmo desenvolver a própria curiosidade e a própria iniciativa. (SERVA, 1948, p. 7).

A argumentação do autor, em incentivo à popularização da alfabetização, consiste em expor ao seu leitor que a educação é um processo que se pauta na autonomia do educando. Utilizando o artifício de legitimação de suas postulações pedagógicas, citou a forma com que o estrangeiro acreditava ser a função docente. Para Serva (1948), professor deveria ser um educador integralmente preocupado em apenas orientar, nortear e encaminhar a aprendizagem do educando: "É o próprio indivíduo que se educa a si mesmo. O educador não faz senão oferecer elementos para que o próprio indivíduo, dentro de si mesmo, os elabore e assimile. E

essa elaboração e assimilação interna ou íntima é feita pelo indivíduo pela ação de cada um." (SERVA, 1948, p. 7).

Isto é, a visão que se constrói de docência no artigo ora em foco, não se constitui a partir do viés da centralidade do professor no processo de ensino-aprendizagem. Diferentemente do que a maioria dos intelectuais cearenses expressavam nos anos 1940, para o autor a causa dos sucessos e fracassos educacionais não seria diretamente relacionada ao labor desempenhado pelo mestre. À medida com que o educando era visto como responsável pelo protagonismo de sua aprendizagem, os holofotes não eram direcionados ao professor, conforme era ponto de vista recorrente no período, e sim para o aluno. Sob os ombros professorais não pesavam normas exclusivas de responsabilidade no alcance dos objetivos educacionais.

Contudo, para retomar a tônica da argumentação de Rebouças Macambira, que buscava escancarar as mordazes dificuldades enfrentadas pelos professores naquele período, ao fim do trecho ora citado há breves lampejos de representações da profissão docente mais próximas de noções apostolares. A severa exaustão mental e física ocasionadas pela precarização da profissão docente, no limite compreendidas como algozes de seus profissionais, são postas pelo autor como o menor dos males, diante das necessidades intelectuais e cívicas da mocidade. Embora a continuidade de sua exposição dê lugar ao recurso irônico: o uso do diminuto salário, para a compra de livros que permitissem a atualização dos conhecimentos pedagógicos, resultaria no furto do já escasso tempo livre professoral, nas horas de descanso diário e nas férias anuais.

Desse modo, Macambira alerta que, em face dos muitos deveres atribuídos ao professor e das abundantes expectativas atreladas à finalidade de seu labor, contrastam a precarização e a desvalorização do trabalho docente. Nas impactantes palavras do autor, que também são utilizadas para compor parte do título desta tese: "A mocidade deve repousar em nossos ombros, mas o peso nos esmaga." (MACAMBIRA, 1952, p. 3). A finalização da exposição de Rebouças Macambira é lastimosa e suas críticas apresentam-se mais direcionadas à esfera governamental:

A verdade é triste, muito triste: as aulas que damos, SALVO GLORIOSAS, EXCEÇÕES, para não dizer milagrosas, não valem quase nada, e se não justificam, explicam quase plenamente a rebeldia e o desinteresse dos alunos. Mais triste ainda: os alunos guardam a impressão de que são intelectualmente nulos, de que não se empolgam com as cousas que os pais tanto enaltecem. Se mais tarde vierem a descobrir a razão (deficiência dos professores), talvez já sejam irreparáveis os males causados por esta impressão horrorosa. Então – perguntarão muitos – devemos fechar os estabelecimentos escolares, acabar com isto de professores? Não, absolutamente não, porque dos males o menor,

se bem que certas aulas, de professores improvisados ou a serviço de casas comerciais do ensino, concorram para aumentar o número dos recalcados e dos neuróticos, e – quem sabe? – dos criminosos. (...) Mas... e os Governos? Os estabelecimentos oficiais são estabelecimentos padrão, são estabelecimentos modelo, e devem concretizar o que não podem os estabelecimentos particulares: ter o papel de oásis no meio do deserto que nos envolve com as suas areias ominosas. Os estabelecimentos particulares, os Governos subvençionem. Mas... os Governos não podem. Não podem!? Então choremos, choremos sobre a nossa miséria, sobre a ruína dos nossos sonhos, e sobre os sonhos dos nossos filhos. (MACAMBIRA, 1952, p. 3).

A partir da análise do trecho acima, é possível compreender a perspectiva apresentada pelo autor, acerca das ramificações possíveis da precarização docente. Para Macambira (1952), a parca remuneração e valorização docente resultariam em aulas insatisfatórias que produziriam alunados alheios à escola ou, até mesmo, jovens delinquentes que, desencantados com a instituição escolar e com o labor docente, enveredariam por caminhos considerados tortuosos, amorais, desonestos e/ou ilícitos. Suas análises e seus prognósticos diante das problemáticas educacionais redundam em um pessimismo ancorado no desprezo cotidiano direcionado à profissão docente. A crítica central incide sobre a esfera pública, denominada de governos, em tom de denúncia acerca do acentuado desamparo ao ensino privado, em detrimento às instituições públicas de ensino. A finalização de sua argumentação faz circular nas páginas jornalísticas da capital cearense, em uma perspectiva micro, uma abordagem centrada no professor como indivíduo e como chefe de família. Expor a situação professoral sofrível, à época, em uma escala menor do que a classe, expunha um sofrimento mais palpável e menos massificado.

Havia, também, outros artigos que se dedicavam a refletir sobre a temática educacional e eram publicados próximos à coluna Ensino e Educação. Na página seguinte ao segundo número da seção assinada por Coelho Sampaio, por exemplo, estampou-se o texto do autor Costa Rêgo, intitulado O Problema do Professor. Próximos espacialmente na diagramação do jornal, mas longínquos nas ideias, o excerto abaixo auxilia a circunstanciar os fossos entre as duas narrativas em questão:

Através do prisma da instrução, o interesse do professor colide em certos casos com o interesse do estabelecimento. O interesse do professor, é certo, está no aproveitamento, ao passo que o do estabelecimento está na aprovação de aluno: A indústria das aprovações EM MASSA, de que tiram prosperidade alguns liceus de menor escrupulo, só é possível mediante a pressão exercida sobre o professor, o qual será tanto mais dócil quanto mais puder o estabelecimento ameaçá-lo. (REGO, 1944, p. 8).

Na página anterior à publicação do texto de Costa Rêgo, Coelho Sampaio optou por priorizar questões pedagógicas conceituais, acentuando as diferenças entre Instruir e Educar, assim como os hiatos entre a função do mestre e o papel do educador. Aquele, é posto como alguém movido pelo ato de formar valores com finalidades objetivas, este, "incentiva e desenvolve, no educando, as qualidades morais; o sentimento cívico; a religiosidade; e o amor à pátria." (SAMPAIO, 1944, p. 7). Sampaio advogou em seu texto que, para desempenharem exemplarmente suas funções professorais, os indivíduos deveriam ser concomitantemente mestres e educadores.

O debate entre instrução e educação remonta ao século XIX, conforme Vasconcelos (2005). Nesse período histórico:

Debatia-se em que medida, a partir da instrução, também cabia ao Estado a educação, dentro do seu projeto de formação de cidadãos, para o qual não bastava aos alunos adquirirem conhecimentos de língua portuguesa, línguas, música, geometria, aritmética, história, geografia e doutrina cristã. Era preciso ainda fazê-los adquirir princípios éticos e morais considerados fundamentais à convivência social [...]. (VASCONCELOS, 2005, p. 255).

Coelho Sampaio citou e concordou com Beckorff, que afirmava somente ser possível obter-se uma boa escola acaso seus professores fossem igualmente bons. Sampaio inclusive criticou ferrenhamente professores da capital, vinculados a algumas escolas filantrópicas: "E' de lastimar, portanto, que tenhamos em nossa Capital pessoas tão inescrupulosas, que apesar de se sentirem incapacitadas para os mistéres educativos, mantêm escolas com fins comerciais." (SAMPAIO, 1944b, p. 6). Isto é, as narrativas de Coelho Sampaio alinham-se mais à sua função fundador e diretor de instituição escolar. No início da coluna Ensino e Educação, as principais preocupações do autor não residiam nas reclamações da classe docente. Esse viés discursivo começou a figurar em sua coluna em meados do seu período de circulação, principalmente com a campanha que o mesmo iniciou em prol da criação da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos – ACEP. Costa Rêgo, contudo, ainda em 1944, na lauda seguinte e no mesmo jornal em que circulava seção de Sampaio, concentrou em seu texto importantes pautas docentes:

Contudo, não são exageradas as aspirações dos professores. O salário-aula que pleiteiam representa muito pouco em relação com o nível de outras profissões. Calculado na base do salário mínimo de cada região, êle busca ser, por exemplo, tratando-se de ensino secundario, de 31 cruzeiros no Distrito Federal. O numero de aulas consecutivas é limitado a quatro, e a seis o de aulas intercaladas. Em qualquer dos casos, o professor dedicará ao

estabelecimento seu tempo integral. De facto, o esforço de quatro aulas consecutivas, como o de seis aulas intercaladas, já o esgota bastante para não permitir atividades subsidiárias. Na hipótese do maior rendimento, êle daria vinte e quatro ou trinta e seis aulas por semana. Mas descontem-se ainda os feriados, considere-se que nem todos chegam ao máximo das aulas e teremos a remuneração média de um professor abaixo da concedida a muitos oficiais administrativos nas repartições do Estado, e o preparo do programa lhe absorve outras horas do seu dia. Nem tudo está, porém, em fixar o salário. [...] O Sindicato dos Professores, nas sugestões ultimamente apresentadas ao govêrno sôbre o assunto, reclama o direito de entender-se com o Ministério da Educação em matéria de reclamações da classe, independentemente de serem éstas encaminhadas pelo individuo interessado. A sugestão explica-se e justifica-se. Em principio, o professor é sempre mais indicado para a apresentar á autoridade publica sua reclamação contra o estabelecimento onde serve. Mas a reclamação, encaminhada por êle, gera um conflito, ao qual nem todos podem expôr-se. O Sindicato é mais livre para debater o incidente, inclusive á revelia do proprio professor. [...] Assim, o problema do professor não é só um problema de salário. O salário assegura-lhe a vida; a proteção do Estado garante-lhe a independência para ministrar o ensino. (RÊGO, 1944, p. 8).

Baixa remuneração por hora-aula, desvalorização salarial da profissão em relação às demais categorias, ausência de folgas ou descansos fixos, esgotamento físico e, sobretudo, retaliações frequentes e intolerantes a quaisquer reclamações, são pautas evidenciadas por Costa Rêgo. O autor expõe aos leitores da Gazeta de Notícias que tal realidade profissional é ainda mais atroz para os professores atuantes em estabelecimentos de ensino privado e defende a sindicalização dos docentes, para que possam combater os problemas tão pungentes quanto seculares da classe. Recorrentes vezes Pedro da Costa Rêgo tinha escritos publicados na Gazeta de Notícias e também na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, principalmente na seção *Através de Revistas e Jornais*.

Conforme Souza (2010), o autor em questão nasceu em 1889 e faleceu em 1954, possuía densa trajetória jornalística, na qual a escrita política se destacava. Atuou de modo mais perene e longo no jornal carioca *Correio da Manhã*, no qual experienciou diversas funções, que foram de repórter/colaborador a editor-chefe. Sua apreciação jornalística acerca da dura realidade enfrentada pelos professores da época, parece não ser especificamente sobre a realidade do ensino cearense. Contudo, fez circular aos leitores daquele matutino diário um panorama nacional da precarização que arduamente enfrentavam os docentes do período, detendo-se, mais especificamente, aos professores atuantes no Ensino Secundário.

Isto é, à época de publicação do artigo *O Problema do Professor*, Rêgo (1944) já possuía amplo renome no âmbito da opinião pública. Seu escrito parece se solidarizar com a causa dos professores do período, representados como classe desamparada. O autor constrói

representações sobre os docentes de modo a aproximá-los da tônica de profissão, ou, mais especificamente, das agruras de seu ofício. Diante de tamanho sofrimento cotidiano, não parece restar espaço para idealizações e odes aos preceitos missionários, de abnegação, desapego, devotamentos e renúncias.

Sobretudo nos primeiros anos da coluna Ensino e Educação, Coelho Sampaio representou a docência a partir de ditames atrelados à esfera apostolar e missionária, enfatizando a abnegação que deveria ter o mestre. Esse conjunto de representações não é erigido por Sampaio de modo isolado. Ao inverso, trata-se de uma forma recorrente de se compreender a atividade docente. O trecho do texto abaixo, embora não possua autoria indicada, permite entrever, a partir de sua argumentação, que se trata de um olhar admirador mirado às professoras primárias, e não de uma representação de si mesmo. Em razão de sua centralidade para este estudo, o mesmo será citado quase na íntegra:

Ser professora é uma grande e desvanescedora missão, que tão bem cabe á mulher como ser privilegiado pela Inteligencia Universal para tão agigantado mistér. E' á mulher, por excelencia, que tem a missão de criar, educar e instruir as gerações. E' a mulher, êste ser primacial, que [ilegível] tão grande regalia, porque é ela, como esposa e mãe a fonte maxima da ternura, o repositório de tôdas as nossas mais caras esperanças. E' a mulher que tem o maior e o mais preponderante papel na remodelação da humanidade pela sua elevação moral, infundindo respeito e admiração e magnitude de sentimentos. A' mulher compéte a ação educativa do lar, ao homem [ilegível] dando ao lar a segurança do seu amparo material e moral. Educar é gravar em mármore, disse alguém. Educar e elevar até nós os pequeninos sêres que ou são nossos, ou nos são confiados.. Com quanta alegria nós revemos, já adultos, as nossas professoras, com os cabelos esbranquiçados, sorriso constante nos labios, sempre pronta para dar um conselho, fazer uma advertencia ou então apaziguar, na via pública, uma briga de meninos, que ela mesma não conhece! Eu sempre vi na professora primária um ser superior predestinado, dada a sua nobre missão de educadora e plasmadora de caracteres, tudo fazendo para formar cidadãos honrados. (A PROFESSORA..., 1950, p. 4).

O excerto acima, desde as suas primeiras linhas, representa a docência a partir de motes apostolares. A docência no ensino primário aparece pautada pelo feminino durante todo o texto, não somente no emprego dos artigos definidos e/ou da representação linguística do gênero feminino, como também, e principalmente, na argumentação. Desde a primeira linha de sua produção escrita, o(a) autor(a), haja vista que, à medida com que se oculta o nome da autoria, oculta-se também seu gênero, a profissão docente é representada como uma empreitada missionária grandiosa, com argumentação pautada em ditames advindos do campo religioso.

O elemento que mais se destaca na narrativa do(a) autor(a), é o de gênero. No texto em foco, os significados construídos em torno do exercício da função docente se constituem como tarefa essencialmente feminina. Os discursos erigidos com vistas ao papel social da mulher nos anos 1940, no Brasil, se referiam à crença de que a mesma possuiria excelência inata para exercer dedicação aos cuidados com o lar, à família e, sobretudo, à maternidade, ou seja, os principais papéis sociais reservados à mulher era o de mãe e o de esposa. No lar, no âmbito privado, buscava-se confinar a atuação feminina na sociedade.

As representações sobre o feminino, nesse período, eram intrínsecas à figura e aos cuidados maternos. Características angelicais como docilidade, afabilidade, meiguice, ternura, submissão, gestos de carinho e benevolência são vistas como inatas à mulher, sendo a elas cobradas socialmente cada um desses elementos, que eram compreendidos como predicados indispensáveis às mesmas. Ser professora significava "ensinar com seu amor, estender as atividades do lar para a escola, o que permitiu a elaboração de uma imagem doce da profissão de mestre primária como atitude de doação, vocação." (LIMA; FIALHO; SANTANA, 2015, p. 98). Se esperava das mulheres, socialmente, a intensa dedicação aos filhos, em um período no qual o ser infantil era compreendido como o futuro pátrio, sob o qual repousavam as esperanças da nação. Ora, se a concepção de infância era diretamente interligada à característica da imitação, com noções subsidiadas pela psicologia infantil, acaso as crianças obtivessem máximo contato com a idealização que se tinha do feminino, os infantes também desenvolveriam as mesmas características, vistas como atributos essenciais para alavancar moralmente a sociedade.

Essa visão que amalgamava mulher e maternidade foi a responsável por embasar a perspectiva de que somente o feminino poderia exercer com magnitude e maestria a docência no Ensino Primário. A escola era tida como uma extensão do lar e a professora primária era vista como um prolongamento da função materna. Na vida privada familiar e no âmbito escolar, à mulher era confiada a função educativa. Esperava-se, nessa sociedade historicamente situada, que os filhos e alunos fossem instruídos e educados pelo feminino, à medida com que o papel social do homem consistia no sustento financeiro do lar através do trabalho. Contudo, conforme alerta Almeida (2004):

O imbricamento dos atributos de missão, vocação ou sacerdócio com o desempenho da docência não se referia apenas às mulheres, mas ao professorado de um modo geral. Professores e professoras estavam imbuídos do dever sagrado de conduzir as novas gerações no caminho da educação e da instrução, as quais, por sua vez, levariam ao progresso da nação. (ALMEIDA, 2004, p. 85).

Mesmo quando o autor omisso que redigiu o artigo sobre as professoras primárias, publicado na Gazeta de Notícias, busca representar a figura da professora primária já na velhice, no final da carreira docente, o faz de modo a solidificar essas concepções sobre o universo feminino. À professora que já possuía fios brancos nos cabelos, continuou-se a ressaltar características maternas, vistas como predicados essencialmente femininos: ser sempre amável, doce, sábia e simultaneamente firme para impelir respeito às travessuras e aos atritos infantis. A imagem construída para a professora primária aproxima-se à ideia de a mesma ser uma eterna mãe de todas as crianças com as quais tivesse contato em sociedade. Nesses pilares supraterrâneos consistiam a crença no que se acreditava ser predestinação, abnegação e missão de instruir e educar. As imbricações entre as figuras maternas e professorais acentuaram-se na continuação do referido artigo jornalístico:

Se bendizemos dos lábios de nossas mães, que nos ensinaram a repetir o seu santo nome, a orar a Deus e a ele pedir para sermos bons e indulgentes, também devemos abençoar os lábios que nos ensinaram as primeiras letras, enaltecer esses corações, fontes continuas, como os de nossas mães, de imarcessível ternura humana. Bendigo as professoras, esses espíritos tutelares, que se sacrificam na grandiosa missão de igualar caracteres formados em meios heterogêneos, provindos, das mais obscuras mansardas ou dos mais requintados salões. Olhos suplices à mãe de Jesus a professora os eleva quando recebe a notícia de que o aluno tal não comparece à aula por se encontrar enfermo; ela sabe o que é a miséria, o desconforto nas casas humildes e ampliando a missão de educadora dos jovens que lhe são confiados, muitas vezes torna-se preceptora dos próprios pais dos seus alunos, fazendo-se de médica ou de enfermeira, conforme já tive a oportunidade de ver. [...] É por esse motivo que cada um de nós deve ter uma mãe e uma professora, cada qual na sua sublime missão. (A PROFESSORA..., 1950, p. 4).

Além dos gestos próprios relacionados à tutela de alguém, como zelo, dedicação, atenção e cuidado, as funções de mãe e professora primária compartilhavam outras exigências: renúncias, abnegações e sacrifícios no ato de se doar às causas pátrias. Ambas eram incumbidas de formar moralmente as gerações futuras, que construiriam um novo destino para a Pátria. Além do(a) autor(a) utilizar-se dos conceitos advindos do imaginário apostolar para designar quais seriam as características indispensáveis às mulheres que fossem exercer o magistério, há no excerto acima a construção de conexões de devoção entre a professora e à virgem Maria, figura materna de Jesus Cristo. No limite, as mestras do ensino primário a tinham como um espelho, à medida com que no imaginário religioso a mãe de Jesus é tida como isenta de

defeitos, sem máculas. Almeida (2004), alerta sobre as imbricações entre o fator religioso e a construção de padrões comportamentais femininos:

A linguagem mística para qualificar o papel feminino era utilizada pela ideologia cultural, que buscava na religião as metáforas e analogias para definir a mulher-mãe com atributos de santa, anjo de bondade e pureza, qualidades que todas deveriam possuir para serem dignas de coabitar com os homens e com eles gerar e criar filhos. A Igreja católica associaria a figura da mulher santa, feita à imagem de Maria, à pureza de corpo e espírito, enquanto a mulher desviante, transgressora, principalmente a prostituída, seria ligada à maldade, à perfídia, ao pecado e à decadência. [...] No entanto, ambas deveriam ser submissas e dependentes. (ALMEIDA, 2004, p. 74).

Apesar de o(a) autor(a) sugerir diferenças, entre os papéis sociais de mãe e de professora, seu discurso ocasiona, eminentemente, uma fusão de funções, na qual uma é a extensão da outra:

A professora sucede a mãe na educação do filho; uma educa-o no seio da família, infundindo nele o seu caráter e a sua crença, amor e veneração aos seus maiores; a outra educa-o para a sociedade, para o tropelo contínuo da vida moderna. [...] A professora recebe pequeninos seres e amolda-os pelo seu caráter, educa-os a seu modo. Grande missão, milagre que confunde os próprios pais, vendo os seus filhinhos, dia a dia, retornar ao lar mais ilustrados, mais instruídos, mais educados. E este milagre se deve à professora. A Escola Pública é a sementeira da sabedoria, é o chão onde as raízes da cultura de um povo se radicam para, no futuro, se espalharem e se projetarem através dos diversos grandes setores do conhecimento humano. A Escola Pública é, pois, a base, o sustentáculo do grande edifício que se chama civilização. A professora é a modeladora de caracteres, afeiçoando-os de acordo com o seu sabor, com a sua educação. A professora constitui a viga mestra do arcabouço da nacionalidade. Quanto mais culta a professora, mais capazes serão os seus alunos. Estes conservarão, para o futuro, as mesmas reservas morais adquiridas na Escola Primária; escola de homens, início de vida coletiva. (A PROFESSORA..., 1950, p. 4)

Torna-se relevante observar que, quando o(a) autor(a) refere-se às evoluções infantis, frutos dos processos educacionais escolares, o trata como milagres. Uma vez mais, recorre-se ao vocabulário religioso para definir a função professoral. Nesse texto, em momento algum há menção à importância da formação constante ou mesmo à formação inicial das mestras. Os progressos das crianças, observáveis pelos seus pais, são tidos como obtenção mágica, quase inexplicável. Os mesmos não são compreendidos como méritos docentes ou discentes.

A professora primária é exaltada pela sua capacidade de reproduzir a si mesma. Sua glória é expandida à medida com que a mesma consegue transferir às crianças, as suas próprias

qualidades, moldando-as de acordo com a sua moralidade. Estabelece-se uma proporcionalidade interdependente entre o sucesso de uma turma em relação aos objetivos educacionais – que se alternavam entre a instrução e à educação – e o ofício exercido pela professora. Diferentemente de Serva (1948), os holofotes eram direcionados principalmente à figura da professora, responsabilizando-a inteiramente pelos resultados dos educandos. As crianças, tal como um barro ou argila sem forma específica, passariam a ter os contornos e formas que as suas professoras modelassem. No artigo sem autoria assinalada, os enfoques residem naquilo que as professoras tinham por seus deveres e exigências. Muito se falou sobre sua centralidade nos destinos nacionais, mas uma ausência mordaz é tocante às remunerações satisfatórias, em razão de tamanho desígnio. Na finalização do artigo, ressalta-se novamente o exercício da docência no ensino primário como inato ao feminino:

Se no dizer do Dr. Charles D. Melver, constante das Seleções de Dezembro de 1949 findo, 'quem educa um homem, educa um indivíduo; quem educa uma mulher, educa uma família', poderemos acrescentar que quem educa uma filha para professora organiza um viveiro de sabedoria do mais alto teor. MAITRE UM JOUR, MAITRE TOUJOURS, dizem os franceses. Quem nasce para professora, jamais deixará de ser professora, constituindo o seu maior objetivo de uma vida inteira. Honra, pois, a professora primária e aos seus pais! (A PROFESSORA..., 1950, p. 4)

O incentivo às famílias das moças e às próprias meninas, no sentido de se tornarem professoras, é discurso recorrente no período. Nos jornais pesquisados e também na literatura didática consultada, observa-se que há intenção de se instigar as famílias brasileiras do período a formarem suas filhas como normalistas. Essa narrativa fazia-se ainda mais pungente no contexto do ensino rural, no qual desejava-se que as professoras fossem originárias do campo e lá permanecessem, colaborando para o progresso campestre através da instrução. A função docente era compreendida a partir dos vieses de sua magnitude sublime, portanto o incentivo às moças para o exercício professoral pautava-se por intentos multiplicadores. As duas últimas linhas do trecho supracitado condensam a crença de que a profissão docente era uma missão e, como tal, irremediavelmente objetivo-mor de quem o fosse predestinado.

Tamanhos eram os elos entre docência e maternidade, que o ensino da puericultura, não raras vezes era ofertado às professoras, em escolas normais. A Puericultura consiste na ciência cujo objetivo principal é buscar métodos, técnicas e práticas de aperfeiçoamento dos cuidados com as crianças, a partir da mais tenra idade, evitando os assombrosos coeficientes de

mortalidade infantil no período. Orientações acerca da alimentação, higiene pré-natal (pré-nupcial e gestacional), cuidados específicos com o recém-nascido, amamentação, desenvolvimento físico-cognitivo infantil e informações sobre as principais doenças que atingiam as crianças integravam os principais assuntos da puericultura.

A obra de A. de Almeida Júnior e Mário Mursa, intitulada *Noções de Puericultura*, cujos autores, apontados no livro como doutores, eram, respectivamente, Professor de Higiene e Puericultura da Escola Normal da cidade do Braz (SP) e Diretor do Hospital de Crianças de Idianópolis (SP). Esse livreto, por exemplo, era direcionado não somente às mães, como também às alunas normalistas. Além do que pode ser observado na figura 22, referente à capa da obra em questão, na qual ao seu centro consta "Para as Mães e para as Escolas", duplamente sublinhado, seu prefácio elucida ainda mais acerca de seu público-alvo:

Este livro é uma cooperação modesta, para a solução do problema da ignorancia, em hygiene da primeira infancia. Destina-se elle ás mães em geral, e ás alumnas das escolas normaes ou outros cursos de puericultura. [...] S. Paulo, nesse particular, deu um passo feliz: instituiu o ensino de hygiene infantil para as suas normalistas. São, cada anno, algumas centenas de moças que iniciam nos segredos preciosos da arte de criar filhos. Mas ainda é pouco, e esperamos que dentro em breve, utilizada a capacidade dessas mesmas normalistas, o ensino mais se divulgue. Está provado que elle é cabivel desde a escola primaria, o unico aparelho capaz de torna-lo universal. (ALMEIDA JUNIOR; MURSA, 1927, p. 6-7)

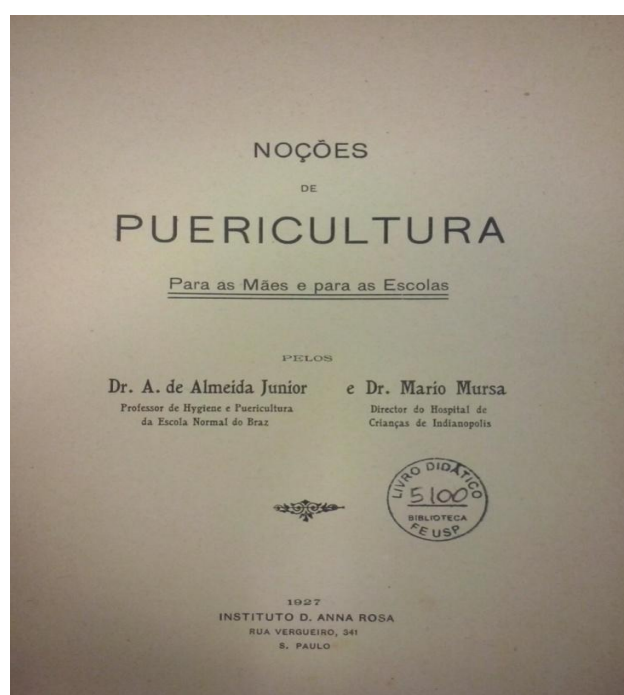
A união dos conhecimentos advindos da Pedagogia e da Medicina, entrelaçados pelo mote da higiene, no livro *Noções de Puericultura*, buscaram atingir igualmente o público leitor das mães e das professoras. O que os autores denominam de arte de criar filhos, referindo-se à maternidade, era estreitamente relacionado ao ato de educar crianças. Almejava-se fazer com que lecionar possuísse feições maternas. Os referidos autores advogavam pela adoção integral dos conhecimentos de puericultura nas Escolas Normais em todo o território brasileiro. Na Fortaleza dos anos 1940, através da consulta ao Almanaque do Estado do Ceará do período, é possível saber que o currículo da Escola Normal Justiniano de Serpa, situada na capital cearense à época e fundada em 1884, continha a disciplina de Higiene em seu curso técnico⁶⁷.

Desse modo, torna-se bastante significativo que o livro *Noções de Puericultura* tenha sido escrito com vistas às mães e às professoras primárias. Tratava-se de uma tentativa

⁶⁷ "Biologia - Dr. João Hipólito de Azevêdo e Sá; Higiene - Dr. José Leite Maranhão; Psicologia - Pe. Lauro Fernandes de Carvalho; Técnica - Dr. Antônio Filgueiras Lima; Pedagogia e Sociologia Educacional - Edite da Costa Braga; História e Filosofia da Educação - Dr. Mozart Pinto Damasceno". (ENSINO... 1941, p. 272)

obstinada de zelar pela infância, compreendida socialmente no período como tarefa eminentemente feminina. A obra buscava popularizar, entre as mulheres, mães ou mestras, os "[...] Principios que fariam florescer criaturas sadias e robustas, que enriqueceriam a nação com energias de toda a especie, aumentando-lhe a eficiencia physica e moral e poupando-lhe mais de metade do sacrificio prematuro de vidas". (ALMEIDA JUNIOR; MURSA, 1927, p. 7) Diante das potencialidade postas em evidência, os autores advogavam por uma compulsoriedade do ensino de puericultura.

Figura 22 – Capa do livro Noções de Puericultura - 1927



Fonte: fotografia produzida pela autora da tese no acervo da Biblioteca de Ciências Humanas da USP

A articulação entre o discurso médico e o pedagógico pautou as bases da dita educação sanitária. Essa temática não era exclusiva da medicina ou da pedagogia. Tratava-se de uma: "disciplina específica na formação de professores primários, e a Escola Normal servia como instituição formadora não apenas de normalistas, mas também de inspetores e educadores sanitários, partícipe do projeto médico-pedagógico de uma higienização social". (LIMA, FIALHO e SANTANA, 2015, p. 76).

Contudo, diante dos desígnios educacionais incumbidos às professoras primárias, mesmo com os entrelaces entre maternidade e exercício profissional docente, chegou-se a se cogitar ou, ainda, propor o chamado celibato pedagógico. Essa tese foi mais debatida nas

primeiras décadas do século XX, mas ainda na década anterior ao decênio em destaque nesta tese, em 1933, cogitou-a novamente. Silveira (1933), em artigo do jornal religioso O Nordeste, saído na capital cearense, trouxe à baila o debate, iniciado pelo diretor do Departamento de Educação da Instrução Pública da cidade de Natal (RN), o Amphilóquio Camara, que cogitou introduzir o celibato pedagógico na Reforma do Ensino por ele empreendida. O autor do artigo jornalístico construiu seus argumentos a partir da própria definição do conceito:

Trata-se de proibir ás professoras a contraírem matrimonio, a pretexto de que, uma vez casadas, não dão conta de suas escolas, emquanto que o Estado fica com o peso morto de mandriões, que atendem por 'maridos de professoras'. O dr. Luis Antonio, medico, fez, na Semana Pedagogica encerrada a 25 deste, uma conferencia sobre o assumpto, defendendo os pontos de vista do Departamento e tentando provar a incapacidade de a professora-mãe exercer o magistério, para o que argumentou com a dedicação das freiras. O Centro de Imprensa da Congregação Mariana de Moços fez imprimir um boletim com 15 razões contra o celibato. (SILVEIRA, 1933, p. 1)

O peso da missão pedagógica atribuída à professora primária, ainda que fosse intimamente ligado a características consideradas como essenciais à boa mãe, em alguns momentos, como no texto jornalístico citado, se sobrepunha à esfera materna. O cotidiano docente era pautado em agruras tão árduas, que grupos de intelectuais o julgavam como passível de dedicação exclusiva, exigindo que as professoras abdicassem de construir uma família. Tratava-se, entretanto, de uma ideia dotada de pouca aceitação no período. O autor da matéria jornalística expôs em suas linhas argumentações contrárias ao chamado celibato pedagógico:

A meu ver, de nenhum modo tem razão o Director da Instrucção Publica do Rio Grande do Norte, moço a quem admiro sem conhecer, pelo dinamismo apostolar que o equipara ao nosso Director da Instrucção. Bem sei que, vez por outra, a professora-mãe faltará á escola, mas em seu favor militam razões fortissimas, capazes de sobrepujar a todas as objecções. A escola progressiva tem que ser um lar e suas professoras que não forem mães de verdade têm que pensar e sentir como mães. [...] A psicologia funcional demonstra que a maternidade desperta na mulher instinctos incomparaveis de dedicação e carinho. [...] E este tacto delicado assim se desenvolve tão bem na mestra que é mãe! Pela necessidade de acompanhar a evolução do filhinho, o seu organismo se desdobra em virtualidades que talvez não viessem á luz, um pouco como a secreção das glandulas mamarias, que surge na hora precisa e se gradua conforme a capacidade alimentar da criancinha. Assim sendo, surgem vantagens novas para a professora-mãe. Moça e mãe vivem ambas no lar, mas a segunda o entende de modo bem mais profundo do que a primeira. Está, portanto, mais apta a transfundi-lo na escola. (SILVEIRA, 1933, p. 1 e 4).

A crítica ao mesmo tempo incisiva e elogiosa às iniciativas do Diretor da Instrução Pública do Rio Grande do Norte, desempenhada por Silveira (1933), pautava-se em princípios biológicos. A concretização da maternidade, para o autor, geraria, de modo orgânico e psíquico, amor e dedicação ainda mais genuínos, porque seriam fundamentados na experiência. O celibato pedagógico era visto como uma estratégia disciplinadora das professoras primárias, de modo com que as mestras se dedicassem em absoluto à missão de ensinar e educar as gerações responsáveis pela construção de futuros áureos para o Brasil.

O debate, no cerne de suas questões, não consistia na dúvida entre se estimular a maternidade ou a renúncia às relações amorosas, mas em impor vieses disciplinadores às moças que enveredassem pelos caminhos da docência. O autor do texto jornalístico em questão, ao discordar da proposta de celibato pedagógico, sugeriu a disciplina por outras vias:

E' exacto que não é pequena cousa a dedicação do professorado. Mas não é apanhar o lado essencial da questão querer resolvê-la pelo celibato pedagogico. Quer o dr. Amphiloquio Camara a minha observação de dois annos no meio educacional cearense? O estimulante por excellencia de dedicação é a religião, que desperta nas mestras uma noção altissima de dever e dá-lhes na pedagogia catholica amplas visões que, aproveitando todas as redescobertas boas da escola nova, ainda as completa levando-as até o sobrenatural. Com trabalho assim movido por ideaes tão altos e com os recursos psicho-pedagogicos duma doutrina tão ampla, eu vejo na minha provincia todas as mestras - moças e mães - numa santa emulação em que trabalham todas de modo consolador. Quando uma moça é futil e leviana é um desastre para a educação. Mas a causa catholica desperta nas virgens tanta elevação que ellas se tornam intellectualmente capazes de visões profundas sobre as creanças e sobre as mães, e moralmente dedicam-se como se os seus alumnos fossem filhos seus. Aqui não nos preocupam ideias casamenteiras ou celibatarias á força. (SILVEIRA, 1933, p. 4)

A partir de um olhar observador, externo ao campo próprio da experiência, Silveira (1933) sugere substituir a proposta do celibato pedagógico pela imersão das professoras na religião cristã católica e seus preceitos de retidão, dever, honestidade e abdicação aos motes terrenos. Na argumentação do autor, a pedagogia católica renderia ainda mais dedicação e disciplina às professoras. Tratava-se de mobilizar o labor docente feminino pelo sagrado e pelo divino. Destaca-se, ainda, que "a ideia de alocar às mulheres a sagrada missão de educar transitou por décadas no imaginário social". (ALMEIDA, 2004, p. 77).

Perseguir um excelente desempenho do ofício professoral significava aflorar princípios santificados, que se assemelhavam à mãe de Jesus Cristo, a virgem Maria. Laborar no ensino primário exprimia uma elevação, uma ascensão, de acordo com os princípios da moral

cristã católica. Conforme ainda alude a autora dedicada às questões próprias da feminização do magistério, o seu exercício feito no feminino significava:

Um prolongamento das funções maternas, e instruir e educar crianças era considerado não somente aceitável para as mulheres, como era também a profissão ideal em vista destas possuírem moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos. (ALMEIDA, 2004, p. 86).

O presente tópico desta tese esteve atento aos diálogos possíveis entre as ideias educacionais de Coelho Sampaio e as outras vozes de diversos professores que amplificavam suas lutas e representações sobre a docência em periódicos no contexto espaço-temporal em análise. Esse intento parte da compreensão e da ratificação de que Coelho Sampaio não possuía o monopólio da escrita jornalística sobre Educação na Gazeta de Notícias e em outros jornais da capital cearense, embora se destacasse entre os demais por ter à sua disposição um espaço colunar fixo e duradouro para fazer circular suas ponderações acerca da temática educacional.

Conforme sintetizou Passos (2011), "a partir das contradições sociais e econômicas os professores buscaram formas de pressão e reivindicação salarial" (PASSOS, 2011, p. 118). O impresso foi, para os docentes, no contexto espaço-temporal em análise, um veículo amplificador das agruras da classe e suas correlatas formas de reivindicação. Observaram-se múltiplas aproximações e distanciamentos entre os discursos impressos de Coelho Sampaio e outros intelectuais, ainda que os mesmos não se mencionassem e/ou dialogassem diretamente em seus escritos. Buscou-se empreender, portanto, um diálogo entre suas ideias. Atentou-se à polifonia desses círculos de intelectualidade no que concerne à imprensa da capital

4. "COMO SE É UM BOM MESTRE": A DOCÊNCIA EM PAUTA NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

4.1 "Órgão oficial dos estudos e pesquisas do Ministério da Educação": a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e suas estruturas

"Não é esta a primeira vez que o Dr. Uriel de Carvalho concede entrevistas sobre os objetivos do SESI, no Brasil, e sobre os fins verdadeiramente elevados da educação social. Já em abril do corrente ano, a importante revista 'Formação' (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos), procurou o ilustre educador paulista, tendo colhido de s. s. as mais interessantes informações que desejava a respeito daquela organização." (SAMPAIO, 1948f, p. 2)

"Outra notícia, tão importante quanto a primeira, para os que formam ao meu lado no sentido de ser consolidada a associação dos professores conterrâneos, que desejam fazer estudos e experimentações pedagógicas, foi a sugestão apresentada pelo Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Dr. Murilo Braga, para que eu, já que desejava formar uma biblioteca especializada para a associação, me dirigisse ao Instituto Nacional do Livro, do M.E.S. a fim de beneficiar a associação das vantagens que aquele órgão oferece às bibliotecas públicas. Agradeço, em nome da associação, não somente a sugestão, como também a remessa da 'Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos' que estou recebendo." (SAMPAIO, 1948e, p. 3)

Esses dois trechos possuem um objetivo central comum para Coelho Sampaio na coluna Ensino e Educação: publicar entrevistas por ele realizadas com personalidades relacionadas à área do ensino, em geral de projeção nacional, por intermédio de missivas. As epígrafes acima remetem a números diferentes da seção jornalística da Gazeta de Notícias dedicada a debates educacionais, que resguardavam, entretanto, um mesmo rastro: ambas mencionaram a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP).

No primeiro trecho citado, o assunto cardeal do número da coluna se constituía em abordar vieses educacionais para o trabalhador brasileiro. O escrutínio da temática se deu através da veiculação de uma correspondência entre Coelho Sampaio e Uriel de Carvalho, à época exercendo a função de diretor da Divisão de Educação Social do Serviço Social da Indústria (SESI), de São Paulo. Conforme é observável na primeira epígrafe, nesse artigo, há uma rápida menção à RBEP, permitindo entrever que Coelho Sampaio realizou a leitura de um

dos números da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, que continha uma entrevista anteriormente realizada com o seu mesmo entrevistado, Uriel de Carvalho.

Esse projeto de entrevistar educadores e intelectuais destacados na área da Educação, compunha parte das atividades da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos (ACEP). Para além de buscar unir os profissionais do ensino em torno de causas educacionais, a entidade tinha um objetivo ambicioso, qual seja o de se tornar "um centro de cultura a irradiar sua influência pelos sertões e a receber, por intercambio, o que há de mais moderno do estrangeiro" (SAMPAIO, 1948e, p. 3). Essa pretensa ação cultural, sob lógica hierarquizante, elegia com centralidade o debate intelectual a partir de leituras.

No segundo excerto, ainda mais significativo, é possível ter acesso à informação de que Coelho Sampaio se comunicava através de cartas com Murilo Braga, diretor geral do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos entre os anos de 1946 e 1952, sucedendo Lourenço Filho que dirigiu o INEP desde sua criação através do Decreto-Lei nº 580 em 1938. O agradecimento de Coelho Sampaio ao então diretor do INEP, Murilo Braga, pelo recebimento de remessas da RBEP, na condição de publicação oficial daquela instituição; corrobora com a hipótese – formulada a partir da primeira epígrafe – de que, possivelmente, Sampaio fosse um leitor da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

E, haja vista que o envio dos exemplares parece não ter sido direcionado especificamente a Sampaio como professor, somente, mas à sua condição de fundador da ACEP; também é possível supor que outros professores cearenses fossem leitores dessa revista de circulação nacional⁶⁸. A Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, desde a sua denominação, era um ambiente que congregava indivíduos interessados em leituras pedagógicas.

A intenção de se formar uma biblioteca para os associados era deveras significativa, considerando os insatisfatórios ordenados da classe docente, que dificultava a compra de livros, além das intempéries relacionadas às consultas locais na Biblioteca Pública do Estado do Ceará. No ano de 1946, portanto período próximo às iniciativas da ACEP, a professora Fernanda Brito utilizou-se do espaço de reverberação social proporcionado pela imprensa para expor o descaso das autoridades em relação à Biblioteca Pública Estadual do Ceará naquele período. A referida docente, vinculada ao Centro Cultural José do Patrocínio (CCJ), redigiu à Gazeta de Notícias um escrito para manifestar sua queixa em relação a, dentre outros elementos, esse aspecto

⁶⁸Entretanto, pela ausência de fontes específicas da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos, não é possível afirmar que essa biblioteca para associados tenha ultrapassado o *status* de projeto. Sua concretização não foi localizada pela pesquisa documental.

sofrível do cotidiano docente naquele momento: "No Ceará, há quase um ano que a biblioteca publica acha-se fechada. Por que? Não sabemos." (BRITO, 1946, p. 6). Em meados de 1945, o jornal *O Povo* também publicou matéria sobre a temática da biblioteca pública do Estado do Ceará, localizada em Fortaleza. Este escrito, contudo, conta com a ausência da indicação de autoria, o que sinaliza compor o posicionamento do projeto editorial do referido jornal:

Com a nomeação, recentemente, de um novo diretor para a Biblioteca Publica de Fortaleza, nascem esperanças de que o governo está disposto a melhorar as suas condições atuais. Quem a visita sai com a mais desoladora das impressões. Aquilo que deveria ser um índice do nosso adiantamento intelectual é justamente uma demonstração evidente de pouca consideração pelas coisas do espirito. Nas comunidades européias, nas menores cidades da civilizada Norte - América, dos Estados Unidos, especialmente, ocorre justamente o contrário, pois ali a biblioteca é, de fato, expressão de vida cultural. A nossa "library" enfrenta indescritível pobreza de material e precariedade de organização. Para um leitor de fins do século passado talvez ela fosse da maior utilidade. Entretanto, o Ceará de 1945 não é mais o mesmo da Proclamação da Republica. Se ha obras atualizadas, estas são, porem, em numero tão limitado que o autor procurado nunca se encontra no catálogo. Depõe ainda contra a nossa biblioteca o local. Que concentração de espirito, na leitura, é possível, naquela quadra barulhenta do centro da cidade, sob o ranger de ferro dos bondes da Light? Finalmente, impõe-se uma revisão no presente horario noturno de 7 ás 9, com a prorrogação de mais uma hora, em beneficio das pessoas que trabalham durante o dia. A consideração de tudo isso criará, certamente, uma mentalidade progressista em relação á nossa biblioteca. (BIBLIOTECA..., 1945, p. 3).

A problemática da Biblioteca Pública de Fortaleza e a definida dificuldade de acesso a livros, obras, conhecimentos de diversas ordens (entre eles, os saberes pedagógicos), bem como o cerceamento do direito à atualização do conhecimento científico (através da disponibilização de edições mais recentes à época), era assunto latente no período. A sociedade utilizava os espaços jornalísticos para fazer circular esse tipo de queixa, inclusive direcionando-as aos governos considerados insatisfatórios. O cotidiano dos indivíduos que frequentavam o referido espaço, os leitores da capital, continha entraves de diversas ordens. Desse modo, a ideia de se construir uma biblioteca especializada em assuntos educacionais, na ACEP, possuía um contexto específico de criação e adesão. Tratava-se de formular uma alternativa à carestia de se adquirir livros e às dificuldades de se frequentar a Biblioteca Pública.

Para além da possibilidade de se ter acesso a rastros de sociabilidade de Coelho Sampaio e do indicativo da centralidade do uso de cartas como meio de comunicação para o autor; as epígrafes selecionadas para este tópico indicam, então, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* como um veículo dotado de circularidade no contexto do Ceará dos anos 1940 e

que possivelmente foi uma referência intelectual para os escritos pedagógicos de Coelho Sampaio, haja vista o seu caráter de discurso autorizado nacionalmente.

Desse modo, o presente tópico objetiva explorar as características basilares da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, situando brevemente seu histórico, ainda que concedendo enfoque para a sua produção temporalmente situada nos anos 1940, explanando acerca da sua estrutura, seções e intenções; compreendendo-a como um espaço de relevância no debate pedagógico nacional, como registro de ideias e ideais dos intelectuais de uma época, em relação aos assuntos educacionais e suas relações com o Estado.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos é um periódico surgido no penúltimo ano da Ditadura do Estado Novo, em 1944, sendo editada até os dias atuais, com fluxo ativo de recebimento de artigos e resenhas, somando mais de 75 anos de circulação até a presente data. Sua apresentação de estreia foi feita pelo então Ministro da Educação e Saúde⁶⁹, Gustavo Capanema:

A REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS não pretende ser apenas uma revista a mais no rol, felizmente já numeroso, de nossas publicações periódicas educacionais. Apresenta-se como órgão oficial dos estudos e pesquisas do Ministério da Educação. Seu papel será reunir e divulgar, pôr em equação e em discussão não apenas os problemas gerais da pedagogia mas sobretudo os problemas pedagógicos especiais que se deparam na vida educacional de nosso país. [...] E a publicação que agora se inicia, a REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, se apresenta como um instrumento de indagação e divulgação científica, como um órgão de publicidade dos estudos originais brasileiros de biologia, psicologia e sociologia educacionais e também das conclusões da experiência pedagógica dos que, no terreno da aplicação, trabalham e lutam pelo aperfeiçoamento da vida escolar de nosso país. (CAPANEMA, 1944a, p. 3-4).

A autoapresentação da RBEP destaca sua condição de periódico educacional oficioso do Ministério da Educação, editada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), portanto vinculado ao Estado; sendo esse um argumento central para a construção da sua legitimação e autoridade frente às demais publicações pedagógicas nos estados da federação. Contudo, há de se ressaltar que, apesar da pretendida ideia de unidade, ao se almejar congregar na RBEP diversos estudos que tenham por foco as temáticas que orbitam em torno do tema educacional, em meados de 1947, consta destacado em *itálico*, o seguinte alerta: "A Revista não endossa os conceitos emitidos em artigos assinados e matéria transcrita."

⁶⁹ A partir de 1937, com a instauração do governo autoritário do Estado Novo, a denominação Ministério da Educação e Saúde foi oficializada. Somente em 1953 houve a adoção da denominação Ministério da Educação e Cultura (MEC).

(REVISTA..., 1947, p. 1). Isto é, apesar do seu propósito de compilação e divulgação de pesquisas, debates e escritos sobre Educação em um mesmo periódico, que se apresentava como órgão oficial do Ministério da Educação, a RBEP direcionava a responsabilidade dos escritos ali veiculados aos seus próprios autores, quando assinalados. Nesse sentido, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, como integrante do rol da tipologia de fontes atrelada à imprensa periódica educacional, desvela em suas páginas "as lutas por legitimidade que se travam dentro do campo e também analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares." (CATANI; BASTOS, 2002, p. 7).

Havia, inclusive, ocasiões nas quais os intelectuais que ali publicavam seus textos teciam críticas ferrenhas ao Ministro da Educação e às reformas educacionais recém implementadas:

Infelizmente neste ponto a reforma Capanema, como em alguns outros, foi desastrosamente infeliz, retrocedendo sobre a anterior. Ora, toda esta evolução não correspondeu a uma melhoria real na preparação da juventude brasileira, porque faltou-lhe a peça fundamental, que foi o professor. E' de lamentar que o Ministro Francisco Campos, que tão lucidamente percebeu, na magistral exposição de motivos de sua reforma do Ensino Secundário e na da Organização Universitária, a necessidade da formação do professorado secundário e normal, não houvesse tornado realidade, criando a Faculdade de Educação, aqueles admiráveis propósitos. Se o tivesse feito no curto prazo de quinze anos, estaria dando os seus frutos a esta hora. [...] O decreto-lei em apreço, nesta agonia de arbítrio em fabricar leis que surgem inopinadamente pelas manhãs nos órgãos oficiais, alterando tanta vez normas fundamentais da vida do cidadão, deveria antes ser submetido a um conhecimento para que pudesse ser esclarecido, atendendo assim a seus melhores propósitos. Do contrário conduz a deliberações unilaterais ou ditadas pelo capricho ou pela incompreensão. [...] Oxalá que esta medida em relação ao professorado secundário, tomada pelo governo federal, por proposta de alguns de seus dirigentes, inspirada seja pelo erro, pelo engano ou pelo capricho, não venha trazer graves prejuízos a toda a educação nacional. Infelizmente, no Brasil não há memória. Tudo passa e tudo se esquece. Não se sabe que fatalidade condena as nossas realizações quase sempre a existirem no passado ou no futuro. Ou foram ou vão ser. Quando o são, no presente, que pena que durem tão pouco. Sua alma, sua palma. (VENÂNCIO FILHO, 1946, p. 249 *et seq*).

A Reforma Capanema foi criticada pelo autor por, dentre outros motivos, não rastrear/considerar as demandas docentes. O professor, para Venâncio Filho (1946), foi representado como protagonista do sistema de ensino secundário. As letras da lei de Gustavo Capanema foram interpretadas pelo autor como hierarquizantes, pré-fabricadas às pressas e às sombras, sem diálogo com a classe docente. Também pela força da lei, os professores eram invisibilizados, tornando-se inaudíveis em suas queixas. Contudo, a maioria dos discursos

contidos nessa Revista, na condição de órgão oficioso, habitualmente versavam em perspectiva laudatória sobre aquele momento político, apontando em suas publicações informações que indicassem uma transformação pedagógica positiva desde o golpe de Getúlio Vargas, apontado pelo periódico como uma "sadia política de reconstrução do país, instaurada em 1930". Acerca dos ditos avanços considerados pelo periódico, observe-se:

No movimento educacional brasileiro dos últimos tempos três tendências dominantes podem ser observadas: a de expansão geral da rede escolar do país; a de acentuado aumento de matrícula nos ramos do ensino do segundo grau, ou daqueles destinados à juventude; e, enfim, a de fortalecimento do ponto de vista nacional na consideração dos mais complexos problemas de organização pedagógica. (REVISTA..., 1944, p. 5)

Além da observância da concessão de um relevo, pela Revista, para o que se consideravam os progressos educacionais daquele governo, é também significativo que no trecho acima tenha existido um destaque para o dito Ensino do Segundo Grau. Concomitantemente a esse período de circulação da RBEP, estavam sendo expedidos os decretos-lei da Reforma Capanema, também, chamada de Lei Orgânica do Ensino Secundário, entre os anos de 1942 e 1946, conforme sintetiza Ghiraldelli (1994):

- **Decreto-lei n. 4.073** - 30 de janeiro de 1942 - que organizou o ensino industrial;
- **Decreto-lei n. 4.048** - 22 de janeiro de 1942 - que instituiu o SENAI;
- **Decreto-lei n. 4.244** - 9 de abril de 1942 - que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginasial, com quatro anos, e o colegial, com três anos;
- **Decreto-lei n. 6.141** - 28 de dezembro de 1943 - que reformou o ensino comercial;
- **Decreto-lei n. 8.529** - 02 de janeiro de 1946 - que organizou o ensino primário a nível nacional;
- **Decreto-lei 8.530** - 02 de janeiro de 1946 - que organizou o ensino normal;
- **Decretos-lei n 8.621 e 8.622** - 10 de janeiro de 1946 - que criaram o SENAC;
- **Decreto-lei n. 9.613** - 20 de agosto de 1946 - que organizou o ensino agrícola.

Através das letras da lei, "o Governo Vargas explicita firme intenção de estruturar o ensino técnico profissional e quando cria o SENAI convoca o empresariado nacional a participar dessa empreitada." (PALMA FILHO, 2005, p. 95). O Ensino Secundário, então, passou por uma série de reformulações, instituindo sua divisão em um 1º ciclo, composto por 4 anos, também denominado de ginasial; e um 2º ciclo, composto por 3 anos. Esse 2º ciclo era

subdividido, ainda, em duas opções: o curso científico ou clássico. O autor ainda atenta para a informação de que o ensino secundário, à época, corresponde ao atual ensino de 2º grau ou ensino médio e preparava os educandos para ingresso no ensino superior⁷⁰.

Desse modo, a Reforma Capanema tinha por objetivo "reorganizar as categorias tradicionais do ensino". (CAPANEMA, 1944b, p. 179-181). Essa série de decretos-lei viriam para corroborar com o projeto de se educar para o trabalho, cujo discurso traçava uma relação de simbiose entre labor, economia e educação. O editorial da referida publicação, saído em novembro de 1944, intitulou-se Educação para o Trabalho e, como em seus outros números, a Revista expressou o posicionamento de seus responsáveis, como um todo, através desta seção:

Por muito tempo estiveram os planos da educação nacional apartados das realidades da vida econômica. [...] As leis orgânicas do ensino secundário, comercial e industrial, mais que simples remodelação de cursos e programas, representam, na verdade, notável conquista, havendo fixado princípios que a I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas não hesitou em consagrar, em diversas resoluções, como desejáveis para todos os países do continente. [...] A articulação do primeiro ciclo do ensino secundário, ou ginásio, com os de formação técnica no ensino comercial e industrial, e, também, a possibilidade de acesso por êstes últimos à Universidade, veio imprimir, enfim, ao ensino brasileiro o caráter de um vasto plano de educação para o trabalho. [...] A educação para o trabalho é imperativo das atuais condições de vida nacional, em rápida transformação econômica; e ela o será, sem dúvida, por toda parte, no mundo após-guerra. (EDUCAÇÃO..., 1944, p. 177-178)

O grau de atenção dado à Educação dos jovens na Reforma Capanema deu-se pela possibilidade de estes agregarem à vida econômica do país, tornando-os cidadãos úteis à Pátria. O trecho acima clarifica a ideia de que a educação deveria se posicionar a serviço dos interesses econômicos de um país que experienciava o processo de substituição de importações e de crescimento industrial, inclusive tendo como marca dos anos 1940 a criação das pioneiras grandes empresas estatais brasileiras⁷¹. Desse modo, utilizar a Educação para alcançar objetivos econômicos e elevar a Economia brasileira, nesse contexto, significava apostar no ensino técnico-industrial. Os dois primeiros decretos da Reforma Capanema, ambos em 1942, incidiam

⁷⁰ Palma Filho (2010) atenta para o fato de que o curso Clássico direcionava seus alunos para as Faculdades de Direito, Filosofia, Ciências e Letras e o curso Científico encaminhava os estudantes para os cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia ou Engenharia. Fato esse que induz à compreensão de que o ginásio e o colégio do Ensino Secundário eram reservados para as ditas elites condutoras e o ensino técnico-profissional para as ditas massas, para o povo, para a população pobre.

⁷¹ Tais como a Companhia Siderúrgica Nacional (1940), Companhia Vale do Rio Doce (1942), Companhia Nacional de Álcalis (1943), entre outras, como a Fábrica Nacional de Motores e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

sobre a questão do ensino industrial, isto é, no plano de reformulação do ensino nacional, eis uma prioridade. Torna-se relevante observar, ainda, que "das diversas modalidades de ensino profissional, só o industrial recebe maior destaque, graças, sem dúvida, à incipiente industrialização do país naqueles anos, que já começava a exigir alguma qualificação da mão-de-obra." (SCHWARTZMAN *et.al.*, 2000, p. 274). Como é possível inferir, na condição de publicação oficial do Estado, essas questões foram latentes na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

No primeiro número publicado pela RBEP no ano de 1945, ainda em janeiro, portanto temporalmente situado no segundo ano de publicação do referido periódico, há uma lauda da Revista destinada a explicitar suas definições, escopos, vinculações, equipe editorial, trâmites relativos ao convite de colaboradores, periodicidade e destaque de algumas das suas seções, conforme pode-se observar no excerto abaixo:

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, órgão dos estudos e pesquisas do Ministério da Educação, publica-se sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e tem por fim expor e discutir questões gerais da pedagogia e, de modo especial, os problemas da vida educacional brasileira. Para isso aspira a congregar os estudiosos dos fatos educacionais no país, e a refletir o pensamento de seu magistério. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS publica artigos de colaboração, sempre solicitada; registra, cada mês, resultados de trabalhos realizados pelos diferentes órgãos do Ministério e dos Departamentos Estaduais de Educação; mantém seção bibliográfica, dedicada aos estudos pedagógicos nacionais e estrangeiros. Tanto quanto possa, REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS deseja contribuir para a renovação científica do trabalho educativo e para a formação de uma esclarecida mentalidade pública em matéria de educação. (REVISTA..., 1945, p. 2)

Talvez inspirada pelo recorrente imaginário atrelado aos recomeços característicos ao de um ano que se inicia, a RBEP considerou oportuno ratificar aos seus leitores suas principais características editoriais. Tal folha se manteve fixa nos demais números da Revista a partir de então. Para além do destaque às instituições estatais às quais a Revista era vinculada, buscou-se também evidenciar os sujeitos que a compunham:

DIRETOR : Professor Lourenço Filho, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. COMISSÃO DE REDAÇÃO: Dr. Abgar Renault, Diretor do Departamento Nacional de Educação; Dr. M. A. Teixeira de Freitas, Diretor do Serviço de Estatística da Educação e Saúde; Professor Armando Hildebrand, chefe de seção técnica do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Dr. Álvaro Neno, técnico do mesmo Instituto. Toda correspondência relativa à REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS deverá ser endereçada ao Diretor do Instituto Nacional de

Estudos Pedagógicos, Caixa postal n.º 1.669, Rio de Janeiro, Brasil. (REVISTA..., 1945, p. 2)

Como é possível observar no trecho supracitado, os indivíduos pertencentes ao corpo editorial da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, desde o seu maior cargo (a direção) até suas funções mais técnicas, eram institucionalmente vinculados ao Ministério da Educação (MES) e, especificamente, ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Até mesmo a intenção de correspondência, acerca dos debates pedagógicos nela desenvolvidos, assinalado pela veiculação do endereço da caixa postal logo na segunda página do número em questão da RBEP, desvela sua estreita vinculação estatal.

Por ocasião da solenidade de inauguração da Escola Técnica Nacional, em outubro de 1944, a RBEP transcreveu o discurso proferido pelo então ministro da Educação, Gustavo Capanema, sobre o Ensino Industrial e suas metamorfoses recentes. Para além de destacar que esse segmento educacional estava no esquecimento na vida escolar brasileira antes do início da Reforma Capanema, por não possuir especificamente um sistema, planejamentos e diretrizes; o ministro reforçou os elos entre Educação e Economia, fazendo menção elogiosa a Getúlio Vargas:

Ponto cardial do programa politico de V. Ex.^a é fazer do nosso país uma grande potência econômica. V. Ex.^a, espiritualista experiente que é, sabe que sem economia organizada não há cultura, não há poder, não há ordem nem liberdade, não há prestígio nacional nem bem-estar dos cidadãos. Para cumprir êsse programa, não opera V. Ex.^a à maneira dos empiristas e dos demagogos. Homem de estado de alta envergadura, V. Ex.^a assenta os seus projetos, não na infiel areia das improvisações e dos artifícios, mas na rocha da razão, da ciência e da técnica. Como o ensino industrial tem de ser base essencial dessa obra, para êle tem V. Ex.^a constante atenção e especial vigilância. O trabalho empreendido, e já agora em tão seguro rumo e com tão valiosas realizações, há de prosseguir e crescer. Nêle encontrarão os pósteros grande motivo para celebrar o seu nome e a sua glória. (CAPANEMA, 1944b, p. 181-182)

A citação acima é relevante para a compreensão de que o modo de se pensar a educação apregoado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos era expressão da maneira com que o Estado compreendia a questão educacional. Como visto, "[...] O crescente interesse do governo Vargas em promover a industrialização do país, a partir de 1937, refletiu no campo educacional". (FAUSTO, 1944, p. 367). Educar a juventude significava prepará-la para sua inserção no mercado de trabalho, de modo que esse cidadão se tornasse útil para a economia brasileira, afinando-se aos anseios de uma elite industrial. Desse modo, além de congrega artigos de intelectuais que se propunham a debater questões pedagógicas; a RBEP também

intencionava o realce dos aspectos considerados positivos atrelados ao Estado, utilizando-se largamente do argumento estatístico, por conta da ambição de tornar-se um meio elementar de registro das conquistas educacionais do governo à época.

Nos anos 1940, a revista dividia as suas seções de modo a contemplar espaço para publicação de: artigos educacionais propostos por colaboradores; atividades mensais realizadas pelo Ministério da Educação; dados estatísticos sobre a educação escolar nacional; legislações e decisões administrativas no terreno educacional; divulgação de experiências pedagógicas exitosas que servissem como modelo didático; compilações de bibliografias sobre diversos eixos temáticos pedagógicos; informes sobre a situação educacional dos Estados brasileiros e de outros países, bem como a transcrição de textos jornalísticos que versassem sobre assuntos educacionais.

Apesar de a publicação ter como antiobjetivo ser veículo apenas de registros técnicos do Ministério da Educação, ao almejar-se espaço como espaço de debate intelectual com diversas opiniões pedagógicas; parte de seu conteúdo cumpre essa finalidade de exposição mais técnica das ações da pasta. Sobre sua autorrepresentação no tocante às finalidades da publicação, observe-se:

Com êste propósito é que se apresenta esta publicação, animada do sincero desejo de contribuir para a formação de uma esclarecida mentalidade pública em matéria educacional; para dar reflexo às idéias do professorado brasileiro de todos os níveis e ramos do ensino; para registrar, enfim, os rumos da pedagogia brasileira na fase, em que se encontra, de viva renovação e de clara afirmação social. (REVISTA..., 1944, p. 6)

Apesar de caracterizar-se como um impresso pedagógico, a Revista tinha como objetivo não limitar a sua circulação apenas a indivíduos diretamente ligados ao ensino, como professores, diretores, inspetores escolares, dentre outros; pois a publicação demonstra-se interessada no fito de construir uma opinião pública sobre Educação. Nas páginas da RBEP, sobretudo no período delimitado temporalmente nesta pesquisa, nos anos 1940; ainda que cada número dessa publicação abordasse múltiplos objetos dentro do espectro educacional, pautava-se um discurso central: o de que era necessário desempenhar a empreitada de uma organização da educação nacional. De tal modo que a Revista, como órgão oficial do Estado, além de aglutinar debates teóricos sobre Educação e o compartilhamento de práticas educacionais exitosas, também veiculou conteúdos que se aproximavam mais do formato de um relatório. Conforme Gandini (1994), o projeto de se nacionalizar a educação foi algo fulcral para esse

periódico, além de questões vinculadas à ampliação da rede escolar no país e ao aumento da matrícula escolar, sobretudo nos segmentos de ensino cujo público eram os jovens.

Para contemplar essas ambições, nos anos 1940, a RBEP era dividida no formato de seções fixas. Abaixo, indica-se quais eram essas seções e suas intencionalidades:

1)⁷² Editorial - composto por um texto de abertura, semelhante a uma apresentação⁷³, dispondo de aproximadamente duas páginas para a exposição dos argumentos, em geral destacando positivamente as atividades do Ministério da Educação. Esse escrito se configurava como único texto teórico da Revista no qual o autor não era assinalado, exceto as partes mais associadas ao caráter de relatório, como indicativo do posicionamento da RBEP e seus responsáveis editoriais. Em relação às seções de Editorial e à seção principal descrita abaixo, Ideias e Debates; "os primeiros expressavam a orientação política dos responsáveis pela Revista e os artigos [da Ideias e Debates], as principais características daquilo que se poderia chamar de pensamento pedagógico acadêmico a ser divulgado e discutido". (GANDINI, 1944, p. 15). Os textos dos editoriais eram escritos com um tipo de fonte diferenciado, semelhante ao recurso itálico, provavelmente também como estratégia de diferenciação daquele posicionamento frente os demais.

2) Ideias e debates - parte de maior relevância na Revista, reservada para a publicação de artigos redigidos por intelectuais no campo pedagógico, sobre assuntos diversos dentro do eixo temático do ensino. Em alguns desses textos assinala-se a sua publicação anterior em outros livros, revistas, conferências, entre outros. Outros escritos dessa seção, pela ausência da nota informando a publicação daquele mesmo conteúdo em outros suportes, parecem ter sido elaborados especificamente para a veiculação na RBEP. Em relação ao fluxo de submissões, alerta-se para o fato de que "[...] Milton de Andrade Silva – chefe da Revista desde 1947 – refere-se à dificuldade de obtenção de artigos escritos especialmente para a Revista, em relatório apresentado ao Diretor do INEP." (GANDINI, 1994, p. 27). Desse modo, se por um lado havia uma dificuldade de seleção das publicações veiculadas na seção Ideias e Debates por motivos de escassez; as outras seções da Revista, mais ligadas às atividades do Governo, sugerem dificuldade de seleção por sua abundância.

Em relação ao processo de recrutamento desses textos, a partir do elemento de recorrência dos artigos que entrecruzavam Psicologia e Educação, Gandini (1994) trabalha com

⁷² A numeração é aqui utilizada por questões de organização textual. Na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos as seções não são originalmente enumeradas.

⁷³ A seção intitulada especificamente como Apresentação foi localizada somente no número de abertura da Revista, em julho de 1944.

a hipótese de que a escolha dos textos submetidos à Revista tenha sido feita por Lourenço Filho nos primeiros anos da RBEP, haja vista a importância do tema Psicologia Aplicada para o movimento escolanovista. Curiosamente, o próprio "[...] Lourenço Filho, como diretor do Inep e da Revista, diretor nacional da educação e, ao final do período, como professor da Universidade do Brasil, foi responsável, sozinho, por 26 artigos" (GANDINI, 1994, p. 49). A autora ainda socializa a frequência, em porcentagem, dos principais assuntos abordados na Revista desde a sua criação em 1944 até o início dos anos 1950⁷⁴.

Psicologia (28,55%); Educação em outros países (16,07%); História da Educação (9,37%); Ensino/Metodologia (9,37%); Estatística (5,35%); Relatórios de Pesquisa (3,57%); Política educacional (3,57%); Educação e democracia (3,12%); Universidades (2,60%); Outros(18,43%). (GANDINI, 1944, p. 36).

3) Documentação – seção destinada à veiculação de documentos, em geral, ligados às pesquisas e despesas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, informações sobre Congressos a serem realizados no Brasil e no Mundo e informações sobre atividades educacionais de estados brasileiros. Em alguns números da Revista, também consta um compilado de referências bibliográficas da área pedagógica, com o título de Bibliografia Pedagógica Brasileira, seguida do ano ou biênio de referência. O propósito era de se coligir uma lista com publicações educacionais saídas especificamente na referência temporal indicada. O formato da referência é similar ao que conhecemos nos dias atuais, situando sobrenome e nome do autor, título do livro ou artigo, nome do livro ou nome da revista, cidade de publicação, volume, número, data de publicação, editora e número de páginas da obra como um todo ou indicação das páginas específicas dos artigos indicados.

4) Vida educacional; subdividida em partes também fixas intituladas:

4.1. A educação brasileira no mês de ____ de 194_, variando somente o mês e o ano, seu objetivo se constituía em condensar a publicação de I - Atos da administração federal; II - Atos da administração dos estados, do distrito federal e dos territórios, III- Atos da administração municipal, IV- Noticiário, destacando notícias de inaugurações, feitos e solenidades educacionais no Brasil, direcionados à Educação; bem como a indicação da existência de atas de reuniões do Ministério da Educação, portarias, decretos-lei, editais, resoluções, assuntos de verbas, entre outros conteúdos mais técnicos.

⁷⁴ Originalmente esses dados foram publicados pela autora em formato de tabela. Há outras tabelas sobre a classificação dos temas na seção documentos, sobre a nacionalidade, o sexo e qualificação profissional dos autores que publicaram na RBEP, permitindo que a autora concluísse a predominância de homens integrantes da burocracia e/ou professores universitários.

4.2. Informação do país; continham notas referentes a ocasiões educacionais de relevo em alguns Estados brasileiros.

4.3. Informação do estrangeiro; constavam notas sobre medidas educacionais desempenhadas por diferentes países.

5) Bibliografia; contava com a resenha de textos considerados importantes à época. Conforme Brasil (1959, p. 144): "Esta subseção deixou de ser elaborada a partir do nº 30. Em 1954 o I.N.E.P. iniciou a publicação de Bibliografia Brasileira de Educação, folheto trimestral".

6) Através de revistas e jornais;⁷⁵ - transcrição de artigos jornalísticos que circularam no período e que versavam sobre a temática educacional. Por congregar em uma só seção artigos provenientes de jornais editados em diversas regiões do país, o modo com que se tratava a temática educacional variava em suas abordagens, visões e argumentos.

Ao primeiro conhecimento da existência dessa seção; a presente pesquisa buscou rastrear se houve alguma publicação dos textos jornalísticos de Coelho Sampaio, haja vista sua extensa produção na coluna Ensino e Educação por aproximadamente 6 anos na imprensa cearense. Esta investigação específica redundou em ausências. No tocante à principal seção da Revista, qual seja Ideias e Debates, destaca-se que Gandini (1994), através de uma pesquisa – inclusive, mas não somente – quantitativa sobre quem eram esses intelectuais que veiculavam seus textos na RBEP, afirmou:

Concluindo, os quadros finais [...] nos permitem afirmar que o discurso que a RBEP apresenta, nesse período, era elaborado, predominantemente, por homens, ligados à burocracia e por professores universitários. Entretanto, se nós nos aproximarmos um pouco mais dos dados, verificaremos que entre os últimos incluem-se personalidades que participaram da burocracia pública mas que, naquele período, encontravam-se exercendo funções acadêmicas. (GANDINI, 1994, p. 49-50)

Entretanto, para além dessa maioria de intelectuais caracterizados sob os critérios expostos, havia também publicações de autores provenientes de associações, fundações, outras revistas e professores do Ensino Secundário. Entretanto, dentre os aspectos apresentados pela autora como possíveis critérios de seleção atrelados a argumentos de autoridade e validação desses discursos pedagógicos, Coelho Sampaio se adequaria somente na questão do gênero.

Nos anos 1940, Sampaio transitou entre a condição de graduando e bacharel em Ciências Econômicas, sendo um jovem professor com a função de diretor de um pequeno estabelecimento de ensino por ele mesmo fundado, ou seja, não exerceu funções burocráticas públicas, ligadas ao governo. Além disso, sua projeção social parece ter sido mais circunscrita

⁷⁵ Conforme Gandini (1994, p. 31), uma seção homônima poderia também ser encontrada na Revista Educação, publicada pela Diretoria Geral do Ensino de São Paulo, fundada em 1927, com a colaboração de Lourenço Filho.

ao contexto cearense, principalmente na condição de colaborador assíduo da coluna Ensino e Educação da Gazeta de Notícias; atuação no movimento estudantil universitário cearense, sobretudo no ano em que alcançou a presidência da União Estadual dos Estudantes (UEE) e como fundador da Associação Cearense de Estudos Pedagógicos.

A título de cotejamento, um intelectual cearense que logrou publicação de artigo na RBEP foi Djacir Menezes⁷⁶. Aproximadamente seis anos antes da publicação desse texto em 1944, no período compreendido entre 1938 a 1941, o autor tinha se tornado fundador, diretor e professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, instituição acadêmica na qual Coelho Sampaio graduando poucos anos depois. Além disso, dentre outras funções, foi professor catedrático também da Faculdade de Direito do Ceará.

Afora isso, Djacir Menezes, no início dos anos 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro, chegando a ser professor catedrático interino da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil⁷⁷. Após o título de cada artigo, a RBEP informava ao leitor o nome e sobrenome do autor do texto, seguido de sua vinculação profissional. Para Djacir Menezes, a Revista optou por destacar o vínculo "Da Faculdade Nacional de Filosofia". Ou seja, apesar de ser um intelectual cearense, a trajetória acadêmica desse autor já estava consolidada no período, além de residir no Rio de Janeiro e ocupar postos de relevância na cidade. Pelos perfis de vida intelectual díspares ao de Coelho Sampaio e pela própria ausência de menção a isso em seus momentos autobiográficos, considera-se improvável a participação de Coelho Sampaio na RBEP.

7) Atos oficiais - constavam, em suas páginas, legislações educacionais a nível federal e estadual, em geral expedidas recentemente.

Vale destacar ainda que, conforme salienta Gandini (1994), alguns desses indivíduos que publicavam textos na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos poderiam se encaixar na categoria de intelectuais-funcionários. Personalidades como Lourenço Filho e Almeida Júnior, autores com números expressivos de publicações na RBEP, ocupavam cargos públicos na área em questão, fato que implicaria uma relação estabelecida entre as suas ideias pedagógicas e o projeto de sistema educacional que se estabelecia na época em território brasileiro. A autora ainda enfatiza que:

⁷⁶O texto era a transcrição de um trecho referente a um livro desse autor, sobre o Nordeste, saído pela José Olímpio no Rio de Janeiro. O excerto selecionado foi sobre o que seria uma síntese da História da Educação no Ceará.

⁷⁷ Informações biográficas contidas na seção verbete do site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas - FGV. (DJACIR..., p. 1).

Os editoriais da Revista durante o período de 1944 a 1952 mostram que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) não se constituía em simples 'órgão técnico': era parte do aparelho do Estado no âmbito da educação, encarregado de propor e fundamentar 'técnica e cientificamente' a política educacional do Estado Novo no momento em que se afirmava o 'ponto de vista nacional' na condução dos problemas pedagógicos brasileiros. (GANDINI, 1944, p. 24).

A par da variedade das seções propostas pela Revista, uns de ordem mais técnica e outros mais vinculados ao debate intelectual; em suas autorrepresentações a RBEP buscava ratificar que um de seus principais objetivos consistia em ultrapassar o caráter meramente técnico. A citação acima possibilita o entendimento de que tal premissa não era exclusividade desse periódico, sendo, ao inverso, um reflexo do que propugnavam os seus próprios órgãos de criação: o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e o próprio Ministério da Educação. A par da política centralizadora de Vargas, bem como da criação de órgãos e pastas específicas para os principais problemas sociais que possibilitassem esse intento centralizador, havia um interesse em se modernizar e nacionalizar a Educação. Para tanto, julgava-se que uma atuação técnica não seria efetiva para a concretude desse movimento pretensamente renovador. O estímulo, então, centrava-se no debate intelectual pedagógico.

O desígnio de se levar a cabo o que seria uma educação nacional, pautava-se pela noção de sistema, a partir da ideia unidade nacional. Caso contrário, para esse pensamento político-educacional, a educação brasileira seria "fragmentada em iniciativas dispersas, senão às vezes contraditórias". (ESTATÍSTICA..., 1944, p. 3). Parte desse discurso oficial de que aquele momento político objetivava sistematizar a educação nacional, passava pela tentativa de somar argumentos de autoridade através da exposição de dados estatísticos. Ainda nos primeiros números da publicação, em outubro de 1944, seu editorial, na condição de expressão do pensamento educacional e político da própria Revista, foi sintomaticamente intitulado Estatística e Educação:

O que se passava em relação ao ensino brasileiro, em outros tempos, parece muito ilustrativo a êste respeito. Em 1907, houve, pela primeira vez, na república, a preocupação de levantar-se, de modo menos lacunoso, a estatística geral do ensino no país. Mas só dez anos depois os resultados desse trabalho viriam a ser publicados e, ainda assim, graças aos esforços de um devotado servidor do país, o saudoso estatístico Oziel Bordeaux Rêgo. Entregue o ensino aos Estados, publicavam eles números anuais, baseados em levantamentos nem sempre perfeitos, sem atenção também a uma sistemática definida, que viesse tornar os dados comparáveis entre si. Desde 1932, essa situação mudou de modo completo. Criado o Ministério da Educação, em fins de 1930, estabeleceu-se nêle uma Diretoria Geral de Estatística. Procedidos os trabalhos preliminares necessários, instituiu-se em dezembro do ano seguinte,

o Convênio Interestadual de Estatísticas Educacionais, firmado entre a União e as unidades federadas. Passamos a ter, assim, desde 1932, levantamentos anuais absolutamente regulares e fidedignos, baseados em rigorosa sistemática. E não, apenas, levantamentos regulares e fidedignos. Também resultados conhecidos com a devida oportunidade, para que possam servir de subsídio a uma política educacional eficiente. (ESTATÍSTICA..., 1944, p. 3-4)

No trecho do editorial acima, a apresentação de um histórico recente do contexto brasileiro, no tocante à forma com que diferentes governos lidaram com os assuntos educacionais, enfatizando a falta de rigor e prioridade a eles direcionados; se configura como uma estratégia de estabelecimento da história do governo Vargas (nesse momento já em fase de sustentação cambaleante, pouco antes da sua deposição em 1945) como um marco de progresso sem precedentes, ou seja, busca magnetizar para si certo ineditismo. Destacar o tempo envolvido entre realizar um levantamento estatístico do ensino em território nacional e a publicação dos seus resultados à sociedade, ratificando a baliza temporal correspondente a uma década, também busca reforçar uma (auto)eficiência dos propósitos estatístico-educacionais do Ministério da Educação à época.

Tratava-se de realçar, então, o êxito dos seus próprios projetos e atividades em contraste com as críticas desempenhadas a mo(vi)mentos anteriores. Apesar de não haver análise depreciativa específica a nenhum governo, canalizar todo o mérito das publicações estatísticas no campo da Educação desse período histórico por eles indicados, ao profissional da Estatística responsável pelo trabalho, de forma nominal, se configura como uma crítica incisiva. Assim, o texto sugere que a concretização dessa publicação teria ocorrido somente por mérito desse indivíduo, tido como portador de um abnegado patriotismo, e não por interesse governamental.

A representação numérica dos assuntos educacionais na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos é posta como basilar para se mensurar o nível do progresso social e como bússola de qualquer governo. Desse modo, a Revista almeja conceder destaque aos investimentos estatais direcionados à estatística educacional, desde de 1930, mencionando a criação de órgãos criados especificamente para este fim, no âmbito do Ministério da Educação. A RBEP funciona, então, como um porta-voz dos feitos do Estado, no campo do ensino; apresentando os registros estatísticos estaduais como passíveis de suspeita e os dados estatísticos nacionais como inteiramente legítimos e inquestionáveis. Apesar de a RBEP enfatizar que, quando se refere aos métodos estatísticos, não o faz somente compreendendo-os como mera contagem, e sim como base para investigação, análise e interpretação de dados

coletados; observa-se que a relação estabelecida entre Educação e Estatística nesse suporte dá-se no intuito de utilizar essa ciência como argumento de autoridade, afastando questionamentos.

Em 1945, a RBEP voltou a ratificar o apreço pelo investimento em óticas estatísticas:

O método estatístico, por sua fecundidade e plasticidade de aplicações é, na verdade o instrumento indispensável à fundamentação de uma verdadeira consciência técnica em educação. Fôrça é reconhecer que, em nosso meio, são ainda incipientes os estudos com essa orientação. Com efeito, só há pouco mais de um decênio, deixaram êles de ser objeto de trabalho de alguns poucos especialistas isolados, para se imporem aos centros de preparação do professorado e aos órgãos centrais de administração do ensino. Muito animador, no entanto, apresenta-se o progresso já realizado. Pesquisas dos mais diversos gêneros têm sido empreendidas e outras vão em andamento. Já REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS tem dado a conhecer resultados de trabalhos desse gênero comunicados ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, bem como outros planejados e realizados por êsse mesmo órgão do Ministério da Educação. (INVESTIGAÇÃO..., 1945, p. 3-4)

Nas últimas linhas do penúltimo trecho do editorial da RBEP ora citado, o termo subsídio não parece ter sido utilizado por meras questões textuais. Nos anos 1940, há dois tipos documentais homônimos. O primeiro deles trata-se de uma série de livros, organizada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Seu início foi em janeiro de 1940, e, conforme Vidal e Faria Filho (2003), o Instituto iniciou a elaboração do referido documento em janeiro do ano de 1940, que culminou em uma volumosa série de 11 volumes editados entre os anos de 1942 e 1951⁷⁸, englobando todos os Estados brasileiros. Seu objetivo principal se constituía em mais um objetivo de organização da educação nacional. Acerca da sua organização:

A série, constituída para subsidiar as leis orgânicas criadas no governo Vargas, manteve características idênticas em todo o período, apesar da edição das citadas leis, entre 1942 e 1946, e de, nos anos finais, a direção do Instituto ter sido entregue a Murilo Braga de Carvalho. [...] Seguiam-se ordenadas por mês, na seqüência dos dias, as notícias, intercalando as várias unidades federativas. (VIDAL; FARIA FILHO, 2003, p. 45).

Para além dessa volumosa série de publicações, também na década de 1940, o Ministério da Educação expediu boletins mensais igualmente intitulados de Subsídios para a

⁷⁸ Com objetivo similar, qual seja o de fornecer bases bibliográficas para a História no Brasil, já no último ano da década de 1980, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), lançou uma publicação intitulada História da Educação Brasileira. Nela, consta a referência completa a 10 volumes dos Subsídios para a História da Educação Brasileira, todos saídos na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1942 a 1951. (BRASIL, 1989, p. 25).

Educação Brasileira. Conforme Dantas (2001) o conteúdo principal dessa documentação consistia na divulgação de legislações federais na área da Educação e de informações gerais sobre o estado educacional atual no Brasil e no exterior época, além das legislações estaduais. Esse periódico, contudo, foi publicado apenas entre os anos de 1940 a 1944 e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos teria a função de substituí-lo.

A partir da criação da RBEP, esses atos legais seriam, então, nela publicados, por se constituir como um periódico mais abrangente e de maior circulação, visto que a Revista tinha esse objetivo de magnetizar para si essa centralidade dos assuntos educacionais. As intencionalidades desses boletins, uma vez mais, corroboravam com a intenção geral do INEP de construir uma memória para a Educação brasileira calcada nas legislações. Eles, entretanto, a julgavam como História.

A própria existência dessa tipologia documental, com a peculiaridade de seu nome utilizado mais de uma vez, desvela as intenções do Estado Novo no sentido de produzir documentações que registrassem seus feitos para a posteridade, ou seja, no fito de se construir uma memória educacional brasileira gloriosa atrelada ao governo. A forma com que se intitula o documento Subsídios para a História da Educação Brasileira sugere que os conteúdos ali veiculados seriam dados/fatos pouco passíveis de questionamentos, para a História da Educação nacional.

Tal iniciativa de se formular bases para a escrita da História educacional do Brasil, remete ao trabalho empreendido por Primitivo Moacyr. Segundo Carvalho e Machado (2018), entre os anos de 1936 a 1942, o autor laborou para a escrita de 15 livros somente acerca da temática educacional brasileira no período imperial e republicano, findando suas contribuições até o período de 1930. Moacyr tinha articulações com o Estado desde o início do século XX, na condição de redator e relator dos debates parlamentares da Câmara de Deputados, permanecendo na função mesmo com a instauração do governo Vargas em 1930 e suas múltiplas mudanças. É relevante citar que a publicação da obra de Primitivo Moacyr materializou-se pela Companhia Editora Nacional e pela Imprensa Oficial, com a chancela do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), além dos órgãos da imprensa nacional.

Haja vista que o INEP foi fundado em 1937⁷⁹, o próprio nome desse órgão sugere que um de seus objetivos fulcrais, no âmbito das pesquisas pedagógicas, era empenhar-se em

⁷⁹ Destaca-se que: "Em meados dos anos 30, a tom com a criação do Ministério de Educação e Saúde, o Ministro Gustavo Capanema preparou um projeto dando origem à Lei 378, de 13 de Janeiro de 1937, criando o Instituto Nacional de Pedagogia, com a missão de realizar pesquisas sobre os problemas do ensino nos seus diferentes aspectos. Em 1938, o Decreto Lei n. 580, de 30 de Julho, alterou o nome do órgão para Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos" (CARVALHO; MACHADO, 2018, p. 162).

organizar e coligir documentações concernentes à História da Educação no Brasil, além da atualidade dos projetos e atividades educacionais à época. Nesse sentido, Lourenço Filho, na condição de diretor do INEP à época, reconheceu a relevância dos estudos históricos de Primitivo Moacyr para a Educação Brasileira em perspectiva histórica, concedendo-lhe a publicação de parte da sua obra pelo INEP no início dos anos 1940. Posteriormente às publicações, Moacyr torna-se pesquisador do INEP, após os seus livros sobre a Educação no Império serem publicados com o termo subsídio no título das obras.

Carvalho e Machado (2018), trabalham com a hipótese de que há semelhanças importantes entre os boletins Subsídios para a História da Educação Brasileira e a produção de Primitivo Moacyr, corroborando com a hipótese de Dantas (2001), na qual mais do que o interesse por publicar os livros de escrita educacional do Moacyr, o INEP tinha interesse pela forma prestigiada com que Primitivo sistematizava, organizava e ordenava dados. Defende-se, ainda, a existência de similaridades entre os aspectos organizacionais do boletim mensal Subsídios para a História da Educação Brasileira e a produção de Primitivo Moacyr sobre a instrução nas províncias.

A observação de que os boletins mensais intitulados Subsídios para a História da Educação Brasileira foram expedidos somente até o ano de estreia da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, porque esse último periódico o englobaria; é mais um indicativo dos intentos centralizadores da RBEP. Desse modo, por coligir muitos pensamentos educacionais, documentações oficiais sobre Educação no país e por objetivar tratar dos debates pedagógicos nacionais, a Revista em questão torna-se uma fonte de relevância para a presente tese, também por permitir um cotejamento com as ideias pedagógicas de Coelho Sampaio. Somando-se a isso, os registros da coluna Ensino e Educação que assinalaram o acesso do autor das colunas Ensino e Educação à RBEP, utilizados como epígrafes neste tópico; corroboram para a hipótese de que Sampaio fosse um leitor da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, questão que instiga as presentes investigações no tocante às similaridades e distanciamentos entre as ideias e ideais propugnados neste periódico e os artigos colunares de Sampaio.

4.2 "Por que fracassam os professores?" a função docente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos

"Se, nesta hora tão grave do mundo, por tôda a parte
acrescem as responsabilidades dos educadores, verdade
é também que a consciência dêsses novos deveres bem

clara se apresenta ao professorado nacional. Tão certo está êle de que, como repetidamente tem afirmado o PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS, 'é na educação que havemos de encontrar sempre o mais poderoso instrumento para fortalecer a nossa estrutura moral e econômica', e, assim, que, 'todo o nosso esforço tem de ser dirigido no sentido de educar a mocidade e prepará-la para o futuro'." (REVISTA..., 1944, p 6).

O contexto dos anos 1940 foi permeado por marcos históricos efervescentes. No Brasil, em meados da referida década, para além do processo que culminou no fim do período autoritário denominado Estado Novo; a situação mundial de conflito e seu posterior término, instigou reflexões sociais sobre guerra, paz e democracia. As conjecturas sobre o papel da educação no mundo pós-guerra também foi assunto latente no debate intelectual. No trecho acima, a caracterização da esfera mundial destacada em seus aspectos de gravidade, sugere uma menção à Segunda Guerra Mundial. Nele, a educação nacional⁸⁰, haja vista os intentos centralizadores do governo de então, é considerada como a ferramenta de organização social mais diligente contra as mazelas específicas que abrolhavam na sociedade do contexto em análise.

Ora, se a educação era compreendida como alicerce do progresso social e instrumento fulcral de reestruturação moral e econômica, não é de se estranhar que os holofotes se direcionem para a função docente. Como é observável na epígrafe deste tópico, destaca-se o entendimento de que aquele contexto exigiria modificações na função do professor, no sentido de os deveres e responsabilidades dos educadores se tornariam mais complexos e acentuados. Haja vista que as seções Apresentação e Editorial, na RBEP, possuem escopos similares, qual seja o de situar para o leitor as intenções daquele periódico, destacando as premissas basilares daquela publicação; não parece ser coincidência o fato de que a epígrafe deste texto seja retirada do editorial de estreia da RBEP.

O fato de existirem ponderações sobre quais deveriam ser as funções docentes no período em escrutínio já no primeiro número da RBEP geram uma inferência que pode ser confirmada através da pesquisa documental nesse periódico de atuação volumosa: ajuizamentos sobre as finalidades do trabalho docente foi pauta recorrente na Revista. Sobretudo nas seções mais atreladas ao debate intelectual e de afirmação dos preceitos daquele periódico, como Editorial, Ideias e Debates e Através de Revistas e Jornais; os objetivos do trabalho docente foram conjecturados sob múltiplas perspectivas.

⁸⁰ Não por coincidência, o primeiro artigo que Lourenço Filho publicou na RBEP, intitula-se A Educação, problema nacional, conforme Gandini (1994, p 105).

O presente tópico tem por objetivo investigar por quais formas o ofício docente foi representado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nessas três seções citadas. A divisão das discussões presentes neste tópico será feita em três subtópicos. O processo de seleção da abordagem mais específica nas seções Editorial, Ideias e Debates e Através de Revistas e Jornais, respectivamente em forma de subtópicos, ocorre, pois foram nessas seções da RBEP em que houve um debate intelectual mais intenso atrelado às questões docentes. Quantitativamente, a seção que mais aborda o tema é a última citada.

4.2.1. "Editorial": palavras de abertura e autorrepresentações

A forma com que um periódico apresenta a si mesmo ao seu público leitor e a forma com que o mesmo constrói e veicula suas próprias autorrepresentações, desvela múltiplos elementos: o seu projeto editorial, suas intenções, seus desígnios, seus enfoques e também suas sombras. A seção intitulada Editorial da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) define-se por ser um espaço reservado para a publicação de um pequeno texto, em geral composto por uma ou duas laudas, formulado aos moldes de um texto de abertura da edição.

Por não indicar autoria específica para esse texto, compreende-se que se trata da amplificação da voz de seu corpo editorial e seus vieses político-pedagógicos, configurando-se como registros importantes para se rastrear o posicionamento da RBEP e sua equipe editorial, na condição de voz do Estado frente aos assuntos educacionais. Não raras eram as vezes nas quais essa seção veiculava ponderações laudatórias ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e ao Ministério da Educação, se autocongratulando por todos os projetos e ações que fossem por eles mesmos considerados exitosos, travando falas em defesa das ideias e ideais do governo.

O editorial intitulado Investigação Pedagógica e Consciência Técnica, ainda no segundo ano de circulação da Revista, em 1945 trouxe à baila aspectos da fundamentação do trabalho docente:

Porfiam os educadores de nosso tempo, qualquer que seja a orientação filosófica a que se filiem, na busca de dados objetivos sobre os mais o seu próprio trabalho possa fundamentar-se. Em outros termos: esforça-se a educação moderna em conquistar uma 'consciência técnica'. Para isso, duas ordens de realidades desafiam o conhecimento: uma, relativa aos quadros sociais, onde a educação se processa; outra referente à marcha do

desenvolvimento natural das crianças e jovens. A exata compreensão da primeira esclarece a forma, o andamento, e as condições gerais do processo educacional, em cada coletividade, e é, por isso, subsídio indispensável aos estudos da política da educação e da administração escolar *latu sensu*. O domínio da segunda importa, essencialmente, à obra da educação sistemática, ao labor da escola. Nêle, é que se hão de buscar os fundamentos da boa organização escolar, as bases para os planos de ensino e gradação dos programas, os elementos com os quais se possa dar vida a uma didática de cunho racional, os recursos de diagnóstico para solução de 'casos-problemas', e da orientação educacional, em geral. Não colidem os elementos de estudo de uma e de outra dessas fontes, nem mutuamente se excluem. (INVESTIGAÇÃO..., 1945, p. 3).

Uma primeira observação a ser destacada é o uso do termo educador. Na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, ele é utilizado com uma frequência acentuadamente superior em relação aos textos jornalísticos de Coelho Sampaio. A representação de professor, acima expressa, identifica o trabalho de pesquisa sobre o próprio fazer docente como inerente ao magistério. Fazia parte desse projeto de educação que se pretendia moderno, auto formulando-se como expressão de um movimento de renovação pedagógico à época, conceder ênfase às pesquisas pedagógicas. A própria Revista, inclusive, desempenhou a justificativa de sua fundação a partir desse meandro.

O trecho ora citado é a parte inicial do editorial em questão. A argumentação que se segue busca apresentar os avanços no âmbito da produção de pesquisas educacionais empreendidas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), na condição de órgão do Ministério da Educação, acrescido do fator de circularidade e projeção dessas e outras investigações da área na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos⁸¹. Isto é, nesse editorial a Revista concede destaque para as suas contribuições⁸² no tocante às pesquisas educacionais, visto que julga a relação desses estudos e da profissão docente como intrínsecas.

Uma vez mais é concedido destaque ao método estatístico, considerando-o "instrumento indispensável à fundamentação de uma verdadeira consciência técnica em educação." (INVESTIGAÇÃO..., 1945, p. 4). Ressaltava-se, então, nos discursos veiculados na Revista, a sua centralidade para a obtenção do que seria um ensino objetivo. É relevante destacar

⁸¹ Ainda sobre o papel de divulgação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e da RBEP: "Visando ainda ampla renovação científica do trabalho educativo, o I. N. E. P. tem utilizado todos os meios possíveis para divulgar os conhecimentos relativos à ciência pedagógica." (A FORMAÇÃO..., 1945, p. 370).

⁸² Na primeira metade do seu segundo ano de circulação a própria Revista quantificou esse estudos: "Em seus três volumes iniciais, divulgou esta REVISTA nada menos que quatorze estudos baseados em pesquisas, entre os quais um bem fundamentado estudo da criança de sete anos, segundo os resultados de testes aplicados em escola do Estado de Minas Gerais, por mais de um decênio. decênio. No presente número, apresentam-se os resultados gerais da pesquisa realizada pelo I. N.E. P. para verificação do vocabulário da leitura comum do adulto, e que resume vários anos de paciente e cuidada investigação." (INVESTIGAÇÃO..., 1945, p. 4).

que a diligência por um ensino objetivo também constava com recorrência na escrita do Coelho Sampaio no Ceará dos anos 1940.

Elementos como técnica, ciência pedagógica, dados que fundamentem o trabalho do professor e das atividades do universo escolar, busca por subsídios e estudos; são indícios para se compreender o que por eles é denominado de didática racional. O trabalho docente é representado como uma profissão que necessita de pesquisas e investigações, por exigir práticas respaldadas pelos estudos pedagógicos. Para o posicionamento desse editorial, a pesquisa educacional seria peça fundante para "estabelecer uma pedagogia de bases menos arbitrárias, e imprimir ao trabalho de nossas escolas uma verdadeira "consciência técnica" (INVESTIGAÇÃO..., 1945, p. 4).

Torna-se relevante observar que a Revista não se refere a uma modalidade específica de professor. Por mencionar o ambiente escolar, é possível inferir que o editorial não se referia ao docente de ensino superior. Entretanto, por não especificar a qual modalidade de ensino se referia, pode-se ter por hipótese que essas ponderações eram centrais para o professor como ofício, de modo geral, fosse ele atuante no ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal ou agrícola; ramificações do ensino estabelecidos pela Reforma Capanema.

Um dos editoriais da RBEP, já pós-Estado Novo, em 1947, dedicou seu texto exclusivamente à questão da formação de professores. Em função da expedição recente, naquele período, da Lei Orgânica do Ensino Normal, através do Decreto-lei 8.530, em janeiro de 1946, o editorial optou por realizar a abordagem da questão formativa da profissão docente através do enfoque de motes mais específicos do Ensino Normal. Antes de proceder ao afunilamento desse assunto, a Revista ponderou sobre a importância da formação para o professor de modo amplo:

O grau de desenvolvimento atingido pelo nosso sistema educacional reclama elevado padrão intelectual e técnico do professorado e consequentemente medidas eficazes relativas ao problema da formação do pessoal docente. Sempre existiu a tendência para exigir determinados requisitos dos candidatos ao magistério, que se restringiam inicialmente à condição fundamental de conhecimento da matéria a ser lecionada. A nova compreensão do processo educacional, aumentando e tornando mais complexas as tarefas inerentes às escolas, imprimiu rumos diversos à preparação dos docentes. Tornou-se necessário ministrar aos futuros mestres os ensinamentos indispensáveis ao exercício da profissão em cursos regularmente organizados. Não mais se admite o empirismo e, portanto, cumpre impedir que a educação e o ensino fiquem entregues aos autodidatas e egressos ou desajustados de outras profissões. (A FORMAÇÃO..., 1947, p. 369)

A postura investigativa de pesquisas educacionais é posta como parte fundamental desse conjunto de transformações que a educação brasileira vivenciava. O rendimento escolar alcançado pelo professorado se configurava como uma questão relevante para a Revista, que julgava os estudos pedagógicos como elementos norteadores do progresso educacional. Esse excerto é significativo por, sobretudo, refletir sobre os requisitos exigidos para um professor à época, de acordo com essa visão envolta pela ótica oficial. Há uma crítica às exigências comumente aceitas para quem desejava se tornar um profissional do magistério. No âmbito da hierarquia desses requisitos, almejava-se modificar o posto máximo do domínio dos conteúdos escolares.

Para além disso, a formação do professorado deveria ir além da didática desenvolvida no próprio fazer docente, isto é, na prática do cotidiano escolar. Criticava-se de modo contundente os professores que exerciam o magistério sem formação específica, algo que era comum nesse período⁸³, ainda que:

Sem desprezar a parte prática, sendo até recomendável a ampliação do estágio nas escolas de aplicação anexas aos diversos institutos, é de desejar que seja dada, nos cursos normais, maior intensificação aos estudos teóricos, tornando-os mais extensos e profundos. (A FORMAÇÃO..., 1947, p. 370).

Argumenta-se a relevância de se repensar o que seria indispensável na formação docente nesse período, criticando paradigmas calcados puramente no empirismo. Há um endosso às perspectivas formativas mais teóricas e consistentes para o professor. Esses posicionamentos e medidas⁸⁴ teriam o objetivo maior de colaborar com a "criação de uma nova mentalidade profissional do magistério." (A FORMAÇÃO..., 1947, p. 370). A concepção de professor tida nesse editorial é mais conexa ao conceito de profissão, inclusive com a presença do termo. Nas colunas de Coelho Sampaio, a utilização do termo profissão é bem mais escassa.

Ainda no final do Estado Novo e antes da Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946, um editorial da RBEP dedicou-se a abordar o assunto d' A remuneração do Professor Primário. Mesmo diante do cenário de feminização do magistério já bastante proeminente nos anos 1940, a Revista opta por usar o gênero masculino para tratar do profissional atuante no Ensino Primário, do título ao final do editorial.

⁸³ Nesse contexto em que a exceção era a presença da titulação, no âmbito do Ensino Primário, esse processo das capacitações específicas ao magistério intensificou-se com a formação normalista.

⁸⁴ O editorial destaca, ainda, as iniciativas do INEP no tocante à formação de professores, como financiamentos de cursos de aperfeiçoamento docente e o fornecimento de bolsas de estudos.

O texto de abertura em questão é um anúncio do material que viria divulgado naquele número, na seção documentação, com título homônimo ao do Editorial, acrescido apenas do plural, referindo-se a Professores Primários. Tratava-se de um projeto iniciado pelo INEP em 1939, que consistia em coligir dados, através de levantamentos periódicos, sobre a remuneração e a situação de vida dos professores públicos do Brasil. Esse material é, na verdade, a divulgação de um relatório apresentado por Lourenço Filho, diretor do INEP à época, ao ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. Apesar da Revista afirmar proceder de modo igual em relação aos professores que lecionavam em estabelecimentos de ensino privados, a informação vem em segundo plano.

O editorial e o relatório veiculado na RBEP, em questão, são documentos relevantes para se explorar o modo com que são tecidas representações sobre o trabalho docente nesse suporte. Enquanto o editorial ignora que a maioria do professorado primário à época era composto por mulheres, no texto referente ao relatório redigido por Lourenço Filho, veiculado na seção documentação da Revista; a questão de gênero foi abordada diretamente:

Fator ainda ponderável, quanto ao baixo teor de remuneração, é o emprego, na mais larga escala, de professoras. Não de todo desapareceu ainda, entre nós, como em outros países, o preconceito de menor retribuição devida ao trabalho feminino. Não há, no caso particular do magistério primário, contra-indicação para ele, mas, ao contrário, preferência. A maior parte dos Estados não admitem, em seus quadros, professores do sexo masculino. O que perdura é a idéia de que a mulher representa elemento economicamente dependente do pai, do marido, ou de parentes, e que, assim, qualquer remuneração pelo seu trabalho valerá como acréscimo ao orçamento familiar, sempre bem recebido, embora não baseado em estrito critério de justiça social. (LOURENÇO FILHO, 1945, p. 400).

Esse trecho do relatório redigido por Lourenço Filho, como porta-voz das pesquisas e conclusões do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, na condição de diretor do mesmo; aborda a contradição existente entre gênero, profissão e salário. Isto é: por construções socioculturais historicamente situadas, pelo gênero, remunerava-se menos. E também pelo fator gênero feminino, contratava-se mais. O ideal materno subsidiava os argumentos de que mulheres exerceriam melhor a profissão no ensino primário, destinado a crianças de 7 a 12 anos. Desse modo, a competência que se julgava natural, não era capaz de gerar uma remuneração condigna. Após a apresentação de uma pesquisa salarial em todos os Estados da federação, com a exposição de números, porcentagens e tabelas; Lourenço Filho conclui que "De um magistério mais satisfatoriamente remunerado, será possível exigir mais alto nível de

preparação profissional, maior dedicação à escola e, enfim, mais elevados padrões de rendimento do ensino." (LOURENÇO FILHO, 1945, p. 415).

No que atine ao Editorial citado, há um elemento central para a compreensão das representações tecidas em torno da docência:

A questão da remuneração do magistério não deverá ser proposta, como geralmente ocorre, em termos sentimentais, ou de vaga alusão à importância da missão social que ao professor se pretende incumbir. Antes, deve ser considerada em termos claros e precisos de boa organização do trabalho, e de seu rendimento real, a ser apurado por índices objetivos de produção em cada período letivo. Boa organização reclama professores capazes, (mimosos e conscientes de suas responsabilidades técnicas, e, por isso mesmo, suficientemente remunerados, em função do tempo e dos esforços que hajam dispendido para sua formação, ou ainda despendam para seu aperfeiçoamento. O ensino é técnica complexa, que carece de longa formação; e em face de baixos salários, nem sequer será possível pensar em exigi-la. Normalmente, melhor remuneração atrai elementos mais capazes, e admite mais severo recrutamento dos candidatos; por outro lado, retém nos quadros os profissionais experimentados ou de maior habilitação profissional. A questão terá de ser assim encarada em função da qualidade do pessoal que se empregue e das exigências do trabalho que se lhe reserve. (A REMUNERAÇÃO..., 1945, p. 328).

Conforme abordado em outros momentos deste tópico, em outros textos que foram publicados na seção Editorial da Revista, quando o assunto é o ofício do professor na RBEP, há uma ênfase para os aspectos mais relacionados ao conceito de profissão, como técnica, formação, método, preparo, rendimento, entre outros. Desse modo, o excerto acima é deveras elucidativo para se compreender rastros da compreensão do trabalho docente que a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos expressava em suas páginas. Nesse período, em diversos suportes, sobretudo na imprensa, comumente se justifica a importância do trabalho docente e seus correlatos reclames em prol de melhores salários através de duas vertentes principais.

A primeira delas é mais idealista, feita através do enfoque da centralidade do labor desempenhado pelo professor para se alcançar o progresso social, moralizando e disciplinando gerações. A segunda vertente centra-se na complexidade técnica da profissão, atualização constante de conhecimentos – o que requer compra de livros ou gasto de deslocamentos para acesso a bibliotecas públicas – gastos com formações, dentre outros.

Através do excerto citado, cujo mote central é a remuneração do magistério, é possível perceber que a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos fazia recair uma ênfase mais contundente nos aspectos técnico-profissionais ao representar o ofício docente e seus trabalhadores. O ato de ensinar é representado como uma complexa profissão que, para alcançar

seus objetivos, exigiria preparo técnico-formativo, ou seja, pressupõe formação específica. E, além disso, o uso da expressão longa formação, para se referir aos caminhos profissionais do professorado, é possível se ter por hipótese que a Revista estivesse atinando para o fator de que os estudos da diplomação são elementares, mas não bastam. Possivelmente advoga-se a atualização constante de saberes, o que querer custos e remuneração adequada. Para tanto, a RBEP, como órgão oficial do Ministério da Educação, reconhece a precarização das remunerações como fator que tolhe largamente essa premissa.

Indica-se a questão dos ordenados adequados no magistério como elemento basilar para que o professor tenha condições de se tornar um profissional de excelência. Estabelece-se uma relação de interdependência entre os salários do professorado e a qualidade dos serviços desempenhados por esses profissionais. Em partes do texto referente ao relatório de Lourenço Filho, por exemplo, observa-se o uso da expressão categorias de trabalhadores para caracterizar o professorado, fator que evidencia a caracterização do magistério como profissão pela Revista.

Lourenço Filho, nesse escrito, classificou a importância da discussão em torno da remuneração do professorado como irrefutável:

A importância do problema da remuneração do professor, em geral, não precisa de ser demonstrada, tantos e tão relevantes são os aspectos que envolve. Antes de tudo, há a salientar os objetivos do trabalho docente, pôsto ao serviço da formação da infância e da juventude, o que significa ao serviço do equilíbrio e do engrandecimento da vida mental e moral da comunidade. Para essa missão cumpre atrair elementos da mais alta capacidade, com a devida preparação profissional, só alcançada em vários anos de estudos e de prática no trabalho docente, esforço que exige retribuição proporcional ao tempo gasto e aos esforços despendidos. Se é certo que, a muitos desses elementos, não só vantagens materiais atraem, não menos certo é também que, em face de níveis muito baixos de remuneração, terão eles de dedicar-se a outras atividades. Dai, a ocupação de parte do tempo fora do magistério e, freqüentemente, o abandono da carreira, depois de tirocínio mais ou menos alongado, justamente quando mais capacitados estão muitos desses elementos. De todo o professorado, o que se dedica ao ensino primário é o que menor remuneração encontra, mau grado a estima social de que geralmente goza — situação, aliás, que não se registra apenas em nosso país, pois é quase universal. (LOURENÇO FILHO, 1945, p. 398-399).

No trecho acima, ao nomear os objetivos do trabalho docente, diferentemente do excerto anterior, Lourenço Filho direciona os enfoques para a função social do professor em caráter amplo. Para além da questão dos rendimentos escolares e seu possível êxito no âmbito da aprendizagem dos alunos, o autor aquilata a relevância do labor docente a partir de suas reverberações sociais. Ao especificar que o professor seria responsável pela educação da infância e da juventude, torna-se possível compreender que, apesar desse texto ser específico

para se pensar as agruras da remuneração dos profissionais do Ensino Primário; no excerto acima o autor refere-se à função docente em termos mais amplos, abrangendo outras modalidades de ensino. Em sentido vasto, então, no trabalho docente repousaria a responsabilidade do alcance da harmonia e do progresso social.

Desse modo, observa-se o uso do termo missão, para se referir ao labor do professorado, ainda que a tônica recaia sobre a importância da técnica, do preparo, do estudo e da formação específica. À representação missionária do professor, que, por definição estaria pré-determinado a enfrentar abnegações e agruras na profissão, sobrepõe-se a centralidade do esforço pessoal referente à formação.

Em outro Editorial, a Revista pôs em circulação um curto texto, como era característica padrão dessa seção, cujo título é portador de síntese: A Função Docente e sua Eficiência. Pela relevância do escrito no tocante à abordagem do problema de pesquisa desta tese, a citação será feita quase na íntegra, em dois trechos, excluindo-se apenas um pequeno trecho de seu final:

A eficiência do sistema escolar resulta quase sempre do bom professor. É certo que a qualidade do material didático, os recursos e facilidades oferecidos pelo prédio escolar e a organização do ensino, tudo isso concorre, sem dúvida, para a qualidade e o bom rendimento escolar. Assim sendo, na escola normal reside a pedra angular de qualquer sistema educacional. A escola que dispuser de bons mestres, pouco lhe falta, já sentenciava Carlyle. A administração, portanto, terá no professor o seu mais fiel elemento de renovação e de resistência. Desse modo, a fonte propulsora de bons resultados no rendimento do trabalho dos professores há de ser necessariamente as Escolas Normais, os Institutos de Educação e as Faculdades de Filosofia, pois, como assevera Fernando de Azevedo, 'o que temos de formar é um professor e um educador ao mesmo tempo, não somente um despertador de vocação e um organizador de cultura, mas um formador de caracteres e um criador de valores espirituais e morais, por cuja palavra, exemplo e atitudes se vai trocando antecipadamente o leito por onde se escoarão as aspirações e destinos de gerações saídas das suas mãos'. No Brasil, infelizmente a preparação do magistério, a seleção preliminar dos novinhos, a composição dos currículos normais, tudo isso não tem merecido senão esporádicas atenções dos administradores, esquecidos de que o futuro docente necessita de uma preparação revestida de sólido humanismo aliado a uma penetração de sentimentos que possam conduzir a infância e a adolescência à integração crescente na vida social. Aspecto dos mais importantes tem sido relegado a plano secundário. (A FUNÇÃO..., 1949, p. 3)

No excerto do editorial ora citado, referente ao último número da RBEP do ano de 1949, advoga-se a centralidade do professor no ambiente escolar. Sem desconsiderar outros fatores próprios do ambiente do chão da escola, ao mestre caberia o pesar ou a glória resultante

do fracasso ou êxito escolar. O debate também deveras abordado por Coelho Sampaio desde o primeiro número da coluna Ensino e Educação, sobre as diferenças entre os conceitos de educador e professor, foi também debatido pelo editorial. Ao primeiro, caberia a responsabilidade pela formação da moralidade e, ao segundo, um de papel relevante na cultura e na difusão do conhecimento. Torna-se relevante destacar o uso da palavra exemplo, quando o editorial cita Fernando de Azevedo. Essa formação de valores morais nos educandos se daria somente ao passo em que o professor fosse considerado um indivíduo exemplarmente moralizado. Conduta e atitudes exemplares, desse modo, educariam mais do que propriamente explicações advindas do currículo escolar.

Tal compreensão clarifica-se ainda mais na continuação do escrito publicado como editorial na RBEP, ao enfocar a problemática das seleções de professores:

A seleção preliminar apenas baseada em rudimentares conhecimentos da língua, do cálculo, da geografia, etc. tem esquecido o papel que deve desempenhar a psicologia na sondagem da inteligência e das vocações. Como consequência inevitável há o prematuro abandono do magistério, com reais prejuízos para a administração que tanto se empenhou na formação de seus elementos. Ou ainda, identificamos, a cada passo, os desajustamentos de docentes que conduzem geralmente dezenas de alunos ao desânimo, ao desinteresse, às reprovações. A administração do sistema escolar, sem considerar esses elementos, passa a julgar injustamente a classe docente, quando bastaria a triagem anual dos elementos que não conseguiram a integração na escola. De outra parte, processos rotineiros concorrem, de modo eficaz, para que o docente fique desestimulado em sua profissão, desajustando-se e representando um pesado ônus para o sistema escolar. Dentro dessa ordem de idéias, a análise da evolução histórica dos diversos sistemas escolares mostrará as tentativas que vêm sendo realizadas para a seleção de professores, por meio dos concursos destinados ao preenchimento dos cargos e funções, e para sistematizar a organização da carreira docente, com que se visa dar incentivo, premiando condições de merecimento reveladas no desempenho do nobre mister de ensinar e recompensando pelos anos de trabalho dedicado ao exercício do professorado. É de toda conveniência, portanto, evitar-se que a estabilidade na função e o acesso às posições superiores resultem exclusivamente da simples contagem de tempo de serviço, mas de rigorosa comprovação de eficiência docente. Assim, por meio de provas multiforme sem estágios periódicos, o professor, além de confirmar que possui capacidade cultural e técnica, terá ensejo de realizar cursos de especialização e aperfeiçoamento e assenhorear-se das modernas conquistas pedagógicas, continuando a ser um elemento prestante do sistema. (A FUNÇÃO..., 1949, p. 3-4).

A partir da premissa de que o professor deveria ser um exemplo máximo no ambiente da sala de aula (e fora dela), na qual não somente os conteúdos escolares importavam, e sim sua conduta como um todo, Revista indica a ciência da Psicologia como ferramenta para

se chegar a uma melhor conclusão se aquele indivíduo teria uma vocação apropriada ou não para o magistério em ocasiões de seleção. Nesse trecho, os aspectos místicos ligados à noção de vocação, missão, predestinação, propensão e inclinação à carreira parecem se sobrepor aos elementos técnico-formativos, como domínio de conteúdo.

Apesar de haver essa exaltação de aspectos menos técnicos relacionados ao trabalho do professor, a tônica da argumentação pauta-se na produtividade do trabalho docente. O professor somente seria considerado útil ao sistema escolar a depender dos índices de produtividade por ele alcançados, como os percentuais de aprovação, por exemplo. O avanço ou o fracasso escolar de uma turma consta como responsabilidade centrada do professor. Se um mestre fosse considerado desajustado, sua turma agiria da mesma forma. Se o professor fosse exemplar, sua turma também seria. Apesar de citar de forma genérica que as agruras do cotidiano docente geravam desestímulo ao profissional, não há menção direta a tais pontos, como ordenados baixos, impossibilidade de complemento na formação pelo excesso de carga-horária, desvalorização social, dentre outros.

Considerar-se interdependente a relação entre o sucesso do ensino e a prática pedagógica do professor era ideia corrente à época. No mesmo veículo, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, mas em seção distinta, a intitulada Ideias e Debates, em texto destinado a discutir as Ilusões e Realidades do Mundo Pedagógico, o argentino Juan Mantovani também endossou essa premissa:

A diferença que podemos observar entre uma classe dirigida por um mestre realmente culto, e outra por docente de mentalidade insuficientemente desenvolvida é tão grande como a diferença que notamos entre um ambiente de ar puro e outro de ar viciado. O maior ou menor prazer que os alunos demonstrem em cada aula corresponde ao grau de maior ou menor cultura do professor. E' que somente com o espírito é que se pode fazer mover os espíritos. O professor que não dispuser de clareza de espírito esmagará o espírito de seus alunos. [...]A primeira preocupação do mestre deve ser a de estabelecer essa conexão, que constitui um princípio essencial. Sem essa conexão, estabelecem-se dois mundos opostos e irreconciliáveis. Muitas vezes o menino incapaz ou indisciplinado em uma classe transforma-se em excelente estudante pelo simples fato de haver mudado de professor, ou seja, de passar a receber outra direção e outra influência. (MANTOVANI, 1945, p. 48).

A seção Ideias e Debates, no âmbito do projeto editorial da RBEP, expressava as ideias pedagógicas dos diversos autores que endereçavam escritos à Revista ou que tinham seus textos reproduzidos na mesma. Em amplos casos, os artigos publicados nesta referida seção coadunavam com os editoriais, que tinham o objetivo máximo de expressar ponderações do

corpo editorial, como órgão oficioso. Em outras ocasiões, haviam discordâncias, resultando em discussões e debates sobre o ofício docente.

4.2.2. "Ideias e Debates": discussões intelectuais sobre a docência.

A seção intitulada Ideias e Debates se configurava como um conjunto de escritos para o qual se direcionavam-se os holofotes da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP). Assim como nas outras seções do periódico oficial do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), a referida seção compilava em suas laudas os artigos vinculados à temática educacional. Os subtemas, contudo, eram múltiplos, ainda que sempre mantivessem o fulcro dos debates nas questões pedagógicas.

A seção Ideias e Debates, desse modo, elegia por objetivo a seleção e, sobretudo, a divulgação de pensamentos pedagógicos a partir de intelectuais que fossem considerados expressivos na seara educacional. A RBEP se autorrepresentava ao seu público leitor como um espaço destinado à difusão de estudos e pesquisas sobre Educação, a partir do contexto brasileiro e também a partir de experiências e leituras estrangeiras.

A maioria dos artigos publicados na seção Ideias e Debates da RBEP não pareciam ser redigidos especificamente com vistas à publicação nesse periódico. A pesquisa documental debruçada sobre essa fonte histórica permite proceder com a afirmação de que expressiva quantidade desses textos é, na verdade, uma republicação, advinda de outros suportes impressos, como livros e demais revistas. Contudo, conforme alerta Dantas (2001, p.181), ainda que esses artigos fossem uma reedição, que inicialmente circularam em outras publicações, a RBEP se referia a todos esses escritores como colaboradores da Revista.

A par disso, era habitual que na RBEP houvesse um espaço reservado para conceder um destaque aos dados biobibliográficos dos autores que publicavam escritos na seção Ideias e Debates, com a ratificação de suas vinculações, cargos, credenciais, principais realizações e atuações. Esse campo que continha dados acerca das trajetórias intelectuais e pedagógicas dos seus colaboradores, conforme indica a autora de um dos principais estudos sobre os caminhos, descaminhos e bastidores até a criação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e o próprio Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) na gestão de Lourenço Filho (1938 a 1946), funcionava como fator legitimador desses discursos impressos, para além da seleção da própria revista. Esse recurso visava conferir contornos de vozes autorizadas a esses autores.

O ajuizamento da profissão docente, na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos foi questão latente, conforme pode ser observado no apêndice C desta tese. Ao fim da década de 1940, no último número da RBEP publicado no ano de 1949, editou-se um volume que se torna representativo para compreender por quais perspectivas e por quais vieses pedagógicos a função docente foi debatida na Revista. Nele, o editorial da edição e um dos artigos publicados na seção Ideias e Debates estavam em pleno diálogo intelectual.

Apesar dos múltiplos assuntos que circundam o eixo temático educacional nesse exemplar, como por exemplo o mote dos contos infantis, da modelagem, da psicologia infantil, da formação de professores especializados em educação de base e eficiência da função docente, somente o último desses assuntos elencados foi citado nominalmente na seção editorial, como expressão de um debate pedagógico que pudesse "contribuir no sentido de que cada vez mais se faça realçar a posição do docente no sistema educacional brasileiro." (A FUNÇÃO..., 1949, p. 4). O artigo mencionado no editorial optou por intitular-se a partir de uma interrogação: Será possível prever e avaliar a eficiência da função docente?

A conexão entre esse texto e o editorial é intrínseca de tal modo, que facilmente poder-se-ia inferir que se tratava de um artigo elaborado especificamente para a Revista. Entretanto, tratava-se de um texto Rui Carrington da Costa, publicado originalmente em 1945, portanto cinco anos antes da Revista, no Boletim do Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho, localizado em Portugal.

O texto ressaltado ao final do editorial, publicado naquele mesmo número, cujo título é Será Possível Prever e Avaliar a Eficiência da Função Docente? é, na verdade, uma transcrição de um texto anteriormente publicado em um Instituto de Orientação Profissional de Portugal. Trata-se de um escrito denso e volumoso, com pouco mais de 40 páginas, destoando inclusive do padrão de tamanho dos outros textos publicados na mesma seção: Ideias e Debates.

Logo em seu início, ao delinear que tem por objetivo realizar um apanhado da problemática da função docente, o autor destaca algo que está fundamentalmente ligado ao problema de pesquisa perscrutado nesta tese:

Dividem-se geralmente as aptidões em inatas ou naturais e adquiridas. Logo a aptidão para educar deveria estar enquadrada numa dessas formas, mas tal não sucede por haver quem a considere inata, e também haver quem a considere adquirida. Assim, no primeiro caso, só os detentores desse dom poderiam seguir a profissão docente, ao passo que no segundo, para a exercer, não se torna necessária a existência de qualidades assaz desenvolvidas, porque o desempenho do cargo lhe confere o grau de habilidade requerida. Como defensor da primeira corrente, podemos citar Kerschensteiner. Segundo êle, se existe alguma profissão que implique uma vocação marcada, é a de

professor; mas também é aquela em que mais dificilmente sabemos se somos interiormente chamados para ela, principalmente tratando-se do professorado universitário. E, assim, afirma que só deve ser mestre-escola todo aquele que se sente verdadeiramente feliz quando intervém na formação espiritual e intelectual dos outros; que conserva sempre viva a fé inabalável no poder supremo dos valores ilimitados do gênero humano; que chega a experimentar por si próprio que, enquanto ensina um sem número de almas moças, desperta numa lição uma vida espiritual comum, e, finalmente, que seja portador de uma juventude tão pura, que nem todo o peso dos anos possa macular e enfraquecer o seu manancial. Se aceitarmos tal hipótese, isto é, se admitirmos que se nasce educador, ocorre-nos perguntar se vem ao mundo o número suficiente de pessoas com esse dom capaz de satisfazer as necessidades do ensino. (COSTA, 1949, p. 80).

O autor discorre sobre o conflito entre Missão x Profissão e Vocação x Formação, que se apresentava como assunto da ordem do dia. A citação de Kerschensteiner é significativa, pois, ainda que tenha existido sutis diferenças na grafia, Coelho Sampaio utilizou-se do mesmo autor⁸⁵ para circunstanciar o papel do professorado como análogo aos ensinamentos cristãos, sobretudo no quesito amar aos semelhantes. De acordo com Rui Carrington da Costa, e sua opinião que atravessou o Atlântico através da palavra impressa, para ser mestre seria necessário possuir um dom, uma dádiva mística, uma predestinação. Desse modo, na sua concepção, mesmo com o processo formativo, sem essas características citadas, o indivíduo não seria capaz de exercer o magistério exemplarmente. Com a ausência de uma dita inclinação nata, chega-se a aconselhar o não prosseguimento na carreira docente. No limite, trata-se da premissa de que não se torna educador, se nasce educador.

Contudo, essa concepção de docência advogada por Carrington da Costa, exige um cuidado de análise mais acentuado, haja vista que esse autor português é amplamente preocupado com os estudos científicos acerca do papel do docente e do discente, compreendendo que o método científico muito tem o que acrescentar à melhora dos processos educacionais. Esse intelectual é posto como o responsável por introduzir, em Portugal, a ideia dos testes psicológicos, nesse fito de mobilizar a cientificidade como elemento válido para acompanhar e aperfeiçoar a atuação docente.

Desse modo, o autor aproxima-se das concepções pedagógicas de Coelho Sampaio quando advoga em favor da tônica vocacional atrelado ao fazer docente e quando cita Kerschensteiner, intelectual também utilizado por Coelho Sampaio para embasamento teórico das colunas Ensino e Educação. Contudo, são intensos os distanciamentos entre ambos: o autor

⁸⁵"E, assim fazendo, o papel dos professores é o de verdadeiros discípulos de Cristo, pois, como diz Keoschensteiner: "Quem não saiba viver no amor de seus semelhantes, pode considerar-se fracassado, de antemão, como educador". (SAMPAIO, 1947f, p. 3)

português demonstra, em sua trajetória um interesse apurado em relação às conexões entre psicologia e educação, sendo um dos primeiros a argumentar a favor da psicopedagogia. Conforme Costa (2017), em estudo acerca dos elos entre o itinerário intelectual de Carrington da Costa e o ideário escolanovista: "O investigador distinguiu-se por ser o pioneiro na psicologia médica e na aplicação de testes psicológicos e de inteligência, em Portugal". (COSTA, 2017, p. 2662). Coelho Sampaio reconhece a relevância da psicologia nas questões pedagógicas, mas o faz de modo menos coordenado/obstinado do que Carrington da Costa, sem pioneirismos nesse sentido.

Das fontes investigadas até esse momento da pesquisa, esse escrito é o que aborda de maneira mais intensa o conflito nas formas de se representar o professor. Ao apresentar dados estatísticos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística de Portugal, sobre o número de professores nos seus mais diversos níveis, como primário (professor e regente), liceal, técnico, normal, artístico e superior; e afora esses, acrescer ainda mestres que atuam no ensino particular, em seminários, institutos religiosos e aposentados do magistério; conclui: "Todos estes professores deviam, pois, ter ingressado no professorado por vocação." (COSTA, 1949, p. 81).

O autor expõe, decepcionado, pesquisas de diversas iniciativas que interrogaram seus alunos de Escola Normal sobre o porquê da escolha profissional. A primeira dessas análises é referente à pesquisa realizada com alunos da Escola Normal de Bruxelas e o Quadro 2 explora as respostas de um estudo semelhante desenvolvido em Portugal, país de origem do autor:

Tobie Jonkheere, quando professor da Escola Normal de Bruxelas, pediu aos seus alunos, em número de trinta e cinco, que fizessem uma pequena dissertação — método das dissertações (4) —, subordinado ao tema: 'Por que razão entrei para a Escola Normal' (5). Depois de estudados os trabalhos e agrupadas as respostas do mesmo tipo, chegou às seguintes conclusões: a) Nenhum aluno tinha entrado para a Escola Normal por vocação; b) Os principais motivos que levaram os alunos a desejar ingressar na Escola foram não só os conselhos dos pais ou de outras pessoas que sobre eles tinham certa autoridade ou ascendente, como também — o que para eles representava grandes vantagens — as férias e dias de trabalho reduzido; c) A escolha da profissão não fora determinada por razões nobres e elevadas, como o desejo de se aperfeiçoarem a si próprios e aos outros, mas sim por motivos de ordem prática, utilitários e egoístas, entre os quais o vencimento seguro e uma reforma certa. (COSTA, 1949, *loc cit*).

Quadro 2 – Razões para a escolha da profissão docente segundo alunos da Escola do Magistério Primário em Portugal

1.º	Por várias razões	23,81
2.º	Por os pais ou outras pessoas de família serem professores	20,41
3.º	Por vontade dos pais	15,65
4.º	Por entenderem ser uma profissão própria para moças	12,25
5.º	Por ser um curso rápido	10,20
6.º	Por gostarem de crianças	9,52
7.º	Por vocação	8,16
		100,00%

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta tese, a partir de Costa (1947, p. 82)

O autor apresenta a análise de dados, consternado, ao observar a disparidade entre o que ele afirma acreditar, utilizando teóricos para endossar sua opinião – qual seja a de que o elemento vocacional é central para o êxito da carreira docente – e algo que parece ser o mais comum: os candidatos a professores escolhem o magistério por razões outras. Para o estudo realizado em Portugal, referente ao Quadro 2, participaram da pesquisa 108 mulheres e 38 homens, mencionados como meninas e rapazes. O critério "várias razões" reuniu justificativas que apareceram de maneira mais isolada, tais como a aperfeiçoamento pessoal, desejo por independência, estar noivo de uma professora ou pedido da namorada. Afora esse item, o critério que mais aglutinou participantes foi o fito de trilhar o mesmo caminho dos pais, professores, e/ou outros parentes que já exerciam a profissão docente. O autor citou, ainda, trechos dessas redações dissertativas no tocante a esse critério:

Porque já tenho na família 6 professores e, portanto, senti a influência destas pessoas que me animaram...'. 'Minha mãe, quando eu era pequena, ensinava particularmente crianças e pessoas adultas na aldeia onde tínhamos nascido. Talvez por essa influência, já desde pequena eu tinha dito que queria ser professora...'. 'Sendo minha mãe professora, desde muito pequena me foi mostrando as vantagens que este curso proporcionava e, por isso, foi-se formando no meu espírito uma certa tendência para essa profissão'... (COSTA, 1949, p. 83).

São explicitadas, também, outras iniciativas de pesquisas com resultados variados sobre a possibilidade ou não de se avaliar a eficiência da função docente de modo objetivo, em consonância com as principais preocupações intelectuais na trajetória de Rui Carrington da Costa. O rastreamento dessas pesquisas expostas pelo autor não aponta para uma unanimidade, mas sim para pontos de vista distintos, denotando a multiplicidade que envolve a referida problemática.

Logo no segundo ano de circulação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, houve a publicação de um artigo também alocado na seção Ideias e Debates, cuja autoria é de Everardo Backheuser, vinculado à Faculdade Católica de Filosofia. Desde o seu título, há a inferência de sua centralidade no tocante à compreensão do problema que move este capítulo: por quais maneiras foram construídas representações sobre a profissão docente? Backheuser (1945) optou por intitular seu escrito da seguinte forma: Inquérito Sobre Qualidades do Professor.

O primeiro parágrafo do referido artigo é também seu questionamento motriz: "Entendido o exercício do magistério no duplo aspecto de quem ensina e de quem educa, e de certo modo, no terceiro, de quem administra, que predicados elevem ser pedidos a alguém para exercer com eficiência a função de professor?" (BACKHEUSER, 1945, p. 182). Este texto condiz com uma das características da seção Ideias e Debates: não fora elaborado especificamente com vistas à RBEP. Sua publicação original remonta ao capítulo de um dos livros do autor, sintomaticamente intitulado de O Professor.

Backheuser (1945) parte da premissa de que elencar as qualidades adequadas para um profissional da docência não é tarefa complexa, haja vista que muitas delas figuram com recorrência em compêndios didáticos, mas que outras, ao inverso, são acentuadamente variáveis. Para desenvolver o debate ao qual se propôs, o autor recorre à menção das pesquisas desenvolvida por dois autores americanos, Charters e Douglas Waples (1929;1931), a partir de duas obras, nas quais a primeira elenca 1001 qualidades para o mestre e a segunda, mais 1513 predicados exigidos ao professor. A opinião estrangeira é considerada sumidade nos assuntos pedagógicos e é recorrentemente utilizada como fator que agrega legitimidade às produções de autores brasileiros que se dedicam às questões educacionais. Considerava-se o contexto brasileiro, nesse quesito, muito aquém da modernidade e dos avanços civilizatórios educacionais estrangeiros. Há de se destacar, ainda, que essas opiniões estrangeiras se referiam, sobretudo, aos contextos norte-americano e à Europa ocidental:

Observando o quadro europeu atual, convencemo-nos de que a nossa escola deve também desenvolver os princípios de solidariedade americana e a consciência dos problemas e responsabilidades continentais. Todo o professor que tente impingir concepções extremistas, da direita ou da esquerda, ou soluções exóticas, sem adaptação às profundas realidades do país e às aspirações coletivas, perturba a obra de direção nacional que cumpre à escola pública. (MANTOVANI, 1945, p. 50).

Coelho Sampaio insere-se nessa perspectiva, de frequentemente considerar a opinião estrangeira como balizadora das questões educacionais ou, no limite, como exemplo a ser seguido no Brasil. Nesse aspecto, as ponderações pedagógicas de Coelho Sampaio e as publicações da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos seguem a premissas similares.

Para Backheuser, "Arrolar todas as qualidades do professor é quase impossível, e leva ao exagero, [...] de organizar listas com mais de milhares de qualidades, o que redundaria em confusão de outra ordem." (BACKHEUSER, 1945, p. 184). Diante dessas listas que considera assombrosas, Backheuser se propõe a selecionar e a desenvolver ponderações acerca de algumas dessas qualidades, que reduziu para 10 tópicos, conforme pode ser observado no quadro 3:

Quadro 3 – Listagem dos Predicados Docentes

1. ^a	Sociabilidade
2. ^a	Capacidade de afeição em geral, e, em particular, amor à criança
3. ^a	Boa aparência pessoal (donde simpatia)
4. ^a	Afabilidade
5. ^a	Aptidão técnica
6. ^a	Personalidade sugestiva
7. ^a	Capacidade de trabalho e de execução
8. ^a	Condições de decisão e de liderança
9. ^a	Generosidade
10. ^a	Discernimento

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta tese, a partir de Backheuser (1945, p. 183).

Não plenamente satisfeito com o ato de apenas comunicar as teses de outros autores da área pedagógica, mesmo sem incentivos e apoios financeiros oficiais, Backheuser

desenvolveu uma pesquisa própria acerca do mesmo mote, a partir de critérios outros. Uma crítica que desenvolve inclusive em relação aos autores estrangeiros que cita, é que os mesmos priorizaram inquirir os próprios docentes para sondar quais seriam os predicados por eles considerados úteis e adequados ao desempenho da profissão. Everardo Backheuser considera esse método:

[...] de certo modo suspeito, pois que julga a si mesmo. E' juiz em causa própria. São professores apreciando e "avaliando" professores. [...] Ao ler, por exemplo, o volumoso e de certo modo precioso inquérito apresentado no livro *The excellent Teacher*, inquérito no qual foram ouvidos 1002 professores secundários e primários de diversos Estados da União Norte-Americana, sente-se o "cheiro" dos homens de *metier*. O subtítulo da obra proclama com certo orgulho que é um livro "de professores para professores a respeito de professores", mas, no nosso modo de pensar, é essa legenda que lhe tira o valor de documento social *imparcial*. (BACKHEUSER, 1945, p. 185).

Sem caráter ou apoio – inclusive financeiro – oficial, sugerindo partir de iniciativa e interesse próprios, o autor afirma não ter condições de imergir em densas estatísticas, pois contou apenas com a adesão colaborativa de seu alunado do curso de Administração Escolar da Faculdade Católica de Filosofia, ao qual era vinculado à época e com o Padre Helder Câmara, que lecionava disciplinas de Didática na mesma instituição. Os referidos alunos, além de participantes, também eram inqueridos na pesquisa.

Os grupos de indivíduos selecionados para a amostra representativa, foram elencados a partir das estruturas psíquicas apregoadas pelo intelectual Spranger: científicas; estéticas (ou artísticas), econômicas; religiosas; sociais e de liderança (ou política). Acaso atingisse esse propósito, de entrevistar grupos representativos das 6 categorias de Spranger, Backheuser consideraria, metaforicamente, ter feito uma fotografia da sociedade. Seu intuito, de levar a cabo uma "variedade policrômica das figuras sociais ouvidas" (BACKHEUSER, 1945, p. 189), sinalizava que a seleção desses grupos priorizava o aspecto da heterogeneidade social:

Dentro dessas estruturas, metade dos consultados seria formada de elementos de padrão mais alto e metade de padrão mais baixo, por exemplo, um comerciante e um operário, para a *estrutura econômica*; um pintor e um estudante do Instituto de Música, para a *estrutura estética*; um cientista e um rapaz nos últimos anos de uma das nossas escolas de medicina ou engenharia, para a *estrutura científica* e assim por diante. (BACKHEUSER, 1945, p. 186, grifos do autor).

Os grupos participantes da pesquisa, quando interrogados acerca de quais seriam as qualidades docentes que os mesmos considerariam essenciais ao exercício da função professoral, respondiam de modo espontâneo, sem a interposição de roteiros ou questionários. Tal postura metodológica era intencional e possuía o objetivo de não enrijecer as opiniões, buscando construir um ambiente de livre expressão de pensamento, levando a cabo: "a multiplicidade, a variedade, a policromia dos modos de pensar, de modo que a somação de todos os conceitos pudesse conduzir a uma súmula de qualidades apresentadas como possíveis padrões para aquilatar, no Brasil, das qualidades do professor." (BACKHEUSER, 1945, p. 190).

Quadro 4 – As Qualidades Psíquicas e Físicas do Docente

QUALIDADES	TOTAL	P. D.	E	R	A	C	L	S	Pa	Pb
A — PSÍQUICAS:										
Solidariedade e adaptação aos alunos...	144	21	17	22	21	18	23	22	61	62
Cultura especializada...	137	17	10	16	22	23	26	23	68	52
Retidão moral...	134	19	18	23	10	25	21	18	69	46
Cultura geral...	132	19	15	21	16	22	19	20	60	53
Auto controle...	107	13	18	19	12	10	16	19	55	39
Clareza de expressão...	96	14	10	8	14	22	19	9	43	39
Justiça...	92	19	10	9	8	13	19	14	33	40
Preparo pedagógico...	77	11	6	11	8	12	17	19	35	31
Conhecimentos bio-psicológicos...	74	10	7	7	17	10	10	13	39	25
Faculdade intelectual desenvolvida...	73	10	9	11	7	12	9	12	35	25
Autoridade...	64	8	6	5	11	11	15	8	24	32
Ideal educativo elevado...	64	7	6	16	11	13	5	6	32	25
Tato...	58	9	1	2	9	9	10	18	27	22
Modéstia...	49	5	5	12	9	6	6	6	21	23
Capacidade de tornar a aula agradável...	46	10	2	4	12	6	8	4	21	15
Senso de responsabilidade...	42	4	3	10	1	5	12	7	20	18
Método...	41	5	6	7	5	9	4	5	21	15
Personalidade...	39	6	1	6	10	3	7	6	15	18
Vocação...	28	4	1	4	4	3	2	10	11	13
Pontualidade...	25	4	2	3	1	4	6	5	15	6
Energia condescendente...	24	2	5	3	0	4	3	7	11	11
Amor ao estudo...	23	4	1	1	7	4	3	3	13	6
Espírito religioso...	22	2	2	10	4	1	2	1	11	9
Alegria...	18	2	0	5	1	2	5	3	6	10
Condescendência...	17	4	2	1	4	1	2	3	9	4
Simpatia...	15	5	4	2	1	1	2	0	6	4
Espírito de iniciativa...	13	2	2	2	0	0	1	6	7	4
Concisão...	12	0	3	1	3	3	1	1	5	7
O moral não importa...	4	0	2	0	2	0	0	0	1	3
B) FÍSICAS										
Bom diction...	74	24	3	10	7	13	11	6	28	22
Físico normal...	71	28	5	5	4	8	11	10	29	14
Saúde...	44	12	4	6	5	4	7	6	23	9
Boa aparência...	29	0	2	4	7	6	9	1	14	15
Higiene (asseio)...	28	8	3	1	4	2	4	6	10	10
O físico não importa...	3	0	2	1	0	0	0	0	0	3

Fonte: Backheuser (1945, p. 191).

Na primeira coluna horizontal, estão abreviados os grupos sociais selecionados pela pesquisa. São eles: P. D. (Alunos do curso de pedagogia e didática da Faculdade Católica de Filosofia), E. (Estrutura econômica), R. (Religiosa), A. (Artística/Estética), C. (Científica), L. (Liderança), S (Social), Pa. (Padrão alto), Pb. (Padrão baixo). E as qualidades citadas para o Mestre foram divididas em dois grandes grupos: A) Psíquicas e B) Físicas. O quadro observável

no Quadro 4, que condensa os principais resultados do inquérito empreendido por Backheuser, se constitui como uma fonte histórica relevante para se problematizar por quais vieses se pensava a profissão docente no período em escrutínio nesta tese.

Destaca-se que, dentre os elementos do Quadro 4, considerados como qualidades para o professor, são pertencentes a uma minoria os predicados associados à tônica profissional. São eles: cultura especializada, cultura geral, clareza de expressão, preparo pedagógico, conhecimentos biopsicológicos, faculdade intelectual desenvolvida, capacidade de tornar a aula agradável e método. Os itens mais recorrentes eram os preocupados com questões morais: retidão moral, autoridade, modéstia, personalidade, vocação, energia condescendente e espírito religioso.

Mais ao fim da década de 1940, foi publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, também na seção Ideias e Debates, um artigo sintomaticamente intitulado A Educação dos Educadores, cuja autoria é de Roger Bastide. O extenso artigo é, na verdade, a transcrição de uma conferência, por ocasião da aula inaugural do Instituto de Educação de Florianópolis. Após um preâmbulo mais amplo sobre a relevância da Educação, o autor dirige-se diretamente ao seu público ouvinte e constrói representações acerca da profissão docente, especificamente sobre aqueles que iriam atuar, após a conclusão do curso de formação, no Ensino Primário:

Encontro-me em presença do público mais fino que me seria possível encontrar, quero dizer diante daqueles que serão os futuros responsáveis pelo destino de sua pátria, os quais brevemente irão forjar, educando almas infantis, a grandeza e a prosperidade do Brasil. Falo-eis com todo o vosso entusiasmo de jovens, vosso fervor patriótico, vosso amor à terra e ao povo que a habita. Mas, não bastam os sentimentos; nada tão pouco sólido e tão móvel quanto a vida afetiva, com seu ritmo de exaltação e de depressão, ao chocar-se com obstáculos que, segundo veremos, nunca deixam de se apresentar no caminho do educador. Um professor, tão sobrecarregado de responsabilidades, o futuro da criança, o porvir de um país não são coisas que se possam improvisar. O educador deve preparar-se para o seu trabalho. Daí o assunto que escolhi como centro de interesse para esta lição inaugural: *a educação dos educadores*. (BASTIDE, 1948, p. 20, grifo do autor).

A profissão docente é caracterizada a partir de representações gloriosas, na qual os professores seriam os construtores da grandeza dos destinos pátrios. Os aspectos patrióticos eram utilizados para elogiar o ofício professoral. Contudo, logo no início do texto o autor faz contrastar essa visão romantizada da profissão com conselhos em tom de alerta. Bastide (1948) destaca que, a par da magnitude das finalidades do ofício docente, há obstáculos significativos nas trajetórias entrelaçadas ao magistério. O autor, contudo, não enviesa a sua argumentação

para instigar mudanças nesses obstáculos da lida pedagógica. Tratava-se de educar os educadores para aquiescer ante os sofrimentos da classe. Seus conselhos aproximam-se mais da perspectiva de que o mestre deveria se conformar diante desse cenário.

Minhas queridas normalistas! Em tudo na vida ha um sentido estético, afirma Carrel... Sem dúvida, a educação entezoura os veios da beleza, e à educação compete libertar-lhe a essência, com vocação liberal, como si a gema afluísse às ambições, no garimpo. O estágio escolar, nessa quadra mimosa de primavera em flor, vos bordou a alma de esperanças e ilusões... Amanhã tereis um dia claro, diáfano, decepcionante porque transparece a vida real cheia de asperezas e crivada de ambições. É um contraste. Não vos deixei abater: - o contraste é a essência do belo, vale bem aproveitá-lo para a grandiosa tela que se esboça ao contemplardes a imagem da Pátria, iluminada com a chama da liberdade, 'nos anseios sinceros dessa paixão incendiária, no sentido patriótico'. O direito de existir só se conquista com a liberdade de pensamento, que a educação veicula, liberdade integral no sentido democrático, liberdade de culto e de ação, elegância moral nas atitudes em que a beleza e a utilidade corram parilha e as gerações futuras se aprimorem formando lado a lado. Si assim acontecer, olhai, no fundo da tela: - um raio de luz branda e prateada se esgueira no rendilhado da paisagem refletindo o espelho de um lago... É a vossa felicidade, tal como idealiso nesta festa de despedida. É luz prateada, porque no lago azul de vossas esperanças, se reflete a saudade dessa quadra venturosa em que nos unimos pelos caprichos do coração, nutridos carinhosamente no clima estético da educação. Com a vossa felicidade virá, de certo, a renascença democrática do Brasil, a prosperidade da Pátria estremecida. Sêde felizes! (BASTIDE, 1948, p. 20).

A par da tônica vocacional relacionada ao magistério, o autor destaca a característica paradoxal do que expõe em sua conferência. Exaltam-se as finalidades docentes, mas a circundam de ares de naturalidade quando o assunto são suas agruras. Tratava-se de instigar as futuras normalistas a não esmorecerem diante das dificuldades da profissão, como se fossem fatos imutáveis. Ainda que Bastide fosse um estrangeiro europeu, a questão do ardor patriótico parece também sugerir conformação, sendo esse conceito visto a partir de dimensões mais abstratas e universais. Desse modo, a felicidade e o bem-estar daqueles que integravam a classe docente somente poderia ser visualizada em horizontes longínquos. Sendo o referido escrito a transcrição de uma conferência ambientada no contexto de uma instituição formadora de professores primários, cumpre destacar que a fundação da primeira Escola Normal cearense se deu nos idos de 1884, sob o nome de Escola Normal Pedro II. Contudo, nesta pesquisa, não se teve acesso a documentos históricos semelhantes ao de Bastide (1948).

Em artigo portador de título sintomático, denominado de Ilusões e Realidades do Mundo Pedagógico, também publicado na seção Ideias e Debates, seu autor Juan Mantovani,

vinculado à Universidade de Buenos Aires, debateu a problemática da formação e sua relação com a função docente:

A verdadeira ciência do professor não é demonstrada por grande erudição, mas especial intuição no sentido de descobrir as potencialidades da criança, e de determinar os valores apropriados a cada momento. Cada mestre só logra comunicar seus conhecimentos em pequenissima proporção. Não deve pretender entulhar a cabeça da criança nem subordinar a conduta infantil a normas complexas e muito numerosas. A criança deve integrar à sua vida somente aquilo que lhe facilite a difícil passagem da infância para a idade adulta. Os conhecimentos que o professor deve adquirir, sem descanso, servirão mais para a sua própria formação de que para a comunicação aos alunos. Mais do que ninguém, os mestres devem alcançar unidade de pensamento e de filosofia, para coordenação dos fatos e idéias, para coerência entre o pensamento e a ação. Cada ensinamento do professor deve emanar dessa força espiritual, porque, do contrário, ministrará ensino de minguido conteúdo e sem penetração — transmitirá saber sem vitalidade, que não se integrará na criança nem vivificará sua alma. O mestre deve ter sensibilidade inata para prescrutar e estimular as disposições interiores da criança e dar-lhe a cultura necessária a fim de manter ativo o espírito. Para isso, deve estar em contacto constante com os livros e as idéias, com a natureza, seus segredos e sua beleza, com as tradições e a memória dos grandes feitos e figuras, universais e nacionais, com os valores da cultura e as normas morais que dão sentido à vida. Algumas vezes, também, o professor deve refletir sobre si mesmo e sobre a sua tarefa. Não pode permanecer em dúvida sobre a natureza dos fins de sua missão. (MANTOVANI, 1945, p. 47-48).

O autor argumenta que o ofício docente no Ensino Primário deve pautar-se pelo descobrimento dos potenciais do alunado, compreendendo que os processos educacionais se estabelecem na interação entre professor e aluno. A formação docente, em face da atualização dos conhecimentos pedagógicos, é indicada por Mantovani (1945) como relevante apenas para o mestre, à medida com que advoga um ensino simplificado às crianças. Desse modo, haja vista que conteúdos volumosos eram considerados inadequados para o ser infantil, o autor advoga que a função central do professor residiria na sua unidade de pensamento e de filosofia, definida como força espiritual. Esses aspectos, contudo, não seriam obtidos em processos formativos, pois a autoria do referido texto compreende o ofício docente como uma missão. Ainda que incentive a reflexão professoral sobre a sua própria prática, destaca-se, em seu artigo publicado na RBEP, o caráter missionário da profissão.

Ao longo do seu texto, Mantovani (1945), começa a utilizar o artigo feminino para tratar do professorado primário. A partir de então, abroham questões de gênero em suas representações:

E' por essa sensibilidade inata, que se explica o êxito da mulher no magistério primário: ela é, de seu natural, mais intuitiva e mais arguta, quando à sua tarefa se dedique com senso de responsabilidade e entusiasmo. Não se pode ser professor em nenhum grau de ensino sem que se esteja imbuído desse entusiasmo pelo trabalho docente. Se acaso essa capacidade de interesse e entusiasmo fosse suscetível de medida, nela é que deveríamos encontrar os critérios de seleção para o magistério, e não, na simples classificação dos exames, que mais provam dedicação aos estudos que vocação pedagógica. Se o ingresso para a carreira se fizesse de acordo com padrão claramente estabelecido, de vocação para a docência, o número de professores se reduziria de muito. Dir-se-á que é muito o que agora se pede como remuneração do professor. Na verdade, ele merece muito mais. Não será isso razão, no entanto, para que desanime ou para que descuide de sua formação cultural e aperfeiçoamento constante de sua personalidade. E o professor da escola primária é muito mais um animador da vida infantil do que simples agente da transmissão de noções. Se o professor for incapaz de perceber o mundo infantil, nada ensinará, ou ensinará menos que qualquer outra pessoa. A criança mais se deixa influenciar por alguém que saiba movê-la em seu íntimo, que a relacione com os fatos do inundo, da história, da existência humana. E isso, com a mesma singeleza e naturalidade, com que saiba fazer expandir o seu espírito — sem opressão nem violência. O mestre, que puder agir deste modo, sentirá, sem dúvida, acrescida a sua personalidade e, com ela, o seu poder de educador, porque a influência de um homem sobre outro não resulta da conquista fria das técnicas didáticas, mas, sim, da pujança do seu poder interior, da riqueza de sua cultura e do valor de sua personalidade. A educação se produz pela interação do educando e do educador. A criança necessita de estar em contacto espiritual com a humanidade já formada. Os valores da cultura do mestre devem encontrar eco na subjetividade do aluno. (MANTOVANI, 1945, p. 48-49).

A função docente é representada como inata à mulher, que seria naturalmente imbuída de maior entusiasmo pela profissão ou, nos termos do autor, pela vocação pedagógica. Mantovani (1945) acreditava que o vigor/ânimo docente deveriam ser, inclusive, o principal critério de admissão dos professores. A remuneração professoral também é discutida por Juan Mantovani, que advoga em prol do seu aumento, mas centraliza a sua argumentação nas exigências direcionadas aos mestres. A formação docente, ainda que seja compreendida pelo autor como relevante, é mencionada como frias técnicas didáticas. Os critérios para se avaliar como boa uma professora primária giravam em torno de noções mais fugidias e subjetivas, como o valor da sua personalidade, de seu espírito, de seu âmbito interior e de sua humanidade. Estas deveriam influenciar positivamente a subjetividade em plena formação dos alunados infantis. O autor prossegue com seus argumentos da seguinte maneira:

O mestre deve ter sempre em mente este princípio: o de velar pelo seu constante progresso e aperfeiçoamento, pois que, assim, seu trabalho será mais eficiente. Deve manter alerta a sua curiosidade intelectual, não pela soma de

conhecimentos novos a transmitir, mas pela necessidade que tem de renovar-se como educador. O professor ainda tem um outro dever, o de meditar sobre muitos problemas e o de senti-los como algo de íntimo, de pessoal. Deve por exemplo, sentir a necessidade de compreender e explicar a realidade de seu país, o que foi, o que é, o que será. Somente depois dessa compreensão e análise é que poderá agir, com eficiência no sentido do ritmo progressivo da cultura do país. Formar-se-á, então, no íntimo de seu espírito, uma concepção de vida nacional; aclarar-se-á o sentido do homem de sua terra, segundo as lições da história, dos esforços do presente e das aspirações da nação. Essa concepção e esse sentido preservarão o mestre e os alunos, a, que oriente e eduque, das sugestões para soluções extremistas que não estiverem de acordo com a tradição, as instituições e os ideais da nacionalidade. [...] À escola cumpre infundir esse ideal na alma das novas gerações. [...] Além de representar uma força cultural, a escola é também órgão decisivo da vida nacional. [...] Determinação firme deve mover a todos os que trabalham pelo desenvolvimento da cultura. Essa determinação será a de preservar os valores de cada nação, fortificando em todos os homens de cada país aquele fundo comum de sentimentos, de interesses, de preferências, de aspirações, que lhes seja comum. Isso é que caracteriza uma nacionalidade e delimita as lutas e os esforços individuais. (MANTOVANI, 1945, p. 49-50).

A centralidade das preocupações pedagógicas do autor consiste na problemática da eficiência docente, ou sobre como os professores e professoras poderiam alcançá-la. Essa eficiência seria conseguida em seu mais alto grau, de acordo com o ponto de vista de Mantovani em meados dos anos 1940, através da dedicação do trabalho docente à vida nacional, de modo a elevá-la. Para o autor, os ideais de nacionalidade deveriam figurar o topo das preocupações professorais. Essa concepção de docência estava intimamente relacionada à própria noção de escopo escolar:

A escola deve ser o reflexo da cultura e da nacionalidade, deve ser a força inculcadora dos seus valores. A tarefa do professor tem que ser, portanto, mais humana e mais espiritual, não apenas técnica, no sentido restrito desta expressão. Não será pedir demais, nem para impor exigências inacessíveis. Isso será obtido por esforços relativamente simples, e, aliás, agradáveis ao espírito. Já teriam lido os professores às obras fundamentais da literatura de seu próprio país, para extrair-lhe a essência, para engrandecer a sua própria alma e o seu próprio pensamento? Desde o início da carreira, devem os professores esforçar-se por adquirir noção clara da vida nacional, sem que deixem de ter o espírito voltado também para os valores da cultura universal. Essa atitude lhes dará a compreensão da essência de sua missão e indicará os meios de cumprir a missão que de fato lhes cabe. (MANTOVANI, 1945, p. 50).

Para o autor, a finalidade da vida escolar e do trabalho docente deveria ser a nacionalidade e a cultura nacional. O professor, em seu labor cotidiano, estaria a serviço do Brasil. O trabalho docente, compreendido como missão, necessitaria possuir o fito de conduzir

a vida nacional ao progresso, a partir de uma pretensa cultura nacional e/ou de uma identidade nacional forjada em valores nacionais únicos. Ademais, ressaltam-se os aspectos humanos e espirituais em detrimento à técnica professoral.

Bagiley (1947), em artigo publicado na seção Ideias e Debates da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, também trouxe à baila a questão da formação docente, convocando em seus argumentos o estado atual, à época, da formação profissional dos professores estadunidenses:

O estado atual da formação profissional dos professores nos Estados Unidos é o produto de um longo, lento e por vezes penoso processo de desenvolvimento. Em oposição ao que se deu em outros países que abraçaram com entusiasmo o ideal de uma educação primária universal, a importância de um sólido preparo profissional para os professores, embora nitidamente reconhecida por alguns líderes de maior visão, foi, durante muito tempo, menosprezada tanto pelo povo como pelos seus representantes legais. (BAGILEY, 1947, p. 426)

Em outro artigo da seção Ideias e Debates, intitulado A Formação do Professorado, de autoria atribuída a F. Venâncio Filho, há uma preocupação central com as questões relacionadas à formação docente, compreendo-a como uma questão urgente da educação nacional:

Na raiz das nossas necessidades educacionais encontra-se sempre, como principal, a da formação do professor, que é sem dúvida a peça mestra do sistema. E' evidente que sendo a educação um sistema complexo, múltiplo e vivo, não pode ser constituído de um mecanismo, nem dependerá o seu sadio fortalecimento de uma das partes isoladas. Mas, tudo presente, falhará, sem o professor, enquanto êste pode ter virtudes e de quase tudo suprir. Se é verdade que algumas aptidões serão inatas e mesmo dificilmente modificáveis, não será contestável que há hoje técnicas e experiência acumuladas indispensáveis a um exercício do magistério, com maior rendimento. [...] Os estadistas que nos dirigiram, olhos voltados para a França, a Inglaterra e mesmo os Estados Unidos, não repararam na importância da formação dos que ensinam. E somente eles se preparavam para nomeações de caráter pessoal ou de concursos, meio idôneo mas insuficiente, sem a preparação específica preliminar. Porque o concurso é antes meio de seleção e não de formação e pelo primeiro escapam qualidades essenciais à missão docente, que pelo segundo são mais fáceis de apurar. (VENÂNCIO FILHO, 1946, p. 245-246)

O referido autor versa especificamente sobre a problemática entre as instâncias vocacionais, representadas pela crença na existência de características/virtudes inatas ao mestre, e âmbitos profissionais, concebidos pelo entendimento da necessidade de formação docente. A argumentação do autor incide sobre o que seria uma maior influência positiva da formação professoral, em seus métodos, técnicas, preparações e experiências, em detrimento

da vocação. Ainda assim, mesmo advogando em prol dos resultados advindos da formação docente, Venâncio Filho categoriza a docência como uma missão.

O autor criticou ferrenhamente, inclusive, uma prática muito corrente no Ensino Secundário, no qual a sólida formação pedagógica era elemento dispensável. Como prática remanescente do Império, a República continuava a reproduzir a dispensa dos conhecimentos pedagógicos para o ensino: "dos médicos, ensinarem física, química e história natural; os engenheiros, matemática e desenho; os bacharéis, o resto, excetuados às vezes português e latim, confiados a um padre sabedor..." (VENÂNCIO FILHO, 1946, p. 249-250). Esses profissionais detinham o domínio dos conteúdos que ensinavam, mas não possuíam a base e/ou a formação pedagógica, muitas vezes não legitimando a premissa de que o educando deveria ser considerado como portador de personalidade própria, a ser respeitada pelo docente. O autor admitia, ainda, a existência de raros casos nos quais a vocação seria o suficiente para o exercício de uma prática professoral eficiente e adequada, mas a tônica de sua argumentação recaía sobre o caráter imprescindível da formação pedagógica específica ao mestre.

4.2.3. "Através de Revistas e Jornais": múltiplas representações em disputa

A seção Através de Revistas e Jornais é o segmento da Revista que mais publicou, quantitativamente, artigos de diferentes reflexões sobre o papel do professor. Realça-se que "nessa parte eram transcritos muitíssimos artigos sobre os mais variados assuntos, sendo bastante heterogêneos sob todos os pontos de vista." (GANDINI, 1994, p. 30). No tocante especificamente ao mote da função do professor, essa heterogeneidade também se aplica. Isso ocorre porque a seleção desses artigos, advindos de outros periódicos (revistas e jornais), eram provenientes de várias regiões do Brasil e de outras partes do Globo, o que favorece a multiplicidade dos debates. A reflexão sobre a função docente, conforme pode-se observar através do levantamento disposto no quadro 4, contido nas páginas que se seguem, foi pauta da revista durante todo o período em escrutínio nesta tese.

Logo no número de estreia da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, dentre os diversos textos publicados na seção Através de Revistas e Jornais, houve a publicação do breve artigo nomeado de O Professor e a Organização Nacional. A autoria remete a Everardo Backheuser, vinculado à Faculdade Católica de Filosofia, que também colaborou com a RBEP na seção Ideias e Debates. O texto em questão faz jus à característica principal da seção Através de Revistas e Jornais, que consistia em conceder maior amplitude aos textos originalmente

veiculados em revistas ou jornais de menor circulação. Essa produção escrita de Backheuser, especificamente, fora publicada inicialmente na Revista A Formação, revista pedagógica veiculada na cidade do Rio de Janeiro, constituindo-se como uma transcrição de um discurso proferido por ocasião do encerramento de uma aula inaugural na instituição que lecionava à época:

O catedrático que dentro das universidades e escolas técnicas superiores prepara as elites dirigentes, o mestre escola que no âmbito dos estabelecimentos primários modela as massas, o professor secundário que nas escolas de ensino geral ou especializado dá retoques de aprimoramento à educação do primeiro grau e encaminha a transição para o terceiro nível, todos enfim que exercem o magistério, assumem, por isso mesmo, responsabilidades grandes no modo pelo qual cada nação se vem a formar. O mestre, o professor, é o grande modelador da alma do povo; é o construtor do espírito nacional; é aquele que faz alto ou baixo o nível cultural da sociedade, nível cultural esse que influi decisivamente nos destinos mundiais do país como consequência de sua melhor organização. O mestre, em uma palavra, é aquele que organiza a organização. (BACKHEUSER, 1944, p. 150).

As sintéticas ponderações de Backheuser sinalizam um plano de estado no qual haviam projetos educacionais específicos para as diferentes classes sociais. O ensino superior era considerado privilégio das elites, o ensino secundário também representava um afunilamento de acesso à educação e o ensino primário era destinado ao povo, às massas, às camadas sociais desprivilegiadas da sociedade. Às classes populares, restava um projeto educacional massificador, de culto à obediência, à passividade, ao ardor cívico e ao trabalho. Tratava-se de posicionar no topo das preocupações educacionais e escolares, a força econômica produtiva. O ensino em nível primário e, sobretudo o processo de alfabetização, ainda que informal ou leigo, se constituía como principal antídoto ao problema do analfabetismo, interpretado como chaga social, que atravancaria os destinos pátrios.

À medida com que o ensino primário era visto como um meio basilar para se inculcar princípios nacionalistas, alavancando assim os destinos pátrios, a figura do professor, como principal profissional responsável por levar a cabo essa instrução, era comumente exaltado, sendo o seu labor representado como uma missão. Organizar a nação, para Backheuser, significava priorizar na tarefa pedagógica o objetivo de moldar os indivíduos tidos como responsáveis pelo futuro pátrio, as crianças, conforme os ditames e valores cívicos e patrióticos.

Também temporalmente situado no rol dos primeiros números da RBEP, ainda no seu ano de estreia, em 1944, a seção ora em pauta publicou o texto genericamente intitulado de O Professor. Originalmente publicado no Jornal do Comércio, da cidade de Recife, com autoria

correspondente a Olivio Monte Negro, trata-se de uma extensa narrativa, para os moldes dos artigos habitualmente abreviados da seção *Através de Revistas e Jornais*, na qual autor argumenta:

Todo bom professor tem que ser o seu tanto presunçoso, exprimir-se, ainda que involuntariamente, em tom dogmático, desde que não se exprime nunca para se por em prova, mas convencer, ensinar. [...] E' um engano pensar-se que o melhor professor é o que mais sugere, o que excita mais volutuosamente a curiosidade e a imaginação do aluno, e que mais promete em nome da vida: o melhor professor não é o que mais sugere; é, antes, o que mais explica e ensina; não é o que mais promete e sim o que mais realiza em lições de coisas e de fatos. [...] Refiro-me aos verdadeiros professores, os que têm o orgulho e o entusiasmo da sua carreira. O entusiasmo que nasce de uma convicção sagrada, de que não pode prescindir nenhum verdadeiro professor, tanto ela é um elemento necessário de contágio na classe. Ao professor não basta dizer, não basta explicar; é preciso dizer sem nenhuma hesitação, explicar como se a contingência do erro não o atingisse [...] Afirmar é o seu ofício. A escola é um centro de afirmação. [...] Para duvidar o aluno não precisa de mestres. (NEGRO, 1944, p. 460 *et seq*).

Em sua narrativa originalmente jornalística, posteriormente selecionada para integrar a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, o autor dedica a centralidade de suas preocupações educacionais às ponderações sobre o que seria, ao seu entender, um bom professor do Ensino Secundário. Utilizando seus termos, Negro (1994), argumenta a favor da presença das características angelicais das crianças (8 a 10 anos de idade) em contradição às características dos adolescentes (16 a 18 anos de idade), que elevariam as dificuldades do labor docente. Desse modo, o autor constrói representações sobre a docência no ensino secundário comparando-o a um médico. Ambos não poderiam expressar inseguranças, dúvidas ou incertezas, haja vista que deveriam ser imunes a qualquer tipo de erros. Ainda que as experienciassem, não poderiam permitir que as mesmas transparecessem ao educando. Essa aparência permanentemente sábia era vista como predicado essencial ao professor.

Para Negro (1994), um bom docente seria aquele imbuído de certezas frente aos adolescentes. Seu trabalho consistiria no poder do convencimento, afastando qualquer possibilidade de dúvidas por parte dos educandos. O autor expressa em seu artigo uma visão tradicional acerca do ensino, na qual o professor considerado louvável seria aquele que transferisse seus conhecimentos conteudísticos aos estudantes, objetivamente, extirpando a possibilidade de exposição de dúvidas ou curiosidades dos discentes. Em sua argumentação, a relação entre docentes e alunos, portanto, seria pautada por uma demarcada hierarquia. Esses

seriam, então, considerados pelo autor como verdadeiros professores, expressando uma perspectiva enrijecida acerca da docência.

Os pilares de sustentação dos discursos construídos pelo autor sobre a docência consistem no imaginário apostolar. O bom professor seria aquele que possuísse a convicção do teor sagrado de sua profissão, que deveria despertar apenas entusiasmos. O professor era representado, no limite, a partir de perspectivas santificadas, alguém cujas agruras não deveriam importar, frente à sua missão:

O professor é justamente o homem que sabendo alguma coisa, mesmo sem ser a fundo, deve deixar a impressão de saber tudo. Esta impressão aliás êle não a procura criar por desejo eufórico de aparecer, de se mostrar, mas pela necessidade de ofício, pela intuição que o professor não deve perder o seu papel. [...] Sempre supõe quase todo o aluno — independente mesmo da virtuosidade exterior do mestre — que o professor não ignora nada do que êle se propõe ensinar, e tudo o que sabe e ensina deve prender-se intimamente aos seus ideais de vida, e clarificá-los de uma luz esplêndida. [...] Todo o professor deve saber que alma cheia de poros é a do adolescente, e a sensibilidade ansiosa de repercussões que o possui para não pesar o efeito das suas palavras e dos seus gestos. [...] Ao legítimo professor não é a frase, o estilo, a maneira brilhante de exprimir o que interessa; mas é a maneira persuasiva e lógica com que a verdade ressalta dos seus lábios como da sua fonte mais pura. E tudo como se obedecesse ao mistério de uma revelação. [...] E o que é mais curioso de uma curiosidade como de paradoxo é que apesar de todo esse esplendor de formas, de toda essa dignidade de atitude, de todo o ar nobremente científico que deve cercar o professor como uma auréola — apesar de tudo isto no fundo o professor é sempre um homem capaz de grandes renúncias. Humilde. A ausência de modéstia que falamos no começo pertence à função do magistério e não propriamente ao homem. Porque não é verdade que quem ensina aprende duplamente. Quem ensina aprende para os outros apenas e não para si. digo o professor de vocação, e que tem em ensinar o seu propósito constante e invariável de vida. (NEGRO, 1944, p. 462).

A função do professor é representada pelo autor por intermédio da metáfora da luz, coadunando, portanto, com a origem etimológica do termo aluno: do latim, ausência de luz. O bom professor seria aquele capaz de espriar e incutir seus conhecimentos tal como o brilho de um lampejo ao qual não se escapa. Se a concepção de infância corrente no período era a de designá-la como algo a ser moldado, observe-se que o conceito de jovem ou adolescente é representado como um indivíduo já bem mais adiantado em seu processo formativo individual, que, todavia, ainda disporia de brechas morais em desenvolvimento. O papel do professor, portanto, seria o de persuadir o educando, munido apenas de certezas.

As ditas verdades, consideradas como produto do ofício do professor a serem direcionadas aos discentes, são tidas pelo autor como revelações misteriosas, sinalizando que

os fios condutores da argumentação de Negro (1994) são pertencentes a premissas místicas ou religiosas. Para se referir ao professor, o mesmo utiliza o termo auréola, círculo luminoso largamente utilizado acima das cabeças de personagens santificados. Assim como as hagiografias e o imaginário sagrado apregoam, o professor também é posto como indivíduo capaz de enfrentar grandes renúncias em prol das causas educacionais.

Contudo, após essa extensa argumentação que entrelaça veementemente a função docente a conceitos advindos do campo religioso, o autor conduz a sua argumentação a premissas insólitas, ainda que sutilmente sinalizadas pela junção dos termos nobreza científica e auréola:

[...] Porque o método é o grande segredo do professor, é o seu fio de Ariana, o seu cabelo de Samsão. Ele nunca aprende por isto despreocupadamente, à vontade, para seu gozo pessoal e único. À medida que novos conhecimentos vêm se ajuntar aos velhos, ele os vai mentalmente arrumando em quadros, agrupando-os em classes, ordenando-os ou reduzindo-os em diagramas, adaptando-os, enfim, pedagogicamente, como se esses conhecimentos não lhe pertencessem senão para um certo e determinado uso. (NEGRO, 1944, p. 462).

Se nos momentos anteriores ao excerto supracitado, em seu texto o autor advoga a favor de construções religiosas em torno da figura do mestre, neste trecho há uma ode ao método. As técnicas e os conhecimentos pedagógicos são, enfim, exaltados no âmbito do ofício docente. Iluminação divina e método pedagógico se entrecruzam, portanto, ao fim do artigo do autor. Essa alternância de vertentes argumentativas aparentemente incongruentes não é exclusividade de Olivio Monte Negro. Os motes apostolares atrelados à concepção de docência incitam passividade ou mesmo entusiasmo, como defendido pelo autor, frente às dificuldades da profissão. As noções de missão, devotamento e renúncia, inicialmente postos como intrínsecos ao verdadeiro exercício da profissão, instigam resignação diante das agruras cotidianas do professor. Contudo, o método também é exaltado, posto como coluna mestra da atividade docente. O autor não opta por um ou outro caminho: predestinação ou método. Ao inverso, entrecruza-os, na contramão de seus paradoxos.

Em 1946, o texto intitulado O Dia do Professor, cuja autoria remetia a Alfredo Gomes, foi selecionado em meio às páginas do jornal Correio Paulistano, para integrar a seção Através de Revistas e Jornais, junto a outros artigos advindos dos suportes expressos no título dessa subdivisão da RBEP. As intenções discursivas de Gomes (1946) incidem sobre a problemática das comemorações públicas. A data 15 de outubro, na qual se celebra o Dia do Professor de forma nacional somente a partir de 1963, é posta pelo autor, na segunda metade da década de 1940, como uma reivindicação de classe:

A idéia de se celebrar um dos maiores obreiros da nacionalidade — o professor — parece haver encontrado este ano melhor clima, já que comemorações de algum vulto assinalarão a passagem do dia 15 de outubro, data escolhida para essa consagração. [...] De há muito nos vimos batendo para que se inclua no calendário das efemérides festivas uma que seja inteiramente consagrada ao professor. [...] (GOMES, 1946, p. 164).

O artigo jornalístico de Alfredo Gomes contém indícios para se rastrear uma história das comemorações do Dia do Professor. Contudo, os elementos que constituem maior relevo para esta investigação residem nos modos pelos quais a profissão docente é representada. No trecho supracitado, a função docente é exaltada por seus objetivos de construção e consolidação do sentimento patriótico, sendo assim digna de integrar o calendário festivo em âmbito público. A ode à função do professor é tamanha, que o autor a compara à grandeza do entusiasmo cívico das comemorações advindas do Exército: "As comemorações tomam o vulto de evocação dos feitos dos heróis a que a Pátria tanto deve. As grandes figuras do passado, os homens — símbolos, os heróis, os homens representativos são lembrados. Seus nomes desfilam, alertando as consciências de hoje". (GOMES, 1946, p. 164). O autor prossegue com a sua argumentação da seguinte maneira:

Entretanto, há um outro exército não menos nobre e útil que o exército uniformizado que leva o fuzil ao ombro e desfila garboso no seu dia pelas ruas da cidade entre os acordes da música marcial, há um outro exército que tem pela frente o poderoso inimigo da ignorância que o combate tenaz e heroicamente, há um outro exército que ganha silenciosamente suas batalhas, há um outro exército que possui tradições gloriosas, há um outro exército que possui milhares de heróis, homens que tudo fizeram pela pátria e que dela nada exigiram. Nem condecorações nem monumentos, nem mesmo o nome deixaram para ser lembrado em livros e em estátuas, porque esse é o único exército no mundo em que seus elementos exponenciais são realmente os verdadeiros "heróis desconhecidos". Cada um dos integrantes desse numeroso exército é um soldado, e cada soldado um herói, e cada herói um anônimo. Esse soldado, esse herói, esse anônimo é o "professor". Ninguém o celebra, ninguém o lembra, ninguém o evoca. E nisso vai grande injustiça, tremenda injustiça. Louvá-lo apenas em certas ocasiões em que o louvor é mais um disfarce enganoso, elogiá-lo sem que isso lhe traga algum proveito moral ou mesmo material, tomá-lo como tema literário porque pode prestar-se a um bom tema. tudo isso pouco proveito, conforto e significação representa. O professor merece alguma coisa mais: a devida consideração e a necessária proteção. O professor merece proteção especial, especialíssima. O professor é instrumento de cultura e de civilização, é o formador do caráter da juventude. E' ele quem transforma a criança em homem instruído e útil. E' ele o espelho da paciência, o amigo e companheiro sincero que não engana, não zomba e não trai. E' quase o colega, sendo conselheiro: E' quase pai, sendo professor. Os professores muito devem merecer dos homens que teimam por esquecê-los mas não o conseguem. A ingratidão que se lhes aninha no espírito não tem

poder suficiente para arrancar da memória a lembrança, a imagem, a figura daqueles que os iniciaram e encaminharam na vida e lhe imprimiram o rumo decisivo. O "Dia do Professor", [...] deve constituir precisamente o dia da gratidão aos abnegados heróis anônimos que iniciando nos mistérios da cultura se incorporaram ao nosso patrimônio sentimental. (GOMES, 1946, p. 165-166).

A classe docente é representada por Alfredo Gomes como um exército heroico, patriótico, glorioso, silencioso e invisível. Os professores, para Gomes (1946), são heróis desconhecidos e anônimos. Profissionais que exerciam a árdua tarefa de extirpar a ignorância da sociedade e, em troca, pouco ou quase nada recebiam, nem mesmo no nível simbólico. O que o autor reivindica, através de seu artigo, era o reconhecimento moral e material direcionado aos mestres, na esfera do discurso e da remuneração. Tratava-se de se instigar a expansão das homenagens aos professores: transcendê-las de meras datas e ocasiões pontuais para torná-las cotidianas no imaginário popular. A abnegação, posta como característica intrínseca aos heróis anônimos, os professores, parecia não mais bastar a esses profissionais.

O artigo portador de título expressivo, que posteriormente foi utilizado como parte do título deste tópico, foi veiculado na seção Através de Revistas e Jornais e publicado originalmente no jornal Folha de Minas, editado em Belo Horizonte. O texto de Mário Casassanta intitulado Por que Fracassam os Professores? é conciso, como era característica dessa seção da Revista e objetiva discutir as causas que motivam êxitos ou fracassos dos professores. Desde o início, o autor permite entrever o seu entendimento do papel do mestre: "Por que fracassaram os professores? O verbo, apesar de mal visto dos puristas, tem aqui o seu lugar, já que nenhum outro exprimiria, com o mesmo fragor e com a mesma solenidade, o malogro dos que tentam o divino ofício de educar." (CASASSANTA, 1949, p. 180).

Destaca-se a articulação do ofício docente ao universo divino, fato que ocorrerá mais vezes em sua argumentação. O autor também procede à abordagem do assunto através da socialização de pesquisas. Nesse caso, o estudo que o mesmo se utilizou data de 1914⁸⁶ e consultou um total de 676 professores⁸⁷. Trata-se de uma investigação norte-americana, desenvolvida originalmente por Sherman Lettler, divulgada na revista *Home and School Education*. No Quadro 5, há uma lista com 10 possíveis razões para o que se considerava um fracasso docente:

⁸⁶ O autor diz ter ciência de que não é um estudo atual, mas o julga como ainda pertinente.

⁸⁷ Originalmente os resultados da pesquisa não foram postos no formato de tabela, mas a opção por esse formato se deu para facilitar a visualização dos resultados pelo leitor.

Quadro 5 – Listagem de causas consideradas como fatores de fracasso para os docentes

I	Falta de disciplina	103
II	Falta de personalidade própria	100
III	Falta de interesse pelo trabalho	71
IV	Falta de cultura	53
V	Negligência na preparação de lições	48
VI	Falta de preparação	29
VII	Falta do dom de ensinar	28
VIII	Falta de treino pedagógico	26
IX	Não saber cooperar	25
X	Espírito não progressivo nem profissional.	23

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta tese, a partir de Casassanta (1950, p. 181)

Ora, se os elementos apontados acima são identificados como a causa do fracasso docente, analisando-se pela negativa, onde lê-se os termos "falta de", temos acesso a um panorama de requisitos para o indivíduo que almejasse seguir a carreira docente. Para ser mestre era necessário ter: disciplina, personalidade adequada ao magistério, constância no trabalho, assiduidade na elaboração das lições, cultura, preparação, dom, treino pedagógico, cooperação, espírito progressivo e profissional. É relevante observar a existência de um conflito nesses requisitos, pois muitos deles se referem a uma tônica mais mística, advinda do imaginário religioso, na menção ao dom de ensinar e na caracterização do ofício docente como divino, por exemplo; ao passo em que também são destacados atributos relacionados ao ideal de profissão, como empenho pelo trabalho, possuir cultura, preparo e treino pedagógico e, por fim, espírito profissional. Após demonstrar os quantitativos da pesquisa, o autor passa a esquadrinhá-los:

Entre esses 676 casos, coube um maior número aos que falharam por não terem sabido manter disciplina em suas classes: não conseguiram controlar os seus alunos. [...] Seguiram-lhes cem professores que não ofereciam uma personalidade própria à função. Havia nascido sob outro signo. Havia tomado um caminho errado.[...] A terceira causa abrangeu 71 professores que não deram boa conta da tarefa, ou por minguido interesse pelo trabalho ou por excessivo interesse por outras coisas fora da profissão. Vida social, atividades de comércio ou indústria, literatura, ocupações e preocupações políticas nem sempre fazem boa casa com a arte de educar. [...] 53 professores falharam por falta de cultura. Não haviam feito cursos regulares, ou, se regulares, não os fizeram bem.[...]. A quinta causa refere-se à preparação de lições negligente e não diária, dando por terra com quarenta e oito mestres. Explica-se. Como pode fazer bom ensino quem não prepara ou mal prepara as suas lições? São da mesma farinha desses, os vinte e nove professores da sexta causa: não preparavam, de forma alguma, as suas lições. E' até admirável que o número não tenha sido maior. [...] Vinte e oito professores, porque não possuíam o dom

de ensinar. Teriam outras qualidades, cultura, por exemplo, mas faltava-lhes a arte de pôr em troco miúdo a matéria, apresentando-a de tal sorte que os alunos a apreendessem, aprendendo. Vinte e seis professores deixaram a profissão, por falta de treino pedagógico. Tentaram uma arte difícil sem a necessária preparação técnica. Dai o malogro e o desânimo. O nono lugar foi ocupado pelos que não souberam cooperar. Nada menos do que 25. Trata-se de pessoas estimáveis, por outros títulos, mas que andavam sempre em contradição com o meio. Bons professores em classe não se entendiam com a administração, com os colegas ou com a sociedade. Pertenciam certamente à família dos contras. O décimo lugar, que contou 23 vencidos, foi ocupado pelos que, sem espírito de progresso nem de profissão, não tratavam de apressar o passo, para andarem com o mesmo ritmo de sua gloriosa legião. Esqueceram-se de que o vocábulo 'progresso' tem um elemento comum — pró —, o qual envolve o ímpeto, a esperança, a coragem e a força dos que não se contentam com o mundo, tal qual é, porque estão trabalhando pelo advento de um mundo melhor. Os professores são sempre une antecipados. Como, marcando passo, poderão adquirir aquele senso de futurição que caracteriza os que anseiam por dias melhores e dedicadamente os preparam? (CASASSANTA, 1949, p. 180-181)

O aspecto da disciplina parece ser o item que mais chama a atenção do autor, haja vista que impor controle aos alunos é posto como tarefa basilar para o professor. A questão da personalidade própria, significava, nesse caso, o fator vocação, no qual ensinar seria um dom. Acaso os indivíduos insistissem em seguir um caminho divergente ao qual seria vocacionado, o fracasso seria inevitável. A representação professoral que emerge dessas concepções apresenta esse profissional como alguém que deveria se dedicar somente à causa educacional. Tudo o mais (atividades laborais extras ou políticas), deveria ser desprezado em prol do magistério, fator que se correlaciona com a assiduidade.

O autor também destacou o aspecto da falta de formação na classe docente. Em sua concepção, mesmo quando o processo formativo era executado pelos mestres, o mesmo seria pautado sob o signo do mau desempenho. O fator cooperação é significativo pois, através de sua explanação, é possível compreender que nessas concepções o bom professor seria aquele obediente aos seus superiores e à sociedade, contrário a subversões.

No Apêndice C desta Tese, há uma relação de artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos sobre a função docente, publicados nos anos 1940⁸⁸, organizados de modo crescente a partir do ano e mês de publicação. O quadro contempla o título, o nome do autor⁸⁹, em qual seção da Revista se encontrava o texto, seguido de ano, mês,

⁸⁸ *Obs1: no início da década de 1950 existem artigos similares ao acima dispostos. Esses materiais, situados pouco após o recorte temporal dos anos 1940, a pesquisa ainda está ponderando a sua utilização ou não na tese.

⁸⁹ *Obs2: O símbolo "?" representa a ausência de indicação da autoria do texto pela Revista, em seções que normalmente se apontava o autor. O símbolo "---" representa uma ausência já esperada da indicação de autoria, sobretudo nos artigos veiculados na seção Editorial.

volume e número. Algumas dessas referências deixam claro, desde os seus títulos, que abordarão a questão da função docente. Outras, demandaram uma leitura minuciosa para identificar se há articulações com o tema.

5. "NOTAS AO PROFESSOR": CONJECTURAS SOBRE A FUNÇÃO DOCENTE NOS RASTROS DA LITERATURA DIDÁTICA

5.1. "Nossas Lições": a função docente nas páginas da cartilha Nossas Lições.

O presente tópico objetiva afunilar a análise da cartilha intitulada Nossas Lições - pontos para o 1º ano (Forte) e 2º ano primário, compreendendo-a como uma fonte histórica relevante para somar à compreensão sobre como o Prof. A. Coelho Sampaio compreendia a função docente, representando-a de várias formas ao longo de sua sintetizada cartilha, elaborada com vistas ao alunado dos anos iniciais do Ensino Primário.

Para que se possa compreender os meandros relacionais entre o professor Coelho Sampaio e a literatura didática, até a data de publicação da cartilha Nossas Lições, já no início dos anos 1950, é necessário retroceder as investigações à segunda metade da década de 1940. Em 1945, Sampaio, na condição de acadêmico do curso de Ciências Econômicas, foi eleito presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE). Em abril 1946, transcorreu-se a segunda sessão plenária do IV Congresso Estadual de Estudantes do Ceará (CEEC), que se delineava como um congresso estudantil universitário cearense vinculado à UEE. No referido evento, Sampaio já ocupava o posto de presidente da UEE, instituição representativa da União Nacional dos Estudantes (UNE) em território cearense. As programações, discursos e resumos das reuniões ordinárias e sessões solenes do IV CEEC foram amplamente divulgadas nas páginas dos jornais cearenses, sendo esse um momento de incisivo destaque para a figura de Coelho Sampaio no meio político e intelectual cearense, conforme já debatido no segundo tópico do primeiro capítulo desta tese.

Destaca-se, para as presentes discussões, uma dessas matérias, publicada no dia seguinte à realização da segunda sessão plenária do IV CEECE, no popular matutino diário da capital cearense, Gazeta de Notícias, mesmo jornal no qual se publicavam as colunas Ensino e Educação. O objetivo central desse escrito jornalístico parecia ser fazer veicular aos seus leitores os principais acontecimentos ocorridos na aludida ocasião. Contudo, o uso deste excerto se dará não para compreender historicamente os meandros da relação entre Coelho Sampaio e o movimento estudantil à época, mas sim para, a partir da observância de abreviados elementos, rastrear a sua relação com a literatura didática:

Na segunda sessão plenária, os congressistas receberam a visita do dr. Antonio Filgueiras Lima, Secretário de Educação e Saúde, que tomou parte nos debates, e, ontem, o Dr. Jorge Moreira da Rocha realizou uma palestra no

Congresso. O dr. Antonio Coêlho Sampaio, presidente da União Estadual dos Estudantes, propôs que o Congresso sugerisse ao governo a criação de escolas de ensino superior, técnico profissional; designação de uma comissão para elaborar um novo livro didático para as escolas primárias do interior; criação de colônias agrícolas, nas quais funcionarão anexas escolas rurais; e reforma do ensino comercial, tornando-o mais prático e objetivo. (CONGRESSO..., 1946, p. 2).

Inicialmente, torna-se relevante a observância de que o cargo de presidência na União Estadual dos Estudantes (UEE) oportunizou a Coelho Sampaio a tessitura de uma rede de sociabilidade mais estreita com personalidades à época consideradas avultosas, tais como o Secretário de Educação e Saúde do período. Há de se destacar, também, que o jornalista d'A Gazeta empregou a Sampaio o mesmo título, de doutor, concedido a Antonio Filgueiras Lima, renomado educador/escritor cearense, que também chegou a ser Diretor Geral da Instrução Pública do Estado do Ceará, nos anos 1930, e a Jorge Moreira da Rocha, que tinha atuação na advocacia, no ensino e na política cearense. Em perspectiva comparada, pode-se rastrear aspectos do modo com que Sampaio era visto em sociedade, naquele momento, como presidente da UEE, entidade de representação estudantil universitária.

Enfoca-se, contudo, na citação acima, que, na condição de presidente da UEE, Coelho Sampaio elegeu, como um dos encaminhamentos principais do IV Congresso Estadual de Estudantes do Ceará, uma proposta direcionada ao governo, acerca da criação de uma equipe para se dedicar à elaboração de uma literatura didática projetada especificamente para o Ensino Primário interiorano, talvez caracterizando um autoconvite. O que no excerto ora citado aparece como uma rápida menção a um Ensino Primário direcionado às populações do campo, no espaço da coluna Ensino e Educação esse elemento consta de modo mais pormenorizado. Desde o primeiro ano de publicação dos seus textos colunares na Gazeta de Notícias, em 1944, a temática do Ensino Rural figurou entre o rol das suas basilares preocupações atreladas à Educação.

A presente pesquisa localizou apenas uma produção didática cuja autoria é de Coelho Sampaio. Esta, contudo, não é direcionada ao público rural. Trata-se da 2ª edição⁹⁰ da Cartilha intitulada Nossas Lições: pontos para o 1º ano (Forte) e 2º ano primário, lançada no ano de 1954, pela longeva editora Tipografia Minerva. Acerca de um breve histórico da editora

⁹⁰ Não foram localizados registros referentes à 1ª edição da cartilha Nossas Lições, nem mesmo sua primeira data de publicação.

e corroborando para a compreensão do que podia significar, à época, o prestígio de ter um material didático publicado e reeditado pela referida editora, observe-se:

Em Fortaleza, no dia 15 de março daquele mesmo ano [1892], era fundada pelo livreiro Gualter Rodrigues da Silva, sob o signo da deusa romana protetora das artes, a Tipografia Minerva. [...] Dentre as publicações editadas pelo seu primeiro proprietário merecem destaque duas obras: "A Fome", de Rodolfo Teófilo, em 1890, e as "Lendas e Canções Populares", de Juvenal Galeno, em 1892, esta, certamente impressa na nova tipografia. [...]. (CÂMARA, 1993, p. 212).

Apontada como uma "tradicional indústria gráfica", a Tipografia Minerva, à época, publicava obras de renomados autores cearenses e era dotada de considerável prestígio. Intelectuais como Rodolfo Teófilo e Juvenal Galeno, conforme fora destacado na citação acima, já eram, à época, grandes expoentes da literatura cearense e tiveram alguns de seus títulos publicados na Tipografia Minerva.

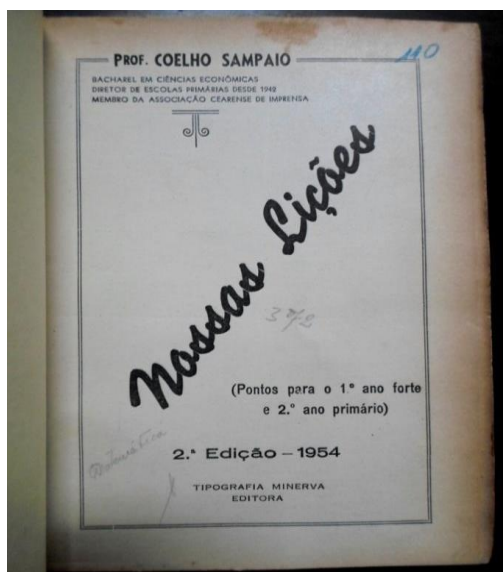
Nascido em Salvador – BA no ano de 1856 e vindo com um mês e meio de idade para Fortaleza - CE, Rodolpho Theóphilo, ficou muito conhecido por suas narrativas atentas à questão da seca e suas intempéries, haja vista que o referido escritor, em sua experiência pessoal de vida "participou de 8 grandes secas em 1862, de 1877 a 1890, em 1900, em 1915 e em 1919, nas quais proliferavam sempre pestes como tifo, febre-amarela, cólera e varíola." (SOÁREZ, 2009, p. 198). No rol de suas principais obras, pontuadas por Soárez (2009), os primeiros livros desse escritor Realista-Naturalista foram publicados no início da penúltima década do século XIX e continuou ativa até o início dos anos 1930. Sua publicação mais popular, que também foi seu primeiro romance, intitulada de A Fome, por exemplo, data de 1890.

O poeta Juvenal Galeno, nascido no ano de 1836 em Fortaleza - CE, imprime em suas obras questões substanciais da vida sertaneja, além de "constante presença do povo brasileiro, por meio da expressão e da valorização de sua cultura e de suas experiências de vida". (SOUSA; SILVA, 2017, p. 22). Sua primeira obra, intitulada Prelúdios Poéticos foi publicada em meados do século XIX, no ano de 1856. O mesmo é apontado com recorrência na História da Literatura no Ceará como sendo a primeira obra da literatura cearense. Autores como Linhares (1948) o referenciam como marco precursor e inaugural do Romantismo no Ceará.

A cartilha intitulada Nossas Lições, elaborada pelo autor das colunas Ensino e Educação, foi pesquisada na Fundação Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, em excelente estado de conservação. O referido material didático não estava disponível para consulta de modo individual. O mesmo integrava um bloco com outras publicações distintas,

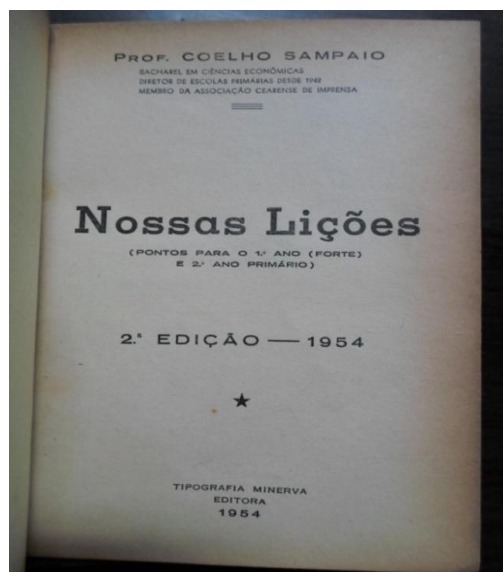
no formato de um livro de lombada sem encadernação aparente. Nas figuras 23, 24, 25 e 26 podem ser observadas as quatro primeiras laudas da produção didática de Coelho Sampaio. As imagens mencionadas correspondem a, respectivamente, capa da cartilha, folha de controle referente à tiragem da publicação, contracapa e dedicatória.

Figura 24 – Capa da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



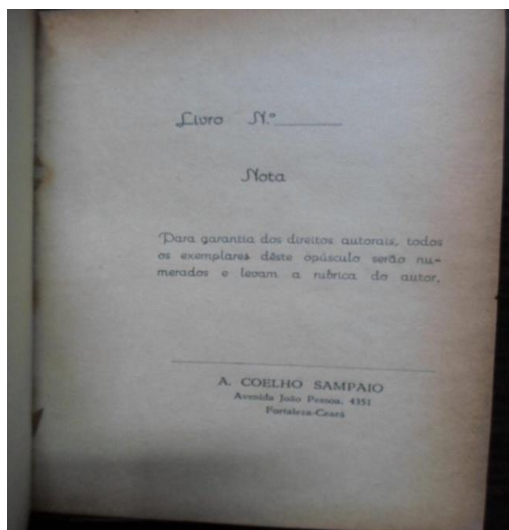
Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

Figura 23 – Folha de rosto da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



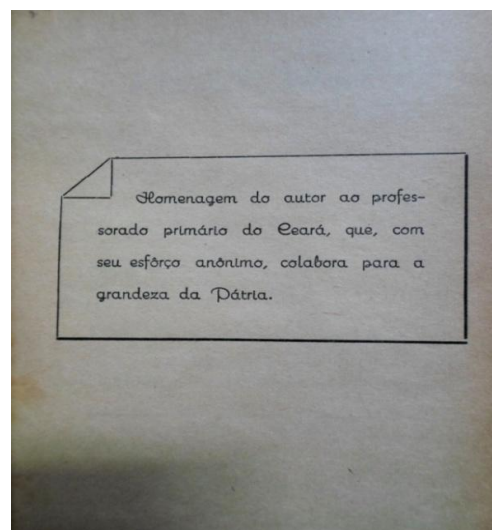
Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

Figura 26 – Página de direitos autorais da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio- 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

Figura 25 – Dedicatória da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

Na figura 25, é possível observar a lauda de controle da tiragem da cartilha *Nossas Lições*. Na parte superior da página consta uma lacuna a ser preenchida à mão, referente à contagem dos títulos em circulação. Ao centro da lauda, pontua-se: "Para garantia dos direitos autorais, todos os exemplares dêste opúsculo serão numerados e levam a rubrica do autor". Ao fim da mesma página em questão, há um espaço destinado à assinatura de Coelho Sampaio, constando a abreviação de seu primeiro nome: Antônio. Abaixo de sua assinatura, há o endereço da sede do Instituto São Raimundo, à época, situado já na Avenida João Pessoa, nº 4351, na capital cearense. A partir da folha de controle de tiragem da cartilha em questão, é possível ter por hipótese que esse acompanhamento individualizado de cada exemplar, ainda que tivesse por objetivo primordial atentar à garantia do repasse dos direitos autorais, não sugerisse uma intensa circulação da mesma.

Há de se destacar, ainda, o contexto educacional cearense de circulação da cartilha *Nossas Lições*. A porcentagem relacionada à população infantil em idade escolar correspondente ao Ensino Primário, que de fato frequentavam instituições escolares, era ínfima. Conforme a autora Marcilio (2016), em volumoso e detalhado estudo sobre a História da Alfabetização no Brasil, os precários índices de escolarização eram latentes no território brasileiro:

A desigualdade econômica regional teve sempre reflexos profundos nas desigualdades educacionais. Pelo censo de 1940, havia estados em que apenas 15% ou menos das crianças de 5 a 11 anos estavam nas escolas: Piauí (12,6%), Ceará (15,5%), Paraíba (12,6%), Sergipe (15,4%) e Goiás (12,2%). Em situação inversa e privilegiada, o Rio de Janeiro (46,8%) e São Paulo (32,7%) conseguiram colocar as maiores porcentagens de crianças na escola; mesmo assim, eram níveis bem baixos. (MARCILIO, 2016, p. 349).

A partir do panorama nacional exposto pela autora, com informações coletadas do Censo referente à década em análise nesta tese, o decênio de 1940, observa-se que o contexto cearense de pouco acesso à educação formal não é algo isolado. Tratava-se, ao inverso, de um problema nacional, no qual mesmo os estados brasileiros que duplicavam ou triplicavam as porcentagens cearenses, ainda lutavam para alcançar, pelo menos, metade de sua população em idade escolar dentro das instituições de ensino.

Pondo em perspectiva a situação educacional interiorana no Ceará e no Brasil, como um todo, intensificavam-se os agravamentos. A partir de dados advindos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e do Ministério da Educação e Saúde (MES), alertam Faria Filho e Vidal (2000):

A educação primária em tempo integral, entretanto, não era o maior desafio que se apresentava para educadores no fim da década de 1940. A extensão da

rede escolar para o interior, zonas de fronteira e de colonização imigrante no sul do país, parecia requerer medidas mais imediatas. [...]Toda a argumentação, entretanto, sinalizava para um divisor de águas: ensino urbano e rural. Os melhores edifícios e a maioria das matrículas encontravam-se nas cidades. O campo era apresentado como lócus da carência. De fato, afirmavam que praticamente toda a população em idade escolar (7 a 12 anos) não acolhida pela escola localizava-se nas zonas rurais. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 31).

Nesse contexto de escassez de oportunidades educacionais, circulara a cartilha *Nossas Lições*, de Coelho Sampaio. Nas figuras 23 e 24, correspondentes à capa e à contracapa da cartilha elaborada pelo autor, entre os diversos elementos que podem ser rastreados a partir de sua consulta, como indicação de editora (Tipografia Minerva), número (2º) e ano (1954) da edição, título (*Nossas Lições*) e subtítulo (Pontos para o 1º ano (forte) e 2º ano primário), merecem destaque as informações presentes na parte superior da página: o modo com que Sampaio buscou legitimar a publicação didática em análise.

Na parte superior das referidas figuras, é possível observar que o campo referente à autoria é exposto como Prof. Coelho Sampaio, seguido de uma seleção das suas principais vinculações à época. Além de se autorreferenciar como professor, o autor das colunas Ensino e Educação destacou os seguintes âmbitos de sua atuação: bacharel em Ciências Econômicas, diretor de escolas primárias desde 1942 e membro da Associação Cearense de Imprensa (ACI). Desse modo, Sampaio optou por avultar, em sua produção didática, aspectos que legitimassem a sua autoria no segmento da literatura didática.

Torna-se relevante observar que o primeiro desses elementos curriculares posto em ênfase em *Nossas Lições* foi a sua formação acadêmica. Ainda que não houvesse relação direta entre os conhecimentos pedagógicos e os conhecimentos econômicos, Coelho Sampaio optou por destacar seu vínculo com o ambiente universitário, em um período no qual a academia lhe rendia o emprego do título de doutor junto a seu nome, em vezes recorrentes na *Gazeta de Notícias*.

Contudo, um trecho da obra do influente intelectual cearense Americo Barreira, professor do ensino secundário, bacharel em Direito, Delegado Regional de Ensino, jornalista e vereador de Fortaleza, conduz a indícios de que a formação em Economia, na década de 1940, talvez não estivesse situada em tamanho hiato em relação às questões educacionais: "O problema educacional de um povo é questão eminentemente técnica que não se póde resolver sem o conhecimento profundo de todo o complexo social, sobretudo no que respeite à geografia, à antropogeografia e à economia." (BARREIRA, 1949, p. 17).

O intelectual coetâneo Americo Barreira foi enfático: não é possível resolver os problemas educacionais sem, entre outras ciências, a economia. Essa e outras tantas premissas foram publicadas em uma obra caracterizada pelo próprio autor como um ensaio sócio-pedagógico sobre a Escola Primária no Ceará. Esse livro se trata de uma transcrição das suas teses educacionais, originalmente apresentadas no 8º Congresso Brasileiro de Educação, em Goiana, no ano de 1942, sendo, inclusive, publicado em seus Anais, com parecer favorável e elogioso. Anos depois, em julho de 1949, suas ponderações foram novamente apresentadas no 1º Congresso de Municípios Cearenses, ocorrido em Fortaleza. A partir desses indícios, a crença de que o domínio dos assuntos advindos das Ciências Econômicas se configurava como essencial para se debater questões educacionais, parece ser legitimada por outros intelectuais à época, o que, uma vez mais, faz perceber que Coelho Sampaio não era uma voz isolada em seu contexto histórico.

Em seguida, em sua seleção, Sampaio destacou a sua atuação pedagógica a partir do cargo de gestão que ocupara: a direção escolar. Apesar de tê-lo feito no plural, afirmando-se como diretor de escolas primárias desde o ano de 1942, a presente pesquisa documental somente teve acesso à informação de fundação e direção do Instituto São Raimundo por Coelho Sampaio.

A partir da análise da seção Apresentação da cartilha Nossas Lições, é possível se rastrear alguns aspectos da produção desse material didático, seus objetivos, público-alvo, assim como algumas articulações com a coluna Ensino e Educação:

Ao escrever "NOSSAS LIÇÕES" não tive outro intuito senão o de ajudar as crianças que estudam, facilitando-lhes os conhecimentos mais necessários e indispensáveis ao início do Curso Primário, tais como Português, Aritmética, Geografia e História. As outras matérias, que devem também ser estudadas, pelo aluno, (Ciências, Higiêne, Instrução Moral e Cívica, etc.) podem desenvolver-se na aula de leitura. Entretanto, cumpre-me lembrar aos srs. Pais o seguinte: exercer rigorosa fiscalização, diária, no estudo dos filhos. Êstes devem ter horas reservadas para o estudo – e não apenas para fazer os trabalhos escritos. Esperando que sejam desculpados os êrros de composição ou datilografia, naturais num trabalho como êste, feito às pressas, recebo, com prazer, qualquer sugestão do Professorado Primário, para melhorá-lo, no sentido objetivo da aprendizagem. Fort. Ce. Junho, 1953. O AUTOR. (SAMPAIO, 1953, p. 6).

Aceitar sugestões dos colegas de profissão, ou seja, de outros profissionais docentes, em relação ao manual didático produzido, se constituía como prática corriqueira na literatura didática. Na cartilha intitulada Caderno de Alfabetização, cuja primeira edição atine ao ano de 1941, elaborada pela professora Saturnina de Almeida Fagundes, docente do Grupo

Escolar Matilde Vieira (Avaré – SP), indicou-se instruções para comunicação epistolar: "Toda a correspondência póde ser endereçada à autora diretamente (Saturnina de Almeida Fagundes - Grupo Escolar Matilde Vieira - Cidade de Avaré - Estado de São Paulo)". (FAGUNDES, 1941, p. 5). Embora não tenha sido veiculado o endereço postal detalhado da autora, consta nas páginas introdutórias da referida produção didática a sua abertura às possíveis colaborações e/ou sugestões advindas do professorado à época, semelhante ao que consta em *Nossas Lições*, de Coelho Sampaio.

Se, ao elaborar a cartilha em questão, Coelho Sampaio elegeu como objetivo primordial enfocar o aluno, buscando facilitar os seus processos de aprendizagem, optou por dedicar sua obra didática ao professorado primário cearense: "Homenagem do autor ao professorado primário do Ceará, que, com seu esforço anônimo, colabora para a grandeza da Pátria". (SAMPAIO, 1954, p. 3). Nesta dedicatória, o autor representou os professores como colaboradores anônimos em prol dos destinos pátrios, que dispensariam louros e exaltações na execução de suas funções educacionais.

A cartilha *Nossas Lições* era composta por 51 páginas, contava com simples diagramação, além da ausência de desenhos e impressão em cores, diferentemente de algumas outras produções didáticas saídas por editoras nacionais à época, como a Edições Melhoramentos, Companhia Editora Nacional, Editora do Brasil, entre outras. Contudo, acerca desse aspecto, torna-se relevante destacar alguns elementos de formatação e/ou diagramação desse tipo de material didático no período em análise. De acordo com Marcilio (2016), observe-se a citação abaixo:

[...]Grande parte das cartilhas editadas na primeira metade do século XX não primava por boa qualidade. A situação muda radicalmente depois desses anos. Quando saiu a primeira edição de *Upa, Cavalinho!*⁹¹, na década de 1950, esta foi recebida com os maiores elogios. Diz o professor Pfromm Neto: "Tratava-se de coisa nova para nós, para estes brasis, que já haviam aceitado como ponto passivo a exploração do livro escolar feito de qualquer maneira, impresso até em papel jornal, mal encadernado, incidindo em atentados contra a estética e às vezes, mesmo [...] mal escrito. (MARCILIO, 2016, p. 366).

A publicação intitulada *Upa, Cavalinho!* mencionada pela autora, é uma cartilha elaborada por Lourenço Filho (1957). Esse expressivo intelectual da Educação, que nos anos 1940 alcançou o posto de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), também se empenhou na escrita de cartilhas. Além do título citado, a *Cartilha do Povo: Para Ensinar a*

⁹¹ Optou-se por manter, na citação, o grifo em itálico da autora.

Ler Rapidamente, também é de sua autoria. Esta, publicada ainda nos anos 1920. Acerca da produção e circulação das cartilhas produzidas por Lourenço Filho, observe-se:

Teve ampla adoção nas escolas. A primeira edição é de 1928 e a última, 2204ª edição, de 1994. Conforme dados da editora Melhoramentos, foram produzidos mais de 10 milhões de exemplares. Um fato curioso da Cartilha do Povo foi a omissão do nome de seu autor até a 115ª edição, com o intuito de reforçar seu 'caráter popular'. A primeira edição [de Upa, Cavalinho!] é de 1957 e teve tiragem de 1 milhão de exemplares. Até 1970, data da última edição, a 12ª, foram produzidos mais de 2 milhões. A cartilha era acompanhada do 'guia do mestre' e, de 1956 a 1957, foram publicadas quatro edições desse guia, com a tiragem total de 120 mil exemplares. (MARCILIO, 2016, p. 365).

Figura 28 – Capa da Cartilha do Povo, de Lourenço Filho - 1944



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

Figura 27 – Capa da Cartilha do Povo, de Lourenço Filho - 1950



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

As Figuras 27 e 28 são referentes às capas dos exemplares da Cartilha do Povo - Para Ensinar a Ler Rapidamente, consultados na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, em sua 286 e 706ª edição, respectivamente. O manual didático de Lourenço Filho não foi elaborado somente com vistas ao ensino escolar. Pela sua intenção e caráter popular, previa a utilização da cartilha por professoras leigas em suas casas, por exemplo. Torna-se relevante observar a mudança significativa nas imagens das capas acima, sobretudo no tocante à representação feminina adulta. Em relação às crianças, as mesmas aparentemente estão em

idade escolar e permanecem com características semelhantes. Em ambas as edições constam meninos e meninas, com o diferencial de que na 286 edição as crianças aparecem de modo mais observador, voltando seus olhares atentos e curiosos para o livro. Na 706ª edição, há também um menino e uma menina com postura de expectadores, diferentemente de seus colegas, que apontam para algum conteúdo do livro que todos olham, sugerindo pontos específicos de curiosidade em face à produção escrita em questão. A representação imagética da mulher adulta, contudo, possui uma discrepância mais acentuada. Na edição de 1944, não é possível distinguir se a mulher que segura – e provavelmente lê – o livro ao qual as crianças observam, é uma professora ou não. Poder-se-ia tratar, também, de uma mãe. Na edição de 1950, já fica mais nítido que a mulher adulta representada em imagem é uma professora primária. Seus trajés sugerem ser um uniforme e o objeto que segura, um bastão apontador, arrematam a interpretação.

A cartilha de Coelho Sampaio, até mesmo pela página de controle da tiragem que deveria ser preenchida à mão, a partir de um acompanhamento pormenorizado de cada exemplar, não parece ter tido ampla repercussão, na contramão do cenário editorial exposto acima em período coetâneo. A subdivisão escolhida por Coelho Sampaio em sua cartilha compunha-se, inicialmente, em duas disciplinas: Português (I - Alfabeto, II - Sílabas e Palavras, III - Nomes Próprios e Comuns, IV - Os Acentos, V - Singular e Plural, VI - Masculino e Feminino, VII - Separação de Palavras, VIII - As Pessoas Gramaticais, IX - O Verbo, X - As Orações), Aritmética (I - Definição de Aritmética e Quantidade⁹², II - Leitura dos Números, III - Somar, IV - Diminuir, V - Multiplicar, VI - Dividir, VII - Multiplicação por 10, 100 e 1000, VIII - Algarismos Árabes e Romanos, IX - Números Pares e Ímpares, X - Tipos de Problemas).

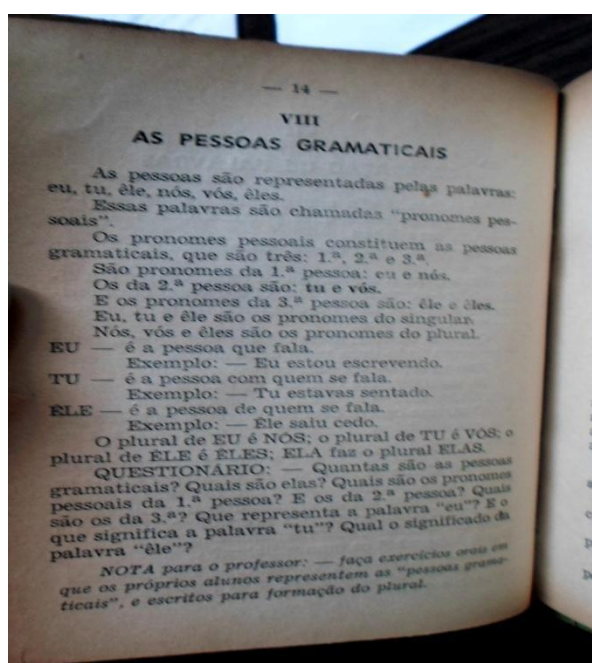
Após a abordagem dos conteúdos advindos da Língua Portuguesa e dos conhecimentos aritméticos, a cartilha de Coelho Sampaio procedeu com a abordagem da seção intitulada Conhecimentos Gerais. Esta dividia-se em Geografia (I - Orientação, II - O Tempo, III - O Tempo (Continuação), IV - Os Astros, V - A Terra, VI - O Brasil, VII - O Ceará, VIII - Meios de Transporte, IX - Meios de Comunicação, X - Aspectos do Brasil) e História (I - O Descobrimento da América, II - O Descobrimento do Brasil, III - Os Índigenas, IV - O Ceará, V - Os Escravos, VI - A Independência, VII - Proclamação da República, VIII - Feriados, IX - Os Símbolos da Pátria, X - Principais Vultos do Brasil).

⁹² O ponto I da Disciplina de Aritmética não está nomeado. Para melhor compreensão do leitor, procedeu-se com a síntese do ponto indicado.

Observe-se, nas figuras 29, 30, 31 e 32 as imagens correspondentes a 4 (quatro) lições representativas de cada uma das disciplinas escolares acima detalhadas, para que se observe o modo com que Coelho Sampaio selecionou os conteúdos abordados em sua cartilha, os questionários formulados para cada lição, além das "notas para o professor" e as observações com tom de advertência e conselhos para os educandos.

A lição representativa do conteúdo de Língua Portuguesa é a VIII e intitula-se As Pessoas Gramaticais:

Figura 29 – Página 14 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ).

VIII - AS PESSOAS GRAMATICAI

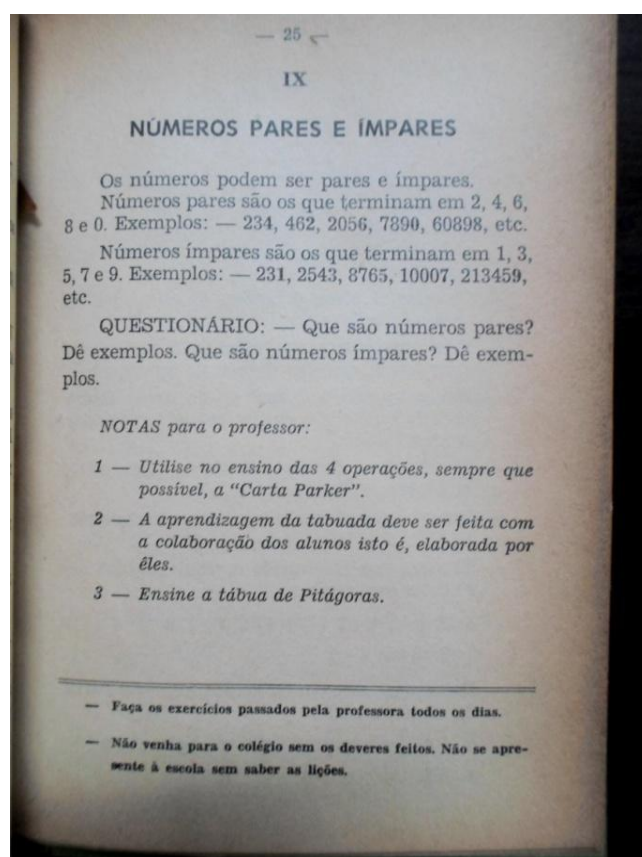
As pessoas são representadas pelas palavras: eu, tu, êle, nós, vós, êles. Essas palavras são chamadas 'pronomes pessoais'. Os pronomes pessoais constituem as pessoas gramaticais, que são três: 1.^a, 2.^a e 3.^a. São pronomes da 1.^a pessoa: eu e nós. Os da 2.^a pessoa são: tu e vós. E os pronomes da 3.^a pessoa são: êle e êles. Eu, tu e êle são os pronomes do singular. Nós, vós e êles são os pronomes do plural. EU - é a pessoa que fala. Exemplo: - Eu estou escrevendo. TU - é a pessoa com quem se fala. Exemplo: - Tu estavas sentado. ÊLE - é a pessoa de quem se fala. Exemplo: - Êle saiu cedo. O plural de EU é NÓS; o plural de TU é VÓS; o plural de ÊLE é ÊLES; ELA faz o plural ELAS.

QUESTIONÁRIO: - Quantas são as pessoas gramaticais? Quais são elas? Quais são os pronomes pessoais da 1.^a pessoa? E os da 2.^a pessoa? Quais são os da 3.^a? Que representa a palavra 'eu'? E o que significa a palavra 'tu'? Qual o significado da palavra 'êle'?

NOTA para o professor: - faça exercícios orais em que os próprios alunos representem as 'pessoas gramaticais', e escritos para formação do plural. (SAMPAIO, 1954, p. 14).

A lição representativa do conteúdo de Aritmética intitula-se Números Pares e Ímpares e pode ser observada na Figura 30:

Figura 30 – Página 25 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ)

IX - NÚMEROS PARES E ÍMPARES

Os números podem ser pares e ímpares. Números pares são os que terminam em 2, 4, 6, 8 e 0. Exemplos: - 234, 462, 2056, 7890, 60898, etc. Números ímpares são os que terminam em 1, 3, 5, 7 e 9. Exemplos: - 231, 2543, 8765, 10007, 213459, etc.

QUESTIONÁRIO: - Que são números pares? Dê exemplos. Que são números ímpares? Dê exemplos.

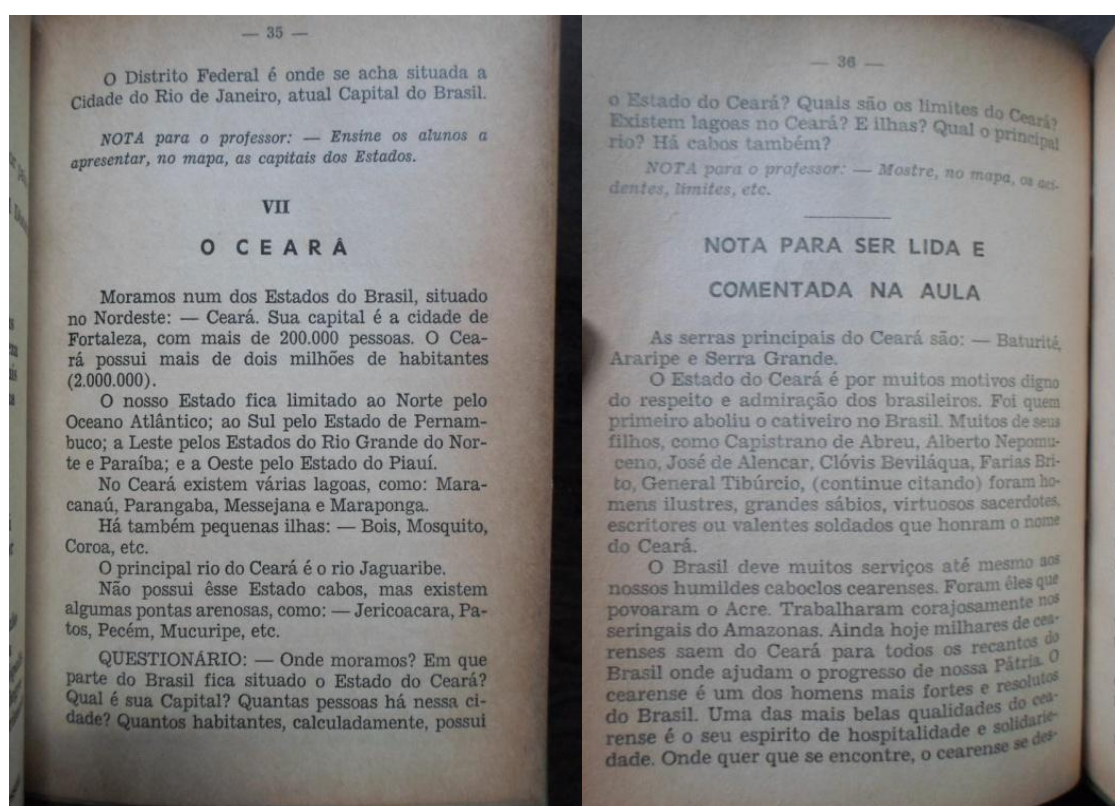
NOTAS para o professor:

- 1- Utilise no ensino das 4 operações, sempre que possível, a 'Carta Parker'.
- 2 - A aprendizagem da tabuada deve ser feita com a colaboração dos alunos isto é, elaborada por eles.
- 3 - Ensine a tábua de Pitágoras.

- Faça os exercícios passados pela professora todos os dias.
- Não venha para o colégio sem os deveres feitos. Não se apresente à escola sem saber as lições. (SAMPAIO, 1954, p. 25).

A lição representativa da disciplina Geografia, inserida na seção direcionada aos Conhecimentos Gerais juntamente com História, é a VII das X lições relativas ao conhecimento geográfico e intitula-se O Ceará:

Figura 31 – Páginas 35 e 36 da coluna Ensino e Educação, de Coelho Sampaio - 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ)

VII - O Ceará

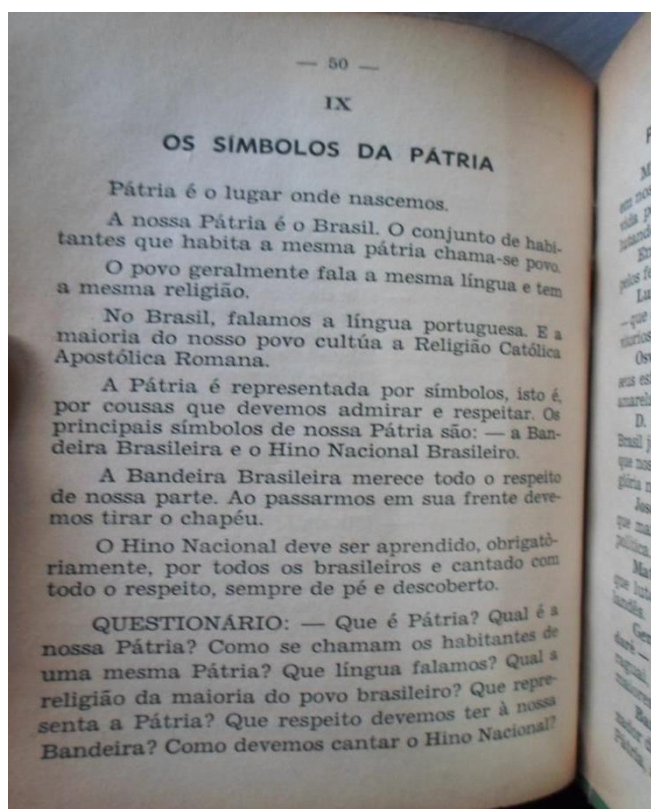
Moramos num dos Estados do Brasil, situado no Nordeste: - Ceará. Sua capital é a cidade de Fortaleza, com mais de 200.000 pessoas. O Ceará possui mais de dois milhões de habitantes (2.000.000). O nosso Estado fica limitado ao Norte pelo Oceano Atlântico; ao Sul pelo Estado de Pernambuco; a Leste pelos Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba; e a Oeste pelo Estado do Piauí. No Ceará existem várias lagoas, como: Maracanaú, Parangaba, Messejana e Maraponga. Há também pequenas ilhas - Bois, Mosquito, Coroa, etc. O principal rio do Ceará é o rio Jaguaribe. Não possui esse Estado cabos, mas existem algumas pontas arenosas, como - Jericoacara, Patos, Pecém, Mucuripe, etc.

QUESTIONÁRIO: - Onde moramos? Em que parte do Brasil fica situado o Estado do Ceará? Qual é a sua Capital? Quantas pessoas há nessa cidade? Quantos habitantes, calculadamente, possui o Estado do Ceará? Quais são os limites do Ceará? Existem lagoas no Ceará? E ilhas? Qual o principal rio? Há cabos também?

NOTA para o professor: - Mostre, no mapa, os acidentes, limites, etc. (SAMPAIO, 1954, p. 35-36).

A lição representativa da disciplina História, que compunha a seção intitulada Conhecimentos Gerais juntamente com Geografia, é a IX das X lições relativas ao conhecimento histórico e é denominada de Os Símbolos da Pátria:

Figura 32 – Página 50 da cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio - 1954



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Nacional (RJ)

IX - OS SÍMBOLOS DA PÁTRIA

Pátria é o lugar onde nascemos. A nossa Pátria é o Brasil. O conjunto de habitantes que habita a mesma pátria chama-se povo. O povo geralmente fala a mesma língua e tem a mesma religião. No Brasil, falamos a língua portuguesa. E a maioria do nosso povo cultúa a Religião Católica Apostólica Romana. A Pátria é representada por símbolos, isto é, por cousas que devemos admirar e respeitar. Os principais símbolos de nossa Pátria são: - a Bandeira Brasileira e o Hino Nacional Brasileiro. A Bandeira Brasileira merece todo o respeito de nossa parte. Ao passarmos em sua frente devemos tirar o chapéu.

O Hino Nacional deve ser aprendido, obrigatoriamente, por todos os brasileiros e cantado com todo o respeito, sempre de pé e descoberto.

QUESTIONÁRIO: - Que é Pátria? Qual é a nossa Pátria? Como se chamam os habitantes de uma mesma Pátria? Que língua falamos? Qual a religião da maioria do povo brasileiro? Que representa a Pátria? Que respeito devemos ter à nossa Bandeira? Como devemos cantar o Hino Nacional? (SAMPAIO, 1954, p. 50).

O início da produção e circulação de materiais didáticos no formato de cartilhas em território brasileiro é profundamente interligado à história da alfabetização Conforme Mortatti (2012, p. 5): "As primeiras cartilhas brasileiras, produzidas no final do século XIX sobretudo por professores fluminenses e paulistas a partir de sua experiência didática [...] circularam em várias províncias/estados do país e por muitas décadas". A mesma autora ainda demarca o período correspondente a meados dos anos 1930 como um marco relacionado à produção dos chamados manuais do professor, postos em circulação juntamente às cartilhas. Essa característica também se relaciona aos ideais preparatórios direcionados aos diferentes níveis de ensino e seus correlatos exames de admissão.

A cartilha Nossas Lições, de Coelho Sampaio, até mesmo por seu diminuto formato, não agregava consigo um manual específico direcionado ao professor. Contudo, ao longo de suas páginas e lições, haviam breves direcionamentos e sugestões relativos à utilização da cartilha em sala de aula.

Há de se destacar que a única matéria escolar presente na cartilha Nossas Lições que não apresentou a seção Notas ao Professor foi a disciplina de História. Esta, procedeu apenas com os textos conceituais referentes aos conteúdos selecionados para a cartilha, seguidos de questionários mnemônicos e advertências direcionadas aos alunos em letras maiúsculas e/ou destacadas em negrito, comumente explicitadas ao rodapé da página: "NÃO ARRANQUE AS FOLHAS DO SEU CADERNO!" e "NÃO RISQUE SEUS LIVROS", além de outras observações voltadas para os discentes, tais como:

OBS: - Tenha cuidado com os seu cadernos. Organize-os, separadamente, um para cada coisa que a professora exige - 1 p/ ditado, 1 p/ contas, etc." [...] "E' DEVER DO ALUNO: 1 - Ter especial zêlo pelos objetos escolares; 2 - Respeitar os professores e seus colegas; 3 - Conhecer o horário escolar e observá-lo rigorosamente, preparando suas lições em casa; 4 - Não faltar às aulas." [...] "Procure ser um bom aluno, obtendo boas notas, a fim de passar nos exames." [...] "IMPORTANTE: Quando não compreender um ponto, peça explicação". [...] "Faça os exercícios passados pela professora todos os dias. Não venha para o colégio sem os deveres feitos. Não se apresente à escola sem saber as lições." [...] OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: - Estude bem TODOS êsses pontos, procurando compreendê-los, com o auxílio da professora, não apenas quando forem marcados 'como dever de casa', mas esteja sempre

passando uma vista neles. São importantes como base para o 3.º ano. Faça os exercícios passados pela professora todos os dias. (SAMPAIO, 1954, p. 16 *et seq*).

Destaque-se, ainda, que a maioria das observações acima citadas foram postas repetidamente nas páginas da cartilha elaborada por Coelho Sampaio, sobretudo as referentes à enumeração dos deveres do aluno, ao zelo pela manutenção da integridade do material didático e à assiduidade nos exercícios propostos pela professora, à frequência escolar e à obtenção de notas consideradas satisfatórias.

De modo sintomático, Bittencourt (2008), intitula uma das seções de sua célebre obra sobre a história dos materiais didáticos no Brasil no período de um século, entre os anos 1810 e 1910, de Transgressões. Tal denominação indica uma questão fundamental explorada pela autora e que se interliga às possibilidades analíticas direcionadas às múltiplas advertências ao aluno, inseridas por Coelho Sampaio em sua cartilha. A própria existência dessas normas acerca do que se considerava zelar pelo material didático, escritas no imperativo e em letras maiúsculas, carimbando diversas páginas da diminuta cartilha *Nossas Lições*, indica que a transgressão dessas ordens ao rodapé das folhas, era rotineira. Essa problemática, contudo, era uma questão secular:

Os livros didáticos que passaram pelas mãos dos alunos mostram relações entre a escrita e o texto impresso que nem sempre foram condizentes com as normas prescritas. O livro, objeto sagrado, foi profanado por alguns alunos. Escrever no livro didático era uma contravenção, mas, no convívio da sala de aula, alunos rabiscavam, acrescentavam informações, divagavam ou se comunicavam por intermédio do 'objeto sagrado'⁹³. Os livros doados ou adquiridos nos 'sebos' são reveladores desta faceta de 'transgressão' de normas rígidas e das formas estabelecidas pelos alunos em relação ao livro. É comum encontrar as marcas dos pontos que deviam ser estudados ou que haviam sido explicados pelos professores. Encontram-se marcas com 'X' os trechos estudados e os excluídos eram assinalados por um 'não'. Podemos, por estas informações dos próprios alunos, nos certificar em que medida uma disciplina cumpria o programa determinado oficialmente [...] Os alunos acrescentavam frases dos professores ou destacavam alguns trechos mais significativos nas margens dos livros. (BITTENCOURT, 2008, p. 215).

⁹³ No período perscrutado por Bittencourt (2008) - entre os anos de 1810 e 1910 houve, a título de exceção, a percepção de uma editora que, ao observar que a prática de se fazer anotações nos manuais didáticos se configurava como algo recorrente, apesar de comumente proibido, apropriou-se da seguinte forma dessas marcas de leitura: "Interessante foi a decisão de uma editora que, provavelmente, tentando evitar as anotações nas margens do livro, incluiu folhas sublinhadas entre cada página impressa. O usuário do livro deveria fazer as anotações e complementações em tais espaços, destacando trechos e acontecimentos a serem estudados. (BITTENCOURT, 2008, p. 2015).

Ademais, em recorrentes vezes, essas anotações às margens das páginas dos livros didáticos desvelam questões que atinam para muito além dos conteúdos nelas abordadas. Assuntos como as inquietações do próprio aluno no universo da cultura escolar, questões próprias do seu presente, acerca de seus colegas, os dramas da vida cotidiana, as paixões, etc., podem ser acessados por essas marcas escritas à mão nos materiais didáticos. No bastante reeditado manual didático de Filgueira Sampaio, *Meus Deveres*, no subtópico de seu apêndice *Noções de Civilidade*, intitulado *Procedimentos Incorretos e Gestos Deselegantes*, consta um abecedário, no qual destaca-se: "O que um escolar deve evitar a todo custo, para não ser considerado um elemento incivil e mal-educado: t) estragar os livros e demais utensílios escolares." (SAMPAIO, 1962, p. 148).

Um dos limites de não se abordar aspectos atinentes à circulação e à apropriação – no sentido de consumo – dos manuais didáticos, evocando, portanto, conceitos essenciais para Chartier (1996), é não exceder aos processos de produção dos materiais em questão, às intenções do autor e aos aspectos de conteúdo das obras didáticas. Isto é, não se teve acesso aos dados sobre a forma com que esses artefatos culturais eram lidos e utilizados pelo alunado à época. Para o referido autor, expoente da História Cultural, "a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados." (CHARTIER, 1996, p. 77). Contudo, a par da consciência da relevância advinda das possibilidades de pesquisa pautadas nas formas de recepção dos livros didáticos, destaca-se, novamente, o aspecto relacionado às limitações das fontes investigadas.

5.2. "Tudo ali é Brasil": vestígios da literatura didática.

No prefácio ao que pode ser considerada a primeira Tese de Doutorado que elegeu como objeto de estudo o livro didático brasileiro⁹⁴, defendida em 1993 por Circe Bittencourt, Alain Chopin é enfático: "A história do livro e da edição escolares foi durante muito tempo negligenciada pelos pesquisadores apesar do papel que, pelo menos há dois séculos, tem-se atribuído aos manuais na formação das mentalidades coletivas" (BITTENCOURT, 2007, p. 9). De acordo com o pesquisador francês, os diversos tipos de manuais didáticos são fontes históricas essenciais para compreender as nuances e inter-relações entre realidade material e o

⁹⁴ O autor denomina o estudo em questão de: "[...] ato fundador da pesquisa sobre o manual escolar no Brasil." (CHOPIN, 2007, p. 12 apud BITTENCOURT, 2008).

universo cultural, assemelhando-se a tradicionais elementos do campo simbólico como bandeiras e moedas. Nesse sentido, compreende-se que os materiais didáticos permitem entrever a "história de uma nação, que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país". (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p. 103). Entre a relevância explicitada e os esforços investigativos, parece haver um descompasso. Ainda de acordo com as autoras em questão, tem-se que o:

O livro didático é o primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. Sua história é das mais esquecidas e minimizadas, talvez porque os livros didáticos não são conservados, suplantado seu "prazo de validade". Por outro lado, ele é o primo-rico das editoras: as primeiras e as mais antigas já o incluíam em seus catálogos, e as atuais e mais modernas sonham com dispor de um ou mais títulos adotados por professores, escolas ou Secretarias de Educação. A vendabilidade do didático é certa, conta com o apoio do sistema de ensino e o abrigo do Estado, é aceita por pais e educadores. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p. 102).

Ante às múltiplas potencialidades explicitadas dos materiais didáticos como fontes históricas, o presente tópico objetiva analisar alguns materiais didáticos que circularam no período em análise, destacando a análise do livro de leitura denominado *A Criança do Brasil*, citado e elogiado por Sampaio na coluna *Ensino e Educação*. Serão analisados, ainda, outros livros escolares pesquisados em acervos como o Laboratório de Ensino de História da USP, na cidade de São Paulo e no Plebeu Gabinete de Leitura, na cidade de Fortaleza. As referidas produções didáticas são: *Meus Deveres*, cujo o autor é Filgueiras Sampaio; *Caderno de Alfabetização*, da professora Saturnina de Almeida Fagundes, *O Tesouro da Criança*, de Antonio D'Ávila e *Brasil Unido*, de Maria Luiza Britto de Carvalho. Os critérios de seleção justificam-se pelo cotejamento da problemática do livro *A Criança do Brasil*, indicado por Sampaio.

O processo de escolha dos referidos materiais didáticos não se deram pelo critério de terem sido publicadas por editoras cearenses ou escritas somente por escritores cearenses, haja vista que as obras didáticas utilizadas pelo alunado cearense no período em escrutínio, não advinham somente de editoras do Ceará ou exclusivamente por autores cearenses. A própria coleção de livros didáticos indicada por Coelho Sampaio na coluna *Ensino e Educação*, intitulada *A Criança do Brasil*, por exemplo, eram saídos pela Editora do Brasil S/A, situada em sede principal na cidade de São Paulo (SP), apesar de possuir, no final dos anos 1940, sedes

em outros Estados do Sudeste e também em Estados do Nordeste. De acordo com Filgueiras (2011), as principais editoras que lograram destaque no mercado editorial didático no Brasil dos anos de 1930 e 1940 foram:

A Companhia Editora Nacional (criada em 1925); a Editora do Brasil (criada em 1943); a Coleção FTD (criada em 1902); a Companhia Melhoramentos (adquirida pela Weiszflog Irmãos & Cia nos anos 1920); a Saraiva (antiga Livraria Acadêmica, criada em 1914); e a Francisco Alves (que atuava desde o século XIX). (FILGUEIRAS, 2011, p. 19).

Outro indício dessa circulação fluida e efervescente de materiais didáticos no Ceará dos anos 1940 produzidos por editoras de outras regiões do Brasil remete ao manual didático intitulado *Meus Deveres*⁹⁵ (originalmente publicado como *Minhas Lições*⁹⁶), direcionado ao público do 4º ano do Ensino Primário também chamado de quarto grau primário, cuja autoria é de Filgueira Sampaio⁹⁷, inserido na Coleção Didática do Brasil, da Série denominada de Antônio Bezerra. Além de conter exercícios e testes de Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil e Conhecimentos Gerais, o autor fez circular, em seus apêndices, uma seção intitulada *Noções de Civilidade*. Conforme o autor: "CIVILIDADE é, pois, a maneira simpática, fidalga e bem-educada de se portar na sociedade. Chama-se ainda bons costumes, educação ou etiqueta social. Ter educação é saber tratar com delicadeza e cortesia as pessoas a quem nos dirigimos ou aquelas que a nós se dirigem" (SAMPAIO, 1962, p. 145). Na prática, essas *Noções de Civilidade* eram fincadas em premissas cristãs, constando até mesmo o Código do Brasileiro Cristão.

O exemplar consultado em pesquisa documental foi o Volume IV da coleção, é a 9ª edição da obra, "revista, melhorada e acrescida", publicada já em 1962, o que sinaliza ampla demanda de reedição e provável vasta circulação. Contudo, sua 5ª edição data do ano de 1956 e a data provável de sua primeira edição situa-se entre o fim da década de 1940 até primeiro ano da década subsequente, haja vista que a obtenção da autorização de uso pela Secretaria de Educação e Saúde do Estado do Ceará ocorreu em 1951.

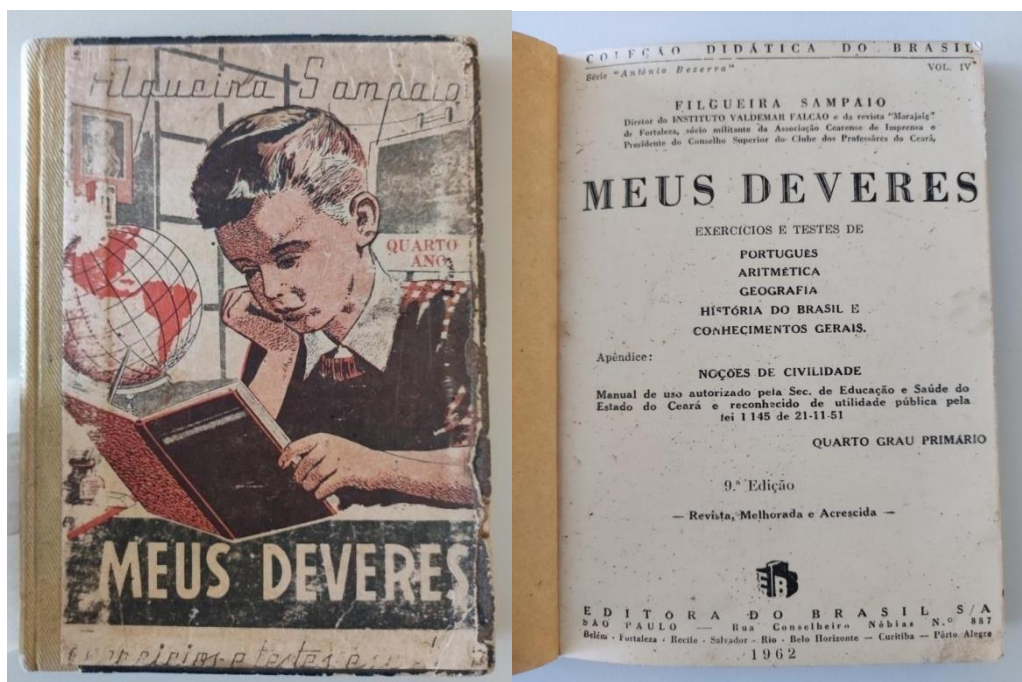
Observe-se a Figura 33, correspondente à capa e contracapa do manual didático *Meus Deveres*:

⁹⁵ Havia manual didático de título homônimo, da autoria de J. Pinto e Silva, com subtítulo *Educação Moral e Cívica*, editado pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.

⁹⁶ Apesar de se observar a semelhança entre os títulos das produções didáticas de Coelho Sampaio (*Nossas Lições*) e Filgueiras Sampaio (*Minhas Lições*), embora não tenha havido menção direta nas páginas de ambos.

⁹⁷ Embora os sobrenomes de Coelho Sampaio e Filgueiras Sampaio sejam homônimos, na presente pesquisa documental, não foram localizados elos biográficos entre os dois autores.

Figura 33 – Capa e folha de rosto do manual didático Meus Deveres - 1962



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca Estadual do Ceará

O manual didático *Meus Deveres*, de Filgueiras Sampaio, é permeado por diversos elementos que buscam expor vieses de legitimação da obra. Desde sua contracapa, observável na Figura 33, é possível notar dois desses dados. No início da página em questão, abaixo do nome do autor, há as vinculações do mesmo, de forma semelhante à cartilha *Nossas Lições* de Coelho Sampaio. A seleção de vínculos desempenhada pelo autor foi feita da seguinte maneira: "Diretor do INSTITUTO VALDEMAR FALCÃO e da revista 'Marajaig' de Fortaleza, sócio militante da Associação Cearense de Imprensa e Presidente do Conselho Superior do Clube dos Profesores do Ceará". (SAMPAIO, 1962, p. 1).

Ao centro da página, há o seguinte argumento de legitimidade: "Manual de uso autorizado pela Sec. de Educação e Saúde do Estado do Ceará e reconhecido de utilidade pública pela lei 1145 de 21-11-51". (SAMPAIO, 1962, p. 1). Na página seguinte à contracapa, utiliza-se o espaço integral de uma lauda para uma vez mais conferir legitimidade à sua obra no mercado editorial didático:

'MEUS DEVERES' - EXERCÍCIOS E TESTES ESCOLARES (1º, 2º, 3º e 4º anos) - (Excertos do Parecer da Diretoria de Orientação e Fiscalização do Ensino, publicado no Diário Oficial de 20 de novembro de 1951). Reconhecemos que o livro do Prof. Filgueira Sampaio cujos originais temos

em mãos, é um precioso trabalho rigorosamente de acôrdo com as diretrizes do programa oficial vigente, moldados nos modernos princípios didáticos e que virá satisfazer plenamente uma das mais urgentes necessidades do ensino primário no Ceará. Centenas de exercícios são apresentados de maneira gradativa e atraente, incapazes de fatigar o espírito do pequeno estudante. Simples e fáceis a princípio, vão subindo, metódicamente, na ordem crescente das dificuldades. Na organização dos problemas e cálculos numéricos o autor soube, com segurança, amenizar a aspereza da aritmética, procurando de maneira curiosa e original, despertar no aluno interesse pela matéria. Não exitamos em declara que êste trabalho inédito do Prof. Filgueira Sampaio será uma obra utilíssima, não só para os escolares, mas, principalmente, para as professoras que nêle encontrarão um guia magnífico para ministrar seus ensinamentos. Compêndio elaborado com apurmo e cuidado, escrito em linguagem simples e acessível, repleto dos mais variados exercícios e testes escolares, sôbre tôdas as disciplinas do curso primário, desde as classes elementares até o último ano. (SAMPAIO, 1962, p. 2).

Afora todos esses elementos que buscaram conferir legitimidade à coleção Meus Deveres, as páginas finais do exemplar consultado veiculam vários pequenos pareceres positivos ao compêndio em questão, assim como outras obras de Filgueiras Sampaio. São coligidas apreciações de personalidades como a ex-diretora do Serviço Técnico de Educação do Ceará, do Diretor do Instituto N. S. de Copacabana - Rio de Janeiro, Diretor do Ginásio Independência - Recife, do Prefeito de Teresina - PI, do catedrático de Metodologia do Ensino no Instituto de Educação de Maceió, do Colégio Nóbrega em Recife, do Bispo de Petrolina em Pernambuco, do Delegado Regional do Ensino de Campina Grande, na Paraíba, do Bispo de Mossoró no Rio Grande do Norte, do Ex-Secretário de Educação e Saúde do Ceará, da Assistente Técnica de Educação de João Pessoa, do Diretor do Anuário do Ceará, do Catedrático da Faculdade de Direito do Maranhão em São Luís, de membro fortalezense da Associação Brasileira de Escritores, do Diretor do Ginário Dom Bosco em Fortaleza, do Catedrático da Faculdade de Direito em Natal e do Reitor da Escola Apostólica de Tianguá, no Ceará.

Para fomentar a compreensão da historicidade relacionada à relevância do manual didático no ensino primário, observe-se:

A uniformidade que se buscava no ensino brasileiro tornou-se possível depois da difusão do ensino simultâneo, no século XX, e com a implantação do ensino seriado. Só então o manual escolar ganhou *status* no ensino primário, quando adquiriu o poder de suporte incontestado do conteúdo educativo. A partir de então, multiplicaram-se as edições, em nível nacional e estadual, de cartilhas de alfabetização. A cartilha de alfabetização teve sua fase de ouro na história da educação elementar brasileira desde a Proclamação da República e até os anos de 1980. Adotada em toda escola, pública ou particular, no grupo

escolar ou na escolinha rural de professor único, foi o instrumento por excelência da alfabetização da criança em pouco tempo e na idade certa e foi precioso guia e apoio do professor. (MARCILIO, 2016, p. 365).

Quando o assunto é literatura didática no período em análise, um de seus marcos foi a criação do que nos dias atuais seria semelhante ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Iniciado em 1938, no Brasil, esse intento foi posto sob a denominação de Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). A referida comissão deu-se ano posterior à criação do Instituto Nacional do Livro (INL)⁹⁸, no final do efervescente ano de 1937, período inaugural da Ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. O INL foi fundado a partir do Decreto-Lei nº 93, datado a 21 de dezembro de 1937 e perdurou até o último ano estadonovista, em 1945. No referido ano, outras letras da lei abalizaram a problemática do livro didático no Brasil. Trata-se do Decreto-Lei nº 8.460, datado a 26 de dezembro de 1945, que buscava consolidar as investidas legislativas acerca dos modos de se produzir, importar e utilizar materiais didáticos.

Conforme a autora Silva (1992), o Instituto Nacional do Livro resguarda intrínsecas relações com a premissa em voga no período, de que os processos educativos fora do ambiente escolar eram considerados basilares para a formação educacional e cultural dos cidadãos brasileiros. Gustavo Capanema, então ministro da Educação e Saúde, buscou destacar, em sua argumentação a favor da fundação do INL, endereçada ao presidente Getúlio Vargas, a centralidade do artefato livro na disseminação e consolidação da cultura entre os brasileiros:

O livro é, sem dúvida, a mais poderosa criação do engenho humano. A influência que ele exerce, sob todos os pontos de vista, não tem contraste [...]. E', portanto, dever do Estado proteger o livro [...] vigilando no sentido de que ele seja [...] sempre o inspirador dos grandes sentimentos e das nobres causas humanas [...]. Para tais objetivos, seria conveniente a criação do INL [...]. (CAPANEMA, 1937 *apud* SILVA, 1992, p. 44).

É nesse contexto de criação do Instituto Nacional do Livro e do reconhecimento estatal de sua importância, que surge o Decreto-Lei nº 1.006, em vigor a partir do dia 30 de dezembro de 1938. Essa determinação legal instituiu a fundação da Comissão Nacional do

⁹⁸ De acordo com a autora Silva (1992), em momento anterior à criação do Instituto Nacional do Livro (INL), houve a fundação do denominado Instituto Cairu, através do artigo nº 44 do Decreto-Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, como parte das ações que visavam reorganizar o até então Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), que transformou-se em Ministério da Educação e Saúde (MES). Nas palavras da autora, o pouco conhecido e parcamente citado antecessor do Instituto Nacional do Livro era um instituto "de vida breve e nenhuma produção concreta. [...] O Instituto Cairu foi criado, tendo como principal finalidade a preparação e publicação da *Enciclopédia Brasileira*. Sua estrutura organizacional previa uma Diretoria Técnico-Administrativa e um Conselho Superior, composto pelo diretor do Instituto, por três 'brasileiros de notável saber', escolhidos pelo presidente da República, e ainda pelo ministro da Educação e Saúde, que o presidia". (SILVA, 1992, p. 42).

Livro Didático no Brasil, com a intenção de se constituir uma primeira legislação oficial a ser utilizada como mecanismo de controle sobre a produção e circulação de materiais didáticos em território brasileiro. Como se pode inferir, a CNLD integra ambições controladoras mais amplas do Estado Novo, em seus desígnios centralizadores.

Para Coelho Sampaio, a educação social se configurava como questão latente tanto quanto – ou mais – relevante do que a educação escolar. Conforme fora abordado de modo sintético, em tópico anterior desta tese, Coelho Sampaio nutria intensa preocupação com a questão da leitura, compreendendo-a tanto como força motriz para estimular uma almejada moralização dos costumes, como para incitar condutas consideradas más e inadequadas socialmente. Para o autor, a leitura era, principalmente, pauta da educação social, em sentido amplo. A coluna Ensino e Educação inclusive apoiou veementemente campanhas religiosas da capital cearense, nos anos 1940, em prol do que se consideravam boas leituras.

Contudo, a questão da leitura também despertava a atenção de Coelho Sampaio no âmbito escolar. Em seu espaço jornalístico fixo na Gazeta de Notícias, o autor indicou uma coleção de livros de leitura intitulada *A Criança do Brasil*. Esta tese já procedeu, em tópico anterior, com a análise da capa, contracapa e algumas páginas do livro de leitura *A Criança do Brasil*, com vistas ao exame da problemática da leitura e também do ensino rural, através das Figuras 2 e 3. Inclusive, nesta mesma produção didática, há menção à questão da importância de se extirpar o que se considerava uma má leitura: Na subseção intitulada *Para a Criança Copiar*, seus autores ratificaram: "Toda criança deve tomar como uma norma de sua vida: Combater as palestras levianas e as revistas e livros impróprios". (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 119).

No presente tópico desta tese, busca-se analisar outros meandros da referida obra didática, relacionados às formas com que a profissão docente foi representada nas páginas do livro de leitura indicado por Coelho Sampaio, de acordo com as suas concepções pedagógicas, na condição de exemplar. Sobretudo a partir da coluna Ensino e Educação, é possível compreender que, para Sampaio, a questão da leitura era intrinsecamente ligada à concepção de infância adotada pelo autor, alicerçada nos estudos da psicologia infantil.

A característica da imitação era posta como elemento basilar às estruturas psíquicas infantis e seguia-se ao raciocínio de que a escolha das leituras a serem realizadas por esse público, no período em análise, poderia ser determinante para se edificar ou desvirtuar um indivíduo, sobretudo na infância. A máxima desse axioma foi apregoada por Sampaio, no final do período de circulação de sua coluna, na seguinte afirmação: "Está mesmo suficientemente provado que muitos dos delinquentes infantis, tiveram a sua inclinação despertada na má leitura.

É, portanto, muito acentuada a orientação que pode ser dada á infância, por meio da leitura. (SAMPAIO, 1950, p. 3).

A prática da leitura ou, sobretudo, os ditos critérios pelos quais se deveria escolher criteriosamente os títulos bibliográficos a serem lidos pelas crianças e jovens, compreendidos como sujeitos em formação, eram construídos a partir de maniqueísmos. As leituras eram encaixadas em binômios como boas ou más, positivas ou negativas, morais ou amorais, perigosas ou confiáveis, doentias ou sãs. Na coluna Ensino e Educação, foram mais recorrentes as vezes nas quais seu autor fazia circular críticas às consideradas más leituras, com o objetivo de impedir seu consumo, como foi o caso dos gibis, já analisado em seção anterior desta tese.

Outras obras de diversos segmentos também foram indicadas em seu espaço colunar como positivas. De acordo com a visão de Sampaio, há "[...] livros que satisfazem plenamente a sua finalidade e há os que apenas merecem ficar expostos nas vitrines das livrarias" (SAMPAIO, 1948, p. 3). Como exemplos de obras indicadas por Coelho Sampaio na condição de boa leitura, foram citados os livros do professor paulista José Munhoz:

Falando, porém, de bons livros, costumamos, sempre apontar apenas os que, realmente, conhecemos pela estrutura, pelos objetivos, pela linguagem, etc, enfim, que encerram qualidades que se recomendam. Dai o motivo por que nos é grato fazer, hoje, um breve comentario sobre as obras do Prof. José Munhoz, que vimos a conhecer, recentemente. Interessados, naturalmente, por obras didaticas, tivemos o ensejo de folhear algumas do citado professor, que é Diretor do Instituto Nacional de Ensino, de São Paulo, (sito á rua São Bento, 260 - 1^{oa}). E, entre elas, cumpre-nos destacar as seguintes: 'CONTABILIDADE APLICADA', 'O DATILOGRAFO CORRESPONDENTE EM SUA CASA' e 'METODO DE DATILOGRAFIA'. (SAMPAIO, 1948h, p. 3).

Os critérios que fundamentaram a indicação positiva dessas obras parecem consistir na rede de sociabilidade de Sampaio, haja vista que as leituras do tipo úteis, por ele indicadas, não mantinham relações diretas com a tônica educacional, e sim com a datilografia. Coelho Sampaio elege como relevante destacar aos seus leitores que conheceu recentemente, à época, o então Diretor do Instituto Nacional de Ensino de São Paulo. Essa menção nominal e institucional, destacando sua articulação com a personalidade citada, ocupante de certo cargo de prestígio social e pedagógico, parece consistir em elemento de autolegitimação, ressaltando que seria um indivíduo bem relacionado.

Entre essas indicações, apenas uma delas foi relacionada a materiais didáticos. Tratava-se de uma recomendação positiva no tocante à uma coleção de livros de leitura,

formulado para crianças do Ensino Primário, intitulada *A Criança do Brasil*, cuja autoria era de Domingos Barroso e Rita Tomaz Barroso.

Antes de proceder com a análise do referido material didático, é necessário evocar aspectos originários acerca da categoria livros de leitura. O início de sua utilização remonta a períodos anteriores ao recorte temporal desta tese, isto é, durante o século XIX⁹⁹, Bittencourt (2008), elucida aspectos referentes às normas de elaboração das produções didáticas do período:

Podemos dividir a literatura escolar do ensino primário em dois gêneros. Existia o *livro da disciplina*, organizado por nível de idade, cuja complexidade dos conteúdos buscava acompanhar as diversas fases de aprendizagem do aluno, evoluindo segundo os programas de ensino. O outro gênero foi o denominado *livro de leitura*, um tipo específico de literatura para a infância. [...] Para o primeiro nível de ensino existiram os projetos da produção didática referentes ao tema da alfabetização. Para aprender a ler, escrever e contar, os ideólogos educacionais mais conservadores propuseram os *catecismos*, seguindo a tradição dos educadores religiosos que buscavam, prioritariamente, garantir o conteúdo moral do catolicismo. (BITTENCOURT, 2008, p. 43, grifo da autora).

No século XIX e na Primeira República, os livros de leitura buscavam promover uma educação cívica em perspectiva didático-literária voltada para o público leitor infantil. Conforme Sena (2017), os livros dessa categoria que mais se destacaram no período buscavam "incutir o nacionalismo nas crianças". (SENA, 2017, p. 242). As narrativas contidas na literatura infantil dos livros de leitura inscreviam-se em um projeto civilizador, possuindo forte compromisso com a propagação do civismo, bem como dos valores e normas de civilidade, estimulando um pretenso amor à Pátria. Em suma, essas ambições eram calcadas nos vieses de controle aos sujeitos, buscando homogeneizá-los, discipliná-los, modelá-los e pacificá-los. Os livros de leitura nasceram, então, sob a égide da obediência:

A civilidade nos livros de leitura está na perspectiva disciplinar, por submeter os leitores às regras que combatem a espontaneidade e a desordem, modelando os pensamentos e as atitudes das crianças. Era por meio da civilidade que elas se tornavam virtuosas, dóceis e obedientes no Império e soldados vigilantes e fiéis à pátria na Primeira República". (SENA, 2017, p. 334).

⁹⁹Há de se destacar que, no início do século XIX, foi criado o método intitulado ensino mútuo, também chamado de sistema de Lancaster, cuja autoria é dos ingleses Bell e Lancaster, que enfocava o ensino de crianças oriundas das classes populares, chegando a tornar-se método oficial até meados do século XIX. Esse método foi Conforme Bittencourt (2008, p. 43): "[...] Consistia em utilizar os alunos mais habilidosos e, geralmente, mais velhos como 'monitores', para ensinar os mais novos e atrasados. A lição era, primeiramente, explicada aos monitores pelo mestre, que em seguida era transmitida aos demais alunos. O mestre ensinava a leitura e a escrita, simultaneamente, utilizando grandes tábuas murais, sendo quase desnecessário o uso de manuais escolares. Para exercitar a escrita, cada aluno deveria possuir uma pedra de ardósia, material mais barato que o papel".

A coleção didática indicada por Coelho Sampaio na coluna Ensino e Educação, intitulada *A Criança do Brasil*, foi impressa pela Editora do Brasil S/A, que foi fundada em 1943 e, portanto, era recém-criada à época da indicação de Coelho Sampaio. O próprio nome da editora está em diálogo com a denominação da coleção indicada na coluna Ensino e Educação.

Segundo Braghini (2012), nas décadas de 1960 e 1970, a empresa experienciou um vertiginoso crescimento, tornando-se uma das principais editoras brasileiras no período. Surgida com o propósito de editar livros familiares e patrióticos, à época da indicação de Sampaio à referida coleção, em 1949, a Editora do Brasil S/A fazia circular em território brasileiro dois catálogos, sendo um de livros didáticos, também chamado de coleção didática do Brasil e outros volumes de livros de leitura, referentes à coleção infanto-juvenil. De acordo com a autora:

A lista de livros didáticos tinha 70 autores, compreendendo todas as disciplinas obrigatórias para o ensino secundário (ginasial e colegial). Já o catálogo da coleção infantojuvenil contava com 23 autores, misturando autores da literatura mundial e autores brasileiros. O catálogo foi constituído por autores que migraram da Companhia Editora Nacional (Alfredo Gomes, Carlos Costa, Carlos Pasquale, Rui Ribeiro Couto), associados a nomes que lançaram livros por essa editora e nela permaneceram por vários anos. Esses são os casos de Victor Mussumeci, Aída Costa e Fernando Furquim, este último, considerado pelos diretores como um “sucesso editorial”. (BRAGHINI, 2012, p. 158).

Apesar de recém fundada à época da recomendação elogiosa de Coelho Sampaio em seu espaço colunar na *Gazeta de Notícias*, a Editora do Brasil S/A parece ter experimentado nuances de um prestígio ascendente em sociedade, haja vista a numerosa lista de autores colaboradores para a elaboração de manuais didáticos e livros de leitura. No ano de 1950, data da impressão do exemplar pesquisado de *A Criança do Brasil*, junto ao nome da editora, há menção a diversas cidades: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA), Recife (PE), Fortaleza (CE) e Belém (PA). Conforme esse indício, a editora parecia ter sedes em diversas capitais do Sudeste e do Nordeste.

Em sua última página, colorida e decorada com desenhos pertencentes ao mundo infantil, há a informação de que os livros da referida editora podiam ser adquiridos "Em todas as livrarias ou pelo reembolso postal – Editora do Brasil S/A - R. Conselheiro Nebias, 787. Cx Postal 4986. S Paulo. Preço deste volume: Cr\$ 7,00). (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 220).

Nessa mesma página, havia uma extensa lista com obras comercializadas pela mesma editora. Eram "Livros infantis bonitos, morais e instrutivos", na concepção da própria equipe editorial.

Ainda que Braghini (2012) a categorize, no início de sua fundação, como uma editora familiar, ratifica: "A editora bem utilizou a demanda ofertada pelos colégios privados, especialmente os confessionais, que estavam em um período de ampla expansão nos anos 1950-1960 (CARVALHO, 2003, p. 40 *apud* BRAGHINI, 2012, p. 172)." A ascensão editorial da Editora do Brasil deveu-se, portanto, às suas relações com instituições de ensino privadas, sobretudo as de caráter religioso. Sendo o Coelho Sampaio um voraz representante do setor privado da Educação no período, essa informação se configura como um dos aspectos relevantes para compreender as raízes do porquê de sua indicação.

Após a contextualização e breve histórico da editora responsável pela comercialização da coleção de livros de leitura indicado por Coelho Sampaio, destaca-se que haviam cinco livros diferentes com o mesmo nome, *A Criança do Brasil*, além de elaborados pelos mesmos autores, em circulação no período. De acordo com as informações presentes nas folhas de rosto do exemplar pesquisado, Domingos Barroso e Rita Tomaz Barroso, assinaram os seguintes títulos: *A Criança do Brasil* (Cartilha), *A Criança do Brasil* (Leituras Intermediárias) e *A Criança do Brasil* (Primeiro Livro, Segundo Livro e Terceiro Livro). O exemplar da referida coleção de livros de leitura ao qual se teve acesso¹⁰⁰ foi o 3º (terceiro) livro. No dorso de sua capa, consta um carimbo assinalando o controle quantitativo dos seus exemplares em circulação. O livro consultado foi o exemplar nº 002911. Essas obras inseriam-se na chamada Coleção Didática Infantil, da série intitulada Brasil Setentrional (Vol. IV).

Os autores do título pesquisado elaboraram a dedicatória de sua obra da seguinte forma: "Aos Delegados Regionais do Ensino, aos professôres e professôras das crianças do nosso Brasil, dedicados, inteligentes e ativos formadores das novas gerações brasileiras, oferecemos este trabalho." (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 9). Na página seguinte, é possível constatar que os referidos autores eram um casal, pois também dedicaram a obra aos seus filhos: "Queridos filhos, Marta Maria, Simão Pedro, Margarida Maria, Maria Angela e Maria Lúcia, vocês já sabem muito, mas, não deixem de ler e aprender os ensinamentos deste livro." (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 9).

A primeira dedicatória citada, portadora de viés mais abrangente, é fundamental para desempenhar os primeiros rastreamentos da concepção de docência expressa nas páginas

¹⁰⁰ Esse livro, em específico, foi consultado no acervo Plebeu Gabinete de Leitura, criado e coordenado pela Pro.^a Adelaide Gonçalves, localizado no centro comercial de Fortaleza, no mesmo prédio que sedia a Associação Cearense de Imprensa.

do referido livro de leitura. A segunda dedicatória mencionada, embora tenha um caráter mais ligado ao campo da vida privada familiar dos autores, também pode se configurar como um artifício de legitimidade à obra, na medida com que os autores recomendam a leitura e a aplicação prática das lições impressas daquele material didático, aos seus próprios filhos.

O livro de leitura em questão também fez circular um diminuto prefácio:

'A escola não desenvolverá a atividade, a espontaneidade e o raciocínio, se não tiver as janelas abertas para a cidade, para a natureza, para a vida. Tudo o que permanece no estado de fórmula, tudo o que se refolha sob a letra, é morto, enquanto o espírito não fizer surgir da palavra a coisa visível, palpável e ativa'. Eis o caminho a seguir. DOMINGOS BARROSO e RITA TOMAZ BARROSO. (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 15).

Embora constasse ao final do prefácio a assinatura dos autores do livro de leitura *A Criança do Brasil*, as aspas utilizadas no texto permitem a compreensão de que o trecho é, na verdade, uma citação. Ainda que o casal Barroso não tenha intencionado explicitar a autoria das premissas que foram eleitas como bússola para a escrita do livro, em específico, e para a concepção de educação por eles partilhada, em sentido amplo, o trecho em questão é da autoria de Rui Barbosa. Esse fragmento integrava a tradução e a adaptação brasileira realizada por Rui Barbosa da obra intitulada *Lições de Coisas*, cuja autoria era atribuída a Norman Allison Calkins, educador americano. As palavras antecedentes à citação são significativas:

Esta obra corresponde às exigências do método intuitivo, tanto quanto a expressão escrita da vida nas páginas de um livro pode-se aproximar da vida mesma na plenitude da sua ação real. Em parte nenhuma encontrareis nela os moldes rijos da cartilha ou do compêndio. Em nenhum dos seus conselhos ao professor vereis atribuído à memória esse papel de móvel de marchetaria, que lhe reservam os métodos em voga. Tudo nela respeita a liberdade da vocação no mestre e a espontaneidade de ação no aluno. (BARBOSA, 1886/1950, p. 15).

Originalmente posto em circulação no final do século XIX, no ano de 1886, o Ministério da Educação e Saúde (MES) publicou, em 1950, diversos volumes correspondentes às obras completas do renomado intelectual Rui Barbosa. A partir do excerto acima citado, observa-se que tal método, ao buscar se diferenciar em relação às propostas pedagógicas herméticas de cartilhas e compêndios, imbricou as noções de liberdade e vocação no ofício docente.

O terceiro livro de *A Criança no Brasil* é composto por 63 diminutas lições. Conforme é possível observar no Apêndice D e na Figura 2 desta tese, os títulos das lições e a

capa dessa produção didática já se configuram como indicadores dos seus propósitos, objetivos e prioridades de abordagem. A capa desse livro de leitura representa a imagem de duas crianças, um menino e uma menina, ambos plantando uma muda de árvore. O menino, aparece exercendo função ativa na referida tarefa. A menina, segurando a pá utilizada para cavar o solo. Para se exemplificar o teor dos títulos das lições, observem-se algumas dessas denominações portadoras de síntese: "Como agricultor serei um brasileiro feliz", "Com estes instrumentos o agricultor trabalha e enriquece o Brasil", "O dia do agricultor", "O sertanejo precisa trabalhar", "Quais são as partes de uma planta", "Animais não domésticos", entre outros, que podem ser consultados na íntegra no apêndice D.

Algumas dessas lições possuíam uma imagem, similar a um desenho feito à mão, em branco e preto. A estrutura dessas lições é semelhante a capítulos, que variavam das seguintes formas: imagem seguida de texto sobre a temática da seção, um questionário composto por perguntas concisas e diretamente relacionadas ao texto da lição, finalizada com uma subseção fixa ao final de cada capítulo, intitulada em letras maiúsculas: "PARA A CRIANÇA COPIAR".

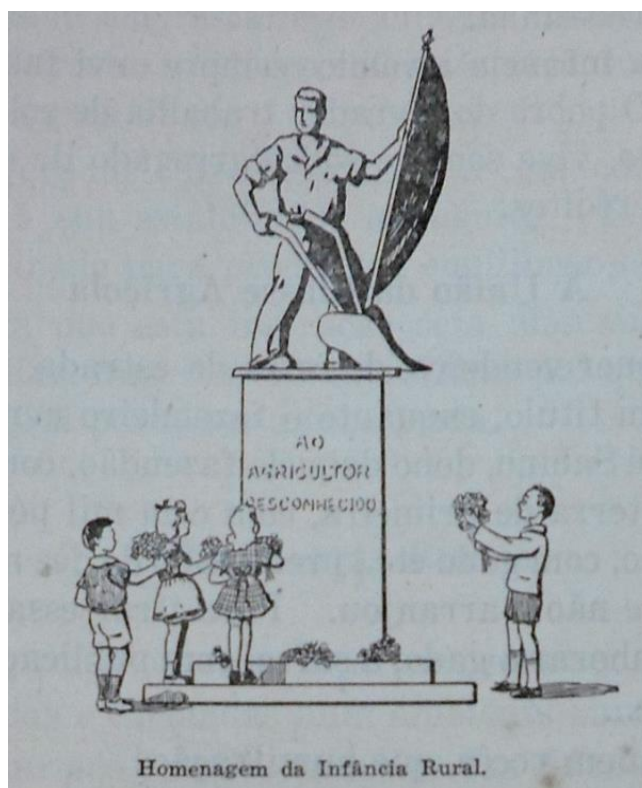
Em geral, essa parte integrante das lições consistia em breves ensinamentos, conselhos, provérbios bíblicos, poesias religiosas, frases imperativas enaltecendo a moral cristã e a igreja católica¹⁰¹, ditames da sabedoria popular, pequenos versos com trocadilhos, construções frasais com vistas a exaltar a agricultura, o agricultor e todos os elementos característicos do campo, estímulos a se respeitar os professores, enfoques nos deveres da criança e outras normas de conduta infantil, conselhos de higiene, dizeres acentuadamente avessos ao analfabetismo e até mesmo frases autolaudatórias dos outros volumes que integravam a coleção *A Criança do Brasil*¹⁰².

Essa exaltação ao lavrador também foi expressa de modo imagético nas páginas do livro *A Infancia Rural*, cujo autor é o agrônomo J. Osório de Souza Júnior. Essa publicação didática era distribuída gratuitamente em razão do patrocínio da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, em sua diretoria de Publicidade Agrícola, sendo esse um elemento central para a problematização de suas condições de produção e circulação em sociedade.

¹⁰¹ Na seção Para a Criança Copiar, são comuns exaltações como essa: "A igreja é a casa que merece de todos o maior respeito. Segue, criança, o decálogo e os mandamentos da Igreja". (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 173).

¹⁰² Tais como: "Aprendi bem toda a Cartilha - Leitura Intermediária, o 1.º e o 2.º livros. Nesses quatro livros, aprendemos centenas de conhecimentos úteis". (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 25).

Figura 34 – Ilustração contida na página 25 do manual didático Infância Rural - 1945



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca de Ciências Humanas da USP

Na imagem, é possível observar a representação de um agricultor em uma estátua, cuja homenagem é expressa nos dizeres que a identificam: "Ao agricultor desconhecido". À volta da escultura, estão crianças em idade escolar, meninos e meninas, ofertando-lhe flores como forma também de homenageá-lo. Trata-se da infância rural, que deveria enxergar a figura do agricultor com feições heroicas.

A obediência também se constituía como questão central para a narrativa de Domingos Barroso e Rita Barroso, sobretudo na seção intitulada Para a Criança Copiar. Incitava-se a se obedecer aos pais, aos mais velhos, às visitas domiciliares ou escolares e, principalmente, por se tratar de uma obra didática, cumprir obediência à professora. A subordinação infantil consistia em pilar tão essencial ao que se buscava moldar na criança, que mesmo os livros de puericultura, dedicados a ensinar e popularizar os cuidados com a primeira infância, indicavam a necessidade de se impor lições de obediência em indivíduos com até 1 ano de idade:

Entendida a educação moral em sentido amplo, é realizável, no primeiro anno de vida, alguma coisa em seu favor. A *regularidade* das funções, a verdadeira disciplina a que se submete o organismo, significa já um passo nessa direcção. Mas o habito moral mais valioso da primeira infancia é a *obediencia*, que os paes só obtêm á custa de *firmeza* e *igualdade* nas suas decisões. O que agora se proíbe, está realmente prohibido, sem condescendencia, hoje, amanhã, depois, a toda hora. A continuidade da attitude, a serenidade, o dominio sobre si, são indispensaveis à mãe que ambiciona educar os filhinhos. E a influencia materna é decisiva na formação moral do individuo. (ALMEIDA JÚNIOR; MURSA, 1927, p. 143, grifos do autor).

Outras dessas lições, consistiam em exercícios de revisão relacionados aos textos anteriores. Esses, se assemelham a roteiros a serem seguidos pelo docente em sala de aula e se dividem comumente em uma recapitulação/revisão, exercício oral, exercício escrito, trecho a ser declamado, indicação do que deveria ser desenhado, a música indicada para tocar, articulações de aritmética no cotidiano infantil, entre outros elementos. Entre as lições, havia, ainda, poesias transcritas de outros autores. Para agregar ao exame da problemática relacionada à construção das representações acerca da profissão docente a partir desse livro de leitura, foram selecionadas quatro partes dessa obra. A primeira parte consiste na seleção de trechos da seção denominada Para a Criança Copiar, que mantinham relação direta com a temática da educação e 3 lições nas quais há uma abordagem mais acentuada sobre a função docente. São elas: 4ª Lição, intitulada “A Professora da Escola Primária Rural”, a 16ª Lição, denominada “Minha Escola Noturna”, 17ª Lição cujo título é “O Dia do Agricultor”¹⁰³:

Acerca da subseção mencionada, observe-se o quadro 6, que expressa a síntese das vezes nas quais a função docente foi representada na seção Para a Criança Copiar, do livro de leitura intitulado A Criança do Brasil:

Quadro 6 – A função docente na seção Para a Criança Copiar do livro de leitura A Criança do Brasil

Lição (Nº e título)	Página	Para a Criança Copiar
6ª Lição - Exercícios	35	"Quando eu estiver velho, poderei dizer: Fui agricultor. Trabalhei pela grandeza do Brasil. Considero-me feliz". "Quando eu estiver velho, poderei dizer: Fui professora. Trabalhei pela grandeza do Brasil. Considero-me feliz". "O agricultor e a professora são os brasileiros mais patriotas"; "Lavrando o solo e alfabetizando crianças,

¹⁰³ Os trechos da seção Para a Criança Copiar, estão disponíveis na íntegra no Apêndice D desta tese.

		viveremos uma vida feliz e teremos uma velhice cheia de glórias".
7ª Lição - Como agricultor serei um brasileiro feliz	40	"Estuda, criança, para a felicidade da família e da nossa pátria".
8ª Lição - Com estes instrumentos o agricultor trabalha e enriquece o Brasil	45	"Criança, respeita teus mestres".
10ª Lição - Aprendamos a plantar sementes e galhos de árvores	49	"Pela grandeza do Brasil, aprende, criança, a cumprir os teus deveres"; "Só devemos comparecer às aulas com as lições bem preparadas e sabidas".
11ª Lição - Conheço muito bem a divisão do tempo	52	"Criança, brinca e estuda, estuda e pensa".
12ª Lição - Exercícios	55	"Todas as crianças do Brasil saberão ler e plantar"; "Não queremos que a nossa Pátria seja habitada por meninos e homens analfabetos e que não saibam plantar"; "Saber ler é tão necessário à criança brasileira como saber andar"; "Quem não sabe ler, não enxerga, não sabe andar".
14ª Lição - Animais não domésticos	64	"Menino, nunca compareças à escola doente ou mal humorado"; "A escola é boa. Eu vou à escola. Irei à cidade, hoje. Às vezes ando depressa. Às 7 horas e 30 da manhã, começam as aulas".
18ª Lição - Os animais caseiros nos incomodam	79	"A Caixa Escolar é o anjo tutelar dos meninos pobres"; "Coopera, criança, com todas as instituições escolares".
20ª Lição - Os sindicatos de agricultores	87	"A ESCOLA - Esta casa é a minha escola. Frequentá-la é o meu anseio. Alí, as salas de estudo, aquele pátio, o recreio".
23ª Lição - Outros meus excelentes amigos	97	"A criança vai <i>na</i> escola todo dia. A criança vai à escola todo dia".
24ª Lição - As medidas que servem para medir e pesar	100	"Pela felicidade da tua família, da sociedade e do Brasil, educa-te e te instrui"; "A Instrução deve estar sempre aliada à Educação".
26ª Lição - Os animais domésticos	106	"Combatamos o analfabetismo, a falta de higiene e a má educação. Eles fazem grande mal ao nosso querido Brasil".
27ª Lição - Meus queridos pais	109	"A escola é um prolongamento do lar. Obedece, criança, a tua professora e segue seus conselhos"; "
32ª Lição - O que fazemos no recreio	124	"JOGOS ESCOLARES - Divertimos aprendendo. Aprendemos divertindo. Nossos jogos escolares, nos dão prazer instruindo".

40ª Lição - Exercícios	150	"Visitei uma fábrica. Dentro da fábrica, vi muito movimento, muita ordem, muito respeito"; "Dentro da nossa escola, também, há muito movimento, muita ordem, muita disciplina e muito respeito".
42ª Lição - Miau... Miau... Miau...	155	"Todo dia, brincam no recreio os meninos. Os meninos brincam no recreio, todo dia".
49ª Lição - Vamos a uma fazenda?	177	"Não abraço-o, porque você não soube a lição. Não o abraço, porque você não deu a lição".
50ª Lição - Exercícios	178	"Todos os meninos dessa escola sabem tratar os colegas, as professoras e os empregados".
53ª Lição - O sertanejo precisa trabalhar	186	"Só se deve rir, criança, nos momentos oportunos"; "E' falta de respeito e de interesse brincar e rir nas aulas em desobediência à mestra".
55ª Lição - Em caminho da casa do papai, visitei um roçado	193	"Fazem dois meses que estou na escola. Faz dois meses que estou na escola"; "Haviam muitos meninos na aula. Havia muitos meninos na aula".
56ª Lição - Exercícios	195	"Um dos melhores efeitos dos jogos consiste na ação educativa, ensinando a conviver com o próximo. Nesta arte, deverá prevalecer o domínio sobre si mesmo, não só de quem ganha, principalmente, de quem perde".
59ª Lição - Cambicas e aluás	204	"Quando entrar uma visita na Escola, ou em tua casa, comporta-te criança como uma pessoa educada. E' feio, antipático e irritante o mau procedimento das crianças por ocasião das visitas"; "Eu tenho respeito <i>pela</i> minha professora. Eu tenho respeito à minha professora".
62ª Lição - Exercícios	213	"Criança ensina a ler os meninos do sertão"; "O Brasil precisa do sertanejo alfabetizado e trabalhador"; "O sertanejo é, antes de tudo, um forte"; "O sertanejo sendo um forte e sendo instruído, reformará o Brasil".
63ª Lição - Minha grande Pátria	217	"Trabalha e estuda, criança, pela grandeza do Brasil. 'O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever'".

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta tese, a partir de Barroso e Barroso (1950).

As representações sobre a docência empreendidas nas páginas do livro de leitura A Criança do Brasil, recomendado positivamente por Coelho Sampaio em sua coluna Ensino e Educação, são intrinsecamente relacionadas a uma questão contextual, em nível macro, efervescente no Brasil dos anos 1940, que norteou as premissas do Ensino Rural à época. Tratava-se de fincar os moles econômicos no cume dos assuntos nacionais, incluindo-se os educacionais.

Educar e estimular a instrução formal às crianças do campo significava perseguir o fito de torná-los produtivos à Pátria, de formar novos braços úteis à lavoura, de frear o êxodo rural, que resultava na precariedade das produções campestres a nível econômico, e de extirpar o analfabetismo, compreendido como chaga social latente. Tratava-se de um discurso habitual nos livros de leitura e em manuais didáticos do período. Na cartilha denominada Viva o Brasil – Cartilha Popular, cuja autoria é de Júlio de Faria e Souza, saída pela Companhia Editora Nacional, foi publicada a seguinte Canção Escolar:

I

O saber, que tanto brilha,
 E' só na escola
 que se acrisola,
 Desprezar tão nobre trilha
 Muito Deprime,
 E' um grande crime.
 Travar luta decisiva
 Contra a ignorância
 Da pobre infância
 E' almejar à Pátria, altiva,
 Risonha e forte,
 Grandiosa sorte.

II

Com ardor, puro civismo
 Referve a guerra
 Em pátria terra
 Ao negro analfabetismo,
 Cruel ameaça
 À nossa raça,
 Da instrução, ao aviltante,
 Fero inimigo,
 Dando castigo,
 Surge a escola, triunfante,
 Qual um baluarte,
 Em toda a parte.

ESTRIBILHO:

O analfabeto descrê
 Do Bem, da Pátria, do Amor...
 E' um ser inútil, não lê,
 Desconhece o A-B-C
 As meiguices e o valor.
 Quem vem à escola
 E' bem feliz;
 Serve a Pátria e não se estiola:
 Engrandece e honra o país.

Jamais alcança
 Porvir loução
 Toda criança
 Sem instrução.
 (SOUSA, 1954, p. 64)

Estudo e trabalho rural imbricavam-se de tal maneira, que no livro de leitura *A Criança do Brasil*, na narrativa da 53ª lição, sintomaticamente intitulada *O Sertanejo Precisa Trabalhar*, há a seguinte formulação: "Todas as crianças do Brasil necessitam de aulas práticas de agricultura, para aprenderem a trabalhar. Vamos pedir ao professor aulas práticas de agricultura?!... Somos sertanejos e os sertanejos precisam trabalhar. (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 185-186). Também na subseção *Para a Criança Copiar*, consta: "Trabalha e estuda, criança, pela grandeza do Brasil.". (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 217).

Conforme Nagle (2001), o ideário do ruralismo remonta à primeira metade do século XX, podendo ser considerado o fenômeno da ruralização do ensino uma ideologia ascensão nos anos 1920. Entranhado às estruturas do coronelismo, característica acentuada no referido período, sobretudo no nordeste brasileiro, o processo denominado de ruralização do ensino, contudo, é compreendido pelo autor como um "ideário que apenas parcialmente influenciou a legislação escolar e as práticas escolares." (NAGLE, 2001, p. 302). A autora Silva (2011), em estudo sobre *O Lavrador*, periódico educacional produzido pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte - CE, entre as décadas de 1930 e 1970, pontua três eixos centrais ante aos objetivos do ruralismo nesse contexto e alerta que as suas premissas eram calcadas em pilares econômicos:

1) Oferecer preparação apropriada ao futuro agricultor para que o mesmo possa retirar da terra suas riquezas de forma mais apropriada; 2) Combater o êxodo rural e o urbanismo, e todas as más consequências que eles podem oferecer para o engrandecimento do país; e, 3) Incentivar as novas gerações para o amor e a devoção ao trabalho no campo preparando o futuro de forma propícia para o progresso da agricultura brasileira. (SILVA, 2011, p. 46).

Conforme Araújo (2014, p. 79), "Sob as Bênçãos do Pe. Cícero Romão Batista, nasce a primeira Escola Normal Rural do Brasil". Na terra do famigerado Padre Cícero, Juazeiro do Norte, a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte foi fundada por meio do Decreto nº 1.218, em 10 de janeiro de 1934, constituindo-se como marco fundador da pioneira instituição em terras cearenses. Passados dois meses desde a formalização das letras da lei, a mesma foi instalada, realizando seu primeiro exame de admissão. Entre os seus objetivos centrais, figurava

a intenção de adaptar e fixar o homem no meio campesino, para atender aos ditames econômicos.

No fim da década de 1920, o país experienciou uma intensa crise econômica atrelada ao colapso do modelo agrário-exportador, que contrastou com as políticas varguistas de nacionalização da economia e da adesão ao modelo de substituição das importações, resultando na criação das indústrias de base e de forte incentivo à indústria brasileira. Na contramão dos altos índices advindos do processo de industrialização no Brasil à época, para Coelho Sampaio, nos anos 1940, os motes do ensino rural configuraram-se como questão motriz para o autor das colunas Ensino e Educação, que em seus discursos impressos desempenhava eminentes exaltações à vida rural, ao cotidiano campesino e ao ensino rural, corroborando com o incentivo à fixação do homem no campo.

Muitas vezes o fenômeno de ruralização do ensino esteve acompanhado de determinadas orientações nacionalistas. Isso ocorreu porque o nacionalismo representou um esforço de exaltação da terra e da gente brasileira, mas de maneira que à palavra 'terra' correspondesse, quase que exclusivamente, por um processo de reinterpretação, um conteúdo de natureza fisiocrática. Nesse sentido, 'terra' se traduziu em 'produtos da terra' e, por meio disso, 'terra' e 'agricultura' tornaram-se termos sinônimos. É por esse caminho que a ruralização do ensino significou, na década de 1920, a colaboração da escola, na tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do 'Brasil-país-essencialmente-agrícola', o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo. (NAGLE, 2001, p. 302).

O conceito de nacionalismo em voga, portanto, não buscava acentuar hiatos entre ambientes rurais e cotidianos citadinos. Conforme Pinheiro (2006), campo e cidade, mesmo constituindo-se como distintos social e economicamente estavam, segundo esse ideário, intimamente relacionados e a escola rural primária seria uma instância intermediária entre esses dois na formação. Nesse sentido, as ponderações acima entrelaçam-se à máxima do elogio desenvolvido por Coelho Sampaio à coleção A Criança do Brasil em sua coluna: "Tudo ali é Brasil" (SAMPAIO, 1950a, p. 3).

O culto patriótico e as reverências nacionalistas, tão latentes na seção jornalística Ensino e Educação, emaranhavam-se à exaltação ao ambiente campesino, ao labor agrícola e à interpretação de que o campo seria um ambiente ímpar para se formar, através das luzes da instrução e da extirpação do analfabetismo, bem como de indivíduos físico e moralmente úteis

à Pátria. A partir dessas premissas, Coelho Sampaio prosseguiu com a sua argumentação, do porquê a coleção *A Criança do Brasil* seria uma leitura moralmente sadia, da seguinte forma:

Devia ser, pois, objeto de maior cuidado, por parte dos autores, a escolha dos assuntos para seus livros. Adotados nas escolas do país, os exemplos ali citados podem influir grandemente no patriotismo, na conduta e na moral dos educandos. Pensando bem nesse aspecto da leitura, li, há poucos dias, a nova coleção de livros de leitura para o Curso Primário, editada pela EDITORA DO BRASIL, S/A, de autoria dos Profs. DOMINGOS BARROSO e RITA TOMAZ BARROSO. São obras que merecem a atenção dos que se dedicam ao ensino primário. Pela feição, inteiramente nova, que foi dada ao assunto de suas lições, demonstram possuir temas capazes de despertar verdadeiro patriotismo dos educandos. Além disso, possuem um aspecto novo e intrínseco: são lições vasadas em termos ao alcance da criança. Nada impede a inteligência infantil, para alcançar o que encerram suas páginas. O que se vê, nos seus capítulos artisticamente ilustrados, são temas próprios do meio em que vive a criança: brinquedos, frutas, objetos, lugares, o lar. (SAMPAIO, 1950a, p. 3).

Há, nesta pesquisa, parca localização de fontes históricas sobre o Instituto São Raimundo, escola fundada e dirigida por Coelho Sampaio no período em análise. Portanto, embora tenha havido menção elogiosa do autor à coleção de livros de leitura *A Criança do Brasil*, na coluna Ensino e Educação, e mesmo que o autor afirme ter lido os livros da referida coleção direcionada ao Ensino Primário, não é possível afirmar que Sampaio tenha de fato adotado a utilização desses livros no estabelecimento escolar por ele gerido.

Ao destacar que, de acordo com a sua perspectiva pedagógica, as obras de Domingos Barroso e Rita Tomaz Barroso selecionaram temáticas em suas produções didáticas que eram consideradas integralmente afinadas com o despertar de um verdadeiro patriotismo nas crianças camponesas, o autor corrobora com a ideologia de que o Brasil era essencialmente agrícola.

Essas perspectivas ruralistas, adotadas por Sampaio, eram partilhadas em perspectiva macro. Nesse sentido, ser patriota significava fixar-se ao campo, a ele ser útil economicamente e ter ativa participação em uma educação rural que exaltasse o cotidiano campestre. Desse modo, essas ponderações que tiveram origem na primeira metade do século XX, confluíram para a construção do que se chamava uma vocação rural do país, ferrenhamente endossado pelas elites.

Desenvolver o país, em viés nacionalista, significava também investir no Ensino Rural. Conforme os exercícios postos na seção *Para a Criança Copiar*, observe-se: "Todas as crianças do Brasil saberão ler e plantar. Não queremos que a nossa Pátria seja habitada por meninos e homens analfabetos e que não saibam plantar. Saber ler é tão necessário à criança

brasileira como saber andar." (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 55). Ler e plantar eram as atividades consideradas mais edificantes, patrióticas e nacionalistas, para as crianças do campo.

Desse modo, a partir do Quadro 6, que destaca os trechos nos quais há menções diretas à questão escolar na subseção Para a Criança Copiar, é possível compreender que a professora rural foi representada como extensão da autoridade exercida no ambiente do lar, pelos pais, e como central à batalha pela grandeza do Brasil. Sua função foi correlacionada à do agricultor, que, na perspectiva do ruralismo, era essencial ao progresso nacional.

Ao pautar como exercício, solicitando que a criança copiasse em seu material escolar as seguintes frases: "O agricultor e a professora são os brasileiros mais patriotas. Lavrando o solo e alfabetizando crianças, viveremos uma vida feliz e teremos uma velhice cheia de glórias" (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 35), a professora rural é representada a partir de postulações mais próximas ao ideário missionário/religioso, à medida com que instruir as crianças camponesas significava laborar ativamente em prol da grandeza do Brasil e essa missão, por si só, seria o suficiente para fazê-la feliz ao final de sua carreira docente, na velhice.

Na 8ª lição do livro de leitura em questão, no qual os autores, ao estimularem respeito e obediência ao profissional da docência, se referem aos mestres, isto é, professores e professoras. Com a exceção da referida lição, todas as menções diretamente relacionadas à profissão docente, em *A Criança do Brasil*, são feitas no feminino. Mais especificamente, evoca-se a figura da professora rural.

Na própria narrativa que interliga as lições, no qual o personagem principal é um menino em idade escolar cujo nome dados pelos autores é Pedro Ruralista, há uma personagem bastante presente, simplesmente nomeada de Professora, que leciona para o menino Pedro e seus colegas de turma da escola rural. O narrador da história é o próprio Pedro Ruralista que, recorrentes vezes, narra seu dia a dia na escola.

Na 27ª lição, intitulada *Meus Queridos Pais*, a narrativa centrava-se no ambiente da sala de aula, em uma atividade cujo objetivo era fazer com que as crianças recitassem poemas. O menino Pedro Ruralista, em ação que expressa protagonismo, sugere não ler a poesia indicada pela professora, denominada *Amai as Árvores*, do poeta cearense Martins d'Alvarez, recitando, em seu lugar, versos sobre honrar pai e mãe.

Observe-se, na figura 35, a imagem em branco e preto referente ao que ilustrou a referida lição:

Figura 35 – Ilustração contida na página 107 do livro de leitura A Criança do Brasil

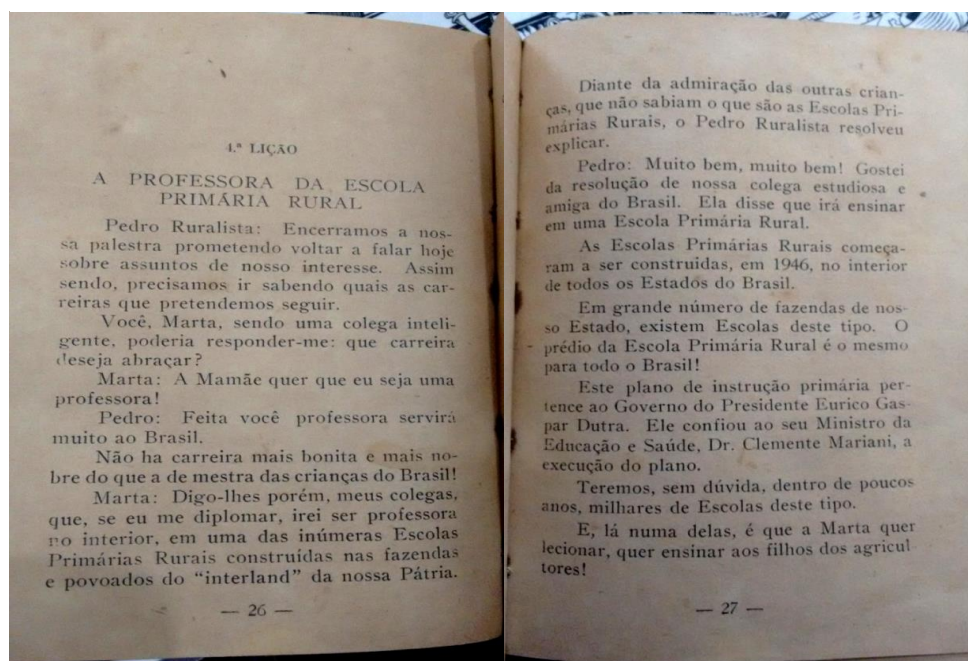


Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura (CE)

Na imagem, é possível observar que se trata de uma sala de aula mista, com meninos e meninas, conforme sugere a narrativa que entrelaça as lições, ainda que haja a proporção de apenas uma aluna para três alunos. O modo com que o ângulo da imagem é construído, com nuances de profundidade, sugere enfoque no atento alunado, que se confirma a partir da observância do aluno proximamente localizado à professora. Gesticulando, falando e com um papel à mão, nota-se que a imagem em questão busca representar o exato momento no qual o menino Pedro Ruralista propõe recitar outros versos que não foram os indicados pela professora, que parece ter acolhido o protagonismo do aluno. Na representação imagética da professora, o vestuário marca os padrões estéticos de uma época: uso de mangas longas, colo coberto, cabelos alinhados e penteados.

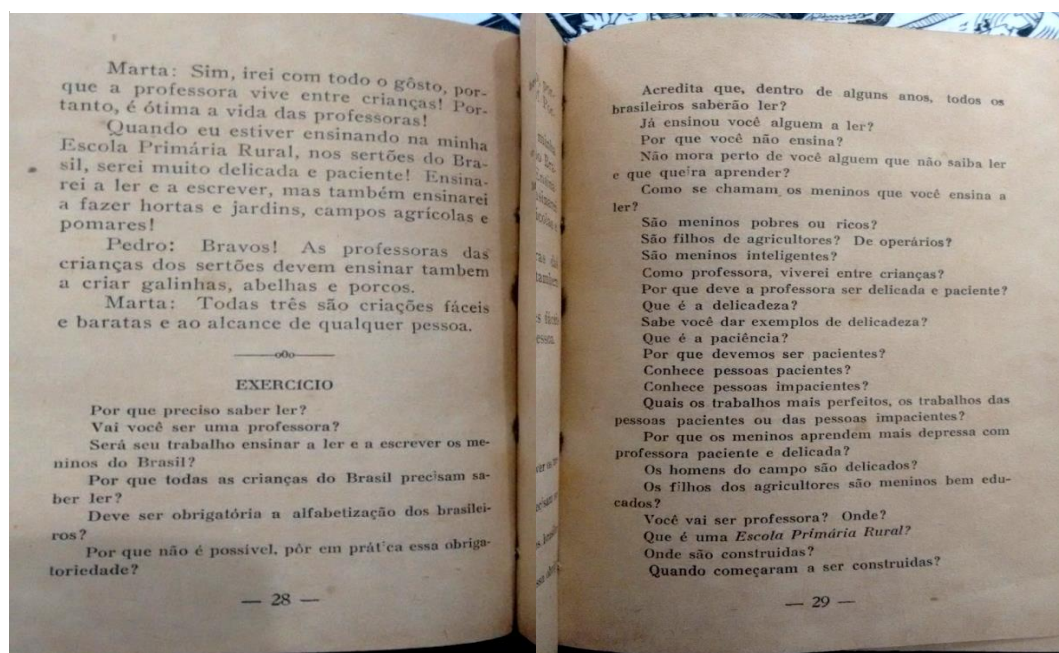
A 4ª lição do livro de leitura A Criança do Brasil intitula-se A Professora da Escola Primária Rural. Observem-se abaixo as imagens a ela correlatas, que expõem a configuração de uma lição completa do material didático em questão:

Figura 36 – Páginas 26 e 27 do livro de leitura A Criança do Brasil



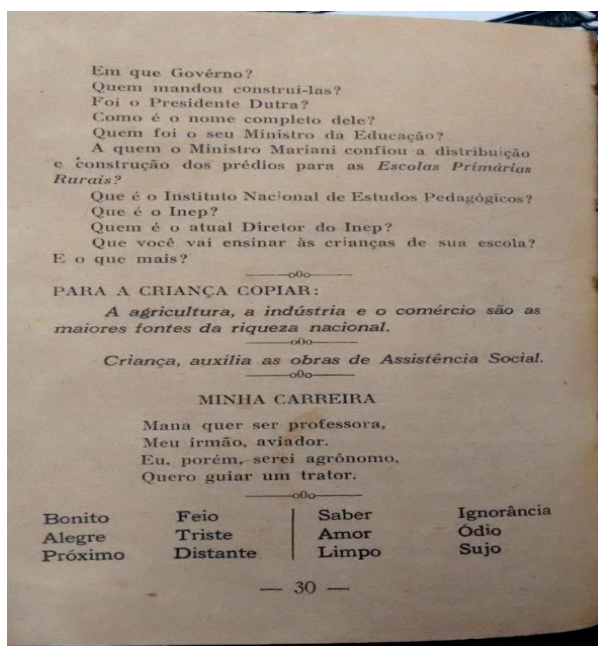
Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura (CE)

Figura 37 – Páginas 28 e 29 do livro de leitura A Criança do Brasil



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura (CE)

Figura 38 – Página 30 do livro de leitura A Criança do Brasil



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese no Plebeu Gabinete de Leitura (CE)

A quarta lição do livro de leitura *A Criança do Brasil* dedica-se inteiramente à temática da função docente em nível primário da escola rural. A narrativa que precede ao questionário e a seção *Para a Criança Copiar*, segue ao mesmo fio condutor das demais lições. Os personagens em foco nessa historieta são o menino Pedro Ruralista e a sua colega turma, a menina Marta. Apesar de o objetivo principal da narrativa, sinalizado desde o seu título, seja versar sobre a função da professora primária rural, a mesma, na condição de personagem, não figura as linhas desta lição:

Pedro Ruralista: Encerramos a nossa palestra prometendo voltar a falar hoje sobre assuntos de nosso interesse. Assim sendo, precisamos ir sabendo quais as carreiras que pretendemos seguir. Você, Marta, sendo uma colega inteligente, poderia responder-me: que carreira deseja abraçar? Marta: A Mamãe quer que eu seja uma professora! Pedro: Feita você professora servirá muito ao Brasil. Não ha carreira mais bonita e mais nobre do que a de mestra das crianças do Brasil! Marta: Digo-lhes porém, meus colegas, que, se eu me diplomar, irei ser professora no interior, em uma das inúmeras Escolas Primárias Rurais construídas nas fazendas e povoados do 'interlad' da nossa Pátria. Diante da admiração das outras crianças, que não sabiam o que são as Escolas Primárias Rurais, o Pedro Ruralista resolveu explicar. Pedro: Muito bem, muito bem! Gostei da resolução de nossa colega estudiosa e amiga do Brasil. Ela disse que irá ensinar em uma Escola Primária Rural. As Escolas Primárias Rurais começaram a ser construídas, em 1946, no interior de todos os Estados do Brasil. Em grande número de fazendas de nosso Estado, existem Escolas deste tipo. O prédio da Escola Primária Rural é o mesmo para todo o Brasil! Este plano de instrução primária pertence ao Governo do Presidente

Eurico Gaspar Dutra. Ele confiou ao seu Ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani, a execução do plano. Teremos, sem dúvida, dentro de poucos anos, milhares de Escolas deste tipo. E, lá numa delas, é que a Marta quer lecionar, quer ensinar aos filhos dos agricultores! Marta: Sim, irei com todo o gosto, porque a professora vive entre crianças! Portanto, é ótima a vida das professoras! Quando eu estiver ensinando na minha Escola Primária Rural, nos sertões do Brasil, serei muito delicada e paciente! Ensinarei a ler e a escrever, mas também ensinarei a fazer hortas e jardins, campos agrícolas e pomares! Pedro: Bravos! As professoras das crianças dos sertões devem ensinar também a criar galinhas, abelhas e porcos. Marta: Todas três são criações fáceis e baratas e ao alcance de qualquer pessoa. (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 26-28).

A fala de abertura da lição é pertencente ao seu protagonista: Pedro Ruralista. O menino inicia o assunto com sua classe escolar, referente à escolha das carreiras profissionais, estimulando Marta, colega de classe, a tornar-se professora no futuro. Nesse sentido, o professor é representado a partir de uma perspectiva laudatória e gloriosa: ele seria o responsável pelo progresso pátrio, sendo assim extremamente útil aos destinos do Brasil. Não parece ter sido ao acaso que Pedro Ruralista tenha incentivado uma colega, ao invés de um colega.

Exalta-se a figura da professora primária, no feminino, considerada admirável e nobre aos olhos cívicos da sociedade. O incentivo à carreira docente, no contexto do livro de leitura *A Criança do Brasil*, é conduzido sobretudo para o estímulo à formação de novas professoras primárias rurais. As mesmas eram representadas a partir de uma ótica ainda mais gloriosa, de acordo com os preceitos ruralistas, além de possuírem características como delicadeza e paciência para lidar com os alunos do campo. Os autores do referido livro de leitura também utilizam o espaço de suas páginas para fazer veicular o histórico das escolas primárias rurais, partindo de uma narrativa personalista e política.

Observe-se abaixo por quais caminhos os autores de *A Criança do Brasil* elaboraram o questionário correspondente à narrativa:

EXERCÍCIO - Por que preciso saber ler? Vai você ser uma professora? Será seu trabalho ensinar a ler e a escrever os meninos do Brasil? Por que todas as crianças do Brasil precisam saber ler? Deve ser obrigatória a alfabetização dos brasileiros? Por que não é possível, pôr em prática essa obrigatoriedade? Acredita que, dentro de alguns anos, todos os brasileiros saberão ler? Já ensinou você alguém a ler? Por que você não ensina? Não mora perto de você alguém que não saiba ler e que queira aprender? Como se chamam os meninos que você ensina a ler? São meninos pobres ou ricos? São filhos de agricultores? De operários? São meninos inteligentes? Como professora, viverei entre crianças? Por que deve a professora ser delicada e paciente? Que é a delicadeza? Sabe você dar exemplos de delicadeza? Que é a paciência? Por que devemos ser pacientes? Conhece pessoas pacientes? Conhece pessoas impacientes? Quais os trabalhos mais perfeitos, os trabalhos das pessoas

pacientes ou das pessoas impacientes? Por que os meninos aprendem mais depressa com professora paciente e delicada? Os homens do campo são delicados? Os filhos dos agricultores são meninos bem educados? Você vai ser professora? Onde? Que é uma *Escola Primária Rural*? Onde são construídas? Quando começaram a ser construídas? Em que Governo? Quem mandou construí-las? Foi o Presidente Dutra? Como é o nome completo dele? Quem foi o seu Ministro da Educação? A quem o Ministro Mariani confiou a distribuição e construção dos prédios para as *Escolas Primárias Rurais*? Que é o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos? Que é o Inep? Quem é o atual Diretor do Inep? Que você vai ensinar às crianças de sua escola? E o que mais? PARA A CRIANÇA COPIAR: A agricultura, a indústria e o comércio são as maiores fontes da riqueza nacional. Criança, auxilia as obras de Assistência Social. MINHA CARREIRA - Mana quer ser professora, meu irmão aviador. Eu, porém, serei agrônomo, quero guiar um trator. (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 28-30, grifo do autor).

A seção intitulada de Exercício, correspondente à lição A Professora Primária Rural, busca ratificar o estímulo ao exercício da profissão docente ao alunado primário, formulando perguntas cujas respostas estão explícitas no texto anterior aos exercícios. Ressalta-se que, para além do estímulo de que a criança deveria optar, no futuro, pelo exercício da docência, havia também uma incitação imediata: os autores sugerem que o alunado primário rural repassasse seus conhecimentos da escola primária, sobretudo de alfabetização, aos indivíduos que fossem analfabetos e residissem perto desses alunos. Tratava-se de incentivar a extirpação do analfabetismo, para além das estratégias do ensino formal.

O livro *A Infância Rural*, elaborado pelo agrônomo J. Osório de Souza Júnior, foi lançado em 1945 em parceria com a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, em sua diretoria de Publicidade Agrícola, sendo assim distribuído gratuitamente. Já desde a sua capa, observável na Figura 39, clarifica seus objetivos em exaltar os elementos próprios do ambiente rural, como o cultivo da terra, a pecuária, a enxada e o sentar-se diretamente à grama, sem incômodos.

Escrito sob o pilar do que julgava ser um patriotismo sadio, em suas páginas iniciais, destacou que se tratava de um livro elaborado exclusivamente para os professores rurais e às crianças que vivenciavam o cotidiano do campo. Seu propósito consistia na idealização de "um programa para o reerguimento moral, intelectual e econômico das nossas forças rurais, o qual, no nosso entender, se processará através da educação da nossa infância." (SOUZA JÚNIOR, 1945, p. 1).

Figura 39 – Capa do livro de leitura A Infancia Rural - 1945



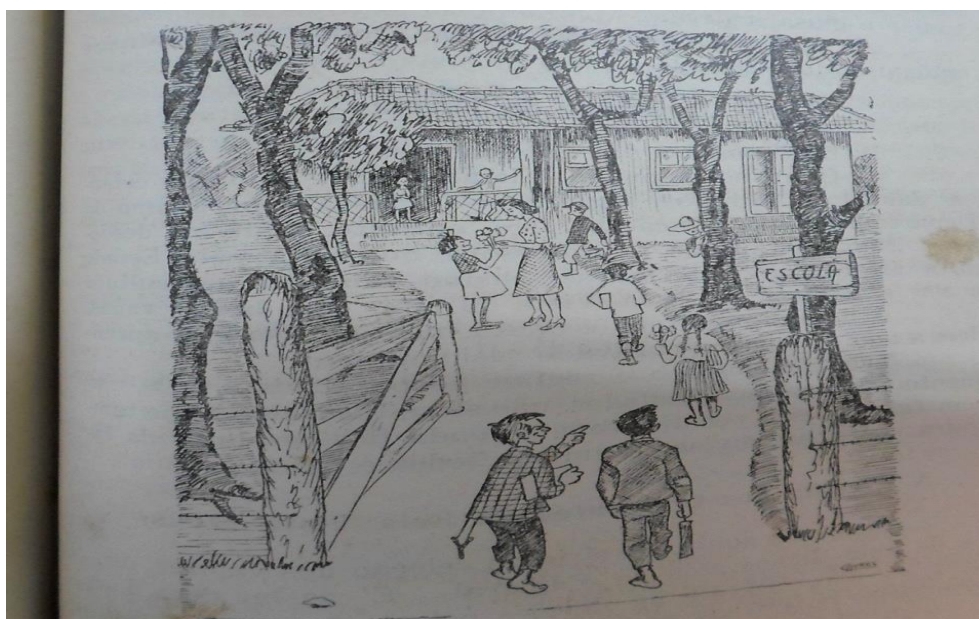
Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na biblioteca da Ciências Humanas da USP

Em *A Infancia Rural*, o autor, em capítulo específico sobre o Ensino Rural, insere em sua narrativa o seguinte trecho: "Vocês estão estudando, e são educadas com este sentimento ruralista. Mais tarde, quando professoras, poderão cooperar para a solução deste problema". (SOUZA JÚNIOR, 1945, p. 25). O axioma ao qual se referia o autor tratava-se de fazer evoluir a vida campestre, diminuindo as agruras da vida do agricultor. Prosseguindo com a argumentação do estímulo à profissão docente no campo, destaca-se o que foi postulado no tópico intitulado Professoras Rurais:

As professoras da roça precisam ser nascidas, criadas, educadas e formadas num ambiente rural. Não se devem habituar aos pseudos encantos das cidades. Assim, evitar-se-ão os constantes pedidos de transferência para as escolas urbanas. O plano em questão estabelece a criação das escolas normais rurais. Nelas, formar-se-iam professoras, filhas dos nossos operários agrícolas. O curso, inclusive o elementar, seria de seis anos. As moças receberiam diploma de professoras rurais e só poderiam exercer o magistério nas zonas agrícolas. - Pode ficar descansada, vovó. Não só serei professora ruralista, como também encabeçarei êste movimento, contribuindo assim para o equipamento do nosso exército de produção, que, estou certa, será vitorioso na luta das competições econômicas. Promete-lhe Terezinha. (SOUZA JÚNIOR, 1945, p. 27).

As representações construídas acerca da professora rural, no livro *A Infância Rural*, consistem na exaltação do amor ao campo em detrimento às cidades. Também nessa produção didática há forte apelo para que, sobretudo as moças, seguissem, no futuro, a carreira docente. Seu autor advogava que essas professoras rurais fossem nascidas e criadas no ambiente campestre e, se possível, ainda fossem filhas dos operários agrícolas, buscando frear os pedidos de transferência profissional com direção às cidades. Ser professora com atuação rural significava cooperar para a produção agrícola, para o progresso econômico das zonas campestres. Nas páginas de *A Infância Rural*, também foi veiculada uma representação imagética dessa modalidade de escola, constando em seu centro a imagem da professora:

Figura 40 – Ilustração da página 75 do livro de leitura *A Infância Rural* - 1945



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese na biblioteca da Ciências Humanas da USP

A professora rural representada na imagem é nomeada de Dona Dilse e aparenta performar feições de delicadeza, ao receber flores de uma aluna. Os dois sujeitos que estão entrando pela porteira da escola, que se assemelha a uma fazenda, são visitantes desse espaço escolar campestre. Na narrativa do referido livro de leitura, a professora Dilse apresenta seu local de trabalho para os mesmos da seguinte forma:

D. Dilse passa a dar explicações. - O ensino primário oficial é ministrado às crianças das 11 às 16 horas, seguindo-se à risca o programa do Departamento de Educação. No entanto, aqui me desdubro. Não sou apenas a professora

nomeada pelo Estado para alfabetizar as crianças, ensino também agricultura e sou a gerente da Bela Vista Mirim, nas horas vagas. A nossa fazendinha é mixta, nela os meninos aprendem a amar o solo e a cultivá-lo racionalmente. (SOUSA JÚNIOR, 1945, p. 76).

A autorrepresentação de Dona Dilse sobre sua profissão centra-se em uma das principais características da professora rural: a de não dedicar-se somente ao currículo tradicional, lecionado nas escolas citadinas, mas de aliar a esses conteúdos e à alfabetização as noções agrícolas, incentivando o amor aos elementos próprios do campo, como o solo, as plantações, os animais, etc. Desse modo: "a formação profissional da normalista rural deveria, pois, se orientar pelo lídimo ideal de vida campesina". (ARAÚJO, 2014, p. 74). Em função desses elementos, advoga-se a figura da professora rural nascida e criada no campo, bem como alguém que optasse, por desejo próprio, não emigrar para as cidades e fixar-se no ambiente campesino.

A 16ª lição do livro *A Criança do Brasil* tratava da escola noturna de Pedro Ruralista, o protagonista da narrativa:

Pedro: A minha professora sempre diz que é amiga do Brasil. Também sou e serei amigo da minha Pátria. Marta: A professora é uma grande amiga do Brasil, porque ensina a ler e a escrever as crianças que não sabem. Pedro: Vou ser agricultor, e já sou professor. Em casa de Papai, à noite, reúno crianças, rapazes e moças, que não sabem ler e ensino o que já sei. Marta: Vou ajudarte neste trabalho, em que tanto tens servido ao Brasil. EXERCÍCIO: E' a minha professora amiga do Brasil? Quem são os maiores amigos do Brasil? São os agricultores amigos do Brasil? Na sua fazenda, ha aulas noturnas? Por que não abre você uma aula noturna para ensinar a ler as pessoas que não sabem? Ensinando a ler, sirvo ao Brasil? Que é servir ao Brasil? Servir ao Brasil honra ao cidadão? Quais são as pessoas que mais servem ao Brasil? Conhece um grande amigo do Brasil? Fazendo trabalhos agrícolas, servimos ao Brasil? Como melhor se serve ao Brasil? (BARROSO; BARROSO, 1950, p. 67-68).

Uma vez mais, a professora rural é representada como responsável pelo progresso pátrio, sendo posta como amiga do Brasil. Pedro Ruralista apresenta-se como aluno e professor, à medida com que busca alfabetizar crianças, rapazes e moças de seu convívio que ainda estavam sob o signo do analfabetismo. Ensinar as primeiras letras de forma leiga era considerada uma ação de intenso patriotismo. A imagem de abertura da seção impõe enfoque ao referido menino, em sua "escola noturna", com esses indivíduos que reunia para compartilhar conhecimentos:

As cores vívidas que estamparam a capa da cartilha em questão, recurso gráfico de destaque à época, desvelam alguns elementos relevantes. As bochechas rosadas sugerem que se trata de uma criança saudável, o braço em riste sugere um aluno ativo, a expressão de ânimo sugere empolgação pelo estudo, o traje bem passado sugere zelo e higiene, o material escolar à mão, junto de si, assim como o detalhe de que o menino parece surgir das laudas de um livro, sugerem prontidão para o estudo. Toda essa forma de se representar o aluno do ensino primário, através de imagens, parecem buscar conferir proatividade ao estudante.

A referida cartilha, saída em 1941 pela Typografia Cupolo, de São Paulo, foi elaborada para ser utilizada em sala de aula, no processo de alfabetização, através de suas páginas que continham frases concisas, em letras aumentadas, imagens em preto e branco correspondentes à palavra em foco na lição e sua ênfase silábica. Esse é um dos manuais didáticos que dedicou suas laudas iniciais a uma espécie de manual ou guia para o professor, que a autora intitulou de Instruções para o Emprêgo deste Caderno. O uso da cartilha intitulada Caderno de Alfabetização é sugerido pela professora Saturnina ao longo de quatro aulas, seguidas de um dia específico para recapitulação.

Nessas instruções, ressalta-se o uso exclusivo do gênero feminino para se referir à docência no Ensino Primário:

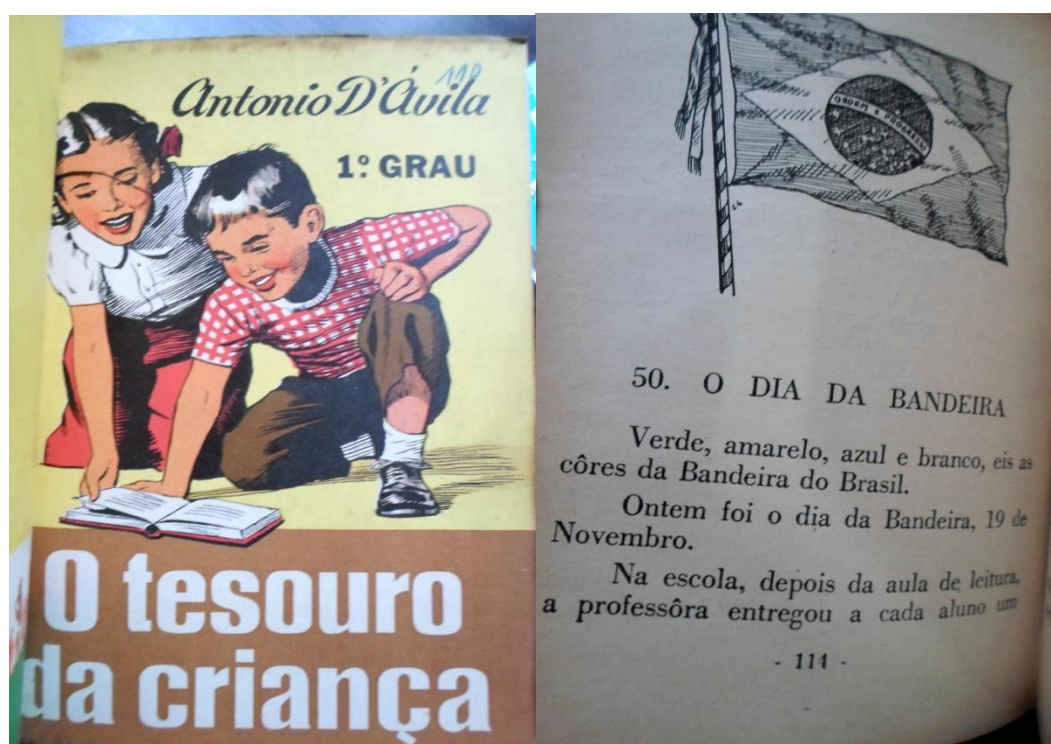
1.^a AULA - Pelos processos já muito conhecidos obter a primeira sentença e escrevê-la no quadro negro. Depois de lida por todos os alunos, pedir-lhes que apontem a palavra tatú que será novamente escrita pela professora e lida por eles. A professora deve então pronunciar, vagarosamente, essa palavra para que as crianças distingam bem suas sílabas. Focalizará a atenção da classe para a sílaba inicial ta. Deve escrever a sílaba muitas vezes, vagarosamente, pronunciando-a sempre e convidando as crianças para escrevê-la também, no ar, com o dedinho. [...] Para ensinar as sílabas com as outras vogais a professora deve ter muito cuidado. É preciso que essa mudança seja feita no quadro, sempre à vista dos alunos. [...] Depois da lição bem sabida, é imprescindível o ditado no quadro, onde cada aluno escreverá uma palavra. Não permitir que os alunos leiam no livro uma lição qualquer antes de bem ensinada no quadro negro. Afim de estimular a classe, faça a professora ditado em papel das lições ensinadas, sempre que for possível. Se as sílabas forem dadas sem pressa, verificará a professora que os alunos pouco errarão, esforçando-se todos para obter nota 100. Costumo fazer ditado em meia folha de linguagem, para que os alunos possam mostrar a seus pais, em casa, o seu adeantamento. A autora. (FAGUNDES, 1941, p. 3 e 5).

Nas páginas introdutórias do Caderno de Alfabetização, torna-se nítido que se trata de uma produção didática escrita de uma professora para outras professoras. As últimas linhas do trecho supracitado assinalam um compartilhamento de uma prática pedagógica empreendida pela autora, considerada exitosa, aos profissionais da docência leitores da cartilha, que em

grande maioria, também eram mulheres. Em todo o guia didático que precede as lições da cartilha da Profª Saturnina, a docência é referida no feminino.

A 7ª edição do livro de leitura intitulado *O Tesouro da Criança*, saído pela Companhia Editora Nacional, data de 1953. É possível inferir, portanto, que se trata de uma produção didática cujas primeiras edições foram lançadas na década de 1940. Trata-se de uma coletânea, de títulos homônimos, com volumes direcionados para o 1º, 2º e 3º grau primário.

Figura 43 – Capa e página 114 do livro *O Tesouro da Criança* - 1953



Fonte: Fotografia produzida pela autora desta tese na Biblioteca de Ciências Humanas da USP

Sua capa reproduz a imagem de suas crianças, um menino e uma menina, ambos aparentando estarem ávidos pelo conhecimento e expressando felicidade em relação aos estudos. A sua seção que mais representa, de modo direto, a função docente é, sintomaticamente, o capítulo dedicado ao símbolo nacional da bandeira:

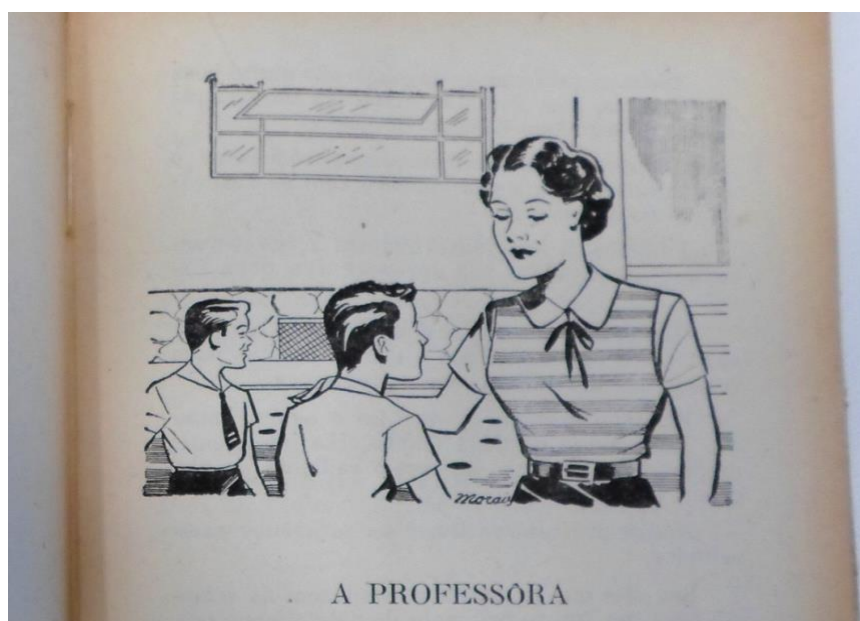
Verde, amarelo, azul e branco, eis as cores da Bandeira do Brasil. Ontem foi o dia da Bandeira, 19 de Novembro. Na escola, depois da aula de leitura, a professora entregou a cada aluno um papel de desenho. Em seguida pendurou à nossa frente uma bandeira nacional, dizendo: - Olhem bem para este modelo. Procurem fazer um desenho bem bonito. Copiem a bandeira. Quem quiser pode colori-la. Fizemos o retângulo, fizemos o losango, fizemos a esfera e a faixa. O mais difícil foi desenhar as estrêlas. Um menino fêz estrêlas grandes demais. Não cabiam tôdas sob a faixa. Vendo-se atrapalhado, começou a

chorar baixinho. Então, um colega da frente aconselhou-o:- Bobo, não chore. Ponha o resto das estrelas por cima da faixa. Podia o menino fazer isso? Gostei da bandeira do Ricardo. Êle caprichou na letra e escreveu na faixa, bem certinho: ORDEM E PROGRESSO. (D'ÁVILA, 1953, p. 114-115).

Em alusão à data cívico-comemorativa do Dia da Bandeira, o autor dessa referida produção didática destaca, em sua narrativa, recortes do que seria uma prática docente pautada pelo patriotismo, atenta aos símbolos nacionais. Ensinar as crianças a desenhar a bandeira nacional, em suas formas geométricas e dizeres de ordem e progresso, fazia parte de uma prática pedagógica imbuída de fervor patriótico, posto como exigência aos docentes do período.

O livro de leitura intitulado de Brasil Unido integrava a Coleção Didática do Brasil e a série homônima à obra em questão, editados pela Editôra do Brasil S/A. Sua contracapa apregoava vieses de legitimidade, ao afirmar que era Aprovado pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo. O referido livro é composto por 40 textos concisos, que abordavam os mais variados temas, como a questão rural, História do Brasil, lendas folclóricas, motes patrióticos, etc. A edição consultada é a 5ª, publicada em 1956, sendo possível supor que sua primeira edição remete ao fim dos anos 1940 ou ao início dos anos 1950. O texto que trata de modo mais direto sobre a função docente intitula-se A Professora. Precedente à narrativa há uma representação imagética docente e discente:

Figura 44 – Ilustração da página 17 do livro de leitura Brasil Unido - 1956



Nessa referida seção da produção didática Brasil Unido, há uma narrativa ambientada em um primeiro dia de aula e, ao conceder fala ao aluno protagonista sobre as suas expectativas em torno de sua nova professora nesse início de ano letivo, o autor permite entrever uma concepção idealizada de docência:

Hoje é o primeiro dia de aula. Paulinho compareceu ao grupo, ansioso para conhecer sua nova professora. Logo ao primeiro sinal para a entrada das aulas, seus lábios abriram-se num sorriso espontâneo, quando viu dona Cecília aproximar-se e tomar a direção da sua fila no recreio. Todas as professoras do grupo são muito boas e estimadas, mas Paulinho mantinha um grande desejo de ser aluno de dona Cecília. Ela sempre se mostrou alegre, sorridente e comunicativa com a sua classe e com os futuros alunos do segundo ano. Paulinho já imaginava quantas lições proveitosas e interessantes iria aprender com dona Cecília. Os meninos que foram alunos dela no ano passado, todos os dias tinham histórias bonitas para contar, que aprendiam com a professora. Paulinho gostava de ouvi-los e agora, saber que seria aluno de dona Cecília, tão inteligente, preparada e bondosa, tornava-o radiante de alegria. Nossos professores devem ser estimados e respeitados. São eles que preparam e conduzem as crianças para um futuro brilhante de patriotismo, trabalho e honradez. (CARVALHO, 1956, p. 17-18, grifos do autor).

Na narrativa didática de Maria Luiza Britto de Carvalho, a figura da professora primária, especificamente a personagem Prof^a Cecília, é representada como motivo de felicidade e admiração estudantil. Destacam-se as suas características, postas de forma elogiosa, integrando, portanto, o que seria uma boa docente. São elas: alegria, simpatia, boa comunicação com os discentes, inteligência, preparo e bondade. As últimas três linhas da citação acima compartilham de uma narrativa recorrente no período, no que atine a se instigar estima e respeito aos professores, justificando esse dever com base na finalidade maior do trabalho docente: preparar as gerações futuras, isto é, as crianças do alunado primário, para honrar o tripé patriotismo, exaltação ao trabalho e à honradez.

Esse respeito, estimulado em direção aos professores, foi posto de modo ainda mais claro no referido livro de leitura na subseção do texto A Professora, intitulado Deveres para com os Mestres:

A escola é uma sociedade cujos alunos formam uma verdadeira família sob a direção do mestre. E' ele quem se encarrega de educar e instruir as crianças e os moços. Obedecendo ao mestre, os alunos melhor aproveitarão os seus ensinamentos. Respeitando-o, estimando-o, dar-lhe-ão a melhor prova de sua gratidão. A Pátria exige homens bons, preparados, capazes de engrandecê-la pelo trabalho honrado e é ao mestre que ela encarrega de formar êstes homens. (CARVALHO, 1956, p. 19).

Sendo o espaço escolar representado como uma família, o mestre ou a mestra, assemelhavam-se ao papel de pai ou mãe em relação aos discentes. A obediência ao profissional da docência, em sala de aula, resultaria em, além de um maior aproveitamento dos momentos escolares, reconhecimento e gratidão ao labor fielmente patriótico dos mesmos. O último período da citação supracitada expressa uma representação do trabalho docente, que consistiria na preparação de homens considerados bons, preparados e com honradez no trabalho. O docente, portanto, seria responsável por alavancar os destinos pátrios.

Conclui-se, portanto, que as produções didáticas analisadas, ou seja, cartilhas e livros de leitura do período expressavam representações idealizadas sobre a docência, não havendo espaço para quaisquer problematizações sobre as agruras do labor professoral, diferentemente de como se processava na imprensa periódica da capital cearense e na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um lugar no qual as permanências afrontam as rupturas: história da profissão docente.

Pouco - ou quase nada - faria abrolhar relações de sentido aos estudos de História da Educação, acaso seu valor pairasse unicamente sobre o passado. As nuances educacionais – sobretudo vivas, feitas de gente(s) e afetos acalorados – não parece cobiçar letras mortas ou, ainda, raízes estáticas fincadas em tempos de outrora. O passado pelo passado, novamente, pouco – ou quase nada – agrega serventias. De que forma, pois, esta pesquisa, sobre História da Educação no Ceará da década de 1940, em suas rupturas e permanências, no limite, é útil aos nossos tempos?

Por caminhos enviesados e objetivos diversos, no ano de 2020, foi possível observar, no interior do recinto que, habitualmente, denomina-se Sala dos Professores, em uma escola pública localizada em solo cearense, um pequeno quadro afixado em sua parede interna. Nele, havia alguns versos escritos em letras miúdas, conforme pode-se observar na imagem e transcrição abaixo:

Figura 45 – Fotografia de um quadro emoldurado contendo a Oração do Professor



Fonte: fotografia produzida pela autora desta tese

Obrigado, Senhor, por atribuir-me a missão de ensinar e por fazer de mim um professor no mundo da educação. Eu te agradeço pelo compromisso de formar tantas pessoas e te ofereço todos os meus dons. São Grandes os desafios de cada dia, mas é gratificante ver os objetivos alcançados, na graça de servir, colaborar e ampliar os horizontes do conhecimento. Quero celebrar as minhas

conquistas exaltando também o sofrimento que me fez crescer e evoluir. Quero renovar cada dia a coragem de sempre recomeçar, Senhor! Inspira-me na minha vocação de mestre e comunicador para melhor poder servir. Abençoa todos os que se empenham neste trabalho, iluminando-lhes o caminho. Obrigado, meu Deus, pelo dom da vida e por fazer de mim um educador hoje e sempre. Amem! (ORAÇÃO do Professor).

A intitulada Oração do Professor, inscrita no quadro emoldurada em madeira talhada, cuja autoria é desconhecida, parece ter sido escrita no presente e para o presente. O quadro em questão não se pretendia obsoleto: sua presença na sala dos professores soava como um lembrete aos docentes que, entre aulas, intervalos e reuniões, tinham contato um conceito de docência calcado em ideais missionários e vocacionais, de abnegação e renúncias. O próprio formato de oração já anuncia as relações estreitas, ainda latentes, entre educação e religião, por mais que as letras da lei legitimem o ensino público laico. Dom, vocação, serviço e sofrimento são termos pertencentes ao imaginário religioso que são, contudo, sintomaticamente integrados à questão docente. Tratam-se dos fios sinalizadores de que o passado da profissão docente ainda se impõe aos nossos tempos.

No ano de 2011, período no qual, por coincidência, ingressei no curso de licenciatura em História, o então governador do Estado do Ceará proferiu dizeres, diante de um movimento grevista dos professores estaduais, que reverberariam até os dias atuais e seriam frequentemente lembrados pela classe, mesmo passada uma década. Sua argumentação consistia na sua crença, que no momento representava o Estado, de que o professor do ensino público deveria trabalhar por amor, e não por dinheiro. De acordo com o Portal Ig, que 7 anos após a ocasião relatada, publicou notícia verificando como falsa a atribuição desse discurso sobre a classe docente à Geraldo Alckmin, então candidato à presidência da República, destaca-se:

Professor tem que trabalhar por amor? A frase foi originalmente atribuída ao então governador do Ceará Cid Gomes no final de agosto de 2011, quando o estado enfrentava uma greve de professores. [...] A frase: ‘Quem quiser dar aula, faça isso por gosto, e não pelo salário. Se quiser ganhar melhor, pede demissão e vá para o ensino privado’ vem sendo atribuída a Geraldo Alckmin em sites e em redes sociais, mas não há qualquer registro de que o candidato do PSDB à presidência da República a tenha proferido em algum momento. [...] Embora não se tenha encontrado um registro da frase original que teria sido dita por Cid Gomes, parte de uma entrevista sua, concedida em 2011, está gravada. [...] O caso repercutiu e até *outdoors* foram colocados em Fortaleza, capital cearense, ironizando a declaração. (PROFESSOR..., 2018, p. 1, grifo nosso).

O referido movimento reivindicava, entre outras demandas, um aumento da remuneração docente. Conforme mencionado na notícia acima, o então governador do Ceará chegara a sugerir que os professores grevistas solicitassem exoneração do cargo público e realizassem posterior migração para a rede privada de ensino.

Na historicidade da profissão docente, as permanências afrontam as rupturas.

Na contramão do fardo da finitude, que é imposto e revelado desde os primeiros lampejos de consciência após o nascimento de qualquer ser humano, Coelho Sampaio soma-se aos indivíduos que empreendem esforços no sentido de viabilizar o desejo de perpetuar suas vidas através das palavras escritas e das histórias registradas em tinta e papel. Os sujeitos que recorrem às narrativas (auto)biográficas buscam eternizar a si mesmos, em suma, na História.

Este estudo se configura, simultaneamente, como um afinilamento e uma expansão: reduziu o problema de pesquisa e dilatou as tipologias das fontes históricas em análise. A origem da pesquisa documental nos jornais da capital cearense, no período dos anos 1940, remonta a meados do ano de 2011, ainda no meu segundo ano do curso de graduação em História (UFC) e 1 ano após a morte do professor Coelho Sampaio. Entre os anos de 2015 e 2017, a pesquisa enfrentou seu primeiro desafio dissertativo, em nível de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da UFC. Na ocasião, o enfoque espraiou-se sobre os múltiplos eixos temáticos abordados pelo autor das colunas Ensino e Educação, em perspectiva panorâmica. Na presente tese, manteve-se o mote – a escrita colunar de Sampaio sobre questões pedagógicas – e mudou-se o problema para uma perspectiva mais circunscrita: os modos de se construir signos, conceitos e ponderações sobre a profissão docente.

Buscou-se empreender, no limite, uma História dos modos de se compreender o labor docente, enfocando a historicidade das representações sobre a docência, a partir dos jornais portadores de grande circulação na capital cearense, da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), da literatura didática – em especial cartilhas e livros de leitura – e legislações educacionais. Por caminhos enviesados, sinuosos e singulares, cada uma das tipologias mencionadas erigiram representações sobre ser professor e sobre ser professora.

Para Coelho Sampaio, em sua coluna Ensino e Educação, publicada no matutino diário Gazeta de Notícias, a maioria das representações por ele erigidas acerca da profissão docente foi sobre a figura do professor primário. Diferentemente dos demais intelectuais do período que escreviam em espaços jornalísticos sobre questões educacionais, em suas construções discursivas, Coelho Sampaio não utilizava de forma constante o uso do artigo feminino para se referir aos docentes do ensino primário. Essa particularidade talvez tenha se processado para não ferir a legitimidade de sua atuação nesse nível de ensino, como Diretor do

Instituto São Raimundo e sua trajetória como professor de outros estabelecimentos de ensino primário da capital cearense.

Os pares de Coelho Sampaio, que também faziam circular ponderações pedagógicas nas folhas jornalísticas da capital cearense, entre o material consultado, utilizavam, como característica comum e usual, o uso do feminino para referir-se aos profissionais da docência. Os termos mais comuns eram: professora, educadora, mestra e mestre-escola.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, durante o processo investigativo desta pesquisa, desvelou ser um espaço que abrigava múltiplas concepções de Educação e de Docência, sendo elas recorrentes vezes acentuadamente litigiosas. Ainda que seja de caráter oficioso, por ser produzida pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde (MES), essa fonte histórica não apresenta ao seu leitor posicionamentos homogêneos, unânimes e retilíneos.

Sob a égide dos intentos de se coligir as principais pautas educacionais em escala mundial (através dos autores estrangeiros), nacional (por meio de intelectuais formados e atuantes no contexto brasileiro) e regional (principalmente na seção *Através das Revistas e Jornais*), a RBEP não compilou apenas textos, simplesmente. Ela captou debates pedagógicos e tinha ciência de tal feito. Não ao acaso os responsáveis pela Revista estamparam em suas páginas oficiais que as ponderações pedagógicas expressas nos diferentes textos, de diversos autores que integravam cada edição, eram de responsabilidade intelectual de cada autoria. Torna-se relevante destacar, ainda, que as suas diferentes seções demandam cuidados metodológicos distintos.

Na literatura didática pesquisada, isto é, nas cartilhas e livros de leitura do período, observou-se que há representações mais cristalizadas acerca da profissão docente construídas com base no imaginário apostolar. Foi recorrente, na análise dessa tipologia de fontes históricas, as narrativas que buscavam instigar às famílias das moças e às próprias meninas a seguirem a profissão docente. Sobretudo quando se pensa no ideal de expansão do ensino primário, atrelado à já longa luta contra o analfabetismo, havia um forte estímulo para que crianças e jovens seguissem a carreira docente, como forma de viabilizar esses ideais de larga alfabetização. Essa incitação ao exercício da docência mostrou-se acentuadamente imbricado às formas com que se representou a função docente nesses materiais didáticos, idealizando e exaltando o cotidiano professoral, que os jornais pesquisados mostraram ser permeado por agruras. Nas páginas das cartilhas e livros de leitura examinados, observou-se que os percalços presentes no exercício da profissão docente foram ocultados. Essa ausência, contudo, muito comunica.

Esta tese, conforme se pode observar, lidou com múltiplas tipologias documentais, que demandaram dois desafios diferentes. O primeiro deles, atine a uma questão prática, de acesso aos documentos. No Ceará, foram visitados os seguintes espaços de pesquisa: a Biblioteca Pública do Estado do Ceará (BECE), instituição que possibilitou o acesso aos principais jornais utilizados nesta investigação e também obras raras do período. Há de se destacar, ainda, que a BECE passou por uma intensa reforma, que durou aproximadamente no início do ano de 2014, sendo reinaugurada plenamente apenas em meados de 2021. Nesse período, após protestos que reivindicavam o fechamento parcial da Instituição, – dos quais participei – foi possível fazer consultas aos documentos em espaços estatais improvisados.

Outro espaço de pesquisa constantemente visitado foi o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IHGACE), que também dispõe de acervo jornalístico semelhante ao da BECE, no período enfocado nesta pesquisa, e que, contudo, dispunha de melhor nível de conservação dos documentos, fazendo-se necessárias consultas cruzadas nessas duas instituições citadas.

Além dos acervos já citados, somam-se ao rol dos espaços de pesquisa frequentados, o Plebeu Gabinete de Leitura, no qual acessei parte da literatura didática do período; a Associação Cearense de Imprensa (ACI), para consulta de periódicos; e a Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da UFC, no qual foram acessados alguns números da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

Na cidade do Rio de Janeiro, foram necessárias visitas ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, no setor de obras gerais e obras raras, para acessar os livros de Coelho Sampaio e outras cartilhas do período, assim como o setor da hemeroteca, no formato de microfilmes. Também na cidade de São Paulo fizeram-se imperativas consultas no acervo da biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), que possui a salvaguarda de diversos exemplares da literatura didática do período.

O segundo desafio enfrentado foi de ordem teórico-metodológica, haja vista que cada tipologia de fontes históricas demanda manejos operacionais específicos, para não incorrer em anacronismos ou utilizações documentais que descolam o texto dos contextos de produção.

A partir da consciência teórica inexorável de que toda construção de conhecimento histórico é intrínseca às questões do seu próprio tempo, foram recorrentes as constatações, na escrita desta tese, de que quando o assunto são representações sobre a profissão docente, o passado se faz presente. O mote inicial destas reflexões referentes à etapa conclusiva deste estudo, isto é, o texto referente à Oração do Professor, estampado nas paredes de uma escola

pública cearense, é apenas representativo. São notórias, aos que possuem vivências no magistério, a teimosia das permanências.

No que se refere à experiência pessoal da pesquisadora em suas relações com a docência, considera-se a escrita desta tese como etapa formativa essencial. Ocupando o lugar social de educadora, compreender a historicidade da profissão docente significa coligir ferramentas para se transformar o presente. Espera-se que as reflexões desenvolvidas neste estudo incitem estímulos semelhantes às suas leitoras e seus leitores. A finalização desta pesquisa sinalizou, através do exame de diversas tipologias e linguagens perscrutadas, que a história da profissão docente não é um campo de progressos retilíneos.

No rol das experiências pessoais, há de se destacar, ainda, uma reflexão iniciada na seção dos agradecimentos desta tese, referentes aos meus avós. Os mesmos, nascidos nos anos de 1930, na década de 1940 possuíam idade escolar compatível com o Ensino Primário (7 a 12 anos). Contudo, meu avô materno e minha avó paterna eram analfabetos. Meu avô paterno e minha avó materna tiveram acesso à alfabetização de modo informal, na casa de professores leigos. O espaço escolar não era uma opção. O direito à escolarização foi-lhes negado.

Grande parte desse cerceamento se dava em função de uma necessidade mais imperativa: fomentar o sustento familiar, ainda na infância. Ainda meninos e meninas, o contexto de acentuada pobreza os apartavam dos bancos escolares. Minha avó materna menciona, ainda, o fator decisivo que lhe impediu de frequentar um recente grupo escolar surgido à época: seu pai, meu bisavô, não lhe permitiu aquele estudo, pois, caso a mesma aprendesse a ler, escreveria cartas endereçadas a namorados. Nascer mulher, neste caso, foi fator impeditivo para a sua escolarização, em um contexto arraigadamente patriarcal.

Seja pelos fatores de classe ou de gênero, ter ciência dos (des)caminhos atrelados aos processos de alfabetização e escolarização desse histórico familiar situado no mesmo recorte temporal e espacial dos meus estudos, fez com que a escrita desta tese não olvidasse esses sujeitos que não tinham acesso à escola nesse período. Até mesmo porque dois dos meus avós integravam as acentuadas taxas de analfabetismo na Fortaleza dos anos 1940.

A presente tese buscou proceder com a estruturação de seus capítulos a partir das tipologias documentais perscrutadas. O trabalho de seleção dessas fontes se configurou como tarefa espinhosa, haja vista o acentuado volume coligido ao longo dos anos de dedicação à pesquisa. Muitas delas, inevitavelmente, serão investigadas em momentos posteriores. No rol das tarefas mais difíceis de se executar, no processo de escrita desta tese, ocupa o topo a azáfama de encontrar um local adequado para pôr o ponto final: o encerramento das discussões, da seleção/análise das fontes históricas e do compartilhamento dos elementos pesquisados. A

dificuldade da referida empreitada se deu porque esse ponto final, no limite, não existe. Este estudo não se pretende completo, diante da percepção de que as problemáticas relacionadas aos (con)textos, fontes e objetos abordados ainda muito têm o que comunicar aos nossos tempos.

Os apêndices que se seguem foram elaborados e disponibilizados com vistas ao objetivo de instigar novos motes investigativos a partir das fontes históricas utilizadas nesta tese. Tratam-se de documentos que, por vezes, podem ser considerados de difícil acesso para os futuros pesquisadores que nutrirem interesse pela história da profissão docente nos contextos espaço-temporais analisados.

REFERÊNCIAS

Fontes históricas

A FESTA de aniversário do Instituto São Raimundo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 17 jul. 1946.

A FORMAÇÃO dos professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 28, p. 369-370, mai./jun. 1947.

A FUNÇÃO docente e sua eficiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 3-4, set./dez. 1949.

ALMEIDA JÚNIOR, A.; MURSA, M. **Noções de Puericultura**. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1927.

A PROFESSORA primária. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 02 fev. 1950.

A REMUNERAÇÃO do professor primário. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 327-328, mai./jun. 1945.

ASSISTÊNCIA a criança Pobre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 8, 25 dez. 1945.

ASSOCIAÇÃO dos professores primários do Ceará. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 06 jun. 1948.

A UNIÃO Estadual dos Estudantes e a <<Campanha prò-petróleo>>. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 10 out. 1947.

BACKHEUSER, E. Inquérito sobre qualidades do professor. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 182-209, mai. 1945.

_____. O professor e a organização nacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 150, jul. 1944.

BAGILEY, W. C. A Formação dos Professores nos Estados Unidos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 28, p. 426-454, mai./jun. 1947.

BARBOSA, R. Preâmbulo do tradutor. In: CALKINS, N. A. **Primeiras lições de coisas**. Trad. de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950 (Volume XIII, tomo I das Obras completas de Rui Barbosa, p. 7-17).

BARREIRA, A. **A Escola Primária no Ceará: Ensaio Sócio-Pedagógico**. Fortaleza: Edições Clã, 1949.

BARROSO, D.; BARROSO R. T. **A Criança do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasil S/A, 1950.

BASTIDE, R. Educação dos Educadores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 33, p. 20-43, mai./ago. 1948.

BIBLIOTECA pública. **O Povo**, Fortaleza, p. 3, 07 jul. 1945.

BRASIL. **Decreto nº 1.218**, de 10 de janeiro de 1934. Dispõe sobre a fundação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. Ceará: Governo Estadual do Ceará.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.073**, de 30 de janeiro de 1942. Dispõe sobre as bases de organização e de regime do ensino industrial. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4073.htm. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.048**, de 22 de janeiro de 1942. Dispõe sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4048.htm. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.244**, de 09 de abril de 1942. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Secundário. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei n. 6.141**, de 28 de dezembro de 1943. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Comercial. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6141-28-dezembro-1943-416183-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei n. 8.529**, 02 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei 8.530**, de 02 de janeiro de 1946. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Normal. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decretos-lei n 8.621 e 8.622**, de 10 de janeiro de 1946. Dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8622-10-janeiro-1946-416558-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20aprendizagem%20dos,aprendizagem%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei n. 9.613**, de 20 de agosto de 1946. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9613-20-agosto-1946-453681-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei n° 1.006**, de 30 de dezembro de 1938. Dispõe sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei n° 8.460**, de 26 de dezembro de 1945. Dispõe sobre a consolidação da legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Rio de Janeiro: Governo Federal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8460-26-dezembro-1945-416379-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Consolida%20a%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20as,e%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20livro%20did%C3%A1tico.&text=2%C2%BA%20Para%20os%20efeitos%20da,livros%20de%20leitura%20de%20classe>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BRITO, F. Crônica da semana. Professores e alunos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 31 out. 1946

CAPANEMA, G. Apresentação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 03-04, jul. 1944a.

_____. Discurso pronunciado pelo ministro Gustavo Capanema na solenidade de inauguração da escola técnica nacional a 7 de outubro de 1944. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 179-181, nov. 1944b.

CARVALHO, M. L. B. **Brasil Unido** - Segundo Livro de Leitura. São Paulo: Editôra do Brasil S/A, 1956.

CASASSANTA, M. Por que fracassam os professôres? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 39, p. 180-182, mai./ago. 1949.

CAVALCANTI, H. Em torno da crise. XII - O mau professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 15 mar. 1947.

CELEBRA-SE a Páscoa da mocidade. **Portal História do Ceará**. Fortaleza, CE, c2015. Disponível em:

http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27277&catid=330&Itemid=101. Acesso em: 21 dez. 2021.

CHARTERS, W.; DOUGLAS W. **The Commonwealth Teacher**. Chicago: Traming Studies, 1929.

_____. **The Excellent Teacher**: a book by teachers, for teachers, about teachers. [S. l. : s. n.], 1931.

CONGRESSO dos Estudantes – O Discurso Inaugural. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 05 abr. 1946.

COSTA, R. C. Será possível predizer e avaliar a eficiência da função docente? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 79-121, set./dez. 1949.

D'ÁVILA, A. **O Tesouro da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

DJACIR Lima Menezes. **Verbetes**: Djacir Lima Menezes. Rio de Janeiro: FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/djacir-lima-menezes>>. Acesso em: 13 jul. 2019. Acesso em: 06 set. 2021.

DONA Yolanda Queiroz recebe homenagem. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 09 jun. 2010. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/dona-yolanda-queiroz-recebe-homenagem-1.271262?page=2>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

DOS GUARDAS do trânsito ao professor Coelho Sampaio. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 6, 02 fev. 1950.

ECOS do dia do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 24 out. 1948.

EDUCAÇÃO para o trabalho. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 177-178, nov. 1944.

ENSINO normal - Escola Normal Justiniano de Serpa. **Almanaque do Estado do Ceará**, Fortaleza: Editora Fortaleza, 1941.

ESTATÍSTICA e educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 3-4, out. 1944.

FAGUNDES, S. A. **Caderno de Alfabetização**. São Paulo: Typographia Cupolo, 1941.

FUNDADA, no Dia do Professor, a Associação Cearense de Estudos Pedagógicos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 17 out. 1947.

GOUÉ & GOUÉ, **Comment Faire Observer Nos Élèves**. Paris: Librairie Classique Fernand Nathan, 1923.

_____. **Como fazer observar nossos alunos**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1929.

INSTALADA solenemente a sede do comitê do movimento de união em Porangabussú. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 12 mar. 1950.

INVESTIGAÇÃO pedagógica e consciência técnica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 3-4, abr. 1945.

LOURENÇO FILHO, M. B. A remuneração dos professores primários. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 398-416, jun. 1945.

_____. **Cartilha do Povo**: para ensinar a ler rapidamente. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1944.

_____. **Cartilha do Povo**: para ensinar a ler rapidamente. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1950.

_____. **Upa, Cavalinho!** 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1957.

_____. Há uma vocação para o magistério? In: LOURENÇO FILHO, R. (org.). **A Formação de Professores**: da Escola Normal à Escola de Educação. Brasília: INEP/MEC, 2001. p. 7-18.

MACAMBIRA, R. A defesa dos professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 mai. 1952.

MANTOVANI, J. Ilusões e realidades do mundo pedagógico. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 44-50, abr. 1945.

MARANHÃO, L. Estética da Educação. **Almanaque do Estado do Ceará**, Fortaleza: Editora Fortaleza, 1946.

NA ASSOCIAÇÃO Cearense de - Estudos Pedagógicos - Sessão ordinária, hoje. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 31 out. 1948.

NEGRO, O. M. O professor. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 460-463, dez. 1944.

O 4º ANIVERSÁRIO de um colégio-modêlo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 14 jul. 1946.

O ENSINO Primário... **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 15 jul. 1949.

PARÓQUIA Nossa Senhora dos Remédios. **Arquidiocese de Fortaleza**. Fortaleza, CE, c2011-2022. Disponível em: < <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/regioes/regiao-metropolitana-sao-jose/paroquias-da-regiao-sao-jose/paroquia-nossa-senhora-dos-remedios-benfica>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PROFESSOR tem que trabalhar por amor? Não há registro de que Alckmin tenha dito isso. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 ago. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/fake-news/professor-tem-que-trabalhar-por-amor-nao-ha-registro-de-que-alckmin-tenha-dito-isso/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

REGO, C. O problema do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 8, 01 jun. 1944.

REUNE-SE o professorado na <<Associação Cearense de - Estudos Pedagógicos>> - **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 27 nov. 1947.

REVISTA brasileira de estudos pedagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5, jul. 1944.

SAMPAIO, C. Ensino e Educação - Ensinar e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 19 jan. 1944a.

_____. Ensino e Educação - Instruir e educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 01 jun. 1944b.

_____. Ensino e Educação - Pesquisas Econômicas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 11 nov. 1945a.

_____. Ensino e Educação - O Partido da Classe Desprotegida. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 04 dez. 1945b.

_____. Ensino e Educação - Quem deve ser mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1, 20 jan. 1946a.

_____. Ensino e Educação - Ensino Rural (continuação). **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 03 mar. 1946b.

_____. Ensino e Educação - Assistência social. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 26 jun. 1946c.

_____. Ensino e Educação - Assistência social - Continuação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 30 jun. 1946d.

_____. Ensino e Educação - Associação de Estudos Pedagógicos. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 1 set. 1946e.

_____. Ensino e Educação - O Aperfeiçoamento do professorado primário. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 04 out. 1946f.

_____. Ensino e Educação - Gremio Objetivo. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 9 out. 1946g.

_____. Ensino e Educação - Problemas Educacionais. **Gazeta de Notícias**, p. 3, 02 nov. 1946h

_____. Ensino e Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 20 nov. 1946i.

_____. Ensino e Educação - O ABC do Mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 05 jan. 1947a.

_____. Ensino e Educação - A missão do professor. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 8, 16 fev. 1947b.

_____. Ensino e educação - Salário condigno para - os professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 mar. 1947c.

_____. Ensino e educação - Remuneração Condigna para os Professores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 30 mar. 1947d.

_____. Ensino e Educação - Objetivo conseguido. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 23 out. 1947e.

_____. Ensino e Educação - O papel do mestre. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 01 nov. 1947f.

_____. Ensino e Educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 02 jul. 1948a.

_____. Ensino e educação. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 08 jul. 1948b.

_____. Ensino e educação. Defesa da classe. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 16 jul. 1948c

_____. Ensino e educação: educação social. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 05 set. 1948d.

_____. Ensino e educação - Entrevistas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 17 set. 1948e.

_____. Ensino e educação - A Educação do Trabalhador. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 15 out. 1948f.

_____. Ensino e Educação - A educação do trabalhador. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 21 out. 1948g.

_____. Ensino e educação - A importancia do livro. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 out. 1948h.

_____. Ensino e Educação - Assistencia ao - trabalhador -. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 06 nov. 1948i.

_____. Ensino e Educação - O Instituto de Pesquisas Econômicas. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 dez. 1948j.

_____. Ensino e Educação - A incapacidade da Secretaria de Educação Municipal. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 23 jun. 1949a.

_____. Ensino e Educação - As Escolas Municipais 1) – A de Mucuripe. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 09 jul. 1949b.

_____. Ensino e Educação - As escolas municipais. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 15 jul. 1949c.

_____. Ensino e Educação - As escolas municipais. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 jul. 1949d.

_____. Ensino e Educação - Pela Instrução nos Bairros. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 05 ago. 1949e.

_____. Ensino e Educação - De elevado interesse para pais e estudantes. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 17 set. 1949f.

_____. Ensino e educação - o aperfeiçoamento do professorado primário. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 04 out. 1949g.

_____. Ensino e educação: cruzada da moralidade. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 5 nov. 1949h.

_____. Ensino e Educação - Proteção aos menores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 27 dez. 1949i.

_____. Ensino e Educação - Um novo aspecto da leitura. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 14 jan. 1950a.

_____. Materialismo e espiritualismo. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 4, 18 jan. 1950b.

_____. Ensino e Educação - O problema do professor particular. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 3, 25 jan. 1950c.

_____. **Missão cumprida**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

_____. **Nos Caminhos do Destino**. Vitória: [s. n.], 2004.

_____. **Nossas Lições**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1954.

_____. **As histórias que eu não contei**. Vitória: [s. n.], 1995.

SAMPAIO, F. **Meus Deveres**. São Paulo: Editôra do Brasil S/A, 1962.

SERVA, M. P. Alfabetizar é educar. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 7, 21 jun. 1948.

SILVEIRA, A. Celibato Pedagógico. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1 e 4, nov. 1933.

SOLENEMENTE inaugurado sabado o IV Congresso Estadual de Estudantes. Como decorreu a sessão no Teatro José de Alencar - Os oradores. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 1 (capa), 02 abr. 1946.

SOUZA, J. F. **Viva o Brasil** - Cartilha Popular. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

SOUZA JUNIOR, J. O. A Infância Rural. São Paulo: Tipografia Brasil Rothschild Loureiro & Cia, 1945.

TINOCO, A. N. Criança. **Pela Criança**: Noções de Puericultura. Niterói: Dias Vasconcelos, 1945.

VENÂNCIO FILHO, F. A Formação do Professorado. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, p. 245-257, jul./ago. 1946.

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. Mulheres na Educação: missão, vocação ou destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. *et al.* (org.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

AMORIM, S. R. M. **Viagem como missão: intercâmbio pedagógico do educador Nestor dos Santos Lima (1913-1923)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ARAÚJO, F. M. L. **Mulheres letradas e missionárias da luz**: ideal de formação nas escolas normais rurais do Ceará. (1930-1960). Fortaleza: Edições UFC, 2014.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: .
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>> Acesso em: 17 dez. 2021.

BITTENCOURT, C. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Pátria, civilização e trabalho**: O Ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo: Loyola, 1991.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRAGHINI, K. M. Z. A Editora do Brasil S/A nos anos 1960-1970: a consolidação de uma editora brasileira no mercado didático e o ensino de educação moral e cívica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 153-178, set./dez. 2012.

Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38816/20334>>. Acesso em 07 fev. 2020.

BRASIL. **Catálogo da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1959.

_____. **História da Educação Brasileira**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

CÂMARA, F. O Centenário da Tipografia Minerva e o Saudoso Empresário Assis Bezerra. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 106, p. 211-218, 1992. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1992/1992-CentenarioTipografiaMinervadeAssisBezerra.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2021.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, J. P. F. **A Campanha de Defesa da escola Pública em São Paulo (1960-1961)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CARVALHO, R. A.; MACHADO, R. R. A história da educação brasileira na produção de Primitivo Moacyr. **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 147-169, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/55469>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

CATANI, B. D. Estudos de História da Profissão Docente. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CATANI, B. D.; BASTOS, M. H. C. B. (org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAMON, C. S. O preparo da mestra. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e a profissão docente. In: PEIXOTO, A. M. C.; PASSOS, M. (org.). **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. Do livro à leitura. In: _____. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.

CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. **História da Educação**, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, abr. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30596/pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

COSTA, J. C. C. Intelectuais, Idéias e Sujeitos: um esboço do itinerário intelectual de carrington da costa e a escola nova. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2017. Disponível em: <https://sbhe.org.br/uploads/proceeding/423/8d14cdc2f2d164b3b27aaef8b6e20b94.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

DANTAS, A. M. L. **A Urdidura da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nos bastidores do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos: a gestão Lourenço Filho (1938-1946)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

DOSSE, F. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARGE, A. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, mai./ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rjhxvFpJQ97LDYVJxkXybbD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2021.

_____. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100003&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 13 out. 2019.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994.

FERREIRA, R. C. C. **A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo (1937-1945)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. S.; QUEIROZ, Z. F. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 23, n. 1, p. 48-66, jan./mar. 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04/60746740>. Acesso em: 30 mai. 2021.

FILGUEIRAS, J. M. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil (1938-1984)**. 2011. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

GANDINI, R. **Intelectuais, Estado e Educação**: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 1944-1952. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____; HANSEN, P. S. (org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRAVETZ, M. Os jornalistas « fazem » a História. In: LE GOFF, J. (org.). **História e Nova História**. Lisboa: Teorema, 1986.

LACERDA, L. M. Lendo Vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C. BASTOS. (org.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3 ed. 4ª reimpressão, São Paulo: Ática, 2011.

LAMEGO, V. **A farpa na lira**: Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LIMA, A. M. S.; FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R. **A Escola como Lócus de Higiene no Ceará (1930-1960)**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

LINHARES, M. **História Literária do Ceará**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1948.

LORIGA, S. **O pequeno X**: da biografia à História. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LUCA, T. R. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: _____. PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MARCILIO, M. L. **História da Alfabetização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2016.

MARTINS, A. L. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república - São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Ed. FAPESP, 2001.

MAURO, P. (org.). **A mística da identidade: tradição, missão e profissionalização**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, G.; MACHADO, C.; ALMEIDA, A. O ensino útil para os Menores Transviados: o caso de Pindobal na Paraíba do século XX. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. 1-18, jul. 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6641>> Acesso em: 29 jul. 2020.

NOBRE, F. S. **1001 cearenses notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.

NOBRE, G. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Ed. fac-sim. Fortaleza: NUDOC, 2006.

ORLANDO, E. A. **Educar-se para educar: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PALMA FILHO, J. C. A educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: A Era Vargas.. **Cadernos de Formação**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 85-103. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337931/1/caderno-formacao-pedagogia_3.pdf>. Acesso em: 09 ago 2019.

PINHEIRO, A. C. F. A Era das Escolas Rurais Primárias na Paraíba – 1935-1960. In: SCOCGLIA, A.; MACHADO, C. (org.). **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas: Editora Autores Associados, 2006.

RAMALHO, B. E. P. **Foi assim! O movimento estudantil no Ceará (1928 – 1968)**. Fortaleza: ABC, 2002.

SÁ, C. M.; ROSA, W. M. A História da Feminização do Magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: SBHE, 2004. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>>. Acesso em: 06/11/2018.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000.

SENA, F. **A tradição da civilidade nos livros de leitura no Império e na primeira República**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

SILVA FILHO, A. L. M. Posfácio: sobre a palmatória e outras dores. In: OLINDA, E. M. B. **Tinta, Papel e Palmatória: a escola no Ceará do século XIX**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2004.

SILVA, M. A. **O Lavrador: a função do jornal na formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

SILVA, M. J. D. Maçonaria, religião e culto cívico na atuação de Euclides de Vasconcelos César no Ceará da década de 1920. **Revista de Estudios históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**, San Pedro, v. 8, n. 1, p. 51-71, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/242801>>. Acesso em 15 nov. 2019.

SILVA, S. B. **O Instituto Nacional do Livro e a institucionalização de organismos culturais no Estado Novo (1937- 1945): planos, ideais e realizações**. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

SILVA, V. B. **Saberes em Viagem nos Manuais Pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 - 1970)**. 2005. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOÁREZ, E. G. Rodolpho Theóphilo (O Polivalente Polêmico). **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 123, p. 197-237, 2009. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2009/08_Art_RodolfoTheophilo.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

SOUSA, A. V.; SILVA, F. M. D. Lendas e canções populares, de Juvenal Galeno: a expressão poética do povo brasileiro. In: SILVA, F. M. D. *et al.* (org.). **Percursos da literatura no Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

SOUZA, L. D. F. S. Costa **Rego e o curso pioneiro de jornalismo da Universidade do Distrito Federal**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Centro de Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e os seus mestres:** a educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VAZ, E. Encenação da educação nas cartas de leitores. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 16, p. 36-42, 1999. Disponível:
<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36879/39601>. Acesso em: 21 out. 2021.

VILAR, A. M.; SILVA, V. S.; NUNES, M. L. S. Maria Bronzeado Machado (1916-1986): o magistério como predestinação. In: MACHADO, C. J. S.; NUNES, M. L. S. (org.). **Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX:** práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Mapeamento da coluna Ensino e Educação (1944-1950).

SUBTÍTULOS DA COLUNA ENSINO E EDUCAÇÃO NO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS - AUTOR: PROF. COELHO SAMPAIO (1944 A 1950).

TÍTULO	ANO	MÊS	DIA	PÁGINA
Ensinar e Educar	1944	Janeiro	19	5
Instruir e Educar	1944	Junho	01	6
A Psicologia na Educação	1944	Agosto	16	5
Ensino Objetivo	1944	Setembro	21	2
Psicologia na Educação	1944	Setembro	29	?
Criança, Homem do Futuro	1944	Outubro	13	5
Criança – homem do futuro (Conclusão)	1944	Outubro	20	4
Educação Social	1944	Outubro	27	3
Ensino Secundário	1944	Novembro	04	3
O Ensino da História	1944	Novembro	10	3
Ensino Rural	1944	Novembro	26	2
Ensino Rural (Continuação)	1944	Dezembro	22	3
A Importância do Ensino Econômico	1945	Janeiro	02	3
Educação Política	1945	Setembro	20	3 e 4
Pesquisas Econômicas	1945	Novembro	11	7
O Partido da Classe Desprotegida	1945	Dezembro	04	7
Assistencia á Criança	1945	Dezembro	18	2
Cooperação	1946	Janeiro	01	6
Educação Popular	1946	Janeiro	06	3
Ensino Primário	1946	Janeiro	13	4
Quem Deve Ser Mestre	1946	Janeiro	20	1 (Suplemento)
Nível Educacional	1946	Fevereiro	03	4
Ensino Rural (Continuação)	1946	Março	03	4
Tudo Será Conseguído	1946	Março	19	3 e 4

O Cinema na Escola	1946	Maio	08	2
Educação Religiosa	1946	Maio	26	3 (Suplemento)
O Ensino da Ortografia	1946	Junho	09	1 (Suplemento)
O Ensino da Ortografia (Continuação)	1946	Junho	21	2
Assistência Social	1946	Junho	26	2
Assistência Social (Continuação)	1946	Junho	30	2
Associação de Estudos Pedagógicos	1946	Setembro	01	3
Educação do Povo	1946	Setembro	15	5
Gremio Objetivo	1946	Outubro	09	2
Educadoras Anônimas	1946	Outubro	31	5
Problemas Educacionais	1946	Novembro	02	5
Ensino e Educação	1946	Novembro	20	5
O ABC do Mestre	1947	Janeiro	05	5
A Missão do Professor	1947	Fevereiro	16	8
Salário Condigno para os Professores	1947	Março	16	6
Remuneração Condigna para os Professores	1947	Março	30	2
Objetivo Conseguido	1947	Outubro	23	3
O Papel do Mestre	1947	Novembro	01	3
O Sentido da Indiferença	1947	Novembro	16	2
-----	1948	Fevereiro	20	2
-----	1948	Março	19	3
-----	1948	Abril	05	1 (Suplemento)
-----	1948	Abril	10	3
-----	1948	Julho	02	2
-----	1948	Julho	08	3
Defesa da Classe	1948	Julho	16	3
Cuidado com a leitura	1948	Julho	22	3
Pela Paz Social do Brasil	1948	Julho	30	3

Pela Paz Social do Brasil	1948	Agosto	07	3
Discussão Democrática	1948	Agosto	18	3
Moralização no Ensino	1948	Agosto	26	3
Educação Social	1948	Setembro	05	5
O Seu Verdadeiro Interesse	1948	Setembro	09	2
Entrevistas	1948	Setembro	17	3 e 4
Pela Criança Brasileira	1948	Setembro	23	2 e 4
A Educação do Trabalhador	1948	Outubro	15	2
A Educação do Trabalhador	1948	Outubro	21	4
A Importância do Livro	1948	Outubro	27	3
Assistencia ao trabalhador	1948	Novembro	06	5
Democracia e Disciplina	1948	Novembro	11	3
O Ensino da Puericultura	1948	Novembro	19	3
O Rádio, a Imprensa e o Cinema	1948	Novembro	27	3 e 4
O Instituto de Pesquisas Econômicas	1948	Dezembro	09	3
-----	1949	Abril	27	3
A Campanha Nacional da Criança	1949	Junho	09	3
A Incapacidade da Secretaria de Educação Municipal	1949	Junho	23	3
Há Educação Cívica?	1949	Junho	24	7
As Escolas Municipais 1) – A de Mucuripe	1949	Julho	09	3
As Escolas Municipais	1949	Julho	15	5
As Escolas Municipais	1949	Julho	27	3
Pela Instrução nos Bairros	1949	Agosto	05	3
O Que Deve Ser Imitado	1949	Agosto	31	5
Cruzada Contra a Imoralidade	1949	Setembro	07	6
De Elevado Interesse para Pais e Estudantes	1949	Setembro	17	3
Para Salvar a Democracia	1949	Setembro	24	3
O Aperfeiçoamento do professorado primário	1949	Outubro	04	4

Labor que Constrói	1949	Outubro	29	1 (Suplemento)
Cruzada da Moralidade	1949	Novembro	05	5
Oportunidade para os Estudantes	1949	Dezembro	22	3
Proteção aos Menores	1949	Dezembro	27	3
Proteção à Criança	1950	Janeiro	08	3
Um Novo Aspecto da Leitura	1950	Janeiro	14	3
O Problema do Prof. Particular	1950	Janeiro	25	3

Fonte: Quadro elaborado pela autora da tese, a partir da produção da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos que circulou nos anos 1940.

APÊNDICE B - Mapeamento da Seção "Editorial" da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1950).

TÍTULOS DA SEÇÃO "EDITORIAL" NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS - DÉCADA DE 1940.

TÍTULO	ANO	MÊS	VOL.	Nº	PÁGINAS
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	1944	Julho	I	1	5 e 6
Estatística e Educação	1944	Outubro	II	4	3 e 4
Educação para o Trabalho	1944	Novembro	II	5	177 e 178
Ao Findar o Ano	1944	Dezembro	II	6	337 e 338
Processo Educacional e Contato entre Raças	1945	Janeiro	III	7	3 e 4
Construções Escolares	1945	Fevereiro	III	8	145 e 146
Fundo Nacional e Convênio Nacional de Ensino Primário	1945	Março	III	9	297 e 298
Investigação Pedagógica e Consciência Técnica	1945	Abril	IV	10	3 e 4
Educação de Adultos	1945	Maio	IV	11	171 e 172
A Remuneração do Professor Primário	1945	Junho	IV	12	327 e 328
Orientação Profissional e Educacional	1945	Julho	V	13	3 e 4
Educação e Democracia	1945	Agosto	V	14	167 e 168
Despesas com os Serviços de Educação	1945	Setembro	V	15	311 e 312
Estudos Objetivos de Educação	1945	Outubro	VI	16	3 e 4
Exposição de Arquitetura Escolar	1945	Novembro	VI	17	181 e 182
Administração e Pesquisa	1945	Dezembro	VI	18	361 e 362
Programa de Educação Nacional	1946	Janeiro	VII	19	3 e 4
Formação do Homem Brasileiro	1946	Fevereiro	VII	20	183 e 184
O Ensino Primário e o Governo Federal	1946	Março-Abril	VII	21	419 e 420
Igualdade de Oportunidades	1946	Maio-Junho	VIII	22	3, 4 e 5

Desenvolvimento do Ensino Secundário	1946	Julho-Agosto	VIII	23	231, 232 e 233
O Ensino Primário e as Escolas Normais	1946	Setembro-Outubro	IX	24	3 e 4
Nova Atitude no Ensino Primário	1947	Janeiro-Fevereiro	X	26	3 e 4
Educação e Cooperação	1947	Março-Abril	X	27	131 e 132
A Formação dos Professores	1947	Maio-Junho	X	28	369 e 370
Jardim de Infância	1947	Julho-Agosto	XI	29	3 e 4
Desenvolvimento do Ensino Primário	1947	Setembro-Outubro	XI	30	203 e 204
Quatro Séculos de Ensino Primário	1947	Novembro-Dezembro	XI	31	421 e 422
Educação e Iniciativa Privada	1948	Janeiro-Abril	XII	32	3 e 4
A Universidade e as Elites Dirigentes	1948	Maio-Agosto	XII	33	3 e 4
Educação e Técnica Científica	1948	Setembro-Dezembro	XII	34	3 e 4
Pesquisa Pedagógica Brasileira	1949	Janeiro-Abril	XIII	35	3 e 4
Diretrizes e Bases da Educação Nacional	1949	Maio-Agosto	XIII	36	3 e 4
A Função Docente e sua Eficiência	1949	Setembro-Dezembro	XIII	37	3 e 4
Populações Marginais e Educação	1950	Janeiro-Abril	XIV	38	3 e 4
Zonas Carentes em Educação Primária	1950	Maio-Agosto	XIV	39	3 e 4
Auxílio Federal para a Educação	1950	Setembro-Dezembro	XIV	40	3 e 4

Fonte: Quadro elaborado pela autora da tese, a partir da produção da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos que circulou nos anos 1940.

APÊNDICE C - Mapeamento sobre a temática da função docente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1950).

O TEMA DA FUNÇÃO DOCENTE NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS						
TÍTULO	AUTOR	SEÇÃO	ANO	MÊS	VOL.	Nº
O professor e a organização nacional	Everardo Backheuser	Através de revistas e jornais	1944	Julho	I	1
Os novos territórios e a tarefa de educar	?	Através de revistas e jornais	1944	Outubro	II	4
O Professor	Olivio Monte Negro	Através de revistas e jornais	1944	Dezembro	II	6
Esplendor e decadência da palmatória	Artur Ramos	Através de revistas e jornais	1944	Dezembro	II	6
Investigação pedagógica e consciência técnica	----	Editorial	1945	Abril	IV	10
Ilusões e realidades do mundo pedagógico	Juan Matovani	Idéias e debates	1945	Abril	IV	10
Inquérito sobre as qualidades do professor	Everardo Backheuser	Idéias e debates	1945	Maio	IV	11
Roosevelt e a Educação da liderança	Artur Ramos	Através de revistas e jornais	1945	Maio	IV	11
Remuneração do professor primário	---	Editorial	1945	Junho	IV	12
Tem fundamento a existência de uma carreira de professor?	Walter Barioni	Através de revistas e jornais	1945	Junho	IV	12

O professor como líder	Antônio Carneiro Leão	Através de revistas e jornais	1945	Agosto	V	14
O Centenário do Ensino Normal	Sólon Borges Reis	Através de revistas e jornais	1945	Setembro	V	15
Em defesa do "mau" estudante	Araci Nogueira	Através de revistas e jornais	1945	Setembro	V	15
A questão da disciplina na escola	Geraldo Pinheiro Faria	Através de revistas e jornais	1945	Setembro	V	15
Escola e disciplina	Sólon Borges dos Reis	Através de revistas e jornais	1945	Novembro	VI	17
Programa de educação nacional	----	Editorial	1946	Janeiro	VII	19
A pedagogia dos domínios	José Maria Gaspar	Idéias e debates	1946	Maio-Junho	VIII	22
O Interêsse como sintoma de uma necessidade	Aristides Ricardo	Através de revistas e jornais	1946	Maio-Junho	VIII	22
A Formação do professorado	Francisco Venâncio Filho	Idéias e debates	1946	Julho-Agosto	VIII	23
O interrogatório didático	Luís Alves de Matos	Idéias e debates	1946	Setembro-Outubro	IX	24
Dia do professor	Alfredo Gomes	Através de revistas e jornais	1946	Setembro-Outubro	IX	24
Motivação pedagógica	Renato Sêneca Fleury	Através de revistas e jornais	1946	Novembro - Dezembro	IX	25

A Educação e o Método	Teobaldo Miranda Santos		1947	Janeiro-Fevereiro	X	26
Como se é um bom mestre	?	Através de revistas e jornais	1947	Janeiro-Fevereiro	X	26
Educação e o método	Teobaldo Miranda Santos	Através de revistas e jornais	1947	Janeiro-Fevereiro	X	26
Formação dos Professores	---	Editorial	1947	Maio-Junho	X	28
A Formação dos professôres nos Estados Unidos	William C. Bagley	Idéias e debates	1947	Maio-Junho	X	28
A pedagogia e a didática no ensino de ofícios pelo exemplo	Corinto da Fonseca	Através de revistas e jornais	1947	Maio-Junho	X	28
A educação e a profissão	Teobaldo Miranda Santos	Através de revistas e jornais	1947	Julho-Agosto	XI	29
Mestres do futuro	Renato Kehl	Através de revistas e jornais	1947	Setembro-Outubro	XI	30
Uma técnica didática: o plano de aula	Irene da Silva Melo Carvalho	Através de revistas e jornais	1947	Novembro - Dezembro	XI	31
Educação dos Educadores	Roger Bastide	Idéias e debates	1948	Maio-Agosto	XII	33
O que se devia ensinar	Renato Kehl	Através de revistas e jornais	1949	Maio-Agosto	XIII	36
A Função Docente e sua Eficiência	---	Editorial	1949	Setembro-Dezembro	XIII	37

A Formação dos professores especializados em educação de base	Margaret Read	Idéias e debates	1949	Setembro-Dezembro	XIII	37
Será possível prever e avaliar a eficiência da função docente?	Rui Carrington da Costa	Idéias e debates	1949	Setembro-Dezembro	XIII	37
Por que fracassam os professores?	Mário Casassanta	Através de revistas e jornais	1950	Maio-Agosto	XIV	39

Fonte: Quadro elaborado pela autora da tese, a partir da produção da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos que circulou nos anos 1940.

APÊNDICE D - Mapeamento do Livro de Leitura A Criança do Brasil (Terceiro Livro)

Nº da Lição	Página	Título da Lição	Seção "Para a Criança Copiar"
1ª	17 a 20	"As nossas grandes amigas"	"Nunca deixes para amanhã o que podes fazer hoje. Pensa antes de falares." "DEUS - Da semente nasce o fruto, /Do fruto nasce a semente. / Rege o insolúvel mistério / Um Poder Oniciente." "O livro. Eu livro o menino do perigo. / A âncora do navio. O navio ancóra. / O sabiá. Eu sabia a lição."
2ª	21 a 24	"Todos os sentidos são preciosos"	"Trabalhemos obedecendo sempre os princípios da Moral Cristã e da Igreja para vencermos com Dignidade." "Devemos assear a bôca, antes de dormir, e, também, o rosto, os pés e as mãos." "OS SENTIDOS - São cinco os nossos sentidos. / Com eles todo o respeito. / Se um deles perdes, serás /Por toda a vida imperfeito." "BOA COISA – Firma a vista, aplica o ouvido, / Tateia, cheira e medita. / Para ver se é boa coisa / O que o sentido te excita." "O meu rosto = a minha face, a minha cara. / A menina bonita = a criança bela. / O menino sabido = o garoto letrado."
3ª	25	"Exercícios"	"Aprendi bem toda a Cartilha – Leitura Intermediária do 1.º e o 2.º livros. Nesses quatro livros, aprendemos centenas de conhecimentos úteis."
4ª	26 a 30	"A professora da Escola Primária Rural"	"A agricultura, a indústria e o comércio são as maiores fontes de riqueza nacional." "Criança, auxilia as obras de Assistência Social." "MINHA CARREIRA – Mana quer ser professora, / Meu irmão, aviador. / Eu, porém, serei agrônomo. / Quero guiar um trator." "Bonito / Alegre / Próximo / Feio / Triste / Distante / Saber / Amor / Limpo / Ignorância / Ódio / Sujo."

5ª	31 a 34	“As produções do Brasil”	“Quem diz o que quer, ouve o que não quer.” “Criança, faz o bem e obedece os teus superiores.” “FUMO – O fumo transmite ao sangue / Uma terrível toxina. / A tuberculose e o cancer. / Podem estar na nicotina.” “Soar / Revolver / Cumprimento / Degredar / Suar / Revólver / Comprimento / Degradar.”
6ª	35 a 36	"Exercícios "	“Quando eu estiver velho, poderei dizer: fui agricultor. Trabalhei pela grandeza do Brasil. Considero-me feliz. Quando eu envelhecer, poderei repetir: Fui professora. Trabalhei pela grandeza do Brasil. Considero-me feliz. O agricultor e a professora são os brasileiros mais patriotas. Lavrando o solo e alfabetizando as crianças, viveremos uma vida feliz e teremos uma velhice cheia de glórias.” “A força do corpo sem a força da alma é brutalidade.”
7ª	37 a 41	"Como agricultor serei um brasileiro feliz"	“Trabalhando na agricultura, na indústria e no comércio, trabalhamos pela grandeza do Brasil.” “Estuda, criança, para a felicidade da família e da nossa pátria.” “ERVA-MATE – Não conheces a erva-mate / Do chá da Índia rival? / Ha muita no Paraná. / E’ planta nacional.
Poesia	41	Poesia: “A Santos Dumont” - Padre Antônio Tomaz	-----
8ª	42 a 45	"Com estes instrumentos o agricultor trabalha e enriquece o Brasil"	“A maior parte de nossos sofrimentos é provocada por nós mesmos. Criança, respeita teus mestres.” “ARADO E TRATOR – Se aos bois o arado atrelas, / Dez enxadas movimentas. / Se nele o trator engatas, / Dez vezes o eito aumentas.” “O menino da escola. / O menino estuda na escola. / Abacate com açúcar. / Eu gosto de abacate com açúcar. / O menino estudioso. / O menino é estudioso.”

9 ^a	46	"Exercícios"	“Ha certas plantas que pegam de galho. Plantamos galhos de mamoeiro, de limeira, sementes de feijão, milho e arroz, ramas de batatas, estacas de mandioca e batatas de bananeiras e dalias. Serei um agricultor adiantado. Trabalharei com os instrumentos agrários modernos. O Brasil precisa de agricultores adiantados que saibam reformar a lavoura e os processos de lavar a terra.”
10 ^a	47 a 49	"Aprendam os a plantar sementes e galhos de árvores"	“Pela grandeza do Brasil, aprende, criança, a cumprir os teus deveres.” “Só devemos comparecer às aulas com a lições bem preparadas e sabidas.” “CARNAUBEIRA – Carnauba, régia planta / Do Nordeste Brasileiro, / Teu grande valor suplanta / Qualquer produto estrangeiro.” “O pássaro voa. / O leite é bom alimento. / As fruteiras dão frutas.”
11 ^a	50 a 54	"Conheço muito bem a divisão do tempo"	“Cada minuto que decorre é um passo que damos para a velhice.” “Criança, brinca e estuda, estuda e pensa.”
Poesia	54	Poesia: “Cro mo” - Bernadino da Costa Lopes	-----
12 ^a	55	"Exercícios"	“Todas as crianças do Brasil saberão ler e plantar. Não queremos que a nossa Pátria seja habitada por meninos e homens analfabetos e que não saibam plantar.” “Saber ler é tão necessário à criança brasileira como saber andar. Quem não sabe ler não enxerga, não sabe andar.” “Quando estamos zangados, devemos contar até 10, antes de falar.”

13 ^a	56 a 60	"Aproxima- te dos bons e serás um deles"	“Criança, ama a terra em que nascente. Nunca desprezes os campos pelas cidades.” “RÁDIO – Ouça um programa de rádio / Que instrua e dê alegria: / Boas músicas, notícias / E palestras de valia.” “FRIGIDAIRE – Na frigidaire nós mantemos / Gêneros bem conservados: / Água, bebidas, refrescos, / Frutas e doces gelados.” “Pá / Socó / Juriti / Livro / Mesa / Lapis / Lâmpada / Límpido / Rápido.”
14 ^a	61 a 65	"Animais não domésticos"	“O moinho é uma máquina útil e que nos traz sempre ótimos resultados. Menino, nunca compareças à escola doente ou malhumorado.” “CASCAVEL – Quem já viu a cascavel / Contraída, o bote armando, / Sentiu os passos da morte / Ali por perto rondando.” “A escola é boa. / Eu vou à escola. / Erei à cidade, hoje. / Às vezes, ando depressa. / Às 7 horas e 30 da manhã, começam as aulas.” “Eu lhe abracei. / Eu lhes vi. / Eu o abracei. / Eu os vi.”
Poesia	65	Poesia: “Na Igreja” - Heitor Cavalcante	-----
15 ^a	66	"Exercícios "	“Os meninos bons darão excelentes cidadãos. Os agricultores, em geral, são excelentes cidadãos. Os homens dos campos vivem em constante contacto com a natureza. Quem vive em contacto com a Natureza aprende a ser bom e forma para si um bom caráter.” “O Brasil está situado, na parte centro-oriental da América do Sul. Ocupa parte do centro da América do Sul e toda parte oriental.”

16 ^a	67 a 70	“Minha escola noturna”	“Antes de falares na excelência de teus atos, interroga: já auxiliei à Campanha Contra a Lepra e a Tuberculose?” “A Bandeira Nacional simboliza a nossa Pátria.” “LIVRO – Livro, nosso grande amigo, / Que a luz da instrução acende. / Luz que quanto mais se gasta, / Tanto mais brilha e mais rende.” “Trabalho com a pá. / Vou à escola, diariamente. / O côco é um bom fruto. / Na minha mão, tenho uma ata. / Prefiro o café Bat’rité. / O quixó pegou uma caça. / O beija-flor vôa ligeiro. / Falo-vos com o coração aberto.”
	70	Poesia: “Soneto” - José Carvalho	-----
17 ^a	71 a 76	"O Dia do Agricultor"	“Gosto de obedecer o horário.” “Precisamos educar a nossa vontade.” “O CÔCO – Cai o côco das alturas. / Mas, Deus o soube envolver / Numa capa espessa e fofa, / Para o choque amortecer.” “V. = você. / S. S.^a = Sua Senhoria. / Il.^{mo} Sr. = Ilustríssimo Senhor. / Ex.^{mo} = Excelentíssimo. / Dr. = Doutor. / Sr. = Senhor. / Rev. = Reverendo. / Cr.^o = Criado. / Pe. = Padre. / Fr. = Frei. / Sr.^a = Senhora. / B.^d = Bacharel. / DD. Digníssimo. / M. D. = Muito digno. / P. E. F. = Por especial favor. / V. S.^a = Vossa Senhoria. / V. Ex.^a = Vossa Excelência. / Rev.^{mo} = Reverendíssimo.”
18 ^a	77 a 80	"Os animais caseiros nos incomodam"	“A Caixa Escolar é o anjo tutelar dos meninos pobres.” “Coopera, criança, com todas as instituições escolares.” “RATOS – Ratos, viveiro de pulgas, / Vorazes destruidores, / De moléstias pestilentos / Perigosos transmissores.” “Substantivo / Adjetivo / Pronome / Verbo / Advérbio / Preposição / Conjunção / Interjeição.” “O gato comeu o rato. A chuva chove no telhado. O tetéu faz o papel de cão. O Pedro vendeu verduras ao freguez. O papai planta cana para fazer rapaduras. Menino vadio dá desgosto aos Pais e aos Mestres.”

19 ^a	81	“Exercícios”	“Do milho se faz a pipoca, o torrado, a farinha de milho, o xerém, a canjica e o pão de milho. O pão de milho é um ótimo alimento. O pão de milho deve ser preferido ao pão de farinha de trigo.”
20 ^a	82 a 87	"Os sindicatos de agricultores"	“O mal entra às braçadas e sai às polegadas.” “As doenças entram no nosso organismo às braçadas e saem aos milímetros. Cuidado com a tua saúde, criança!” "A ESCOLA - Esta casa é a minha escola. / Frequentá-la é o meu anseio. / Alí, as salas de estudo, / Aquele pátio, o recreio". “Mesa / Tatu/ Avoante / Caneta / Borracha / Amor / Saúde / Caridade / Pureza / Liberdade.” “Hoje, tem aula / Tem aula, hoje? / Hoje, há aula. / Ha aula, hoje?”
21 ^a	88 a 92	"Quais são as partes de uma planta"	“Tôdas as despesas que fizermos com a higiene do nosso corpo representam uma economia.” “Criança, quanto menos falares, mais acertas.” “ÁRVORE – Do embrião pequeno e tenro / Medra o madeiro imponente. / Árvore: caule, raiz, / Folha, flôr, fruto e semente.” “Lapis / Jaboti / Jaçanã / Caderno / Album / Brasil / Rio de Janeiro / Paraíba / Pedro / Gazeta de Notícias.” “As vacas <i>berrou</i> na várzea. As vacas <i>berraram</i> na várzea.” “A vaca e o boi já <i>chegou</i> da manga. A vaca e o boi já <i>chegaram</i> da manga.
	92	Poesia: “Emigrantes” - Padre Antônio Tomaz	-----
22 ^a	93	“Exercícios”	“Quem fala muito, muito erra. Quem fala muito, muitas tolices diz.” “E’ necessário que na inocência do menino já se afirme a energia do cidadão – Olavo Bilac.”

23 ^a	94 a 97	"Outros meus excelentes amigos"	"A hidrofobia ou raiva é uma moléstia perigosíssima ao homem. Por esta razão, criança, evita criares gatos e cães." "Se crias um gato ou um cão não o beijes, nem o pegues constantemente. Lava-os sempre." "A ABELHA – Eu tenho muitos cortiços / De caixote de madeira, / A abelha nos dá bom lucro: / Produz mel, fabrica cêra." "Catita / Punaré / Socó / Seriguela / Jumento / Bem-te-vi / Mãe da lua / Fogo-pagou / Papa-lagarta / Malmequer." "Eu fui <i>na rua</i> hoje de tarde. Eu fui à rua, hoje de tarde." "A criança vai <i>na escola</i> todo dia. A criança via à escola todo dia."
24 ^a	98 a 101	"As medidas que servem para medir e pesar"	"Pela felicidade da tua família, da sociedade e do Brasil, educa-te e te instrui. A Instrução deve estar sempre aliada à Educação". "Ouve muito. Pensa. E fala pouco." "A TRAÇA – Com o diamante corto o vidro. / Com o vidro faço a vidraça. / Veda o forro de teus quadros, / a fim de evitar a traça." "Meninada / Rebanho / Boiada / Milhar / Centena / Dúzia."
	101	Poesia: "Fazei o bem" – Tobias Barreto	-----
25 ^a	102	"Exercícios"	"Criança, ouve muito e fala pouco. Muitas pessoas são infelizes na vida, porque falam muito." "Sem a disciplina, a liberdade é licença e desordem. – Olavo Bilac"
26 ^a	103 a 106	"Os animais domésticos"	"Combatamos o analfabetismo, a falta de higiene e a má educação. Eles fazem grande mal ao nosso querido Brasil". "A VACA E O BOI – A vaca nos dá o leite, / A carne, a véstia, o calçado. / E o boi que carrega cargas, / Arrasta a zorra e o arado." "Filho / Filha / Aluno / Aluna / Estudioso / Estudiosa."

27 ^a	107 a 110	"Meus queridos pais"	"A escola é um prolongamento do lar. Obedece, criança, a tua professora e segue seus conselhos." "Devemos fazer sempre a idéia mais simples e mais simpática, de acordo com os dados adquiridos." "A ARANHA – Mostra a aranha, inteligente / Tecelão, este dever: / E' preciso, ó minha gente, / Trabalhar para viver." "Banco / Tinteiro / Canário / Pato / Milho / Pena / Tesoura / Grauna / Galinha / Fava." "O tatu e o peba foram visto naquele serrote. O tatu e o peba foram vistos naquele serrote." "As meninas são <i>educada</i>. As meninas são educadas."
	110	Poesia: "No campo" - Padre Antônio Tomaz	-----
28 ^a	111	"Exercícios"	"A melancia é uma fruta muito saborosa. E' um ótimo refrigerante. No inverno, ha grande safra de melancia. No sertão, come-se muita melancia." "As moscas estão em toda parte. No último andar dos mais altos edifícios, são elas encontradas. Nos subterrâneos, no meio das florestas, nos navios, em toda parte estão elas. Demo-lhes combate. Elas são portadoras de moléstias e de micróbios."
29 ^a	112 a 114	"Vamos a uma carpintaria"	"Faze o bem e não olhes a quem." "Não desprezes os doentes. Dá-lhes a mão sempre que puderes." "CARPINTEIRO E MARCENEIRO – Carpinteiro estende a linha, / Lavra, esquadria o madeiro, / Risca e serra e passa as tábuas / Para as mãos do marceneiro." "Homem / Mulher / Carneiro / Ovelha / Rei / Rainha." "Carneiro / Carneiros / Jornal / Jornais." "Tonel / Tonéis / Funil / Funis / Paul / Paus."

30 ^a	115 a 118	"Que leite saboroso"	"Nunca terás nada, se nada te basta. Trabalha, criança, e guarda uma parcela do produto do teu trabalho." "VAQUEIRO – O vaqueiro nordestino / Atira a vida num jogo: / Pega à unha na caatinga / Barbatão brabo, sem fogo." "Esposa / Esposo / Menino / Menina / Gato / Gata." "O pires / Os pires / O lapis / Os lapis / O onus / Os onus." "A minha lição é na página <i>duas</i>. A minha lição é na página dois." "Eu moro na Rua Aurora, casa <i>cinquenta-e-uma</i>. Eu moro na Rua Aurora, casa cinquenta-e-um."
31 ^a	119 a 120	"Exercícios "	"Apesar de aconselharmos o uso dos instrumentos modernos, não condenamos o uso da enxada, da foice e do machado. Sendo instrumentos grosseiros, têm o seu emprego insubstituível."
32 ^a	121 a 124	"O que Fazemos no Recreio"	"E' costume muito comum de certas pessoas não devolverem os livros que tomam emprestado. Têm toda razão. Mais fácil é guardar um livro do que guardar o que um livro contem." "Paga, criança, mesmo com grandes sacrifícios, o que tomaste emprestado. Nunca te arrependerás deste teu procedimento." "JOGOS ESCOLARES - Divertimos aprendendo, / Aprendemos divertindo, / Nossos jogos escolares /Nos dão prazer instruindo". "Parente / Parenta / Hóspede / Hóspeda / Elefante / Elefanta." "O tórax / Os tórax / Mês / Meses / Deus / Deuses."

33 ^a	125 a 128	"Meu lindo cavalinho"	"Gostamos de encurtar caminhos, viajando por veredas ou atalhos. Nunca sigas esta norma. Quem gosta se seguiu-la sempre viaja sobressaltado." "MEU CAVALO – Teu cavalo é muito lindo, / Uma rara novidade / Mas, o meu que ali vem vindo, / E' cavalo de verdade. / Meu cavalo é bem tratado, / Come ração todo dia / De milho e capim cortado. / Você já o conhecia? / O teu cavalo é mimoso. / O meu é todo branquinho. / E' manso e muito famoso. / O nome dele é Russinho. / Meu cavalo vive solto / E, a hora da ração, / Eu vou banhá-lo no rio / E treinar equitação." "Príncipe / Princesa / Duque / Duquesa / Barão / Baronesa." "Flôr / Flores / Perdiz / Perdizes / Raiz / Raizes."
34 ^a	129 a 131	"Exercícios "	"Criança, nada prejudica tanto ao homem como falar muito. Fala pouco e escreve pouco."
	130 a 131	Poesia: "O açude (Canção do Nordestino) " - Padre Antônio Tomaz	-----
35 ^a	132 a 136	"O prefeito da nossa cidade trabalha pela grandeza da nossa terra"	"Crianças, caminha sempre pela estrada. Assim, não andarás sobressaltado e nunca deixarás de encontrar pousada." "Nada fiz na vida, se não pratiquei o bem." "QUADRA VALIOSA! –Não atraveses as ruas / Senão com muito cuidado, / Que não sejas na passagem / Por um carro atropelado." "Abade / Abadessa / Conde / Condessa." "Som / Sons / Cupim / Cupins / Jejum / Jejuns." "Obedeço o horário. Obedeço ao horário." "Ele obedece o professor. Ele obedece ao professor."

36 ^a	137 a 140	"O Mais Útil dos Animais"	"Gosto de viver, porque gosto de fazer o bem." "Sou uma criança que nunca adoce porque me alimento de frutas, verduras, legumes, leite, ovos e mel de abelha." "O JUMENTO – Qual no deserto o camelo / O jumento se comporta. / Por ínvios trilhos, com zelo, / Nossos produtos transporta." "Poeta / Poetiza / Profeta / Profetiza." "Couve-flor / Couves-flores / Beija-flor / Beija-flores / O bota-fora / Os bota-fora."
37 ^a	141	"Exercícios "	"O prefeito da nossa cidade tem dado ótimo emprego ao dinheiro público. O povo estima o prefeito e elogia os seus atos, porque ele é um homem honesto e trabalhador."
38 ^a	142 a 145	"O Prefeito de Nossa cidade é um homem trabalhador e honesto"	"Nunca as crianças devem se destacar por serem portadoras de qualidades más, negativas. As crianças devem se destacar sempre pelo seu bom procedimento, pela sua inteligência, pela limpeza do seu corpo e pureza da sua alma." "FÁBRICAS – Vês que enormes obeliscos, / Deitando fumo e calor? / - São as chaminés de um parque / De fábricas a vapor." "Menino / Menininho / Meninão / Nariz / Narizinho / Narigão / Cão / cãozinho / Canzarrão." "Senhora / Senhorazinha / Senhorita / Senhorinha / Homem / Homenzinho / Homenzarrão."
39 ^a	146 a 149	lição: "Mé... mé... é... é... mé..."	"'A humilhação que nos vem dos outro é uma ofensa. A humilhação que vem de nós mesmo é uma lição'. Ainda que a humilhação parta de alguém, nós devemos tolerá-la. 'Quem se humilha, será exaltado'." "COURO – Do couro se faz calçados / Bolsa, malas, cinturões / Arreios, peças diversas, / Que têm mil aplicações." "Leitão / Leitoa / Leão / Leoa / Pavão / Pava." "Fogo / Fogos / Côco / Côcos / Rapôso / Rapôsa / Raposos." "Sogro / Sogra / Sogros / Ôvo / Ova / Ovos."

40 ^a	150	"Exercícios "	"Visitei uma fábrica. Dentro da fábrica, vi muito movimento, muita ordem, muito respeito. Dentro da nossa escola, também, há muito movimento, muita ordem, muita disciplina e muito respeito."
41 ^a	151 a 154	"Fui à fábrica"	"Criança, nunca deixes de amparar aquele que te procurar. Um galho de árvore que vai tombando poderá produzir ainda excelentes frutos se nós o ampararmos com um suporte. Dá amparo aos pobres. Eles poderão produzir muito para o Brasil." "INDÚSTRIA – Conheço a origem das cousas, / Suas fontes de cultura, / Produtos, matérias primas / Que a indústria manufatura." "Imperador / Imperatriz / Réu / Ré / Heroi / Heroína." "Livro / Livrinho / Livrão / Belo / Muito belo / Belíssimo / Fácil / Muito fácil / fácilimo." "A grauna é <i>mais</i> bela que o bem-te-vi. A coruja é <i>menos</i> bela que o bem-te-vi. A criança é <i>tão bela como</i> a flor." "Feliz / Felicíssimo / Veloz / Velocíssimo."
42 ^a	155 a 159	lição: "Miau... Miau... Miau..."	"Tudo farei para ser um homem sério e de carater bem formado." "Se comprares cinqüenta cruzeiros de frutas para teu alimento, evitas gastar duzentos cruzeiros de remédios." "ELA É ASSIM... – 'Que fome'! – geme a preguiça, / - 'Traz um prato' – ouviu dizer. / 'Que trabalhadeira – responde / Já não quero mais comer'." "Irmão / Irmãos / Lição / Lições / Cão / Cães / Sacristão / Sacristãos / Sacristães / Ancião / Anciãos / Anciões / Anciães." "Bom / Boa / Bons / Boas / Teu / Tua / Teus / Tuas / Europeu / Europeia / Europeus / Europeias." "Todo dia, brincam no recreio os meninos. Os meninos brincam no recreio, todo dia."

	159	Poesia: "Santa Terezinha do Menino Jesus" - Padre Antônio Tomaz	-----
43 ^a	160	"Exercícios "	"O comércio, em nossa terra, vai em grande progresso. O comércio desenvolvido da vida a uma cidade. Quanto mais próspero é o solo, mais intenso torna-se o comércio."
44 ^a	161 a 164	"Fizemos compras em casas de comércio"	"Devemos nos sentir satisfeitos e felizes, se possuímos saúde. Quem planta, colhe. Só faço o bem para colher felicidade." "EXPANSÃO DO COMÉRCIO – Diga quais são os veículos / Que ligam o campo à cidade, / Dando expansão ao comércio / Em febril atividade." "Eu / Tu / Ele / Ela / Nós / Vós / Eles / Elas / Me / Te / Se / Nos / Vos / Lhe / Lhes / Mim, Migo / Ti, Tigo / Si, Sigo / Nosco / Vosco / O, A / Os, As / O / A / Os / As / Um / Uma / Uns / Umas / Este / Esse / Aquele / Aquilo / Isso / Isto / Meu / Nosso / Teu / Vosso / Seu / Dele."
45 ^a	165 a 168	"Carne saborosa e banha fina"	"Faze da noite, noite, e do dia, dia. Viverás com alegria. À noite é para dormir. O dia é para estudar e trabalhar. O homem porém insiste em trocar, muitas vezes, o dia pela noite. Pobre homem!..." "O PORCO – Se abastança queres ter / De carne e banha que sobre, / No chiqueiro trata um porco, / Que é o boi da gente pobre." "Eu firo a árvore com o canivete. Eu me feri com o canivete. Eu estou ferido." "Meu colega, eu lhe quero muito. Meu colega, eu o quero muito." "Atendemos o pedido da professora. Atendemos ao pedido da professora." "A professora presidiu a sessão. A professora presidiu à sessão."
46 ^a	169	"Exercícios "	"O avião é rapidíssimo. O automóvel, o motocicleta e o caminhão são menos rápidos. A bicicleta faz menos velocidade. Menos rápidos ainda são as carroças."

47 ^a	170 a 173	"Vi um avião da carreira militar do Brasil"	"A igreja é a casa que merece de todos o maior respeito. Segue, criança, o decálogo e os mandamentos da igreja." "TRANSPORTES – O caminhão leva a carga / Em comboios progressivos. / O bonde, o ônibus, o trem / São transportes coletivos." "Eu falo / Eu estudo / Eu falei / Eu estudei / Eu falarei / Eu estudarei." "O Manuel é um homem grande. Grande homem foi Farias Brito. Epitácio Pessoa foi um grande homem." "Gosto de andar com o relógio certo. O meu irmão adquiriu certo relógio que não é bom."
48 ^a	174	"Exercícios "	"Já viajei em um cavalo bom e bem arreado. Os arreios de cavalo são, brida, rédeas, sela, estribos. Quando se viaja em um cavalo bem arreado, vai-se mais seguro. Exija, quando for andar a cavalo, que os arreios sejam bem fortes." "FABULA – Fábula, história fictícia, / Que encerra lição moral: / Ha mal que vem para bem. / O bem nunca traz o mal."
49 ^a	175 a 177	"Vamos a uma fazenda?"	"Quem corre, cansa. Devagar, vamos ao longe." "CARRO DE BOIS – Carro de boi, teu gemido / Me causa consolação, / Porque trazem no rangido / Uma velha tradição." "Eu brinco / Eu brinquei / Eu brincarei / Eu brincaria/ Brinca tú / Eu brinque / Brincar eu." "Não <i>abraço-o</i>, porque você não soube a lição. Não o abraço, porque você não deu a lição." "A criança não <i>feriu-se</i>. A criança não se feriu."
50 ^a	178	"Exercícios "	"Já aprendi a brincar com os meus colegas. Brincamos com delicadeza e somos polidos quando falamos. Todos os meninos dessa escola sabem tratar os colegas, as professoras e os empregados." "SONETO – Soneto, catorze versos: - Arroubos da inspiração, / Lampejos da alma em delírio, / Sinfonia e vibração."

51 ^a	179 a 182	"Minhas galinhas nunca chocam"	"Gosto da vida do campo. E' raríssimo ver um homem plenamente satisfeito com a vida." "CASUALIDADE – Certa raposa espreitava, / De noite, ao pé do poleiro, / Eis que, num jato, a galinha / Enche-se os olhos de argueiro." "Ele fala / Eles falam / Ele corre / Eles correm." "<i>Me faça um favor. Me dê o livro. Me chamo José. Me diga onde é a lição. Faça-me um favor. Dê-me o livro. Chamo-me José. Diga-me onde é a lição.</i>"
	182	Poesia: "Carnaubeir a" - Padre Antônio Tomaz	-----
52 ^a	183	"Exercícios "	"Não deixes os objetos caírem de tuas mãos. Quando caem, se estragam. E' prejuízo para o teu pai. O filho não deve dar prejuízo para o pai."
53 ^a	184 a 187	"O sertanejo precisa trabalhar"	"Só se deve rir, criança, nos momentos oportunos. E' falta de respeito e de interesse brincar e rir nas aulas em desobediência à mestra." "TARRAFA – Minha tarrafa de linha, / Malha miúda, ligeira! / - Piracema de saúna, / Perde a fama de matreira." "Eu falo / Tu falas / Ele fala / Nós falamos / Vós falais / Eles falam/ Eu faço / Tu fazes / Ele faz / Nós fazemos / Vós fazeis / Eles fazem." "Vi com os olhos. Falei com a boca. Andei com os pés. Ví. Falei. Andei."
	187	Poesia: "A Metrópole" - Antônio Sales	-----
54 ^a	188 a 189	"Exercícios "	"O agricultor precisa compreender que não deve todos os anos derribar uma parte da mata. E sim destocar e arar as capoeiras. O solo arado é próprio para os plantios. As plantas, em solo arado, dão o duplo, o triplo e o quádruplo, que as plantas das capoeiras."

55 ^a	190 a 193	"Em caminho da casa do papai, visitei um roçado"	"Aquele que conviver com pessoas bem educadas e boas tornar-se-á sempre melhor. Queres ser melhor que és, frequenta as boas companhias." "ROÇADO – Na mata faço o aceiro, / Broco e derrubo depois. / Queimo, cerco, espero a chuva, / Planto e colho o meu arroz." "Choveu / Chove / Choverá / Ele faliu / Eles faliram." "Fazem dois meses que estou na escola. Faz dois meses que estou na escola"; "Haviam muitos meninos na aula. Havia muitos meninos na aula"; "Não saia <i>sem eu</i>. Não saia sem mim."
56 ^a	194 a 195	"Exercícios "	"Um dos melhores efeitos dos jogos consiste na ação educativa, ensinando a conviver com o próximo. Nesta arte, deverá prevalecer o domínio sobre si mesmo, não só de quem ganha, principalmente, de quem perde."
57 ^a	196 a 200	"No quintal da nossa casa"	"As abelhas trabalham de graça para nós. Gratuitamente, nos dão um excelente alimento: o mel. Todos devemos criar abelhas." "E' doce recolher frutas / No pomar, de manhã cedo, / Galgando os troncos vetustos / E ouvindo o passaredo." "Eu tenho / Tu tens / Ele Tem / Nós temos / Vós tendes / Eles têm / Eu hei / Tu há / Ele hás / Nós havemos / Vós haveis / Eles hão / Eu sou / Tu és / Ele é / Nós somos / Vós sois / Eles são." "Eu estudo. Eu vendo. Eu parto. Eu ponho." "O José se senta <i>entre eu</i> e ele. O José se senta entre mim e ele."
	200	Poesia: "Árvores" - Padre Antônio Tomaz	-----
58 ^a	201	"Exercícios "	"Na minha casa não faltam frutas." "As fruteiras que plantei são bem tratadas." "Toda criança deve se alimentar de frutas, de muitas frutas."

59 ^a	202 a 205	"Cambicas e aluás"	"Quando entrar uma visita na Escola, ou em tua casa, comporta-te criança como uma pessoa educada. E' feio, antipático e irritante o mau procedimento das crianças por ocasião das visitas" “ALIMENTAÇÃO GOSTOSA - Do cajá faço a camb'ca, / Do côco, o doce e a cocada, / Do abacaxi, o refresco, / Da laranja, a laranjada. / O caldo de uma laranja, / Deu uma cenoura e um tomate, / De um limão – água e açúcar / Um suculento remate.” “Eu embarco / Eu embarquei / Eu embarcava / Eu embarcaria / Eu embarque / Eu embarcasse / Eu pareço / Eu pareci / Eu parecia / Eu pareceria / Eu pareça / Eu parecesse.” “Me <i>destefruta</i> para <i>mim</i> comer. Deste-me fruta para eu comer.” "Eu tenho respeito <i>pela</i> minha professora. Eu tenho respeito à minha professora".
60 ^a	206	"Exercícios "	“As regas de delicadeza devem ser aplicadas a todos os gêneros de correspondência.”; “Os termos das cartas não podem ser os mesmos para todos os assuntos e para todas as pessoas.”
61 ^a	207 a 211	"Aprendam os a comer frutas"	“Se comprares cinqüenta cruzeiros de frutas, para teu alimento, avitas gastar duzentos cruzeiros de remédios.”; “FRUTAS – No Pará assaí, / Na Bahia, vatapá, / No Ceará tem cambica / De murici e de cajá. / Do cupuaçu se faz / Um ponche de alto quilate. / Do cacáu se faz manteiga, / óleo fino e chocolate.”; “Eu dou / Eu dei / Eu darei / Eu daria / Eu dê / Eu desse / Eu cri / Eu crerei / Eu creia / Eu creia / Eu cresse / Eu creio / Eu digo / Eu disse / Eu direi / Eu diria / Eu diga / Eu dissesse.”; “A vaca dela é bonita.”; “Com licença, vou me já.”; “A prima minha é inteligente.”; “Este livro dedico ti.”.
62 ^a	212 a 213	"Exercícios "	"Criança ensina a ler os meninos do sertão" "O Brasil precisa do sertanejo alfabetizado e trabalhador" "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" "O sertanejo sendo um forte e sendo instruído, reformará o Brasil"

63 ^a	214 a 217	"Minha grande Pátria"	“Trabalha e estuda, criança, pela grandeza do Brasil.” ‘O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.’ “FERRO E OURO – Existe entre o ferro e o ouro/Enorme diversidade:/O ouro adorna e envaidece,/O ferro é utilidade.” “HINO NACIONAL – O Hino de nossa Pátria / - Poema de excelsa beleza / Tem a magia selvagem / Da brasília natureza.” “Eu faço / Eu posso / Eu quero / Eu sei / Eu trago / Eu vejo / Eu sinto / Eu prefiro / Eu reflito / Eu sigo / Eu durmo / Eu subo / Eu peço / Eu vou / Eu rio / Eu venho / Eu atraio.”